



THERE IS NO DEVIL

SOPHIE LARK

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

WICKED LADY WICKED LADY
WICKED LADY
03 W D LADY
W D LADY
ANOS W LADY
WICKED LADY
WICK LADY
WICKED LADY
WICK LADY
WICKED LADY
WIC LADY
WICK LADY
WICKED LADY



THERE IS NO DEVIL

SOPHIE LARK

A presente tradução foi efetuada pelo grupo WL, de modo a proporcionar ao leitor o acesso à obra. Incentivando à posterior aquisição.

O objetivo do grupo é selecionar livros sem previsão de publicação no Brasil, traduzindo-os e disponibilizando-os ao leitor, sem qualquer forma de obter lucro, seja ele direto ou indireto. Levamos como objetivo sério, o incentivo para o leitor adquirir as obras, dando a conhecer os autores que, de outro original, modo, não poderiam, idioma não ser no a impossibilitando conhecimento de muitos autores desconhecidos no Brasil. A fim de preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo WL poderá, sem aviso prévio e quando entender necessário, suspender o acesso aos livros e retirar o link de disponibilização dos mesmos, daqueles que foram lançados por editoras brasileiras. Todo aquele que tiver acesso à presente tradução fica ciente de que o download se destina exclusivamente ao uso pessoal e privado, abstendo-se de o divulgar nas redes sociais bem como tornar público o trabalho de tradução do grupo, sem que exista uma prévia autorização expressa do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado responderá pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo o de qualquer WL parceria, coautoria grupo ou coparticipação em eventual delito cometido por presente obra literária para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do código penal e lei 9.610/1998.



SINNERS DUET

LANÇAMENTO



LIVRO DOIS



SINNERS DUET

ORDEM DE LEITURA



LIVRO UM



LIVRO DOIS

SINOPSE

Eu não poderia matar Mara...

Mas isso não significa que Shaw não o fará.

Ela está morando na minha casa, sempre comigo, sempre sob meu controle.

Quanto mais eu a empurro, mais ela empurra de volta.

Ela está descascando meus segredos, um por um. E estou tentando-a a fazer coisas que ela nunca pensou que faria...

Shaw não para de caçá-la.

Quando chegar a hora de agir, Mara estará pronta?

**THERE IS
NO DEVIL**
SOPHIE LARK



PLAYLIST

Terrible Thing - AG

Amore - Bebe Rexha & Rick
Ross

6 Underground - Sneaker
Pimps

Psycho - Mia Rodriguez

Mad World - Gary Jules

Venom - Little Simz

Black Out Days - Phantogram

Paranoia - HAVEN

911 - Ellise

I Don't Want To Set The World
On Fire - The Ink Spots

I Feel Like A God -
DeathbyRomy

How Villains Are Made -
Madalen Duke

This Is Love - Air Traffic
Controller

Heart Shaped Box - Neovaii

The Devil is a Gentleman -
Merci Raines

Animal - Sir Chloe

Demons - Hayley Kiyoko

On My Knees - RÜFÜS DU
SOL

Survivor - 2WEI

Always Forever - Cults

Girl With One Eye - Florence +
The Machine

INDUSTRY BABY - Lil Nas X
& Jack Harlow

I Did Something Bad - Taylor
Swift

I am not a woman, I'm a god -
Halsey

Bust Your Knee Caps -
Pomplamoose

Fire Drill - Melanie Martinez



DEDICATÓRIA

A segunda parte é para todos aqueles que sofreram abusos.

Eu cresci pobre e fui muito maltratada quando era adolescente. Casei-me aos 19 anos com alguém que me machucou de todas as maneiras possíveis, dilacerando minha autoestima até que me senti menos suja que a sujeira.

As lutas de Mara são tiradas de minha própria experiência. O renascimento dela em uma nova vida também se assemelha à minha própria.

Não importa onde você começou, ou o que você fez. Talvez você esteja todo ferrado, e o mundo ao seu redor parece sombrio e cruel.

Este livro é sobre encontrar amor e aceitação em outra pessoa, e mais importante ainda, amar e aceitar a si mesmo.

Você é digno de amor. Você é digno de um futuro mais belo.

Isso pode acontecer com qualquer pessoa. Aconteceu comigo.

Amo a todos vocês,

- Sophie

1

MARA

Eu acordo com o som das ondas batendo contra os penhascos abaixo. Cole mantém todas as janelas abertas no lado norte da casa. Sinto cheiro de sal e ferro, o cheiro da baía. O nevoeiro entra no quarto, girando em torno dos pôsteres da cama antiquada.

Saio de debaixo da colcha pesada, nua, meus mamilos endurecendo no frio. A névoa se condensa na minha pele quente, me deixando escorregadia como uma foca.

Cole deixou um roupão de seda para mim – do tipo que uma estrela de cinema vintage usaria. Ele gira em torno do meu corpo, pesado, suntuoso e ridiculamente extravagante.

Ele deixou chinelos para mim também, mas eu os ignoro, preferindo pisar em seus grossos tapetes turcos com meus pés descalços.

Andar pelos corredores de Seacliff é como caminhar por Versalhes depois do expediente. Parece ultrajante que eu tenha permissão para entrar neste lugar, muito menos que eu moro aqui.

Eu nunca poderia ter imaginado como é a verdadeira riqueza, como é a sensação ao toque. Espaço palaciano, vazio e ecoante. Arte de valor inestimável pendurada em alas distantes, onde meses ou até anos poderiam passar sem que uma única pessoa a visse.

A perfeição estética de cada torneira e maçaneta – cada uma feita com os melhores materiais. Gasto com a idade, mas nunca ficando quebrado ou degradado.

Sensores de movimento estão por toda parte. Ele já sabe que estou acordada.

Cole é a pessoa mais observadora que já conheci. Ele usa a tecnologia para melhorar o que pode ver, o que ele pode ouvir, até que esteja ao seu alcance como um deus.

Dentro desta casa, ele sempre poderia estar ouvindo. Ele sempre poderia estar assistindo.

Eu quero que ele veja.

Estou a salvo do resto do mundo quando estou sob seus olhos, sob sua proteção. Ninguém pode me machucar, ninguém pode me tocar.

Exceto o próprio Cole.

Desço a escada larga e curva até o nível principal, a longa cauda do roupão atrás de mim como um vestido de noiva. Eu não o amarro. Vejo a fome nos olhos escuros de Cole quando ele vê meus seios nus entrando e saindo de vista dentro das dobras da seda líquida e brilhante.

Ele já está vestido para o dia, as suaves ondas pretas de seu cabelo ainda úmidas do banho. Recém-barbeado, as curvas sensuais de sua boca e a linha afiada de sua mandíbula parecem incrivelmente jovens. Ele é atemporal. Eterno. Lindo de um jeito que me machuca, que agarra meu coração no peito e aperta com força.

Ele estende um copo de expresso, leite e espuma parecendo flutuar no espaço.

— Eu fiz um café com leite para você.

Ele deve ter começado no momento em que abri meus olhos. Perfeitamente cronometrado para os minutos que eu levaria para me esticar, sair de debaixo das cobertas, vestir o roupão e descer as escadas.

Sua precisão me aterroriza.

Ao mesmo tempo, sinto profunda admiração pelo que eu – distraída e impulsiva como sou – nunca poderia esperar realizar.

Eu nunca poderia ser tão calculada, tão paciente, tão eficaz. Ele realmente é sobre-humano.

E ele nem se esforça. É apenas um jogo para ele.

Um jogo para me entregar este café com leite perfeitamente preparado, exatamente do jeito que gosto. Ele já sabe disso também: a temperatura que eu quero, para que eu possa beber sem queimar a boca. A doçura realça o sabor dos grãos caros, mas não o obscurece. Espuma extra, espessa e rica como chantilly.

Arrasto minha língua por ele, desembaraçada. Lambo meus lábios. Porque estou aprendendo também: ele gosta de me ver curtir as coisas. Dá a ele mais prazer me ver lambar essa espuma, lambê-la dos meus dedos, do que ele jamais poderia dar a ele mesmo prová-la.

Eu saturei minha boca com o sabor delicioso, e então o beijo para que ele possa sentir em meus lábios.

O café deixa minha boca quente e sensual.

É por isso que ele o fez para mim.

Isso tudo é calculado para que eu não vá até a geladeira e comece a vasculhar. Ele quer selecionar o que eu como, o que eu bebo, o que eu visto. Ele quer escolher melhor do que eu poderia escolher, então não vou lutar com ele, melhor me submeter a ele.

Cada vez que aceito uma de suas escolhas, vejo o brilho de triunfo em seus olhos. É assim que ele pretende me domar.

Não sou um animal de estimação fácil.

Sou arisca e selvagem. O que eu quero é instintivo, muda a cada momento.

— Temos mais daqueles pêssegos da noite passada? — Eu digo.

Eu vejo a chama brilhar em seus olhos, irritação por ele não ter previsto isso.

— Você comeu todos antes de dormir.

— Você não achou que eu comeria seis de uma vez? — Indago, aquele leve toque de provocação tanto o enfurece quanto o excita. Ele agarra meu pulso, puxando-me para ele.

Seu rosnado áspero percorre minha espinha como uma lixa: — Se estivéssemos em um navio encalhado no oceano, e tudo o que nos restasse fosse uma barra de chocolate, você comeria tudo em cinco minutos e lamperia os dedos depois.

Sorrio para ele, impenitente.

— Não quero ficar com fome enquanto faço aquela nave funcionar de novo, — eu digo.

Engulo o resto do café com leite meticulosamente preparado.
— O racionamento é para pessoas que apenas querem sobreviver.

— Eu teria pensado que tempos difíceis teriam ensinado a você o valor do planejamento, — Cole diz, sua outra mão serpenteando atrás da minha nuca, segurando-me com força, seus dedos entrelaçados pelo meu cabelo.

Inclino minha boca para ele.

— Eu não quero sobreviver. Quero prosperar.

Ele me beija como sempre, como se estivesse me comendo viva. Ele desliza a mão dentro do meu roupão, segurando meu seio nu. Seus dedos sensíveis exploram meu corpo como um cego: aprendendo cada curva pelo tato, não pela visão.

Tento resistir ao poder dessas mãos, mas é impossível.

Fico mole, caindo para trás contra a força de apoio de seu braço. O robe se abre, dando-lhe acesso total ao corpo nu por baixo. Estou tonta e desmaiando enquanto aquela mão quente e poderosa percorre minha carne exposta.

Os ladrilhos de estanho ornamentados do teto da cozinha enchem meus olhos com seu brilho prateado. Suas pontas dos dedos dançam na minha clavícula, antes de sua mão se fechar em volta da minha garganta. Eu sinto seu pau endurecer contra o meu quadril enquanto ele corta lentamente o meu ar.

— Com o que você estava sonhando ontem à noite? — Ele murmura no meu ouvido. — Você estava gemendo em seu sono...

— Eu não me lembro, — minto.

Seus dedos apertam até que manchas pretas sangram sobre os ladrilhos de estanho e eu mal posso sentir seu braço debaixo do meu corpo.

— Você não pode guardar segredos de mim, Mara, — ele rosna, seus dentes arreganhados contra o lado da minha garganta. — Vou quebrar você sistematicamente, implacavelmente, até que você me dê o que eu quero.

Viro a cabeça, olhando diretamente em seus olhos.

— O que você quer?

Ele lambe os lábios, nossas bocas tão próximas que sua língua quase toca a minha também.

— Eu quero você toda. Cada parte de você. Quero saber tudo sobre você: toda a sua história e cada pensamento que vier à sua cabeça. Todo desejo, não importa quão obscuro ou perverso. Toda fantasia, por mais impossível que pareça. E, acima de tudo, Mara, quero ocupar seus pensamentos como você ocupa os meus. Quero você obcecada por mim, ligada a mim, dependente de mim. Eu quero que você viva *para* mim, não apenas *comigo*.

Para mim, esta é uma perspectiva mais aterrorizante do que quando pensei que Cole poderia me matar.

Toda a minha vida foi uma luta pela independência.

Cada pessoa que deveria me amar tentou me controlar em vez disso. Eles tentaram me dobrar e me moldar para ser o que eles queriam, para que pudessem me usar, para que pudessem me consumir como combustível.

Eu me afasto dele, ficando reta, fechando o roupão e amarrando-o.

— Coloquei minha vida em suas mãos. Eu nunca disse que você poderia tirar minha identidade.

Cole sorri para mim, descarado.

— Eu não estou tentando mudar quem você é. Estou tentando revelar. Um diamante não pode brilhar até ser lapidado.

Cruzo os braços sobre o peito, já sabendo onde isso vai dar.

— E onde você planeja me cortar hoje?

Ele está tentando segurar uma risada – nunca é um bom sinal.

— Sempre tão desconfiada, Mara. É bastante injusto, considerando que ainda não planejei para você que não tenha gostado.

— Essa é uma interpretação generosa. Especialmente porque a jornada para 'apreciação' tende a ser nada menos que horripilante.

Agora ele ri, um som que me dá calor. Quando o diabo ri, o mundo se inclina um pouco em seu eixo e, em algum lugar, alguém comete um erro fatal.

— Não há nada de horrível em eu te levar às compras.

— De jeito nenhum, — eu estalo. — Você prometeu pegar minhas coisas da minha antiga casa.

— E o farei – suas 'coisas' serão entregues esta tarde. Embora eu devesse desinfetá-las primeiro. — Ele chia.

— Não quer minhas jaquetas de brechó penduradas em seus armários imaculados? Não se preocupe, tenho certeza de que há alguma ala desta casa que você nunca viu.

— Oh, eu conheço cada centímetro desta casa, — Cole me assegura. — Não há nenhum lugar onde você possa se esconder de mim no mundo, muito menos aqui na minha própria casa.

Trancado em seu olhar escuro, eu acredito nele.

Opondo-se a Cole parece estar no caminho de um trem de carga.

No entanto, aqui estou eu, olhando para os faróis enquanto a buzina soa em advertência.

— Eu gosto das minhas roupas, — eu assobio.

— Você não tem suas roupas, — diz Cole. — Eu tenho. E não vou devolvê-las a você até que você venha fazer compras comigo. Se você não gosta do que eu escolho, então você não precisa usar. Mas você vai me acompanhar... ou terá que ir ao estúdio com esse robe. — Ele sorri. — Ou nua. Estou feliz com qualquer uma dessas opções.

Vou usar este maldito roupão durante toda a semana para irritá-lo. Isso ofenderia sua sensibilidade muito mais do que a minha. É apenas a névoa fria e cinzenta do lado de fora da janela que me dissuade — a seda não é quente.

— Tudo bem, — eu digo de má vontade. — Mas estou falando sério – não vou usar nada que eu não goste.

— Eu não esperaria nada menos, — Cole responde com presunção irritante.

Levando meu copo de café com leite para a pia e colocando-o um pouco mais forte do que o necessário, eu digo: — Vamos acabar com isso.

Cole levanta uma sobrancelha escura. — Você precisa tomar banho primeiro.

Minha mão coça para pegar o copo novamente e arremessá-lo nele. Nunca é suficiente para ele conseguir o que quer – tem que ser exatamente do jeito que ele quer.

Em vez disso, tiro o roupão e o deixo cair em uma poça no meio do chão da cozinha.

— Como quiser, Mestre.

O tom é todo sarcasmo, mas vejo o rubor de prazer que dá a ele mesmo assim. Ele pega o roupão e me segue como uma sombra escura, silenciosa e próxima.

Subo as escadas para a suíte master. O banheiro de Cole é o triplo do tamanho do meu antigo quarto. As pias são enormes lajes de pedra cinzenta sob torneiras de cachoeira. A banheira, quase do tamanho de uma pequena piscina, fica diretamente no piso de madeira, bem contra a janela como uma piscina de borda infinita. O chuveiro é do tamanho de um lava-jato, com dezenas de bicos apontando em todas as direções.

Cole os liga para mim enquanto envio a lista de reprodução no meu telefone para seus alto-falantes Bluetooth.

A música ecoa nas paredes de pedra, saltando pelo espaço, fundindo-se com o vapor espesso do chuveiro.

***Terrible Thing*¹ – AG**

— Por que você precisa de música para tudo? — Cole me pergunta.

— Porque torna tudo melhor, — eu digo, entrando no spray pulsante.

Cole está do lado de fora do vidro, seus olhos percorrendo meu corpo molhado.

Ele não tem vergonha em me observar. Ele faz isso abertamente, o tempo todo. Não se preocupando em esconder seu prazer.

É lisonjeiro.

Eu sou uma criatura exótica para ele. Tudo que eu faço é interessante.

O olhar de Cole me deixa mais consciente do que estou fazendo. Como eu inclino minha cabeça para trás sob o spray, expondo minha garganta. Como a espuma de sabão desliza entre meus seios. Como minha pele fica vermelha com o calor.

Eu tomo banho devagar, sensualmente. Correndo minhas mãos sobre minhas próprias curvas. Girando no lugar para que ele possa me admirar de todos os ângulos.

Quando Cole me observa, seus olhos ganham vida em seu rosto. Ele se recosta contra a parede, os braços cruzados sobre o

¹ Coisa Terrível.

peito, os músculos bem torneados de seus braços visíveis através do tecido fino de sua camisa.

Cada volta do meu corpo envia uma contração na linha apertada de sua mandíbula. Seus olhos rastejam pelas minhas coxas, minha bunda, sobre sua própria arte que vai do meu quadril até minhas costelas, até mesmo sobre as cicatrizes feias marcando meus dois braços: ele gosta de tudo.

Eu levanto o chuveiro da parede para que eu possa direcionar o fluxo exatamente para onde eu quero. Eu deixei chover no meu rosto, olhos fechados, boca aberta para que as gotas batessem na minha língua. Eu corro a água em meus seios, em movimentos lentos no ritmo da música.

Sentada no banco do chuveiro, borriço a água nas solas dos meus pés, contorcendo-me um pouco com a forma como faz cócegas. Então eu corro a água por toda a minha perna, primeiro uma, depois a outra.

Cole fica imóvel, me observando. Seu fascínio sem fim cria uma energia voyeurística que me estimula a comportamentos cada vez mais estranhos.

Inclinando-me contra a parede de pedra fria, afasto meus joelhos, abrindo minha boceta para sua visão. Agora ele dá um passo à frente, olhos mais escuros do que um derramamento de óleo, lábios pálidos.

Eu aponto o spray do chuveiro diretamente para minha boceta. Está quase quente demais para suportar, então eu respiro a água levemente contra meus lábios expostos até me acostumar, até que eu possa direcionar a pressão direto para o meu clitóris.

Minha cabeça cai para trás contra a parede, olhos fechados.

Não estou mais vendo Cole me observando.

Estou sentindo.

A água me acaricia, deslizando para dentro e para fora das minhas dobras, correndo por toda parte. É quente e poderoso. Quanto mais perto eu aproximo o chuveiro, mais intensa a sensação se torna.

— Isso mesmo... — Cole murmura. — Boa garota. Não pare.

O rubor sobe pelo meu corpo, enchendo meus seios, subindo pelo meu pescoço.

O calor é quase demais. Eu quero recusar.

Sentindo isso, Cole entra no chuveiro. Ele cai de joelhos na minha frente, fechando a mão sobre a minha no chuveiro, travando meus dedos no lugar. Ele aponta o spray exatamente para onde ele quer e o mantém lá enquanto o calor e a pressão aumentam.

Suas calças estão encharcadas, assim como seus caros mocassins italianos. Cole mal percebe. Apesar de todo o seu perfeccionismo, Cole é um buscador de prazer como eu. Ele quer o que quer e está disposto a pagar por isso.

Agora ele quer me fazer gozar, e ele não dá a mínima para as roupas que ele estraga.

— Você já fez isso antes, — ele rosna.

— Sim, — eu suspiro.

— Foi assim que você aprendeu a gozar? No banho, abrindo as pernas debaixo da torneira?

Eu pressiono meus lábios, odiando como ele usa o sexo para extrair informações de mim. Odiando como a excitação me deixa fraca.

Cole traz o chuveiro para mais perto, até que está a apenas uma polegada da minha boceta, até que o spray batendo seja quase insuportável. Ele envolve a corda do meu cabelo molhado em torno de sua mão e puxa minha cabeça para trás, rosnando em meu ouvido, — Admita, sua garota safada. Você estava tomando banho para gozar, não para ficar limpa.

— Foda-se estar limpa, — eu rosno. — Vou dormir em uma lixeira se tiver vontade.

A risada de Cole é o que me derruba – rica e perversa, vibrando até meus ossos. — Eu sei que você faria, sua pequena psicopata.

O orgasmo é tão quente e pulsante quanto o jato do chuveiro. Meus pulmões se enchem de vapor. Minha pele fica mais vermelha do que pétalas de rosa.

Quando estou ofegante contra a parede, frouxa e solta, Cole ordena: — Fique aí mesmo. Não mova um músculo.

Eu não poderia mesmo se eu quisesse.

Cole sai do chuveiro para pegar algo de suas gavetas. Ele não está vasculhando – seus artigos de toalete são tão perfeitamente organizados que ele leva apenas um momento para reunir o que precisa.

Ele volta segundos depois, trazendo creme de barbear e uma navalha.

— Eu posso me barbear, — eu o informo.

— Não tão bem quanto eu posso.

Irrita-me como isso é verdade. Mesmo que eu seja muito bom com minhas mãos, ainda não consigo igualar Cole em precisão. Ele é uma máquina, se uma máquina tivesse alma. Ou parte de uma alma, pelo menos.

Eu me inclino contra a parede, coxas abertas, boceta inchada e corada do spray quente. É profundamente emocionante oferecer a ele acesso às minhas partes mais vulneráveis.

Meu coração dispara quando ele abre a navalha, limpando a lâmina de aço reluzente do cabo de marfim.

— Segure isso para mim, — diz ele, pressionando a alça na minha palma.

Fecho meus dedos ao redor dela, olhando para a borda cruel da lâmina, mais fina e afiada do que qualquer faca.

Cole se ajoelha diante de mim. Ele espreme um pouco de creme de barbear na palma da mão e massageia suavemente sobre a linha do meu biquíni. Sua bochecha está a apenas alguns centímetros da navalha, seu pescoço exposto enquanto ele inclina a cabeça para uma visão melhor.

Eu poderia cortar sua garganta agora.

Cole espalha o creme de barbear por toda a minha boceta e coxas. Parece espesso e fresco após o calor da água.

— Você está se perguntando como seria? — ele diz em sua voz suave e baixa.

Agarro o cabo com tanta força que ela morde minha palma.

— Você está se perguntando se você poderia fazer isso rápido o suficiente para me surpreender. Você poderia me cortar fundo o suficiente para que eu não pudesse revidar? Se você me pegou no lugar certo, uma barra seria suficiente...

Balanço a cabeça com tanta força que ela bate na parede de pedra.

— Não. Eu não estava pensando isso.

Cole fecha a mão sobre a minha novamente, mas desta vez ele está me forçando a segurar a navalha em vez de um chuveiro. Forçando-me a brandi-lo entre nós. Ele olha para o meu rosto, seus olhos escuros presos nos meus.

— Quando chegar a hora... não hesite. Você nunca vai ser o maior ou o mais forte na luta. Você tem que ser o mais implacável. Você só terá um corte, então faça valer a pena.

Com quem ele imagina que eu vou lutar?

Shaw... ou ele?

Eu torço meu pulso para longe de Cole, deixando cair a navalha no chão do chuveiro.

— Eu te disse, eu não vou machucar ninguém.

Cole ignora a navalha, apenas olhando para mim.

— Oh, sério? E o que você planeja fazer com Shaw, então?

— Eu não sei, — eu digo com os dentes cerrados. — Encontrar alguma evidência. Jogar a bunda dele na cadeia onde ele pertence.

Cole faz um som de desprezo que me atinge mais do que um tapa.

— Você não vai *encontrar provas*. Se você chegar perto de Shaw sem mim ao seu lado, tudo o que vai encontrar é sua cabeça na praia.

Eu olho para ele. — Você quer que eu pense que só há uma maneira disso acabar.

— Não. Há duas maneiras: Shaw morre, ou nós morremos.

Cole está tentando me arrastar por esse caminho que não quero percorrer. Ao mesmo tempo, não posso deixar de me sentir perversamente confortada por ele ter dito “nós” em vez de “você”. Cole acha que estamos nisso juntos. E honestamente, nada me aterroriza mais do que o pensamento de enfrentar Shaw sozinha.

Eu quero Cole ao meu lado. Mas não consigo ver como vamos chegar a um acordo sobre o que devemos fazer.

Arrancando a navalha, Cole faz um som de *tsking*.

— Agora eu tenho que afiar isso de novo.

Ele volta ao balcão para pegar sua pulseira de couro. Ele se move rapidamente, agressivamente. Tirando o couro ensinado e puxando a lâmina para baixo do grão com um ronronar vicioso. O vapor sai do chuveiro. Em vez disso, um calafrio percorre minha espinha.

Cole retorna, ajoelhando-se diante de mim, a lâmina brilhando em sua mão.

Ele olha para mim, lábios cheios curvados em um sorriso. — Segure firme. Não me faça cortar você.

O toque da lâmina é mais frio que gelo. Ele desliza sobre minha pele como um sussurro – cortando tão perto que minha carne parece estranhamente pálida, sem creme de barbear e todos os vestígios de cabelo.

Cada lugar que ele descobre torna-se instantaneamente sensibilizado. Eu sinto o ar frio nos lábios da minha boceta, e seu hálito quente.

Suas pontas dos dedos pressionam minha carne, separando meus lábios para que ele possa depilar até as áreas mais difíceis e delicadas.

Continuo esperando a mordida da lâmina, algum deslize de sua mão, mas ele é muito cuidadoso. Nem me arranha.

Ele barbeia para baixo, depois para dentro, depois para cima, tocando-me com as pontas dos dedos requintadamente sensíveis, barbeando novamente qualquer área que não atenda ao seu padrão de perfeição.

Ele está intensamente focado no trabalho, seu rosto a centímetros da minha boceta, examinando cada parte de mim, por dentro e por fora.

Talvez eu devesse ter vergonha. Talvez devesse parecer clínico.

Não.

Em vez disso, eu me encontro tremendo sob seu toque. Mal consigo ficar parada quando estou morrendo de vontade de pressionar meu clitóris contra sua palma, doendo para ele esfregar a ponta do polegar nele. Eu quero seus dedos dentro de mim. Seu pau dentro de mim.

Cole levanta o chuveiro mais uma vez, enxaguando os últimos restos de creme de barbear da minha pele.

Minha boceta brilha, suave e macia como um pêssego fresco da primavera.

Cole não consegue tirar os olhos disso.

— Sinta isso, — diz ele, pegando minha mão e colocando-a no monte macio e sedoso.

Meus dedos deslizam sobre a pele, dez vezes mais sensível do que nunca. Parece que fui feita esta manhã. Como se nada de ruim tivesse acontecido comigo. Vênus, subindo da espuma do mar.

Colocando as mãos nos meus joelhos, Cole os afasta.

Ele se inclina para frente e arrasta a ponta da língua pela minha boceta – traçando o caminho da navalha para frente e para trás, para cima e para baixo. Testando seu trabalho com a parte mais perceptiva de si mesmo.

Deixei escapar um gemido, empurrando minha mão em seu cabelo, empurrando seu rosto em minha boceta. Eu moo aquela boceta lisa por todo o rosto dele, tremendo com a sensação de seus lábios macios, língua molhada e o menor traço de barba por fazer. Sinto tudo como nunca senti antes, e me derreto em sua boca, começando a gozar antes mesmo de perceber o que está acontecendo.

Eu monto sua língua, a parte mais macia dele contra a parte mais macia de mim. O calor, a felicidade, é intensamente íntimo. Eu nunca tive oral de um homem que quer mais do que eu. Ele está me provando, me cheirando, me lambendo. Tão faminto que eu nunca poderia satisfazê-lo, mesmo enquanto ele me empanturra de prazer.

Quando o segundo clímax passa, quase me sinto culpada. Eu o alcanço, querendo retribuir o favor.

— Deixe-me chupar seu pau.

— Não. — Ele me empurra de volta para o banco, ainda segurando a navalha na mão esquerda. — Eu não quero um boquete.

— O que você quer então?

Sua mão direita repousa sobre minha coxa, me segurando no lugar.

— Eu quero provar você.

Isso é o que ele acabou de fazer, minha umidade está em toda a sua boca.

Então Cole levanta a navalha sobre minha coxa, e eu entendo.

Meu coração pula. Toda vez que cruzamos outra linha, a borda do que eu conhecia recua ao longe.

— Faça isso, — eu digo.

Ele faz um corte fino na parte interna da minha coxa, tão rápido e afiado que a dor aumenta e desaparece em um instante,

antes mesmo de eu registrá-la. O sangue jorra, mais escuro que o vinho. Ele pega em sua língua, lambendo a ferida rasa, e então fechando a boca sobre ela. Eu sinto sua língua deslizando sobre o nervo em carne viva e, em seguida, a sucção suave quando ele se agarra.

Sua boca me acalma.

Eu me inclino contra a parede, olhos fechados, dedos deslizando em seu cabelo grosso e macio mais uma vez.

Eu coço minhas unhas suavemente contra seu couro cabeludo enquanto ele chupa o corte. Quando ele finalmente se afasta, não estou mais sangrando.

Olho para a marca, fina e limpa. Eu sei por experiência que isso não vai cicatrizar.

São os que você corta fundo, os que estão esfarrapados, os que você faz sobre os outros que ainda estão se curando: esses ficam para sempre.

Cole se levanta, puxando-me com ele. Ele me beija na boca. Provo o doce almíscar da minha boceta e o metal do meu próprio sangue. Nenhum dos dois se sente mal. Na verdade, é uma combinação tão perfeita que eu mesmo poderia ter inventado, se tivesse tempo suficiente para experimentar.

Os orgasmos me deixaram plácida e calma.

— O que você quer que eu vista? — Eu pergunto a Cole.



Ele nos leva até a Neiman Marcus na Geary Street. O venerável edifício de pedra fica na esquina, suas camadas de vitrines de vidro incrivelmente chiques e imponentes mesmo à distância.

— Não podemos simplesmente ir à Urban Outfitters ou algo assim? — Eu resmungo.

Já estou lamentando o espírito cooperativo que me levou a subir no banco do passageiro de Cole. Não quero entrar em uma loja abafada onde as vendedoras com certeza me darão o tipo de olhar de lado empregado em Julia Roberts em *Uma Linda Mulher*. Eles podem dizer quando você é pobre, quando você não pertence.

— Ou melhor ainda, — eu digo, — eu posso continuar usando *suas* roupas.

Cole me emprestou uma calça de lã velha e um suéter de cashmere. Ele até fez um novo buraco na metade de um de seus cintos para manter as calças levantadas. É tudo muito grande para mim, mas eu gosto de roupas largas.

— Absolutamente não, — diz Cole. — Foi uma medida desesperada. Uma que estamos prestes a corrigir.

Apenas atravessar as portas me deixa desconfortável. Temos que passar sob o olhar de dois seguranças, encarregados de manter os sem-teto fora. Eu me sentiria mais relaxado em uma das muitas barracas acampadas na Union Square. Prefiro fumar um cigarro com um desses caras do que me encolher sob o agressivo — Bom dia! O que vocês dois vão comprar hoje? — de uma loira de batom brandindo um frasco de perfume.

— Bom dia, — Cole responde, ignorando friamente o resto da pergunta enquanto ele passa por ela, mantendo seu aperto no meu

braço enquanto ele me conduz para a escada rolante íngreme para os níveis superiores.

Comparado com as ruas lotadas do lado de fora, o departamento feminino parece estranhamente vazio. Olho em volta para as prateleiras de roupas imaculadas, organizadas por designers, brilhantes, ricas e atraentes, mas não vistas por mais ninguém. Estamos sozinhos aqui, exceto por alguns vendedores dispersos.

— Onde está todo mundo? — Eu sussurro para Cole.

— Não existe 'todo mundo'. Você está comprando com o um por cento – não há muitos de nós.

O silêncio surreal me enerva. Eu me aproximo de uma prateleira de casacos de outono, levantando cuidadosamente uma manga. O material é grosso e pesado, com bordados elaborados ao longo do punho. Botões de chifre de alce verdadeiros são costurados à mão ao longo da carcela, e o acabamento de pele na gola é tão rico e macio que imediatamente me faz pensar em animais do Ártico que se enterram na neve.

Virando a etiqueta, soltei uma risada assustada.

— *Oito mil dólares?* — Eu grito para Cole. — Por um casaco? Do que é feito... recortes de cabelo de Ryan Gosling?

Fico confusa que alguém possa andar por aí com uma roupa que representa um ano de ganhos para mim. Quer dizer, eu sabia que existiam roupas caras, mas nunca tinha tocado nelas antes.

Parece diferente em todos os sentidos. Tem um cheiro diferente aqui. Entrei em outro mundo - o mundo dos privilégios, onde os

números perdem o sentido e você simplesmente passa o cartão para o que quiser.

Cole nem está olhando as etiquetas de preço. Ele pega o que quer que chame sua atenção, colocando as roupas sobre o braço. Antes que eu possa piscar, uma vendedora se materializa, dizendo com polidez untuosa: — Posso abrir um provador para você, senhor?

Cole lhe entrega as roupas, já caminhando em direção ao próximo rack. Ele examina cada coleção com um olhar experiente, tirando uma mistura de tops e bottoms, vestidos e casacos.

Eu nem tento ajudá-lo. Estou intimidada e em conflito. Eu sempre quis ganhar dinheiro, mas nunca me imaginei usando isso. Tenho muito ressentimento para que os ricos realmente acreditem que eu me tornei um deles.

Além disso, não sou rica. Eu vendi uma única pintura.

Cole está além de rico. E aparentemente planejando gastar muito mais dinheiro em um guarda-roupa novo do que eu esperava.

Eu agarro seu braço, murmurando: — Essa coisa é muito cara.

Ele pega minha mão, me puxando em direção ao provador.

— Você não sabe nada sobre dinheiro. Isso não é caro – é um trocado.

Isso só me faz sentir pior.

O abismo econômico entre Cole e eu é muito maior do que qualquer uma de nossas outras diferenças. Nós dois morávamos

em casas centenárias em San Francisco, mas a minha era um barraco em decomposição e o dele um palácio literal. Quanto mais entro em seu mundo, mais vejo quão pouco entendi à distância. Ele conhece todo mundo nesta cidade, todo mundo que importa. Estão intimidados por ele, devem-lhe favores.

Ele pode realizar coisas com um estalar de dedos que eu não conseguiria em cem anos. Mesmo as pessoas que não conhecem o nome Blackwell, como esta mulher que nos espera, até ela cai sob o feitiço da confiança sem esforço que lhe diz que Cole é alguém de valor, alguém que deve ser obedecido.

Eu nunca fui alguém de valor.

Não a ninguém.

Nem mesmo para minha maldita mãe, a única pessoa neste planeta que deveria dar a mínima para mim.

Tive amigos, mas nunca fui a pessoa mais importante na vida deles, o sol em seu sistema solar.

Por mais fodido que pareça, a primeira pessoa que realmente se interessou por mim... foi Cole.

Sua atenção pode ser coercitiva e egoísta às vezes. Mas eu quero tudo do mesmo jeito.

O homem que nunca se importou com ninguém está fixado na garota que ninguém deu a mínima.

De alguma forma distorcida, fomos feitos um para o outro.

E isso realmente me assusta. Porque eu ainda não sonhei o fundo das coisas sombrias que Cole fez. Se estivermos juntos... o que isso diz sobre mim?

Sempre suspeitei que talvez não fosse uma boa pessoa.

Tentei fazer as coisas certas. Tentei ser gentil, prestativo e honesto. Nunca pareceu me levar a lugar algum. Talvez porque as pessoas pudessem ver que eu tinha que tentar, que eu nunca fui boa naturalmente, sem esforço.

Assim que fui para a escola, eu sabia que era estranha. Não era apenas a roupa muito pequena ou o fato de que minha lancheira era uma sacola plástica com o mesmo saco de batatas fritas dia após dia. Eu nunca comia as batatas fritas, porque assim não teria nada para levar na bolsa para a escola.

Outras crianças eram pobres. Havia algo mais feio em mim, algo que repelia as outras crianças. Isso os fez sussurrar sobre mim por trás de suas mãos e me evitar no recreio.

Sempre achei que era tristeza. Ou as histórias que as crianças contavam, as poucas vezes que alguém veio à minha casa e conheceu minha mãe e viu como vivíamos.

Agora, eu acho... era só eu.

Randall viu quando nos conhecemos. Eu tinha apenas sete anos. Um homem adulto não deveria odiar tanto uma garotinha.

— O que há de errado? — Cole diz, focando em meus pensamentos privados com sua habitual precisão sinistra.

— Eu não me encaixo aqui, — murmuro. — Este provador é maior que meu apartamento.

— Você não mora mais naquele apartamento, — Cole diz. E então, porque estou olhando para o tapete, ele agarra meu rosto e me força a olhar em seus olhos. — Você merece estar aqui tanto quanto qualquer um. *Mais* do que ninguém. Você é talentosa, Mara, muito talentosa *pra* caralho. Você já é uma estrela. Todo mundo ainda não sabe, mas eu sei. Você vai fazer arte que faz as pessoas pensarem, chorarem e queimarem de inveja.

Se alguém dissesse isso, eu diria que eles estavam apenas tentando me animar.

Cole não diz coisas para ser legal.

Eu amava sua arte antes mesmo de colocar os olhos nele. Ele falou comigo, muito antes de nos conhecermos. A opinião dele é mais importante para mim do que a de qualquer um.

Meus olhos queimam, meu rosto inteiro está quente. Não posso me permitir chorar porque não farei nada que faria Cole pensar menos de mim.

Tudo o que posso fazer é agarrar suas mãos e pressioná-las com mais força no meu rosto até que a dor me traga de volta à terra.

Cole diz: — Agora experimente essas malditas roupas e divirta-se - sinta o tecido, é lindo... você vai gostar mais do que ninguém.

Amore – Bebe Rexha

Puxando o primeiro vestido, descubro que Cole está certo. Ele está sempre certo.

As roupas acariciam minha pele. Eles se encaixam no meu corpo como se fossem feitos para mim – alguns pesados e reconfortantes, outros leves e flutuantes. A riqueza, a suavidade do material... a maneira como ele se agarra, se estica e se alarga ao meu redor como se as roupas estivessem vivas, como se tivessem se apaixonado por mim... nunca experimentei nada parecido.

Cole tem um gosto impecável. Ele parece entender intuitivamente quais cores e silhuetas combinam melhor comigo. Ele escolheu tons ricos de joias, principalmente tecidos sólidos, algumas estampas. Os enfeites são bordados rústicos ou drapeados suntuosos – nada que me risque ou me irrite. Ele não escolheu nada que me fizesse sentir como se estivesse fazendo cosplay de socialite. São todos estilos boêmios com influências vintage. Ele conhece-me. Ele sabe o que eu gosto.

Eu só tinha a intenção de deixá-lo me comprar algumas coisas, mas peça após peça se empilha em seus braços, cada um tão adorável que eu não consigo escolher entre eles. Minivestidos com manga boca de sino, macacão de cetim, blusa camponesa, saia de couro, calça boca de sino bordada...

Eu também tenho que parar de olhar as etiquetas de preço para não ficar doente.

Quando ele ordena ao vendedor que pegue tudo, eu me viro para ele, forçando-me a encontrar seus olhos, embora esteja profundamente envergonhada. Eu nunca quis receber caridade de ninguém. Sempre disse a mim mesma que era forte e independente, que podia cuidar de mim mesma.

— Obrigada, Cole, — eu digo humildemente. — Não apenas pelas roupas... por tudo que você fez por mim.

— Sentindo-se grata, não é? — ele diz, aqueles olhos escuros brilhando perversamente.

— Eu estava... — eu respondo, já me arrependendo.

— Então por que você não me faz um pequeno favor em troca?

Oh, Deus.

— O que seria?

— Não se preocupe, isso vai ser divertido.

A ideia de diversão de Cole me apavora.

Ele está me levando de volta para dentro do provador, embora eu já tenha experimentado todas as roupas.

Eu tento manter minha frequência cardíaca dentro do alcance de uma corrida leve em vez de um sprint total.

— O que estamos fazendo?

— Acalme-se, pequena Caravaggio. Eu só quero que você use algo para mim.

Ele segura o que parece ser um pequeno pedaço de borracha – macio, curvo e do tamanho do meu polegar.

— O que é isso?

— Vai bem aqui... — Cole me empurra contra a parede, deslizando o pequeno pedaço de borracha na frente da minha

calcinha. Ele se aninha no lugar entre os lábios da minha boceta. Posso sentir, mas a maciez da borracha evita desconforto.

Não faço ideia do propósito disso. Ainda assim, eu acompanho. Cole é tão estranho que quase nada me surpreende mais.

Obedientemente, eu o sigo para poder vê-lo passar o cartão de crédito por uma quantia que eclipsa todo o meu patrimônio líquido, incluindo a pintura que acabei de vender.

Sem fôlego, eu digo: — Bem, acho que devemos ir para o estúdio...

— Nem perto, — Cole ri.

— O que você quer dizer?

— Nós não terminamos as compras.

— O que você poderia possivelmente...

— Vamos. — Ele pega minha mão, arrastando-me.

Assim começa a segunda metade de nossa farra de compras, em que Cole tenta limpar Neiman Marcus em uma única tarde. Eu me canso de discutir com ele muito antes que ele se canse de passar o cartão. Ele me compra brincos, colares, perfumes, cosméticos, sapatos e uma coleção de lingerie tão escandalosa que faria Joseph Corrê corar.

Mal consigo me concentrar nas compras porque Cole está se divertindo de uma maneira totalmente diferente.

Começa quando estou experimentando uma seleção de perfumes apresentados pela loira esbelta que nos abordou no

caminho para a porta. Ela está flutuando uma amostra da *Maison Francis Kurkdjian* debaixo do meu nariz quando sinto um zumbido repentino nas minhas regiões inferiores. Eu me empurro para cima, quase cortando meu nariz com um corte de papel.

— Que diabos! — Eu suspiro.

Eu me viro, encontrando Cole com as mãos nos bolsos e uma expressão artisticamente construída de inocência em seu rosto.

— Picada de mosquito? — ele diz.

Meu rosto está queimando e meus joelhos estão vacilando embaixo de mim. O zumbido diminuiu para um murmúrio baixo, constante e insistente. Eu vejo a mão de Cole se mexendo dentro do bolso enquanto ele manipula os controles. O zumbido aumenta novamente, quase alto o suficiente para a senhora do balcão de perfume ouvir. Eu dou vários passos para longe dela, tentando apertar minhas pernas juntas, então rapidamente separo-as novamente porque isso só piora as coisas.

— Você está bem? — ela me pergunta, sua testa com botox incapaz de franzir em preocupação.

— Eu poderia... tomar um pouco de água? — pergunto.

Estou tentando me livrar dela para poder gritar com Cole.

Virando-se para ele, eu ordeno: — Desligue isso!

Em vez disso, ele aumenta.

Eu tenho que me apoiar no balcão de vidro, as bochechas queimando e as mãos suando.

— Pare, — eu imploro a ele.

Ele desliga, dando-me um momento de alívio abençoado para me recuperar.

A senhora do perfume volta com uma garrafinha de água.

— Se sentindo melhor? — ela diz, entregando para mim.

— Sim, obrigada, — eu ofego. — Acho que o perfume estava me deixando tonta.

— Tente isso, — ela diz, passando-me uma lata aberta de grãos de café. — Isso pode ajudar a melhorar.

Eu me inclino para inalar seu cheiro.

Exatamente como eu faço, Cole ativa o vibrador novamente.

— Oh meu Deus! — Eu suspiro, agarrando a bancada com as duas mãos.

Estou desamparada enquanto a sensação vibra para cima e para baixo nas minhas pernas, agitando a parte inferior do meu estômago.

Cole descobriu uma fraqueza fatal, uma que eu nem sabia que possuía. A vibração é minha kryptonita, e Cole está empregando-a com os níveis de gênio do mal de Lex Luther.

Como diabos ele ainda encontrou um tão pequeno? Ele provavelmente fez isso sozinho, aquele bastardo astuto.

Ele está aumentando novamente, enquanto tento desesperadamente não gemer na frente da loira confusa.

— Você precisa de um médico? — ela diz.

— Ela vai ficar bem, — Cole a assegura. — Isso acontece o tempo todo.

Isso não faz sentido, mas Cole é tão convincente que a loira simplesmente sorri e diz: — Temos um banheiro se você precisar se sentar.

Cole coloca o braço em volta dos meus ombros, afastando-me do balcão de perfumes, mas não desligando o vibrador.

Eu me viro em seu peito, segurando-o como apoio, escondendo meu rosto contra seu corpo enquanto começo a gozar. Minhas pernas tremem como um terremoto, meus braços em volta de sua cintura. Estou fazendo um som de gemido abafado.

Quando finalmente passa, eu suspiro: — Desligue essa maldita coisa!

Cole obedece, embora eu possa senti-lo tremendo também — de tanto rir.

Olho para ele.

Cole está iluminado com a diversão mais pura e brilhante que eu já vi. Ilumina todo o seu rosto, tornando-o bonito em um nível que me impressiona.

Eu só posso olhar.

Então eu começo a rir também.

Talvez seja a descarga de dopamina, ou talvez seja o fato de que, pela primeira vez, Cole e eu estamos rindo juntos, de um segredo que só nós compartilhamos.

— Por que você é tão horrível? — Eu bufo.

— Eu não sei, — diz ele, com real admiração. — Só quero o que não devo ter.

Eu também.

Ninguém queria que eu fosse um artista.

Ninguém queria que eu conseguisse nada.

Até que conheci Cole.

Ele liga o vibrador várias vezes enquanto estamos fazendo compras. Torna-se um jogo entre nós, ele tentando fazer isso nos momentos mais inoportunos, e eu lutando ao máximo para não mostrar nenhum sinal disso no meu rosto, para continuar falando e escolhendo rímel enquanto meus joelhos tremem e minha pele cora enquanto rosa como um porquinho.

Logo estou tonta e superestimulada, pendurada no braço dele porque mal consigo ficar de pé. Cole carrega todas as malas para mim, carregadas como um sherpa.

Nunca me senti tão mimada.

Eu nunca me diverti tanto.

2

COLE

Quando voltamos das compras, Mara salta sobre mim, me empurrando para a cadeira mais próxima, dizendo: — Agora é minha vez, — naquela voz rouca dela.

Se eu pudesse descrever a atração que sinto por ela, e a forma como ela eclipsa o que eu já senti antes, eu teria que dizer que Mara é simplesmente... corajosa. Ela tem uma ponta de aspereza, selvageria, negligência.

Mesmo que eu não goste de certos aspectos de sua pessoa – o jeito que ela roe as unhas irregulares, por exemplo – tudo se torna o tempero que eu desejo mais do que qualquer beleza suave e perfeita.

O artista em mim deseja o que é verdadeiramente único. A inclinação do nariz arrebitado de Mara, suas sardas selvagens, a inclinação de raposa de seus olhos, a proporção do lábio inferior para o superior... essas proporções são tão exageradas que deveriam estar erradas. Em vez disso, eles nunca poderiam estar mais certos.

Ela olha para mim, uma criatura selvagem. Nenhum animal de estimação cativo... Eu a atraí aqui, mas ainda não a domei à minha vontade.

Eu me inclino contra as almofadas, os braços espalhados pela madeira rolada, olhando para ela. Observando o trabalho dela.

Ela abre o zíper da minha calça, olhando para o meu rosto, seus olhos cinzentos flertando com os meus. Ela está sorrindo, lambendo os lábios com antecipação, seus dedos se atrapalhando com o zíper.

Sua excitação inflama a minha como uma tempestade de fogo. Quanto mais ansiosa ela parece, mais meu pau lateja e se enfurece pelo toque de sua língua.

O pôr-do-sol que entra pelas janelas de vidro colorido colore sua pele de rosa, pêssego e dourado. Seu cabelo se ilumina como filamentos elétricos. Ela parece brilhar com energia e luz.

Ela usava em casa um dos vestidos que comprei para ela — linho claro como a nuvem, macio e flutuando sobre os ombros.

Meu pau salta, quase dando um tapa no rosto dela. Mara pula e solta uma gargalhada encantada. Quando ela está feliz, ela ri tão facilmente. Cada nota gutural desce pela minha espinha como uma balança.

Ela flutua as pontas dos dedos sobre a cabeça do meu pau, me provocando. Suas mãos parecem nuas – nuas e sem adornos, sem anéis ou esmalte. Manchado em torno das unhas por tinta e tinta.

Sua boca paira a centímetros de distância, parcialmente aberta, a ponta de sua língua enrolada para dançar alegremente em torno de seus dentes.

Seus lábios estão inchados como um hematoma. Estou doendo para senti-los fechados ao redor do meu pau. Eu poderia explodir no instante em que eles me tocarem.

Mara coloca a língua para fora e corre suavemente pela parte inferior sensível do meu pau. Parece que ela está enfiando um fio ao longo do caminho de sua língua, então acendendo-a.

Ela envolve a cabeça do meu pau em sua boca quente e aveludada.

Faço um som que nunca fiz antes. Meu cérebro sai do meu crânio, flutuando vários centímetros no ar.

Ela suga devagar, suavemente, pelo que parece uma eternidade. Ela não está tentando me fazer gozar. Ela está me chupando como se ela pretendesse fazer isso a noite toda.

Eu olho para ela. Seus olhos estão fechados em satisfação pacífica. Sua orelha descansa contra minha coxa. Ela pode estar dormindo, exceto pela pressão quente e constante de sua boca, lambendo, deslizando, chupando.

Algum erro foi cometido: eu morri, o céu existe e eles me deixaram entrar.

Depois de uma eternidade longa e feliz, eu começo a gozar. Enquanto deslizo por esse orgasmo eterno e sonhador, Mara não para de chupar nem por um momento.

Ela finalmente levanta a cabeça para olhar para mim.

Eu pergunto a ela: — Como você fez isso por tanto tempo?

Ela encolhe os ombros. — Eu gosto disso. Isso é bom.

— Eu sei que é bom, — eu digo. — Para *mim*. Sua mandíbula não fica dolorida?

— Às vezes, — ela diz. — Mas eu apenas mudo o ângulo ou a profundidade. Quanto mais tempo eu faço isso, mais sensíveis meus lábios, língua e garganta se tornam. Quanto melhor se sente, mais tempo eu posso fazer isso.

Estou lutando para entender o que ela quer dizer.

— Você está dizendo... o melhor é *para você*.

— Sim, — diz Mara, apertando os olhos para mim como se isso fosse óbvio.

Não é óbvio, e devo parecer confuso, porque ela franze a testa e diz: — Não é bom para *você* quando você me toca?

— Sim... — Faço uma pausa, tentando articular algo que nunca considereei conscientemente. — O que estou gostando é do efeito em você. A maneira como isso coloca você sob meu controle. Se eu posso fazer você sentir prazer, eu posso fazer você fazer o que eu quiser. Quando estou conseguindo o que quero, posso comer sua boceta por horas.

— Então, quando você chupa meus peitos, você está fazendo isso por mim, porque isso me deixa louca. Não porque faz sua língua se sentir bem, — diz Mara.

— Isso mesmo.

Estamos nos olhando como se tivéssemos acabado de descobrir que um de nós fala espanhol e o outro português.

Lentamente, Mara sobe no meu colo, montando em mim na espreguiçadeira. Ela puxa o vestido de linho para cima, deixando-o cair no chão atrás dela. Por baixo, ela usa apenas uma tanga de renda acanhada, sem sutiã.

Seus seios nus ficam bem na frente do meu rosto, pequenos, redondos, macios e maduros.

Seus mamilos apertados aparecem, marrons como suas sardas, perfurados com anéis de prata.

Segurando a base do meu crânio na palma da mão, Mara puxa minha cabeça em direção ao seu seio.

— Feche sua boca em torno do meu mamilo, — diz ela.

Corada daquele longo orgasmo, eu não penso ou planejo. Eu só obedeço.

— Chupe meus seios, — diz Mara. — Suave. Lento. Sinta-os em sua boca, contra sua língua.

Minha boca trava em seu seio, tomando todo o mamilo. Sua ponta dura de seixos repousa firmemente contra minha língua. A curva arredondada de seus seios pressiona agradavelmente contra meus lábios. Sua pele cheira ao perfume inebriante que Mara escolheu na loja, selecionando o que mais me incitava sem que eu dissesse uma palavra.

Eu chupo seu seio, tentando desligar meu impulso de olhar para seu rosto para avaliar o quão eficaz eu sou. Fecho os olhos, concentrando-me nas minhas próprias sensações. Deixando os sons suaves de seus gemidos e o aperto de sua cintura entre minhas mãos me guiarem.

Seu mamilo incha na minha boca, aquecendo e suavizando contra a minha língua. O anel de prata permanece frio e imutável, gelo que nunca pode derreter.

Lentamente eu aumento a pressão, não porque eu possa sentir que isso faz com que Mara moa mais forte no meu pau duro, mas puramente pela satisfação de chupar mais forte.

Mara empurra-se para cima, em seguida, abaixa no meu pau, sua tanga de renda puxada para o lado. Sua boceta está encharcada, tão molhada que sinto em minhas coxas. Ela está tão perto do clímax que já está me montando forte, começando a galope.

Eu libero seu seio e agarro o outro na minha boca, chupando forte, devastando-o, tentando encaixar o máximo possível na minha boca. O anel de prata como o dente de um garfo ou a borda de um copo: servindo seu mamilo para mim.

A sensação satisfaz como comer, como beber. Estou devorando-a. Engolindo-a para baixo.

Mara começa a gozar. Ela está agarrando a parte de trás da minha cabeça, empurrando minha boca com mais força contra seu peito, batendo sua boceta no meu pau.

Eu engulo seus seios. Quando estou cheio até a borda, eu explodo dentro dela.



Algum tempo depois, ainda estamos sentados no sofá na mesma posição. A cabeça de Mara repousa no meu ombro. Estou

arrastando meus dedos levemente para cima e para baixo em sua espinha.

Eu posso dizer que ela gosta – seu corpo está pesado e sonolento, seus suspiros suaves fazendo cócegas em meu ouvido.

Eu não estou pensando nisso. Estou me concentrando na sensação de sua pele sob meus dedos. Seu calor e sua suavidade.

Quando Mara finalmente levanta a cabeça e se senta em minhas coxas, os anéis de prata em seu peito brilham ao luar. Ainda não acendemos nenhuma lâmpada. As estrelas refletem no oceano vítreo abaixo de nós, como se metade tivesse caído na água.

Eu digo: — Esses anéis são a única coisa útil que Shaw já fez.

A boca de Mara se abre, soltando uma risada indignada.

— Isso é tão fodido! — ela chora.

— Ah, cale a boca, — eu digo. — Você também gosta deles.

Mara me dá um tapa forte no ombro, incapaz de esconder que estou certa.

— Por que? — Eu pergunto a ela.

Ela considera.

— Eles combinam comigo. Eu gosto do jeito que eles se sentem. E de uma maneira estranha, por mais terrível que tenha sido aquela noite, ela me trouxe até você. O valor das coisas horríveis é o que você faz delas. Enquanto você estiver vivo, você ainda pode transformar merda em ouro.

— Você está feliz por estar aqui? — Eu pergunto a ela, meus olhos fixos em seu rosto. Querendo saber a verdade, o que quer que ela diga.

— Sim, — Mara diz suavemente, sem hesitação.

— Por que?

Estou pensando que é o que trago para ela: o dinheiro, as roupas, as conexões, os orgasmos.

Mara sorri. — Eu te disse. É interessante. E eu odeio ficar entediado.

— Eu também — digo, tão apaixonado por esse assunto quanto Mara. — Eu realmente odeio isso.

3

MARA

Quando cheguei à casa de Cole, pensei que nosso confronto com Shaw era iminente.

Em vez disso, Cole me suga em um ciclo de longos períodos de trabalho em nosso respectivo trabalho, refeições hedonistas para recuperar e sexo selvagem e experimental.

Cole quis dizer o que ele disse, que ele sempre estaria comigo, sempre ao meu lado. Ele até quebra sua própria rotina de trabalhar em seu estúdio particular, juntando-se ao resto de nós plebeus no prédio compartilhado.

Com todos os seus designs e materiais enchendo o maior estúdio no final do corredor, nunca estamos mais longe do que algumas portas um do outro.

Isso é para me proteger de Shaw, mas também para satisfazer a necessidade obsessiva de Cole de saber onde estou e o que estou fazendo a cada momento.

Deve ser sufocante, mas não é. Provavelmente porque Cole não está tentando interferir no que eu quero fazer. Muito pelo contrário. Ele quer me ajudar para que possa aumentar minha confiança nele.

Às vezes me pergunto se ele vai puxar o tapete debaixo de mim. Será que ele de repente se tornará violento e cruel quando pensar que me prendeu?

É difícil acreditar que ele ainda pode estar me enganando, que ele tem algum plano secreto. Eu o vi em muitos momentos desprotegidos.

Mas posso estar apenas me enganando.

Muitas pessoas acreditaram que conheciam Cole, que ele era seu amigo.

Não sei se isso já foi verdade.

Ele parece ter alguma afeição real por Sonia. Ele certamente respeita o quão boa ela é em seu trabalho. Ela realiza suas tarefas de forma criativa e eficaz, sem instruções de Cole. Tão gentil como ela sempre foi comigo, ela tem uma ponta de crueldade ao fazer as coisas. Eu a ouvi cortar o painel da Guilda dos Artistas quando eles ousaram se opor ao que Cole ordenou.

Não acredito que o carinho de Sonia comigo seja apenas porque Cole espera isso. Ela vem regularmente ver meu trabalho, parecendo sentir um verdadeiro prazer quando sou convidada a participar de outra exposição, ou quando outro quadro é vendido.

Em uma das últimas semanas de novembro, ela vem à minha porta trazendo duas canecas de chá.

Sonia não leva chá para ninguém, nem para ela mesma - esse é o trabalho de Janice. Então eu sei que ela está aqui por uma razão.

— Creme e adoçante, certo? — ela diz, pressionando uma caneca na minha mão.

— Obrigado, — eu digo com gratidão.

Por mais que eu ame todo o vidro nu do meu estúdio, é difícil manter o espaço aquecido. Mesmo com um cardigã enorme e luvas sem dedos, ainda sinto frio. O ar está pesado e úmido do lado de fora da minha janela, opaco como leite. Rastros de condensação escorrem pelo vidro como lágrimas.

— Cole me disse que está trabalhando em um projeto para Corona Heights Park, — diz Sonia.

— Ele tem algumas ideias. Eu não acho que ele sabe o que ele quer enviar.

Eu tomo um gole do chá, que está profundamente embebido e na temperatura certa.

Sonia me espelha, olhando por cima da borda de sua caneca. — Ele já foi convidado a fazer esculturas monumentais várias vezes antes. Ele sempre recusou.

Eu dou de ombros. — Acho que ele está pronto para isso agora.

Sonia deixa isso entre nós por um momento, tomando outro gole lento de seu chá.

Ela comenta: — Ele está diferente desde que conheceu você. Ele sorri ocasionalmente. E ele não faz Janice chorar há semanas.

Aperto minha caneca, tentando atrair calor através da cerâmica lisa.

— Eu não sei se eu tenho algum grande efeito sobre ele. Nenhuma árvore pode parar um deslizamento de terra.

A boca de Sonia se curva, apreciando essa analogia.

— Eu o chamaria de vulcão. Você pode sobreviver a um deslizamento de terra... não a um fluxo de lava.

Eu não posso dizer se isso é um aviso.

Se for, Sonia está dando de dentro da umbra do vulcão. Ela também não está a salvo de Cole.

Ela trabalhou para ele durante a maior parte de uma década. Por mais brilhante e observadora que Sonia seja, não tenho dúvidas de que ela aprendeu alguns de seus segredos. Se ele pretendia compartilhá-los ou não.

No entanto, ela permanece extraordinariamente leal ao seu chefe.

Coloquei meu chá na mesa, pegando meu pincel mais uma vez, enchendo-o de tinta.

Minha nova tela está empoleirada no cavalete, as formas bloqueadas, mas o trabalho está apenas começando.

Passando meu pincel suavemente pelo espaço virgem, pergunto a Sonia: — Você tem um filho, não é?

Suas unhas feitas batem contra sua caneca. — Cole te disse isso?

— Não. Eu vi você carregando uma mochila outro dia. Pelos emblemas do Cuphead e os adesivos de skate, imaginei que ele tivesse uns doze anos.

— Treze. — Posso ouvir o sorriso de Sonia, o carinho em sua voz. — O nome dele é Will. Ele frequenta a escola STEM em Laurel Heights.

— Ah, então ele é um gênio. — Eu sorrio.

— Sim, — Sonia ri. — E como todos os gênios, distraído – ele esquece aquela maldita mochila no meu carro pelo menos uma vez por semana.

Eu mergulho meu pincel na paleta, adicionando um pouco mais de azul marinho no cinza prateado.

— Will mora com você em tempo integral?

Sonia não usa anel e nunca a ouvi falar de namorado, muito menos de marido.

— Isso mesmo. — Sonia toma outro gole de chá sem pressa. Ela está vestida com um terninho sob medida, sem blusa por baixo. As listras de cinza prematuro ao redor de seu rosto parecem fortes e ousadas, como se ela tivesse sido atingida por um raio exatamente naquele local. — Seu pai era engenheiro aeroespacial, projetando drones para aplicações militares. É aí que Will obtém suas habilidades matemáticas. Deus sabe que não é de mim.

Meu respeito por Sonia luta contra minha curiosidade. Como alguém que odeia perguntas pessoais, não quero bisbilhotar. Por outro lado, tenho certeza de que Sonia não terá problemas em me desligar se não quiser falar sobre isso.

— Onde está o pai dele agora?

Sonia se empoleira na beirada da minha mesa, suas longas pernas esticadas na frente dela, cruzadas no tornozelo. Ela olha para baixo em seu chá, girando a caneca lentamente em ambas as mãos.

— Foi um divórcio feio, — diz ela. — Will tinha oito anos, estava começando a terceira série. Seu pai não concordaria com a guarda dividida. Ele trabalhava longas horas, fins de semana também, mas ele não podia suportar a ideia de eu ter Will nem metade do tempo. Ele contratou um advogado dos direitos dos homens, uma maldita cobra, e eles jogaram tudo o que podiam em mim. Mês após mês, me afogando em papelada e audiências judiciais. Tentando me intimidar. Tentando drenar nossa conta bancária ao ponto de entregar meu filho apenas para fazê-lo parar.

Eu paro de pintar, virando-me para olhar para ela.

Seu rosto cai em profundas linhas de exaustão, lembrando a provação.

— Foi implacável. Vingativo. Irracional. Ele fingiria estar disposto a chegar a um acordo se eu o encontrasse para mediação, mas depois arrancaria a bola de novo. Comecei a me preocupar que mesmo que eu pudesse forçá-lo a chegar a um acordo, ele nunca os cumpriria. Ele já estava desrespeitando o acordo de custódia temporária, recusando-se a trazer Will de volta para minha casa, desligando o celular de Will para que eu não pudesse ligar ou enviar mensagens de texto. Ele tinha família na Arábia Saudita e muitas oportunidades de trabalho no exterior... Eu vivia com medo de que um dia ele pegasse meu filho e nunca mais voltasse.

— Eu sinto muito, — eu digo. — Isso é horrível.

Sonia acena com a cabeça, a raiva ainda queimando em seus olhos. — Era.

— O juiz resolveu isso?

Sonia bufa. — Não foddidamente provável. O sistema é uma vara na mão do maior valentão. Os advogados ficam ricos e todo mundo fica fodido.

— O que aconteceu então?

— Um milagre, — diz Sonia. — Eu tinha Will em casa no fim de semana. Pela primeira vez seu pai não estava ligando e mandando mensagens de texto, tentando nos interromper, explodindo meu telefone. Lembro-me de pensar que ele devia ser agredido no trabalho. Eu certamente não acreditava que ele estava virando uma nova página – eu não era tão estúpido.

A voz de Sonia fica baixa e sonhadora enquanto ela olha para o chá.

— Segunda-feira de manhã, levei Will de volta à casa do meu ex. Ele estava alugando uma casa em Oakland, um pequeno bangalô moderno com garagem anexa. Estacionei na frente, notando que todas as luzes da casa estavam apagadas, embora eu estivesse na hora certa e ele deveria estar nos esperando. Eu disse a Will: 'Espere no carro.' Eu devia saber que algo estava errado. Caminhei até a porta da frente, toquei a campainha, bati. Sem resposta.

Eu engulo, minha garganta apertada com antecipação, mesmo que tudo isso tenha acontecido anos atrás.

— Eu ouvi esse som. Uma espécie de estrondo baixo, vindo da garagem. Eu não poderia ter dito a você o que era, e ainda assim,

lá no fundo, eu já sabia. Eu me senti andando, puxando a porta. Ficar parado enquanto o escapamento se espalha ao meu redor.

— Ele estava... no carro?

— Isso mesmo. Ele tinha voltado para casa tarde de algum bar. Adormeceu na garagem. Nunca desligou o motor.

Eu soltei minha respiração em um longo suspiro.

— Era um Camaro 67 – seu bebê. Eu disse a ele que aquele carro seria a morte dele se ele se envolvesse em um acidente na rodovia. Acho que eu estava meio certa.

— E esse foi o fim da batalha pela custódia.

— Isso mesmo. — Sonia assente. — Will veio morar comigo em tempo integral. Cole até me deu um aumento para pagar o que eu devia ao meu advogado.

— Ele é generoso assim, — eu digo, minha voz saindo fraca e um pouco tensa.

— Ah, sim, — Sonia diz baixinho, seus olhos azuis claros fixos nos meus. — Ele pode ser muito generoso quando lhe convém.

Sonia se levanta, ainda segurando o chá que já esfriou em sua caneca. Ela só bebeu metade.

— Sempre serei grata a Cole por tudo que ele fez por mim durante esse tempo, — diz ela. — Foi o momento mais sombrio da minha vida.

Ela está andando em direção à porta, saindo para que eu possa voltar ao trabalho.

— Isso é interessante, — eu digo.

Sonia para na porta, olhando para mim.

— O que é interessante?

Eu rodo meu pincel pelo cinza prateado, enchendo a crina com pigmento. — Eu também conheci Cole no meu dia mais sombrio.

Os lábios de Sonia se curvam, seu sorriso enigmático.

— Esse é o dom dele, — diz ela. — Ele sabe escolher seu momento.

Eu começo a pintar de novo, nuvens grossas de cinza, apenas a cor do escapamento do carro.

— A propósito, — Sonia diz ao sair, — adorei a nova composição.

Terminei minha série *Sinners and Saints*. Havia seis pinturas ao todo, e cada uma foi vendida por mais do que a anterior.

Na verdade, sete vendas ocorreram, porque minha pintura do belo diabo já revendeu pelo dobro do preço original para a própria Betsy Voss.

— Isso é um sinal muito bom, — Cole me disse. — Betsy tem um olho, e ela não faz compras apenas para inflar o valor. Ela realmente acredita que é um investimento.

A trajetória vertiginosa da minha conta bancária é aterrorizante. Eu tento não olhar para isso. Os números parecem impossíveis.

Quase não preciso acessá-la de qualquer maneira, morando na casa de Cole. Não preciso de mais roupas. E prefiro não gastar o dinheiro caso ele evapore tão rápido quanto veio.

Eu retiro \$ 1.000 cada para Frank e Joanna, que me emprestaram dinheiro nos meus momentos mais desesperados.

Cole me leva de volta ao antigo vitoriano, esperando no meio-fio enquanto eu subo os degraus irregulares até a porta da frente.

A casa já parece menor e infinitamente mais pobre. Sinto vergonha, não de sua feiúra, mas de que agora estou percebendo. Julgando isso. Eu adorava esta casa – me sentia em casa aqui.

Bato na porta como um estranho. A agitação no meu estômago quando Joanna atende me diz que eu esperava que fosse Frank, ou mesmo Melody.

Seus olhos escuros não estão sorrindo. Ela não diz olá, apenas espera que eu fale.

— Eu trouxe algum dinheiro para vocês, — digo sem jeito, tentando colocar os dois envelopes na mão dela. — Você e Frank. Pelas vezes que você me deu folga...

Joanna olha para os envelopes, imóvel.

— Você sempre me pagou de volta, — diz ela.

Eu não sei como fazê-la levá-los.

Seus olhos se movem para o Tesla estacionado no meio-fio. Cole sentado ao volante.

— Ele te deu esse dinheiro? — ela diz.

— Não. Eu vendi algumas pinturas.

— Parabéns.

Não há calor na palavra. Poderíamos ter nos encontrado apenas esta manhã.

Eu a ajudei a limpar a casa de seu avô depois que ele morreu, parando regularmente para abraçá-la enquanto ela chorava. Joanna sublocou seu estúdio para mim, acima de todos os outros colegas de quarto que teriam aproveitado a chance.

A amizade parece tão real, até estourar como uma bolha de sabão.

Sua frieza não vem do ciúme ou da crença de que Cole está me dando uma vantagem injusta.

Isso é sobre Erin.

Joanna não sabe o que aconteceu, mas sabe que a culpa é minha.

Eu sou aquele que atraiu o mau-olhado sobre nós. Fui atacado primeiro. E eu não terminei a luta – em vez disso, comecei a mudar.

Eu não queria ser a velha Mara — a perdedora, a azarada, a vítima.

Cole apareceu na minha vida como um gênio sombrio, me oferecendo tudo que eu sempre quis: dinheiro, fama, sucesso.

Eu aceitei sua oferta antes mesmo de saber os termos do contrato. Antes de saber o preço.

Eu derrubei minha antiga vida como uma pele muda. E deixei Erin para morrer no meu lugar, na minha cama.

Por isso, sinto-me tão culpada quanto Joanna poderia desejar.

Eu só não sei o que fazer sobre isso.

Não tenho provas contra Shaw. Nenhuma maneira de lutar contra ele, de conseguir justiça para Erin.

Cole quer matá-lo. Isso quebraria minha promessa de sempre continuar nadando para a superfície, nunca afundando no fundo, tornando-se mais cruel do que os monstros tentando me devorar.

Meu maior medo é me tornar como minha mãe. Quando me pego fazendo qualquer coisa do jeito dela, quero dar um tapa na minha própria cara. Eu não vou fazer isso. Eu recuso.

— Se você não quer o dinheiro, você dá para Frank? — Eu pergunto.

Agora Joanna consente em levar os envelopes. Não tenho dúvidas de que ela dará os dois para Frank. Os princípios de Joanna são tão duros quanto sua postura. Sempre respeitei isso nela.

— Obrigado novamente, — eu digo. — Se você precisar de alguma coisa-

— Eu não vou.

Ela fecha a porta, não batendo na minha cara, mas certamente não esperando pela minha resposta.

Fazendo a longa descida de volta para o carro, posso dizer que Cole acompanhou a conversa tão de perto como se pudesse ouvi-la.

— Ela ainda está chateada por Erin, — ele adivinha.

— Eu também, — digo a ele. — O que vamos fazer com Shaw? Por que ele está tão quieto?

— Ele geralmente fica escuro depois de três mortes. Desta vez foram quatro, mas o terceiro foi um adereço, para me prender. Ele queria que o verdadeiro clímax fosse você.

A compreensão íntima de Cole do processo de Shaw me enerva.

Com o estômago apertado, pergunto a ele: — Como você sabe disso? Como você descobriu o que Shaw faz? E como ele descobriu sobre você? Vocês eram amigos?

Cole está sentado no banco do motorista, parecendo preencher todo o espaço do carro. Parecendo pairar sobre mim.

Fazer perguntas a ele é aterrorizante.

— Você quer que eu lhe diga informações que podem me colocar na prisão, enquanto você se recusa a compartilhar qualquer um dos seus segredos comigo.

Eu ruborizo. — Não é o mesmo.

— Não. O que você pede é mais perigoso... para nós dois.

Eu tomo várias respirações superficiais, sem oxigênio no carro. Meu cérebro corre mais rápido que meu coração.

Não falo do meu passado com ninguém.

E Cole não é terapeuta, ele usará o que eu disser para me manipular. Para obter um controle ainda maior.

Por outro lado, estamos igualmente curiosos um sobre o outro. Quero conhecer a história dele tanto quanto ele quer conhecer a minha.

Olho por olho. Pague para jogar. É assim que o mundo funciona.

Suspirando, eu digo: — Vou lhe dizer o que você quer saber. Mas você tem que me dizer algo primeiro.

As pontas dos dedos de Cole dão um toque inquieto na coxa de lã de suas calças. Ele pesa a oferta.

— Você pode fazer uma pergunta, — diz ele. — Não sobre Shaw.

O diabo sempre contra-ataca.

— Tudo bem, — eu digo, tão rapidamente que ele estreita os olhos para mim.

O silêncio se estende entre nós enquanto considero o que ele pode responder de forma completa e verdadeira. E o que eu mais quero saber.

Por fim, pergunto:

— Quem foi a primeira pessoa que você matou?

COLE

Ligo o carro, virando o volante na direção de Seacliff.

— Você não vai me responder? — Mara pergunta do banco do passageiro.

— Eu não vou apenas te dizer... eu vou te mostrar.

Ela fica em silêncio ao meu lado, observando as estradas estreitas se alargarem enquanto deixamos seu bairro decadente, aventurando-se nas ruas largas e arborizadas que levam a China Beach.

A tensão aumenta em seu corpo a cada minuto que passa. Mara não consegue conter sua curiosidade, mesmo quando tem medo do que pode aprender.

Eu descanso minha mão em sua coxa para acalmá-la.

Funciona — o músculo tenso relaxa sob a palma da minha mão. Ela se inclina contra o meu braço, sua cabeça descansando no meu ombro.

Lembro que Mara me disse que não tem carteira de motorista. De certa forma, ela é notavelmente independente, mas tem esses

buracos em sua educação. Coisas que ela não conseguia aprender sozinha, porque ninguém lhe emprestava um carro para praticar.

Abruptamente, eu puxo o Tesla contra o meio-fio.

Mara se senta. — O que você está fazendo?

— Você vai nos levar para casa.

Ela gagueja, levantando as mãos. — Eu nem tenho permissão de estudante.

— Oh, bem, nesse caso, é melhor não. Não quero infringir nenhuma lei.

Mara bufa, mas permanece teimosamente sentada no lado do passageiro.

— E se eu coçar? E se eu bater em uma árvore? Este carro provavelmente custa cem mil!

— Cento e sessenta, na verdade. É o modelo de desempenho.

Seu rosto empalidece, os olhos arregalados.

— De jeito nenhum!

Eu me aproximo dela para abrir a porta, desafivelando o cinto de segurança e empurrando-a para fora.

— Não estamos negociando. Você precisa aprender a dirigir.

— E se eu bater?

— Então eu vou comprar outro. É um pedaço de metal, eu realmente não dou a mínima.

Estou saindo sozinho, trocando posições com ela. Atravessamos o caminho diante dos faróis, Mara olhando cautelosamente para o carro como se fosse um animal, agachado e pronto para engoli-lo inteiro.

— Ele não dirige sozinho? — ela pergunta, deslizando atrás do volante.

— Você vai fazer isso. Agora sente-se e aperte o cinto.

Uma vez que estamos ambos sentados, eu a acompanho pelos controles, mostrando a ela as alavancas de câmbio, a seta, o acelerador e o freio.

Entendendo que não vou largar, não tem como sair, Mara presta atenção. Ela se lembra de tudo que eu digo a ela e faz perguntas quando não entende.

— Os freios regenerativos entrarão em ação automaticamente assim que você tirar o pé do acelerador, — digo a ela. — Então você nem precisará do pedal do freio na maioria das vezes.

— Tudo bem, — suspira Mara. — Vamos acabar com isso.

Ela coloca o carro em movimento, então lentamente pisa no acelerador. O Tesla salta para a frente. Mara grita, pisando no freio. Nós dois somos jogados contra nossos cintos de segurança, rostos a centímetros do painel.

Mantendo minha voz baixa e calma para não a estressar mais do que ela já está, eu digo: — Vá com calma. Pise no acelerador e desacelere se quiser parar ou desacelerar.

— Eu mal toquei! Essa coisa é uma porra de um kart movido a foguete.

— Sim, — eu rio, — é por isso que é divertido. Agora tente novamente.

Desta vez, ela pressiona o pé com cuidado. O carro avança, ainda aos solavancos no início, mas suavizando quando Mara começa a sentir.

— Você não precisa andar na linha assim, — digo a ela. — Fique no meio da sua pista.

— Estou com medo de bater em algo do seu lado.

— Você não vai.

Digo a ela para onde ir, apontando sinais de parada que ela pode perder, lembrando-a de usar o sinal de direção. Mara é desajeitada e nervosa para começar, mas ela está pegando o jeito.

Eu gosto de dizer a ela o que fazer, corrigi-la, encorajá-la. Ela tem que me obedecer ou arriscar atropelar alguém.

Quando acho que ela pode lidar com isso, ligo a música.

6 Underground² - Sneaker Pimps

Assim que as primeiras notas encham o carro, Mara relaxa visivelmente. Seus ombros abaixam e suas curvas são suaves.

— Aqui está, — eu rosno. — Agora você está entendendo.

² 6 Subterrâneos.

Mara estremece de prazer.

Ela adora ser elogiada — ela não se cansa disso. Ela provavelmente aceitaria um elogio sobre um orgasmo de sacudir o corpo.

Eu volto minha mão para sua coxa, massageando suavemente.

— Virar à esquerda aqui. Desceremos até o Skyline Boulevard e depois subiremos ao longo da praia. É um carro mais bonito.

Passamos pelo Lake Merced Park, água dos dois lados, o zoológico à frente.

Mara não está mais dirigindo dez abaixo do limite de velocidade, buzinando e forçando os passageiros aborrecidos a acelerar ao nosso redor. Agora ela está navegando, sentando-se mais reta, soltando seu aperto mortal no volante. Observando os pássaros voando baixo sobre o lago, e os golfistas lançando suas tacadas nos azares. Na verdade, sorrindo.

— Isso é bom, — diz ela. — É quase divertido.

Ela está indo muito bem até a hora de sair para a Avenida Point Lobos, e um adolescente em um jipe tenta mudar de faixa bem em cima dela. Mara empurra o volante com força para a direita, supercompensando, quase nos mandando para o canteiro central.

Eu agarro o volante, puxando-o de volta ao centro novamente.

Mara está tremendo tanto que seus dentes estão batendo.

— Ajude-me a encostar, — ela grita. — Não quero mais dirigir.

— Não, — eu recuso. — Você está indo muito bem e estamos quase em casa.

Ela está pálida e suando, assustada em um grau irracional.

Ela sabe que eu vejo.

— Minha mãe teve quatro DUIs³, — diz ela. — Eu estava no carro por três deles.

A raiva quente e turbulenta surge dentro de mim. Estou realmente começando a desprezar essa mulher que nunca conheci.

— Ela me pegava e no começo eu não sabia – era difícil dizer com ela, porque ela sempre estava meio tonta. Mas ela começava a dirigir cada vez mais rápido, perdendo curvas, desviando pelas pistas. E eu percebi que ela não estava em um nível normal, ela estava fodidamente arrasada. Até então seria tarde demais, eu estaria presa no banco do passageiro. Tudo o que eu podia fazer era ter certeza de que meu cinto de segurança estava apertado, agarrado à pequena maçaneta de plástico dentro da porta, esperando por Deus que ela nos levasse para casa e não dirigisse por horas como ela às vezes fazia quando estava chateada com Randall, ou quando ela só estava com vontade de foder.

Mara segura o volante com força com as duas mãos, olhando para a rua à sua frente, mas provavelmente vendo uma estrada diferente, onde as linhas pintadas voam para frente e para trás sob os pneus de um carro de tecelagem pilotado por ninguém.

— De qualquer forma, — diz ela baixinho. — Carros me assustam.

³ “Driving under the influence”. Acidente de carro por dirigir bêbado ou drogado.

— Todo mundo deveria ter mais cuidado quando está em uma máquina mortífera de três mil libras, — digo a ela.

Mara olha para mim rapidamente, seus cílios subindo e descendo como o bater da asa de uma borboleta.

— Você é muito... compreensivo, — diz ela.

— Não é difícil entender você. Claro que você tem medo de dirigir se sua mãe costumava andar por aí como a porra do passeio de xícaras de chá. As pessoas dirigem seus carros com uma mão, rolando em seus telefones como se nada pudesse acontecer com elas. Enquanto isso, eles estão aterrorizados com algum evento estatisticamente improvável, como um ataque de tubarão em suas férias no Havaí. Os perigos reais estão ao seu redor o tempo todo.

— Talvez até no carro com você agora, — diz Mara, me lançando outro olhar rápido, desta vez com uma pitada de travessura.

— Você está falando de mim ou de você? — Eu pergunto a ela.
— Você me colocou em mais problemas do que eu causei para você.

— Você acha que eu sou uma ameaça para você? — Mara diz, as pontas dos dedos acariciando levemente o volante enquanto ela gira, já sabendo o caminho para minha casa.

— Você ameaça tudo o que eu achava que sabia e tudo o que eu acreditava.

Deixamos todos os outros carros para trás, sozinhos na longa e sinuosa viagem até Seacliff. Ela está acelerando, pegando as curvas com confiança. Ela parece sexy ao volante do meu carro, vestindo a jaqueta de camurça que comprei para ela. Sua pele e

cabelo brilham com saúde. Até suas unhas parecem menos irregulares – ela não as tem roído tanto.

Mara está florescendo sob meus cuidados. Tornando-se mais bonita, mais poderosa a cada dia.

Eu estou fazendo isto. Estou mudando-a.

— Você gosta disso, — diz Mara. — Você não pode se cansar disso.

Agarro seu rosto e a forço a me beijar, desviando seus olhos enquanto o carro voa pela estrada.

Ela engasga quando eu a solto, segurando o volante com força mais uma vez.

— No começo foi contra a minha vontade, — digo a ela. — Mas agora eu estou dentro. Eu tenho que ter você. Mesmo que isso exploda minha vida.

Mara estaciona na minha garagem, a imponente fachada de Seacliff pairando sobre nós. A pedra escura e desgastada parece uma caverna, como se a casa fosse apenas mais um penhasco, projetando-se contra o céu.

— Você gosta desta casa? — pergunto a Mara.

Ela inclina a cabeça para o lado, examinando-a novamente.

— Combina com você, — diz ela. — Do lado de fora: gritante e intimidador. Por dentro... surpreendentemente lindo.

— Você nem viu tudo ainda.

— Eu sei, — diz ela, olhando para mim, não para a casa.

Eu pego sua mão.

— Vem por aqui.

Conduzo-a pela lateral da casa, pelo caminho de pedra que serpenteia através de espessas sebes de glicínias há muito tempo após a floração. A entrada privada é protegida de todos os lados, então ninguém além de meu pai podia ver quem estava indo e vindo.

Abro a porta do escritório.

Mara entra primeiro, olhando ao redor.

Eu a sigo.

O escritório foi destruído. Livros arrancados das prateleiras, suas páginas arrancadas e espalhadas por toda parte. A mesa foi cortada em pedaços com um machado. A obra de arte quebrou onde estava pendurada na parede. Até o sofá e as cadeiras se abriram, estofados saindo como vísceras.

Mara olha, boquiaberta.

Hesitante, ela se aproxima da escrivaninha, passando a ponta do dedo pela tampa quebrada e cheia de cicatrizes, deixando um rastro na poeira.

— Você fez isso? — ela pergunta.

— Sim. Na noite em que meu pai morreu.

— Você... foi você quem o matou?

— Não. Por isso fiquei com raiva. Ele se foi, com muitas coisas não ditas e sem resposta.

— O que aconteceu com ele?

— Ele tinha uma doença renal degenerativa. Eu sabia que estava chegando, mas aconteceu mais cedo do que eu esperava. Então fiquei com raiva de mim mesmo. Não há fechamento dos mortos.

Mara olha para as fotografias penduradas na parede, as imagens distorcidas pelos vidros quebrados em cada quadro.

Infalivelmente, ela encontra a do meu pai. Ele está de pé no topo de uma colina varrida pelo vento na Nova Zelândia, vestindo sua jaqueta de caça, seu rifle no ombro. Seu cabelo preto e barba imaculadamente arrumados, apesar do ambiente rústico.

Mara é atraída pela figura ao lado dele. Um homem com cabelos e olhos tão escuros quanto os do meu pai, mas um rosto muito mais jovem.

— Isso é... — Mara aperta os olhos através da teia de vidro. — Você tem um irmão?

— Esse é meu tio. Ele era doze anos mais novo que meu pai. Quase tão perto de mim em idade.

Mara se vira, entendendo que esta fotografia é a razão pela qual eu a trouxe aqui.

— Ele se parece com você.

— Essa não é a única coisa que tínhamos em comum.

Ela atravessa os detritos que cobrem o chão, suas botas esmagando lascas de madeira e vidro. Afundando no sofá rasgado, ela diz: — Conte-me tudo.

Sento-me ao lado dela, meu peso fazendo com que ela deslize para mais perto até que sua coxa repousa contra a minha.

— Meu tio Ruben foi a única pessoa que meu pai amou. Meus avós o tiveram acidentalmente, tarde na vida. Ele era selvagem e indisciplinado, e eles não sabiam o que fazer com ele. Meu pai era a única pessoa que ele ouvia, pelo menos algumas vezes.

Mara se senta ereta, mãos cruzadas na frente dela, olhos fixos em meu rosto, como uma criança encantada por um conto de fadas.

— O dinheiro da minha família vinha de hotéis e cervejarias, mas quando Ruben apareceu, a maior parte dele havia sido parcelada ou desperdiçada, então os Blackwells não eram mais verdadeiramente ricos. Ou seja, meus avós ainda viviam bem, mas havia apenas um modesto fundo fiduciário esperando por seus filhos. Meu pai usou o dele para iniciar sua empresa de capital de risco. Ele ofereceu um emprego a Ruben, mas Ruben não quis. Ele esperou até completar 21 anos, pegou seu dinheiro, então foi para Los Angeles para gastá-lo. Na mesma época, meu pai se casou com minha mãe.

Mara interrompe: — Como eles se conheceram?

— Você já leu *O Grande Gatsby*?

Mara assente.

— Foi assim. Ela era de um nível de riqueza que fazia os Blackwell parecerem pobres. Meu pai a queria desde o momento em que pôs os olhos nela. Ela era muito bonita, mas inocente e protegida. Seus pais tinham total controle sobre ela. Meu pai teve que impressioná-los primeiro para ter acesso a ela. Quando sua empresa abriu o capital, ele doou seis milhões para o Bay Area

Youth Center, a fundação de sua mãe. Foi assim que ele recebeu um convite para um de seus jantares, para que pudesse iniciar o processo de seduzir sua filha.

— Você tem uma foto dela? — Mara pergunta.

— Andar de cima. Não há nenhum aqui.

Não consigo esconder a amargura na minha voz. Mara aperta os lábios, entendendo.

— Meu pai queria qualquer coisa que não pudesse ter. Acho que é a única coisa que compartilhamos. Ele tinha um chip no ombro e queria provar a si mesmo para qualquer um que já o desprezasse. Mas ele era mesquinho e vingativo. Ele não queria apenas aceitação, ele queria esfregar seus narizes nisso. Isso se estendeu à minha mãe. Ele tinha que tê-la, mas uma vez que eles se casaram, ele a tratou como se ela tivesse sido a inimiga o tempo todo. Como se fosse ela que o mantinha fora do Pacific Union Club.

— Ela te contou isso? — Mara pergunta, sobrancelhas unidas em simpatia.

— Eu li no diário dela. Ela estava confusa como o homem que bebeu, jantou e a elogiou poderia se transformar em uma pessoa completamente diferente no momento em que estavam sozinhos em sua casa.

Fecho os olhos, citando de memória as palavras que ela escreveu em sua caligrafia delicada:

— É como se ele me odiasse, e eu não sei por quê. Eu não sei o que eu fiz. Ele costumava beijar meus dedos e me dizer que eu era a coisa mais requintada do mundo. Agora ele rosna se eu o tocar...

— Por que ele mudou? — Mara pergunta.

— Ele nunca gostou de nada uma vez que ele realmente tinha. Ele levou anos para conseguir esta casa – ele teve que intimidar e ameaçar a velha que a possuía. Teve que brigar com o comissário de zoneamento e a sociedade que estava tentando torná-lo um marco histórico. Uma vez que ele se mudou, ele nunca parou de reclamar que estava frio e com correntes de ar, e a fiação era antiga.

— Você não é assim, — diz Mara.

— Não. Para mim, algo tem valor se for raro.

— Eu valorizo as coisas se elas me fazem feliz, — diz Mara.

— Mas por que eles te fazem feliz?

Mara considera. — Porque eles são bonitos ou interessantes. Porque eles me fazem sentir bem.

Eu coloquei minha mão em sua nuca, esfregando-a suavemente. Fazendo-a ronronar. — Isso é porque você é uma gatinha prazerosa. Você gosta de qualquer coisa que seja boa.

Mara se aconchega em mim, confortável mesmo neste espaço destruído.

— Isso é verdade, — diz ela.

Eu continuo a história.

— Ele era frio com ela. Cruel, mesmo. Ela escreveu em seu diário que queria ir embora, mas àquela altura já o conhecia bem

o suficiente para ter medo do que ele poderia fazer. E então ela descobriu que estava grávida.

— Ao mesmo tempo, meu tio Ruben voltou para San Francisco. Ele tinha queimado seu dinheiro e estava começando a ver o valor de um lugar na firma de meu pai. Meu pai lhe deu um emprego imediatamente.

— Meu tio era inteligente e podia trabalhar duro quando queria. Na verdade, ele estava indo tão bem que meu pai o promoveu várias vezes, até que ele se tornou o vice-presidente interino, perdendo apenas para meu pai.

— Isso não teria sido um problema, exceto que meu pai agora tinha um herdeiro. A certa altura, Ruben pode ter acreditado que herdaria a empresa ou receberia partes iguais dela. Eu era um complicador. Muito do jeito dele. Especialmente depois que minha mãe morreu.

Sinto Mara se mexer ao meu lado. Eu sei o que ela quer me perguntar, mas ela hesita, sabendo instintivamente que esta é a única ferida dentro de mim, nunca cicatrizando, sempre em carne viva.

Prometi responder à pergunta dela, e isso faz parte.

— Está tudo bem, — eu digo a ela. — Você pode perguntar.

— O que aconteceu com sua mãe?

Por que ainda é tão difícil dizer as palavras em voz alta?

Eu odeio que isso me machuque. Eu odeio que eu me importo.

— Ela se enforcou, — eu digo.

Mara estremece. Ela pega minha mão, apertando-a com força.

Eu olho para a mão dela, me perguntando por que isso é tão bom. Por que me conforta.

Talvez porque ninguém saiba melhor do que Mara como é ser jovem, assustado e profundamente sozinho.

— Me senti um órfão. Eu não tinha calor ou conexão do meu pai. Ruben me aterrorizou. Ele já estava mostrando sua agressividade, tanto quanto podia se safar. Ele me fez tropeçar nas escadas. Eu quebrei meu braço. Ele disse que foi um acidente, e eu era muito jovem para meu pai acreditar em qualquer outra coisa. Mais tarde, ele tentou me afogar na praia abaixo da casa. Ele continuou me empurrando sob as ondas, uma e outra vez, rindo como se fosse uma piada. Tudo o que eu podia ver eram seus dentes e o olhar selvagem em seus olhos, e então ele me empurrava para baixo de novo, antes que eu pudesse respirar.

— Naquela vez meu pai viu. Ele me puxou para fora. Foi a primeira vez que o vi realmente bravo com Ruben. Ruben foi mais cuidadoso depois disso. Mas eu sabia que ele me odiava. Ele ficou com ciúmes quando meu pai me deu atenção. Ele me sabotou em qualquer chance que teve.

Mara se levanta do sofá para inspecionar a fotografia mais uma vez. Ela tira o vidro da moldura, franzindo a testa para o rosto bonito de Ruben, claro e descoberto.

— Foi nessa época que comecei a desenhar. Sempre gostei de mexer em máquinas, trabalhar com as mãos. Meu pai encorajou isso porque ele podia ver o uso disso. Ele não gostava que eu desenhasse. Ele não ligava nada para as artes. Ele só doou para eles porque sabia que a filantropia fazia parte da construção de impérios.

— O que fez você começar a desenhar? — Mara me pergunta.

— No começo eu estava desenhando projetos de máquinas que eu queria construir. Os designs tornaram-se mais experimentais, mais estéticos. Esculturas em vez de máquinas. — Faço uma pausa, porque isso me deixa curiosa por sua vez. — Qual foi a primeira coisa que você desenhou?

Mara cora. — As meninas da escola tinham livros para colorir. Eu não tinha um, mas podia pôr as mãos em papel e lápis. Eu fiz minhas próprias páginas para colorir, principalmente princesas em vestidos, porque era isso que eles tinham. Percebi que poderia desenhar qualquer vestido que pudesse imaginar. Depois desenhei outras coisas que queria. Patins, unicórnios, uma cama com dossel, sundaes de sorvete...

Ela para como se percebesse que, para ela, patins pareciam tão inalcançáveis quanto unicórnios.

— De qualquer forma, — diz ela, balançando a cabeça. — Continue ...

Perdi o fio da meada, distraído pelos pensamentos de Mara quando criança. Eu quero saber todos os seus segredos. Ela os mantém enterrados profundamente. Vou ter que ser o primeiro a pegar uma pá.

Respirando fundo, continuo: — Eu estava tendo um conflito com meu pai. Eu queria ir para a escola de arte. Ele, é claro, se opôs, esperando que eu assumisse sua empresa. Ele já sabia que estava doente.

— E Ruben? — Mara pergunta.

— Bem, isso era o contrário em meu pai. Se eu quisesse o negócio e Ruben não, ele provavelmente o teria dado a Ruben. Ruben estava agindo, irritando-o. Eu estava jogando duro para conseguir – ou, pelo menos, era assim que ele via. Quanto mais eu me afastava dele, mais ele se tornava determinado a me moldar à sua imagem. Mas eu já tinha decidido que ele era um maldito hipócrita.

— Por que?

— Porque ele pensava que era esse titã implacável da indústria. Ele me ensinou a evitar envolvimento emocional – apenas a família merecia lealdade. Mas ele nunca deu a mínima para minha mãe, e *ela* era quem deveria ter sido sua família. Ele amava Ruben, enquanto Ruben teria arrancado o coração do peito de meu pai e comido cru se lhe conviesse.

— Ruben não se importava com ninguém, — diz Mara.

— Isso mesmo. — Eu concordo. — E isso é o que realmente tínhamos em comum. Eu parecia Ruben, mais do que meu próprio pai. Parecia com ele, até. Acima de tudo, eu o entendia. Eu sabia que ele estava frio como pedra por dentro, porque eu também estava. Ele não apenas me odiava porque estava com ciúmes – ele me odiava porque eu vi o que ele realmente era.

— Ele ainda estava tentando te machucar?

— Pior. Ele convenceu meu pai a torná-lo meu tutor. Eu tinha dezesseis. Meu pai estava ficando cada vez mais doente. Se ele morresse, o dinheiro, a casa, a empresa, tudo isso cairia no controle de Ruben. Eu estaria fodido.

Mara olha para a fotografia emoldurada em suas mãos, levantada da parede. Ela olha entre o rosto de Ruben e o meu,

igualmente bonito, igualmente cruel. Ela entende o estrago que ele poderia causar, nos dois anos anteriores ao meu aniversário de dezoito anos.

— O que você fez?

— Organizei uma caçada para nós três, sabendo que meu pai estaria muito doente para vir conosco. Ruben também sabia. Acho que ele antecipou o que eu planejei – ou pelo menos, ele pensou que fez.

Mara volta para o sofá, mas está rígida de apreensão, incapaz de se recostar nas almofadas arruinadas.

— Então por que ele foi? — ela me pergunta.

— Ele pensou que viraria a mesa contra mim. E eu o deixei pensar. Saímos para os bosques do norte de Montana, só nós dois. Era a semana mais fria de janeiro. Essa floresta é densa e selvagem. Eu já tinha estado lá antes, e Ruben também, mas não juntos. Você tem que sair muito antes do nascer do sol para caçar leões da montanha, vagando pela neve até os joelhos.

Mara esfrega as palmas das mãos nos braços como se pudesse sentir o frio.

— Eu era um adolescente, magro, meio crescido. Ele tinha vinte e oito anos, maior do que eu, mais forte. Ele também se achava mais esperto. Eu o deixei carregar minha arma com balas, fingindo não notar. Eu o deixei andar atrás de mim na floresta. Eu podia ouvir sua respiração desacelerando, seus passos parando. Eu podia senti-lo levantando seu rifle, apontando-o para minhas costas...

Mara está com os dedos pressionados contra a boca. Eu sei que ela quer desesperadamente roer as unhas, mas ela se abstém por minha causa.

— Ouvi o disparo do fuzil e pensei que tinha acertado na hora, estava morto. Então me virei e vi o buraco no chão. Ele atravessou a ruína assim como eu esperava. O tiro de fuzil subiu no céu e ele mergulhou seis metros na cova.

Mara solta a respiração que estava segurando, seu suspiro acariciando meu antebraço.

— Ele estava morto? — ela diz.

— Não. Levou mais seis horas para ele realmente morrer. Sentei-me e esperei. Essa foi a parte mais difícil. Ele implorou e implorou. Então ele amaldiçoou e gritou. Então ele implorou novamente.

— Você queria deixá-lo sair?

— Se eu fizesse, eu poderia cortar minha própria garganta. Era ele ou eu, muito antes do poço.

— O que você estava esperando, então?

— Eu estava me certificando de que ninguém mais aparecesse.

A garganta de Mara salta quando ela engole. Mesmo com tudo o que ela sabe sobre mim, minha insensibilidade a choca.

— E quanto ao seu pai? — ela me pergunta.

— Eu disse a ele que foi um acidente. Que tentei correr para pedir ajuda, mas me perdi na floresta.

— Ele acreditou em você?

— Ele sabia que eu nunca me perderia.

— O que ele disse?

— Ele disse: 'Essa era a única família que restava. Quando eu morrer, você estará completamente sozinho.

Mara pega minha mão novamente. Não apertando desta vez, apenas segurando-o em seu colo, seus dedos ligados aos meus.

— E você estava, — diz ela suavemente.

— Achei melhor ficar sozinho. Mais seguro. Mais agradável, até.

— Mas você ainda fez isso, — diz Mara, olhando para o escritório do meu pai, despedaçado com uma raiva que ainda grita em todos os cantos da sala, todos esses anos depois.

— Isso me afetou mais do que eu esperava, — eu admito.

Mara leva minha mão à boca, roçando meus dedos contra seus lábios.

— Eu não posso culpá-lo, — diz ela. — Seu tio parece aterradorizante.

Eu coloquei sua mão suavemente em seu colo, de frente para ela e olhando-a nos olhos.

— Essa foi a primeira vez que eu matei, — eu digo. — Mas havia mais. É como perder a virgindade... a primeira vez parece tão significativa. Cada um depois é cada vez menos importante. Até que você mal se lembra de seus nomes.

Sua língua sai para umedecer seus lábios pálidos.

— Quem era a segunda pessoa? — ela murmura.

— Eu estava bêbado em um clube em Paris. Três homens me seguiram, planejando me assaltar. Eu lutei contra um. O segundo fugiu. O terceiro... eu bati a cabeça dele contra a parede do beco até o crânio dele quebrar.

A mão de Mara flutua até a boca. Desta vez ela morde com força a ponta da unha.

— Essa foi a única vez que matei por impulso, sem um plano. Os outros eram mais estratégicos.

— Quantos? — ela sussurra.

— Quatorze.

Mara faz um leve som de asfixia. Suas bochechas ficaram pálidas e acinzentadas, os nós dos dedos brancos.

— Nenhuma era mulher, — eu digo, como se isso fosse confortá-la.

— Por que não mulheres? — ela pergunta baixinho.

Eu dou de ombros. — Os homens merecem mais.

Mara se senta à frente, cotovelos nos joelhos, mãos cobrindo o rosto. Dou-lhe tempo para processar, sabendo que ela suspeitava um pouco disso, mas nunca poderia ter adivinhado toda a verdade.

Depois de um momento, seus ombros enrijecem e sua cabeça se levanta. Ela se senta, olhando para mim com uma animação repentina.

— Você matou o ex-marido de Sonia, — ela deixa escapar.

Eu franzo a testa para ela.

— Como você sabe disso?

— Sonia me contou como ele morreu. Achei muito... conveniente.

— Foi muito *inconveniente* quando ele a estava arrastando para o tribunal por meses a fio. Isso afetou o trabalho dela.

Mara olha para mim. — Você poderia simplesmente tê-la demitido.

— Contratar alguém novo é ainda pior.

— Você queria ajudá-la.

— Eu me ajudei. Aconteceu para beneficiar Sonia também.

Mara balança a cabeça para mim, já recuperando sua diversão. — Você tem um fraquinho por mulheres.

— Que porra eu faço. Não se esqueça de como nos conhecemos.

— Eu lembro.

O escritório está escurecendo. Eu nunca acendi as luzes, porque quebrei a luminária do teto junto com todo o resto da sala. Estávamos sentados sob a pouca luz que podia ser filtrada pelas glicínias e pelas janelas empoeiradas. Agora está tudo desaparecendo.

— Sabe, essa não foi a primeira vez que eu realmente vi você.

Mara pisca, seus lábios formando um pequeno círculo de confusão.

— O que você quer dizer?

— Eu vi você no show do Oasis. Shaw também. Ele me viu observando você. Jack Brisk derramou vinho no seu vestido. Achei que você fosse sair da festa — em vez disso, você usou mais vinho para tingir o vestido. Surpreendeu-me que você fosse tão inovadora. Surpreendeu-me mais como você fez isso lindamente. Fiquei impressionado. Shaw não conseguia entender isso, é claro. Ele pensou que eu queria foder você.

Mara me encara, boquiaberta.

Ela diz: — Foi por isso que ele me levou?

— Sim, — eu admito. — Eu o insultei. Eu disse que ele era indisciplinado, fora de controle. Ele queria provar que eu era o mesmo... sob a tentação certa.

Mara pisca lentamente, finalmente entendendo.

— *Você* me escolheu.

— Eu não sabia disso na época, mas já sabia. Tentei deixar você naquela montanha... você sobreviveu de qualquer maneira. A partir daquele momento, fiquei obcecado. Eu tinha que saber como você fez isso. Eu tinha que entender.

Os olhos de Mara são escuros e líquidos na luz fraca.

— E você? Você entende agora?

Eu descanso minha palma contra a borda de sua mandíbula, acariciando meu polegar em seus lábios.

— Eu sei que você não pode ser quebrada. Ainda estou testando se você pode ser domada...

Mara prende meu polegar em seus dentes, mordendo.

— Você não está domado.

Eu gosto de como ela morde forte, a pequena selvagem.

Isso me faz querer mordê-la de volta.

— Não, eu não estou, — eu concordo. — E nunca serei.

— Nem eu — sibila Mara, igualmente feroz.

Ela não tem medo de mim. Ela nunca teve.

Lembro-me de como ela me confrontou em meu próprio estúdio, olhos em chamas, punhos cerrados ao seu lado. Exigindo saber como eu ousei deixá-la morrer. Zombando de minhas mentiras.

Eu a agarro pelo pescoço e a beijo, prendendo-a de costas contra o sofá rasgado.

Ela está fora de si, e eu também.

Nossa loucura se alinha de todas as maneiras certas.



Quando voltamos a vestir nossas roupas, lembro a Mara: — Pergunta por pergunta. Eu não esqueci.

Mara suspira. — Você manteve sua palavra. Eu vou manter a minha.

Eu pego sua mão, puxando-a para cima do sofá. Mara não se afasta de mim - ela adora quando eu a toco, mesmo sabendo de todo o sangue nessas mãos.

Seu medidor normal está quebrado. Ela esteve perto de muitas pessoas horríveis. Ela não sabe o quão brutal eu realmente sou, quão irredimível.

Sorte minha, suponho.

— Venha até a cozinha, — eu digo. — Eu não posso te dar um unicórnio, mas eu posso te fazer um sundae de sorvete.

Mara me segue até o nível principal. Apesar de eu dizer a ela exatamente o que eu ia fazer, ela ainda está encantada quando eu coloco uma tigela gigante de sorvete de baunilha na frente dela, coberta de calda de chocolate e montes de chantilly.

Ela é sempre mais surpreendida pela bondade do que pela crueldade.

Mara dá uma mordida enorme, olhos fechados, deixando o sorvete derreter em sua língua antes de engolir.

— Eu precisava disso, — ela suspira. Então, pousando a colher, — Tudo bem. Estou pronta. O que você quer saber?

Sento-me ao lado dela no balcão, nossos joelhos quase se tocando.

Inclinando-me para a frente, digo: — Fale-me sobre Randall.

5

MARA

DOZE ANOS ATRÁS

Mad World – Gary Jules

Estou voltando da escola para casa, devagar para não alcançar o grupo de garotas na minha frente, mas não tão devagar que Randall fique bravo por eu estar atrasada.

Mandy Patterson está no centro do grupo como de costume, impossível não notar com seu longo fluxo de cabelo loiro acinzentado, perfeitamente enrolado e amarrado com o tipo de laço de líder de torcida enorme que se tornou uma tendência na escola.

Não tenho arcos.

Eu pedi um para o meu aniversário. Randall e minha mãe me deram um violino usado. Eu tenho que ter aulas com a Sra. Belchick toda terça e quinta. A casa dela cheira a óleo de cozinha rançoso, e sou alérgica a seus periquitos. Meus olhos incham toda vez, e meus dedos coçam tanto que mal consigo segurar o arco. Eu

implorei à minha mãe para não me fazer ir mais, mas este é o meu castigo por não praticar piano o suficiente.

Eu fodi tudo no recital.

Odeio me apresentar em público, odeio todo mundo olhando para mim.

Eu nunca tinha tocado naquele piano em particular, e quando me sentei no banco no terrível silêncio do auditório, as luzes ofuscantes refletindo no Steinway preto brilhante, fui atingida com a horrível percepção de que não tinha certeza de qual chave era C médio.

Parece ridículo depois de todos os anos que toquei, mas sempre oriento minhas mãos em relação à escrita dourada lascada em nosso próprio piano, que lê Bösendorfer no quadro, faltando apenas o segundo “o”.

Olhei para as teclas, os segundos passando.

Eu podia ver minha mãe de pé fora do palco, já começando a andar em agitação, estalando os dedos para que eu começasse.

— Eu não sei onde colocar minhas mãos, — sussurrei para ela.

— *Toque a música*, — ela sussurrou para mim.

Eu já estava suando sob as luzes ardentes, minhas mãos tremendo enquanto pairavam sobre as teclas.

Desesperadamente, repeti: — Não sei por onde começar.

Ela marchou pelo palco, furiosa e envergonhada, agarrando meu braço e me puxando do banco. Ela me arrastou, sem ouvir enquanto eu tentava explicar que eu poderia tocar, eu tinha praticado várias vezes e sabia tudo de cor, se ela apenas me mostrasse onde colocar minhas mãos...

Isso foi há seis meses. Pode ser seis anos passados e ela ainda gosta de me punir por isso.

Eles estão sempre observando, sempre esperando que eu cometa um erro.

E essa é a única coisa em que eu nunca os decepiono.

Eles sempre podem contar comigo para foder.

As garotas à frente olham por cima dos ombros, rindo e sussurrando por trás das mãos.

Não consigo ouvir o que eles estão dizendo porque estou usando fones de ouvido. Este é o único presente que Randall me deu que eu realmente amo. Ele não queria ouvir música vazando do meu quarto. Usar os fones de ouvido me envolve em minha própria bolha de música. Ela me protege e me conforta. Meu próprio casulo que me segue onde quer que eu vá.

Eu arrasto meus pés, tentando criar mais distância entre mim e as meninas.

Eles estão diminuindo o ritmo também.

Kinsley Fisher me chama de volta: — Mara! Você vai à festa de aniversário de Danny?

Eu posso ouvir isso, apenas mal.

Suspirando, eu tiro um broto de uma orelha.

Antes que eu possa responder, Mandy responde por mim: — Ela não pode. Ela não foi convidada.

Ela faz a declaração com calma, factualmente, seus lábios rosados macios curvados em um sorriso satisfeito.

Achei que Danny poderia me convidar. De todos os garotos da nossa classe, ele é um dos poucos que ocasionalmente é legal comigo. Uma vez ele até me deu um lápis que tinha gatinhos pretos por toda parte. Foi uma semana depois do Halloween e ele disse que não queria mais, mas pensei que talvez fosse porque ele sabia o quanto eu gosto de gatos.

— Por que Danny não convidou você? — Kinsley pergunta com preocupação fingida.

Ela já sabe as respostas para essas perguntas. Na verdade, ela provavelmente os conhece melhor do que eu. As três Rainhas Peachy - Kinsley, Angélica e sua alteza real Mandy Patterson - certamente participaram das conversas em que foi discutido publicamente quem seria convidado e quem não seria, como nossos colegas se classificaram como potenciais convidados e todas as razões pelas quais.

— Danny disse que a mãe dele não iria gostar, — Mandy explica no mesmo tom prático.

Mandy não está acima de mentir, mas isso tem um toque desconfortável de verdade.

Os pais da Windsor Academy estão muito mais envolvidos do que na minha antiga escola. Eles parecem tão altamente

interessados na vida social dos alunos do ensino médio quanto as próprias crianças.

É muito provável que a Sra. Phillips tenha me visto e me julgado em alguma escala que eu nem consigo imaginar. Tudo o que sei é que fiquei alguém.

— Talvez ela saiba que Mara é uma putinha como sua mãe, — Angélica diz docemente. Angélica tem o rosto redondo e angelical que você esperaria do nome dela, mas ela é a boceta mais malvada de todo o grupo. Pior ainda que Mandy. — Todo mundo sabe que ela se casou com seu padrasto pelo dinheiro dele.

Isso é algo tão fundamentalmente reconhecido, mesmo entre Randall e minha mãe, que não posso negar.

O problema é que Randall não tem mais tanto dinheiro. Pelas discussões gritadas que escutei, mesmo com o travesseiro pressionado sobre os ouvidos, deduzi que os filhos de Randall estão acabando com o negócio dele e minha mãe está tentando gastar o que sobrar antes que tudo acabe.

— Acho que essas saias curtas não funcionam em Danny, — Mandy diz, sorrindo o suficiente para mostrar seus dentes brancos perolados.

Todos nós usamos o mesmo uniforme na Windsor Academy — a mesma blusa branca, saia xadrez, meias marrons até o joelho e mocassins. É por isso que acessórios como laços de líderes de torcida e relógios inteligentes são tão importantes — eles são a única maneira de mostrar quem está dentro e quem está fora.

Estou fora.

Eu nunca estive nem perto de entrar.

As saias curtas são um problema totalmente diferente. Randall se recusou a me comprar novos uniformes este ano, apesar de eu ter crescido cinco centímetros. Minha professora de sala continua me fazendo vir para a frente da classe e me ajoelhar na frente de todos, para provar que minha saia não desce até a ponta dos dedos. Ela me deu detenção seis vezes.

Randall me pune toda vez que chego atrasada em casa, mas não me compra roupas novas.

Vou me atrasar agora se não correr o resto do caminho para casa.

Não tenho tempo para continuar essa conversa com as Peachy Queens. Não importaria de qualquer maneira. Eu tentei ser legal com eles. Eu tentei lutar de volta. Eles me desprezam, e nada vai mudar isso. Mesmo as crianças que costumavam ser legais comigo, aquelas que eu chamaria de amigas, aprenderam melhor do que dizer uma palavra para mim onde essas garotas possam ver.

— Diga-me o que funciona em Danny, — eu digo a Mandy. — Se ele começar a dar a mínima para você.

Eu já estou correndo para longe quando os gritos de *Aberração! E Puta!*, soa atrás de mim.

Corro até meu peito queimar e a mochila cheia de livros bater na minha bunda a cada passo.

Ainda assim, uma vez que chego ao colonial de tijolos vermelhos, paro e fico na calçada, temendo abrir a porta da frente e entrar.

É difícil acreditar que fiquei animada quando vi esta casa pela primeira vez.

Eu nunca tinha morado em uma casa antes. Eu nunca tive meu próprio quarto, ou mesmo uma cama decente com uma moldura.

Naquela época, eu ainda acreditava que poderia ganhar a aprovação de Randall se eu fosse muito, muito cuidadosa e muito, muito quieta.

Eu sabia que o incomodava. Ele queria minha mãe, não outra criança. Seus próprios filhos já estavam crescidos. Eu os conheci no casamento, onde eles mal consentiram em apertar a mão da minha mãe. Ela riu e disse que eles estavam preocupados com sua herança.

Minha mãe nunca esteve mais bonita do que no dia de seu casamento, seu cabelo escuro puxado para cima em uma magnífica massa brilhante encimada por uma tiara cintilante, seu vestido de sereia incrustado com ainda mais pedras preciosas, para complementar a pedra em sua mão esquerda.

Eu estava tão orgulhosa do meu vestido de florista que não conseguia parar de me olhar em todas as janelas que passava. Eu nunca tive um vestido assim, tão fofo e etéreo quanto o de Sarah em *O Labirinto*.

Eu fiquei muito animada embora. Vomitei e espirrei um pouco na saia do vestido. Minha mãe ficou tão furiosa que me deu um tapa no rosto. Eu tive que andar pelo corredor tentando segurar as lágrimas, com minha cesta de pétalas e uma marca de mão lívida na minha bochecha.

O dia terminou tristemente para ela também. Ela bebeu muito vinho na recepção. Quando chegou a hora de cortar o bolo, ela esmagou um punhado na cara de Randall. Ela riu descontroladamente, a cabeça jogada para trás, balançando um pouco em seus saltos altos. Randall não podia dizer ou fazer nada na frente de todas aquelas pessoas, mas até eu podia dizer que ele estava tremendo de raiva.

Essa foi a primeira noite que passamos na casa de tijolos vermelhos. Do corredor na minha nova cama, eu podia ouvir os sons familiares da minha mãe fodendo. Eu estava acostumada com seus gritos teatrais de prazer e até com o bater da cama contra a parede. Naquela noite houve outros sons: tapas e gritos.

De manhã, o lado esquerdo do rosto dela estava mais inchado que o meu. Ela se sentou à mesa da cozinha, bebendo seu café e encarando Randall, que ordenou que ela fizesse alguns ovos para ele, então calmamente se sentou para ler o jornal.

Ela se levantou e fez os ovos, mexidos em uma frigideira. Então ela caminhou até Randall e os jogou no colo dele. Ele bateu nela de novo, com tanta força que ela bateu na parede e caiu atrás da mesa, soluçando lamentavelmente.

Randall podia ser mais velho, mas era alto e forte, com as palmas das mãos mais duras que ferro.

Eu me joguei em cima dela, chorando e implorando para Randall parar.

Essa foi uma das últimas vezes que tive pena da minha mãe. Ela desgastou o meu pouco depois do Randall.

Ver como ela o tratava com desprezo aberto, irritando-o deliberadamente, e então como ela rastejava de volta para ele

sempre que precisava de algo, sentando-se em seu colo e falando com voz de bebê, alimentando-o com goles de sua bebida, destruiu meus últimos pedaços de respeito por ela.

Randall a odeia, mas também é obcecado por ela. Ele diz que vai matá-la antes de ela deixá-lo.

Eu não sei se é pior quando eles estão brigando ou quando eles se juntam a mim.

Ambos estão em casa o tempo todo. Randall se aposentou antes de conhecer minha mãe, e ela nunca manteve um emprego a menos que fosse absolutamente necessário. Seus únicos alunos de piano eram aqueles que aturavam nossa sucessão de apartamentos de merda e seus constantes cancelamentos de aulas.

Seu verdadeiro trabalho sempre foi sugar os homens. Randall durou mais tempo, porque ele foi o primeiro estúpido o suficiente para se casar com ela.

Nem meu pai se casou com ela. Quem quer que ele seja.

Quando não posso mais ficar do lado de fora, coloco minha chave na fechadura e abro a porta o mais silenciosamente possível.

Eu odeio o cheiro da casa de Randall. Cheira a terra de seu quintal - no qual ele está sempre trabalhando sem nunca conseguir deixá-lo realmente bonito - e da marca de vinho barato em caixa que minha mãe gosta de beber, e loção pós-barba com aroma de pinho de Randall.

A única parte da casa que eu gosto é do meu próprio quarto. Meu objetivo é chegar lá o mais rápido possível sem ser visto.

Eu rastejo pelo corredor, forçada a cruzar a porta aberta que leva à sala de estar. Eu posso ver a parte de trás da cabeça de Randall enquanto ele se senta em sua poltrona favorita. Odeio a forma em bloco de seu crânio, o cabelo grisalho e ondulado e a dobra de gordura entre a linha do cabelo e a camisa xadrez.

Estou na ponta dos pés por aquela abertura quando Randall diz: — Entre aqui.

Meu estômago afunda até meus mocassins.

Eu rastejo para a sala de estar, minhas mãos já úmidas.

Ele espera que eu fique na frente de sua poltrona. Dou uma rápida olhada em seu rosto, tentando avaliar o quão ruim está seu humor hoje.

Três garrafas de cerveja vazias estão na mesa lateral ao lado dele. Três não é tão ruim.

No entanto, o rubor em seu rosto me faz pensar que aqueles não são os três primeiros do dia.

— Você está atrasada, — ele resmunga.

A voz de Randall soa ainda mais velha do que ele. Parece um saco de pedras rolando na traseira de um caminhão.

— Eu não tive detenção, — eu digo rapidamente. — Eu estava voltando para casa com algumas garotas. Mandy Patterson e alguns outros.

Espero que isso o acalme. O pai de Mandy é um corretor de imóveis tão bem-sucedido que seu belo sorriso está estampado em todos os outdoors e bancos de ônibus em nossa cidade.

— Eu não dou a mínima se você está voltando para casa com o papa. Você chega aqui na hora, — Randall rosna.

Não há nenhuma razão real para eu estar em casa às 15h50. Além das terças e quintas na casa da Sra. Belchick, não tenho compromissos. Mas Randall decretou, e isso significa que eu tenho que obedecer ou sofrer as consequências.

É claro que não vou levantar esse ponto racional e razoável. Isso seria suicídio.

Em vez disso, engulo meu sentimento de injustiça, dizendo humildemente: — Sinto muito. Não vai acontecer de novo.

Vai *acontecer* de novo, porque sempre acontece alguma coisa para me atrasar. O universo quer Randall com raiva de mim tanto quanto Randall quer ele mesmo.

Espero que este seja o fim. Posso subir e me esconder no meu quarto até a hora de arrumar a mesa para o jantar.

Em vez disso, Randall diz: — Troque suas roupas e venha aqui para fazer sua lição de casa.

Merda.

Não me incomodo em perguntar a ele se posso fazer isso no meu quarto. Eu simplesmente coloco minha mochila na beirada da lareira, antes de me arrastar escada acima para trocar meu uniforme.

Mudar de roupa é uma exigência da minha mãe. Ela diz que é para eu não usar meus uniformes tão rápido, mas eu suspeito que é porque ela percebeu o quanto Randall prefere as saias xadrez.

Na verdade, estou começando a suspeitar que essa é a razão pela qual ele insistiu que eu mudasse de escola.

Em resposta, minha mãe tem me forçado a usar roupas cada vez mais modestas. Primeiro, não havia tops, depois nada de shorts. Na semana passada, ela gritou comigo por causa de uma camiseta de gola alta. Estarei usando gola alta em julho quando ela estiver satisfeita.

Eu detesto a forma como todos se fixam em minhas roupas – os professores da escola, meus colegas, Randall e minha mãe. Quanto mais alta eu fico e quanto mais meus seios aparecem, pior fica.

Eu não entendo. Não é como se eu tivesse peito enorme como Ella Fitz, que começou a cultivá-los antes mesmo de sairmos da escola primária. Ainda assim, cada sinal de puberdade parece inflamar minha mãe. Ela ficou furiosa quando menstruei no ano passado e se recusou a me comprar absorventes internos, apesar de termos aula de natação como parte da educação física, e mesmo que todas as outras garotas os usassem. Mandy Patterson ficou encantada em contar a toda a classe o momento em que viu um absorvente na minha bolsa.

Coloco meu moletom mais largo e jeans, para que minha mãe não tenha um ataque quando ela voltar de onde quer que tenha ido.

Quando volto para a sala, Randall aumentou o volume da televisão. Ou ele abaixa para poder me pegar esgueirando pela porta, ou põe no máximo para me irritar.

Levo minha mochila para a mesa da sala de jantar, que está em seu campo de visão. Eu odeio como ele me observa.

Inclino minha cadeira para longe dele, espalhando meus livros e anotações. A Windsor Academy nos faz fazer muito mais lição de casa do que estou acostumada. As outras crianças estão lá desde o jardim de infância. Eu tenho lutado tanto que minha mãe me arrastou ao médico para uma medicação estúpida que deveria me ajudar a me concentrar.

Isso não ajuda. Na verdade, isso me deixa nervosa e minhas mãos tremem. Pior, amplifica os problemas que já tive com luzes muito brilhantes e ruídos muito altos. Mesmo os sons normais dos outros alunos – chiclete ou um lápis batendo na mesa – soam como pipoca explodindo dentro dos meus ouvidos. Isso me faz sacudir e me contorcer. Marcus Green me chama de “Spaz”⁴, e algumas das outras crianças também estão pegando.

O jogo de beisebol estridente de Randall está me deixando louco. Cada estalo da bola, cada rugido abrupto da multidão, deixa meus dentes no limite. Mesmo que eu não deva usar fones de ouvido perto dele, eu tiro um dos botões do meu bolso e coloco na minha orelha direita, debaixo do meu cabelo.

Isso ajuda um pouco.

Eu trabalho fora em minha tarefa de química. Devemos desenhar um diagrama de fotossíntese, algo que estou gostando. Passo muito mais tempo do que o necessário esboçando os detalhes da célula vegetal, preenchendo o sol, as folhas e o cloroplasto com lápis de cor.

Randall se levanta da poltrona reclinável para pegar outra cerveja na geladeira. Ele volta com duas.

— Onde está a mãe? — Eu pergunto a ele nervosamente.

⁴ Anormal.

— Com Leslie, — ele resmunga, afundando de volta na cadeira.

Isso não é bom. Randall detesta Leslie. Toda vez que minha mãe vai à casa de Leslie, ela volta bêbada, fazendo piadas atrevidas. Da última vez, ela bateu com o carro no canto da nossa garagem.

Leslie é a amiga mais antiga da minha mãe. Elas costumavam trabalhar juntas no *The French Maid*. Minha mãe disse a Randall que ela era uma garçonete de coquetéis, mas pelas fotos nos antigos álbuns do Facebook de Leslie, tenho certeza de que ambas eram strippers. Isso foi antes de eu nascer.

Quanto mais minha mãe ficar na casa de Leslie, mais irritado Randall ficará. Enquanto estou presa aqui com ele.

Assim que passo para a lição de matemática, o beisebol fica ainda mais difícil de ignorar. Sabendo que é um risco, coloco meu outro fone de ouvido, aumentando minha música para abafar o jogo.

Estou apenas começando a entender as propriedades do paralelismo quando meus fones de ouvido são arrancados dos meus ouvidos.

Eu salto da minha cadeira, quase tropeçando em meus pés tentando me afastar de Randall. Ele está segurando meus fones de ouvido pelo fio, seus olhos tão injetados e seu rosto tão congestionado que eu percebo em um instante que ele estava ficando bêbado enquanto eu trabalhava aqui, surda e alheia.

— Estou tentando falar com você, — ele rosna.

— Sinto muito, — eu suspiro, segurando minhas mãos na minha frente, impotente, desesperadamente.

Os punhos de Randall se movem ao seu lado. Não faço ideia de como ele está bêbado, ou de como está zangado. Ele não bebe tanto quanto minha mãe, mas quando bebe, pode ficar tão ruim quanto.

Felizmente, ele ainda não está balançando em seus pés.

— Você conhece as regras, — ele rosna.

Ele pega meu iPod e o tranca no armário da sala.

Eu quero chorar.

Quem sabe quanto tempo ele vai mantê-lo lá. Não terei música, nenhuma, até que ele se digna a devolvê-la a mim.

Não me incomodo em implorar — já sei que isso não funciona.

E agora Randall está fora de sua cadeira. Agora ele está focado em mim.

— Sua mãe obviamente não vem para casa para o jantar, — ele resmunga. — Você vai ter que fazer isso.

Eu não sei cozinhar. Ninguém cozinha com regularidade nesta casa. Às vezes minha mãe faz isso, de má vontade. Com mais frequência, Randall faz pedidos ou pegamos as sobras da geladeira.

Depois de vasculhar freneticamente os armários e a geladeira, decido o espaguete.

Antes mesmo de eu encher a panela com água, Randall já está latindo críticas para mim da porta da cozinha.

— Isso não é água suficiente.

— Por que ainda não está fervendo?

— Sem sal? Perfeito, supondo que você queira seu espaguete suave como gesso.

— Não quebre o macarrão, você é estúpida?

Ele não me diz o que eu *deveria* estar fazendo. Como vou fazer o macarrão caber na panela quando eles são muito longos e aparentemente não podem ser quebrados? Desesperadamente, eu os cutuco com uma colher, tentando fazê-los afundar na água borbulhante.

O macarrão dobra e consigo fechar a tampa da panela. Momentos depois, ele ferve, molhando o fogão em água espumosa do macarrão.

— Sua idiota do caralho! — Randall ruge.

Ele puxa a tampa da panela, abaixando o fogo.

Eu quero gritar para ele fazer isso sozinho se ele é um gênio culinário. Porque eu quero manter minha cabeça em meus ombros, mordo meu lábio até sangrar, escondendo meu rosto na geladeira enquanto procuro o shaker de queijo parmesão.

Randall caiu em um silêncio carrancudo, furiosamente arrancando a tampa do pote de molho e despejando-o na panela com tanta força que respingou nos azulejos da cozinha.

— Limpe isso, — ele ordena.

Eu tenho que ficar de quatro para enxugar o molho com uma toalha de papel úmida. Posso senti-lo me observando rastejar, limpando cada último respingo.

Eu tenho uma sensação horrível de que ele está com raiva o suficiente para derrubar aquela panela de macarrão fervente nas minhas costas. O mais rápido que posso, termino a limpeza e jogo fora as toalhas de papel.

Coloco a mesa para três, esperando, rezando, que minha mãe esteja a caminho de casa.

Minha garganta está muito apertada para comer. Randall dá uma mordida e depois cospe o macarrão e empurra seu prato.

— Tem gosto de massinha de modelar, — ele rosna. — Quanto sal você colocou aí?

— Eu não sei, — eu soluço miseravelmente.

Ele me olha carrancudo, seus olhos pálidos e pequenos quase desaparecendo sob a pesada ruga de sua testa.

— Você é tão inútil quanto sua mãe. A única coisa na terra que ela é boa é chupar pau. Você sabia disso, Mara? Você sabia que sua mãe é uma chupadora de classe mundial?

Não há resposta para isso que não o enfureça. Tudo o que posso fazer é olhar para o meu prato, as tripas se revirando, as mãos tremendo no colo.

— Como você acha que uma mulher fica boa nisso? — ele exige.

Quando permaneço em silêncio, ele bate os punhos contra o tampo da mesa, me fazendo pular.

— RESPONDA-ME!

— Eu não sei, — eu digo baixinho.

— Prática, Mara. Tanta prática. Eu deveria ter percebido a primeira vez que ela colocou meu pau em sua boca, olhando para mim, sorrindo como um profissional. Eu deveria saber então que ela não era nada além de uma prostituta.

O pensamento do pênis velho e enrugado de Randall me leva à beira do vômito. Eu tenho que engolir a bile, meus olhos fixos firmemente no meu prato. Esta é a única forma de resistência agora – ficar quieta. Ignorá-lo. Não lhe dando nada que justifique o que ele realmente quer fazer.

Ele também sabe disso.

Agora estamos na parte da noite em que ele fará o que for preciso para me quebrar.

Ele se levanta, espreitando até mim, pairando sobre mim. Invadindo meu espaço, respirando no topo da minha cabeça.

— Esse é o seu plano? — ele resmunga, cada respiração saindo em um sopro quente que agita meu cabelo, que faz meu estômago revirar. Ele está pesado e sua respiração está ainda mais pesada. Posso ouvi-lo por toda a casa, em qualquer lugar que ele vá. — Eu vi suas notas. Você não vai ser uma médica, ou uma advogada. Duvido que você consiga fazer as malas direito.

Ele está inclinado sobre mim agora. Tentando me forçar a me mover ou fazer um som. Tentando me fazer rachar.

— Não, há apenas uma carreira para você. — Sua risada é cruel, enviando saliva para minha bochecha enquanto ele se inclina ainda mais perto. — Você chupará pau, de manhã, à tarde e à noite. Assim como sua mãe.

Ele coloca o dedo na boca e o molha com um estalo alto. Então ele enfia no meu ouvido.

Isso é o que me faz estalar.

Pulo da minha cadeira, já gritando para ele, — NÃO ME TOQUE, PORRA! TE ODEIO! EU ODEIO VOCÊEEEEEEEEEE!

Meu grito é interrompido pela mão de Randall batendo na minha orelha em um tapa que me manda voando contra a parede, assim como ele fez com minha mãe no café da manhã do casamento.

Ele me bate com tanta força que eu desmaio. Quando me sento, balançando a cabeça, tudo o que ouço é um trovão abafado com um gemido alto em cima.

Devo ter saído um minuto porque Randall está me olhando com um vago alarme, como se estivesse se perguntando o quanto fundo ele terá que enterrar meu corpo em seu jardim.

— Pare de enrolar, — ele resmunga, enquanto agarro a borda da mesa e tento ficar de pé.

Minha cabeça lateja. Há uma dor aguda no lado esquerdo do meu pescoço. A umidade também. Eu toco minha orelha. Meus dedos saem brilhantes de sangue.

Oh, meu Deus. Se ele me deixou surda, eu vou matá-lo.

Não, eu vou me matar. Não vivo sem música. É tudo o que tenho.

Nesse momento, ouço a chave da minha mãe arranhando a fechadura. Coçando e arranhando por tanto tempo que Randall e

eu sabemos o quão bêbada ela vai estar antes que ela tropece pela porta.

Minha mãe não é mais tão bonita quanto antes. Ela costumava se gabar de como segurava bem a bebida, de como podia festejar a noite toda e acordar tão cedo quanto quisesse pela manhã, quase sem dor de cabeça.

O tempo finalmente a alcança. Um tubo de gordura corre ao redor de sua cintura outrora fina, esticando o vestido justo. Círculos escuros sombreiam seus olhos. Seu cabelo não é mais longo e brilhante, mas desgrenhado pelas constantes mudanças de cor e comprimento.

Ela nos encara com olhos turvos, a alça de seu vestido escorregando por um ombro.

— Vocês comeram sem mim? — ela diz, sua voz mole e solta.

Ou ela não percebe o sangue na minha mão, ou está escolhendo ignorá-lo.

Os olhos de porquinho de Randall voam entre mim e ela, como se estivesse tentando decidir se transfere sua raiva para um novo assunto.

Minha mãe deve intuir a mesma coisa – ela se aproxima dele, colocando a mão em seu bíceps, olhando para seu rosto e piscando seus longos cílios postiços.

— Devemos subir? — ela insulta.

Eu vejo a luta no rosto de Randall – a oferta de sexo lutando com sua raiva não drenada.

— Em um minuto, — diz ele. Então, virando-se para mim, — Pegue meu cinto.

Isso é tão ultrajante que fico boquiaberta para ele. Ele já pegou meu iPod e me jogou na parede. Não há nenhuma maneira que eu mereça uma surra em cima disso.

Através dos lábios rígidos, eu digo: — Você não pode mais fazer isso. O professor de ginástica disse.

— *O professor de ginástica disse*, — Randall me imita com uma voz de bebê. Ele aponta um dedo como uma salsicha na minha cara. — FODA-SE seus professores.

Minha mãe faz um pequeno som por trás dos lábios fechados.

Esta não seria sua primeira visita do CPS. Ou até mesmo sua quinta. Eles foram chamados aos nossos vários apartamentos muitas vezes ao longo dos anos. O resultado final foi um par de semanas onde eu tinha o almoço embalado para a escola e roupas um pouco mais limpas. Apenas uma vez ela foi submetida a testes de drogas – isso a deixou mais irritada do que qualquer coisa. Nós nos mudamos de novo, e nossa assistente social atormentada nunca reapareceu.

— Nós não queremos problemas, — ela murmura para Randall.

É tão raro minha mãe me defender que, por um momento, sinto uma leve onda de calor, o último vestígio de uma afeição que uma vez dominou toda a minha vida. Ela era tudo para mim, minha única família e minha única amiga.

Então ela diz: — Puna de outra forma.

E eu lembro que eu a odeio *pra* caralho.

Ambos ficam parados, pensando.

Randall diz a ela: — Vá buscar o ursinho de pelúcia.

O efeito em mim é elétrico. Não tenho mais resistência, não tenho dignidade.

— NÃO! — Eu uivo. — Não, eu vou pegar o cinto! Não toque nele! NÃO TOQUE NELE, PORRA! Por favor! POR FAVOR!

Buttons é a única coisa que tenho do meu pai. Eu o mantive comigo em cada movimento, em todos os lugares que fomos. Eu nunca o perdi e sempre o mantive seguro.

Ele está sem um olho de vidro, e eu costurei seus rasgos com linha incompatível. Mas sua textura quente e macia ainda é a coisa mais reconfortante do mundo quando eu o pressiono contra minha bochecha.

Randall prende meus braços atrás de mim enquanto eu me debato e grito. Já posso ouvir os passos trôpegos de minha mãe subindo a escada. Eu a ouço batendo no meu quarto, e o baque dela derrubando alguma coisa.

Estou rezando para que ela não consiga encontrá-lo. Se eu conseguir subir as escadas antes de Randall, vou escondê-lo em algum lugar. E eu não vou dizer a eles onde, não importa o que eles façam comigo.

Ela desce alguns minutos depois. Quando vejo o velho urso em seus braços, solto um grito que rasga minha garganta.

Randall me segura firme, dizendo para minha mãe: — Coloque ele na grade.

Ela abre a lareira enquanto eu grito e imploro. Não sei o que estou dizendo, só que nunca fui mais patética, mais chorona, mais fraca. E nunca os odiei como eu faço neste momento. É uma raiva incandescente, queimando-me viva por dentro.

Minha mãe encharca meu ursinho de pelúcia com fluido de isqueiro. Ela parece estranhamente sóbria enquanto faz isso, sua embriaguez evaporou, seus olhos fixos no urso.

Ainda estou esperando em alguma parte desesperada do meu cérebro que tudo isso seja teatro. O castigo está me assustando, me fazendo chorar.

Mas eu sei melhor do que isso.

Ela acende o fósforo, a chama se acendendo com o cheiro amargo de enxofre. Só então ela hesita, só por um momento. Provavelmente por causa do quão alto estou gritando, como se estivesse sendo torturada, como se fosse morrer.

— NÃOOOOOO! POR FAVOR POR FAVOR NÃOOOOOO!

— Faça isso, — diz Randall.

Ela deixa cair o fósforo.

Buttons inflama.

Eu o vejo queimar e queimo também, uivando com uma dor que parece física, como se eu realmente estivesse pegando fogo bem ao lado dele.

Sua pele chamusca, seu algodão inflama. Seu olho de vidro racha.

Eu nunca conheci agonia como esta. Nunca soube o quanto eu o amava até este momento.

Randall segura meus braços, sabendo que eu ainda me afastaria dele e arrancaria Buttons do fogo com minhas próprias mãos.

Ele me segura no lugar até que o urso não seja nada além de uma ruína fumegante e derretida.

Então Randall diz: — Você está velha demais para bichos de pelúcia.

Todo o amor que eu tinha dentro de mim se transformou em ódio. Eu colocaria fogo nesta casa inteira se pudesse. Eu os queimaria em suas camas como queimaram meu urso.

Eu me volto para minha mãe.

Ela está fingindo estar bêbada de novo, os olhos semicerrados enquanto balança no lugar. Recusando-se a olhar para mim.

Randall me deixa voltar para o meu quarto.

Eu desabo na cama. Chorando tanto que passo mal, que vomitaria em toda esta cama se tivesse comido um pouco daquele espaguete.

Depois de vinte minutos, mais ou menos, eu os ouço fazendo sexo. Minha mãe parece um chihuahua animado e Randall grunhe como um búfalo.

Eu seguro meu travesseiro sobre minha cabeça, ainda soluçando.

Horas depois, muito depois do anoitecer, minha mãe me traz um copo de leite.

Estou tremendo tanto que a estrutura da cama está chacoalhando.

— Eu preciso de mais remédio, — eu resmungo.

Eu odeio isso, mas quando não tenho, as retiradas são ainda piores.

— Acabou, — diz ela.

Ela mantém o frasco em seu quarto. Nós duas sabemos que havia trinta comprimidos nele quando reabastecemos a receita no início desta semana. Ela pode tê-los vendido para Leslie, mas é mais provável que ela mesma os tenha tomado. Ela acha que eles a ajudam a perder peso. Randall tem beliscado sua barriga, dizendo que ela está engordando.

— Chame o médico, — eu imploro. — Mal posso esperar duas semanas.

— Eu já liguei, — diz ela, a ponta de frustração em sua voz a denunciando. — Eles não vão reabastecer cedo.

Viro o rosto para a parede, ainda tremendo e tremendo.

Posso senti-la sentada atrás de mim, taciturna e quieta. Minha mãe sabe o que Buttons significava para mim. Mas, ao mesmo tempo, ela nunca pode ter culpa. Portanto, é impossível que queimá-lo tenha sido errado.

— Randall estava muito bravo, — ela diz finalmente.

Essa é a versão dela de um pedido de desculpas. Transferir a culpa diretamente para os ombros de outra pessoa.

— Você poderia tê-lo escondido, — eu assobio.

Isso não é permitido. Ninguém pode ser vítima, exceto ela.

— Você sabe o que ele teria feito comigo! — ela estala. — Mas você não se importa com isso, não é? Você não se importa com ninguém além de você mesma. Você é egoísta. Tão fodidamente egoísta. Você é a única que o deixou com raiva! Você acha que eu gosto de voltar para casa para isso?

Ela continua nessa linha por algum tempo. Fico de frente para a parede, ignorando-a.

Ela odeia ser ignorada. Quando não consegue obter uma resposta minha de outra forma, ela fica em silêncio para se reagrupar.

Então, com a voz baixa, suave e inteiramente sóbria, ela diz: — Era apenas um urso velho.

Agora eu me viro e a encaro. Ela está vestindo uma camisola de *Sailor Moon* que pertence a mim. Suas pernas nuas estão dobradas sob ela, abaixo da bainha curta. Na penumbra, ela parece jovem novamente. Como minhas primeiras lembranças dela: mais bonita do que a princesa mais bonita de um conto de fadas.

Sua beleza não tem mais efeito sobre mim.

— Isso era tudo que eu tinha do meu pai, — eu a acuso.

Seu bufo me sacode.

— Aquele urso não era do seu pai.

Eu a encaro, entorpecida demais para entender.

Ela balança a cabeça lentamente, a borda de sua boca se curvando. — É verdade. Eu te disse isso para você calar a boca sobre ele. Ele não deixou nenhum urso para você – por que deixaria? Ele não deu a mínima para você.

Eu me viro para a parede, esperando que ela vá embora.

Tarde da noite, quando sei que ambos estão dormindo, saio da cama e resgato as ruínas de Buttons da lareira. Quero enterrá-lo, mas não no jardim de Randall. Em vez disso, ando os seis quarteirões até Percy Park e cavo um buraco sob as roseiras com as mãos.

Então me arrasto de volta para casa, sentindo um nível de miséria tão pesado que eu poderia estar no fundo do oceano com quatro toneladas de água fria e preta em cada centímetro da minha pele.

Eu não sei o que me machuca mais – a destruição do meu urso, ou a perda de uma pequena conexão que eu tinha com meu outro pai.

Eu costumava imaginar que meu pai poderia estar pensando em mim. Procurando por mim, mesmo. Eu esperava que ele me levasse para uma linda casa em algum outro estado. Talvez ele me deixasse ter um gatinho. Eu ia para a escola onde ninguém me conhecia, onde ninguém conhecia minha mãe.

Minha mãe não vai me dizer nada sobre ele. Ela aprecia o segredo que só ela sabe, que eu nunca posso descobrir a menos que ela me conte.

Já passou bastante tempo que eu já não acho que ele virá me encontrar.

Ainda assim, o urso significava algo. Ele me mostrava que meu pai me amou uma vez, mesmo que apenas por um momento.

Nem isso tenho mais.

Quando me deito na cama sem Buttons, estou mais solitária do que nunca.

Penso comigo mesmo, faltam 1.794 dias para meu aniversário de dezoito anos.

É quando poderei sair. Quando poderei correr muito, muito longe daqui.

Na escola, aprendemos que os peixes trazidos da pressão profunda do oceano explodirão quando chegarem a águas mais leves. Eles só suportam o que estão acostumados.

Estou indo de qualquer maneira. Se eu nado ou estouro.

Supondo que eu possa sobreviver mais 1794 dias.

6

COLE

Na manhã seguinte, acordo muito mais cedo do que de costume, muito antes do sol nascer.

Mara dorme pesadamente ao meu lado, exausta de contar apenas uma das inúmeras histórias feias de sua infância. Tenho certeza de que ela poderia me contar uma assim todos os dias durante um ano e nunca acabaria.

Estou cheio de uma raiva que me enoja, que faz meus músculos tremerem.

Eu nunca fiquei furioso por outra pessoa antes. Nunca senti essa necessidade de acertar a balança. Para vingar-se deles.

O fato de a mãe e o padrasto de Mara nunca terem sido punidos por seu abuso infantil desenfreado é uma injustiça que irrita como um prego cravado no meu lado.

A única vez que matei por outra pessoa foi quando apimentei a bebida de Michael Bridger, levei-o para casa e deixei seu carro ligado na garagem. Mesmo assim, eu estava dizendo a verdade a Mara: era principalmente para mim. Eu estava cansado de Sonia aparecendo para trabalhar com os olhos inchados e exausto, distraído por fluxos de chamadas e mensagens de texto de seu ex e seu advogado voraz.

Talvez uma porção infinitesimal de pena tenha influenciado minha decisão. Se sim, foi inconsciente.

Sou uma pessoa egoísta, sempre fui. Eu sempre estive sozinho. Ninguém ia cuidar dos meus interesses além de mim.

Mesmo agora, as coisas que faço para Mara são realmente para mim. Gosto do jeito que ela parece vestida com roupas lindas. Gosto de vê-la tomar sorvete. Gosto do jeito que ela derrete sob meu toque. Gosto que eu tenho o poder de promover a carreira dela. Parece justo e certo quando ela recebe a atenção que merece porque ela é talentosa *pra* caralho e sua arte é muito mais interessante do que a merda produzida por egoístas com mentalidade comercial como Shaw.

Tudo o que faço por ela a une mais perto de mim. Eu a quero dependente de mim, então ela nunca poderá ir embora. Ela não vai querer ir.

Mara se distrai com tudo que é bonito, tudo que é interessante.

Eu tenho que ser *mais* interessante, *mais* útil para manter a atenção dela.

Quando tenho seu foco, sua energia surge em mim. Ela me enche de vida.

Eu não posso perdê-la. Não posso voltar à dormência e ao tédio.

O que me coloca em um dilema.

Quero que os pais dela sejam punidos.

Mas Mara se opõe veementemente à vingança. Ela nem quer matar Shaw, o que nos trancou em um bizarro impasse de três vias.

Eu odeio como ela amarra minhas mãos. E, no entanto, conheço a teimosia de Mara. Seus limites não estão onde deveriam estar, mas existem. Se eu cruzar uma linha dura com ela, corro o risco de romper os laços frágeis entre nós. Ela fugirá e talvez eu nunca mais a capture.

Saio de debaixo das cobertas, tomando cuidado para não a sacudir. Mara solta um suspiro sonolento. Coloco os cobertores em volta dela para que fique aquecida e aconchegada.

Seu laptop está na mesa da sala de jantar. É um pedaço de merda Lenovo – mais uma coisa que eu deveria substituir para ela. Odeio quando Mara toca em qualquer coisa ruim ou barata.

Abro a tampa, deixando escapar um som irritado *de tsking* quando vejo que ela não tem proteção por senha. Levo apenas um momento para abrir o e-mail dela.

Ela me disse que sua mãe foi bloqueada em todas as plataformas de mídia social e não compartilha seu número de telefone há anos. Mas Tori Eldritch ainda envia e-mails para ela, as mensagens se acumulando em uma pasta que Mara nunca lê.

Eu sabia que as mensagens estavam aqui. O volume ainda me surpreende.

Existem centenas de e-mails. Milhares, mesmo. Os pontos azuis mostram que Mara não abriu nenhum.

Eu começo a lê-los.

Milhares de mensagens, mas cada uma basicamente igual: ameaças, insultos e, acima de tudo, viagens de culpa.

Como você pode? Eu sou sua mãe. Que tipo de filha abandona sua família? Depois de tudo que fiz por você. Você é ingrata. Você é egoísta. Você é tão dramática. Você acha que foi difícil? A culpa é sua. Quem você pensa que é? Você acha que é um artista? Não me faça rir. Tudo o que você faz é para chamar atenção. Você não tem talento, nem cérebro. Você é preguiçosa. Você é a razão de eu me divorciar. Você é a razão pela qual seu pai foi embora. Você foi um erro. Tudo de ruim que já aconteceu na minha vida é por sua causa. Eu deveria ter abortado você. Eu estava dirigindo para a clínica para fazer isso, você sabe disso? Deus, eu gostaria de poder voltar a esse dia. Eu estaria fazendo um favor ao mundo. Tenho tanta vergonha de você. Você deveria ter vergonha de si mesmo. A maneira como você se veste, a maneira como você se comporta. Você é uma puta, uma puta. Não é à toa que os homens usam você e jogam fora. Ninguém nunca vai te amar. Ninguém nunca vai querer você. Você é imatura. Inútil. Você não merece a felicidade e nunca a terá. Você é nojenta. Você me repele. É por isso que você nunca teve amigos. É por isso que todos te odeiam. Você se acha bonita? Com esse rosto e esse corpo? Você é um espantalho. Um maldito mutante. Você nunca vai ser bonita como eu. Você puxou ao seu pai e ele era horrível. Você é nojenta como ele. Eu nunca vou entender como você saiu de mim. Carreguei você por nove meses. Você destruiu minha figura, meus seios nunca mais foram os mesmos. Você era um bebê enorme, eles tiveram que arrancar você de mim. Você quase me matou. Você me deve. Você está me devendo.

E assim por diante, página após página. Às vezes divagando e com erros ortográficos (principalmente os e-mails enviados tarde da noite), às vezes parágrafos longos e eloquentes contando erros cometidos por Mara, às vezes ela se envergonhava. O recital de piano é mencionado várias vezes, como ela humilhou sua mãe na frente de todos, como ela fez isso de propósito.

A mesquinhez desta mulher pode alimentar uma ditadura. Ela é Lenin, Stalin e Mussolini, tudo em um. Nada é culpa dela. Mara é a arquiteta de todos os males do mundo.

Seu ódio por sua própria filha me deixa perplexo.

Suponho que parte disso seja ciúme. Como Branca de Neve e a Rainha Má, Mara cresceu em beleza e vitalidade enquanto Tori estava desaparecendo a cada dia.

E parte disso é pura raiva que Mara se recusou a ser esmagada, recusou-se a ser destruída. Mara era o inseto que Tori pisoteou repetidamente, apenas para se transformar em uma borboleta e voar para longe.

Estou tão distraído com os e-mails que não consigo ver o alerta de movimento no meu telefone. Mara se levanta e se veste, descendo as escadas enquanto eu ainda estou profundamente absorto na leitura.

— O que você está fazendo? — ela pergunta.

Eu olho para cima do laptop. Devo ter uma expressão horrível no rosto, porque Mara dá um passo para trás, arregalando os olhos.

É difícil para mim falar.

— Eu estava lendo os e-mails da sua mãe.

— Ah, — diz Mara.

Ela não está com raiva.

Cada um de nós tem sua própria marca de curiosidade implacável. Ela me conhece muito bem para esperar privacidade ou comportamento razoável.

— Eles são todos iguais, — diz Mara. — Ela não consegue parar de me insultar, mesmo quando está tentando me fazer visitar.

— Ela quer que você visite? — eu zombo.

— Quando ela descobriu onde eu morava, ela apareceu no meu apartamento. Eu não a deixei entrar e ela entrou no dia seguinte quando eu estava no trabalho. Passou por todas as minhas coisas. Leia meu diário.

— Você tem um diário?

Eu sou tão intrometido quanto a mãe dela. Pior, provavelmente.

Mara bufa. — Não mais. E me mudei na semana seguinte. Ela não suporta não saber onde estou. Não ter controle sobre mim. Não ter o poder de foder a minha vida. Ela costumava aparecer no meu trabalho, tentando me demitir... — ela para, rindo baixinho para si mesma. — Na verdade, vocês dois têm muito em comum. Você pode realmente se dar bem.

— Ah, foda-se. Em primeiro lugar, sou muito melhor em encontrar pessoas do que ela. Ela *gostaria* de ter minhas habilidades. E segundo, eu não estrago sua vida, eu conserto.

— Eu sei, — Mara diz, sua expressão séria. — Eu sou grata a você Cole, você sabe disso?

— É melhor você estar. Vou levar você para a festa de Betsy hoje à noite.

— Você vai mesmo? — ela chia. Então, sua excitação desaparecendo, — E Shaw?

— Ele provavelmente estará lá.

— O que isso significa? O que faremos?

— Nada no meio de uma galeria. E nem ele. É seguro.

— Mas eu não quero vê-lo. — Mara estremece.

— Não podemos evitá-lo nesta cidade. Além disso, quero que ele veja que você está morando comigo, se ele já não sabe. Quero que ele a veja sob minha proteção. Se falarmos com ele, vou fazê-lo acreditar que há uma trégua. Que eu o deixarei em paz enquanto ele ficar longe de você.

— Você poderia? — Mara pergunta, seus olhos cinza-nevoeiro fixos no meu rosto.

— Nunca.

Shaw é uma ameaça. De jeito nenhum eu vou relaxar o suficiente para ele colocar uma faca nas minhas costas, ou nas de Mara.

É então que percebo que Mara está vestindo suas roupas velhas — jeans e suas botas velhas favoritas.

— Onde você pensa que está indo? — Eu exijo.

— Doce Maple, — diz Mara.

— Que porra você é.

— Estou trabalhando esta manhã, e você não está me impedindo, — diz ela, maxilar cerrado. — Você pode vir se quiser, mas estou fazendo o turno completo do brunch.

— Que diabos você está falando? Você não precisa mais de um trabalho paralelo.

— Não estou fazendo isso pelo dinheiro. Devo isso a Artur.

— Ele pode encontrar outra garçonete, — eu digo com desdém.

Mara cruza os braços sobre o peito, recusando-se a recuar.

— No meu último ano do ensino médio, me inscrevi na Academia de Arte. Passei esse ano inteiro trabalhando no meu portfólio. Na semana em que eu deveria enviá-lo, minha mãe o jogou na banheira e o molhou em alvejante. Então ela limpou os \$ 1200 que eu tinha escondido dentro de um livro no meu quarto. Ela achava que eu não poderia ir embora se não tivesse dinheiro nem bolsa de estudos. Saí de qualquer maneira, no dia em que completei dezoito anos. Eu saltei em torno de alguns sofás, a meio caminho de um sem-teto. Quando apareci na Sweet Maple, eu tinha uma mochila de roupas e seis dólares em meu nome. Sem currículo. Fazia uma semana que não tomava banho. Meus tênis tinham buracos grandes o suficiente para meus dedos dos pés passarem. Arthur me contratou mesmo assim. Ele me deu duzentos dólares adiantados para que eu pudesse comprar sapatos melhores. Eu comprei essas botas. — Mara estica um pé, mostrando as botas que parecem ter passado por uma guerra. — Ele não me conhecia. Não sabia se eu pegaria o dinheiro e nunca apareceria para um turno. Ele me ajudou de qualquer maneira. Então eu nunca vou largar esse emprego, até que Arthur não precise mais de mim.

— Tudo bem, tudo bem, — eu digo, levantando minhas mãos.
— Eu vou levá-la até lá.

Corada com a vitória, Mara sorri para mim.

— Posso dirigir?

7

MARA

É bom estar de volta ao Sweet Maple. Este lugar tem sido minha âncora em alguns dos momentos mais caóticos da minha vida.

Assim como Artur. Ele pode ser o único homem que já fez algo gentil por mim sem tentar colocar a mão na minha bunda depois.

— Lá está ela, — diz Arthur, jogando meu avental diretamente no meu rosto. — Você sabe que está no jornal esta manhã?

— Eu estou?

Ele joga isso para mim também, já dobrado de volta na página certa.

É um artigo no *Chronicle*, na seção de artes. Apenas duas colunas na parte inferior de uma página, mas inclui uma grande fotografia colorida de *The Mercy of Men* e uma foto menor de mim, tirada do meu Instagram.

Isso é obra de Cole, tenho certeza.

Ele está constantemente trabalhando nos bastidores, me empurrando para o centro das atenções. Ele parece ter mais prazer em chamar a atenção para mim do que para si mesmo.

Eu tento chamar sua atenção, onde ele está sentado na mesa do canto mais distante, mas fiel à sua palavra, ele não está me distraíndo e está apenas discretamente pegando seu laptop como qualquer brunch normal. Supondo que essa pessoa por acaso parecesse uma supermodelo de folga em uma camisa de caxemira.

Arthur levanta uma sobrancelha grossa e grisalha para mim.

— Aquele não é seu outro chefe ali?

— Sim.

— Eu posso estar errado, mas... vocês não foram ao trabalho juntos? Bem cedo pela manhã?

Posso sentir meu rosto em chamas enquanto tento manter uma expressão digna.

— Sim está certo. Eu tenho ficado com ele.

— O que!? — Arthur chora com surpresa fingida. — Como isso aconteceu? Quando você nem estava tentando namorar com ele...

Eu retiro tudo de bom que eu disse antes. Arthur é o pior.

Eu faço uma careta para ele.

— Nós não estamos namorando. É complicado.

— Sempre é, — Arthur acena sabiamente.

Eu me jogo no negócio de servir mesas para evitar mais interrogatórios.

Arthur não será reprimido tão facilmente. Ele está em um humor chocantemente animado, chicoteado em algo que se

aproxima da felicidade real com a perspectiva de me provocar durante todo o turno.

Isso é catnip para Cole.

Ele imediatamente empurra seu laptop para o lado para que ele possa se aliar com Arthur contra mim.

Na verdade, estou muito ocupada, pois Sweet Maple não deixou de ser delicioso. As mesas da calçada estão cheias de pessoas clamando por bacon.

Enquanto isso, Arthur abandonou completamente seus deveres e está sentado com Cole, rindo e conversando como velhos amigos. Mil por cento com certeza discutindo cada detalhe íntimo da minha vida que estou sinceramente arrependido de compartilhar com qualquer um deles.

Enquanto carrego uma carga extenuante de mimosas passando por eles, ouço Cole dizer: — Estou organizando um show para Mara em dezembro. Você deveria vir, vou colocar seu nome na lista...

A ideia de Arthur vir ver minha nova série é demais para suportar.

Quanto mais íntimo e pessoal meu trabalho, mais me assusta que outras pessoas o vejam. Principalmente as pessoas que me conhecem. Por mais paradoxal que pareça, prefiro que estranhos o vejam, porque eles não saberão o quão profundamente autorreferencial meu trabalho se tornou. Eles não vão reconhecer como eu me abri, com coragem e tudo, deitando-me nua sobre a tela.

Sabe bem voltar a trabalhar por dinheiro, numa troca direta, onde uma bandeja de comida realizada equivale a uma gorjeta de cinco dólares. Estou bufando e suando, mas de uma maneira agradável. O caminho do trabalho bom e honesto.

Cole nunca teve que trabalhar por dinheiro em um trabalho braçal. É por isso que o dinheiro é apenas um conceito abstrato para ele. Ele conhece seu poder, é claro, e o empunha como uma arma. Mas ele não tem nenhum apego a isso. É fácil para ele, e ele sempre pode obter mais.

Não sei se o jeito dele é melhor que o meu.

Em tantas coisas, não há melhor ou pior. Apenas diferenças.

Cole nunca sentirá a emoção selvagem de abrir uma carteira e ver uma gorjeta de vinte dólares em uma nota de cinquenta dólares.

Uma coisa eu sei com certeza sobre mim mesmo: aonde quer que eu vá na vida, por mais rico que eu fique, sempre vou dar uma gorjeta grande. Eu sei o que isso significa para o servidor. Como isso pode mudar o dia inteiro, ou mesmo a semana. Como dá esperança muito além de qualquer quantia em dólar.

Outra coisa útil sobre ser garçoneiro: você está muito ocupado para se preocupar com qualquer outra coisa por muito tempo. Não posso me estressar com o que Cole pode estar dizendo a Arthur, ou vice-versa, quando tenho dez mesas gritando pedidos.

O turno de seis horas voa em um momento.

Logo as mesas estão esvaziando mais uma vez, e Cole comeu a refeição que eu pedi para ele, e Arthur bebeu muitas xícaras de

café. Ele me interrompe quando começo meus deveres de encerramento.

— Você não precisa se preocupar com isso.

Continuo enrolando talheres limpos em guardanapos, dizendo: — De que porra você está falando? Você costumava mastigar uma tira de mim se eu não enrolasse até o último garfo neste lugar.

Arthur bate um dedo pesado no artigo de jornal, ainda descansando na mesa ao meu lado.

— Tenho certeza de que você tem coisas melhores para fazer com seu tempo.

Meu estômago se contorce. Eu não quero ouvir o que ele está tentando dizer. Continuo enrolando talheres, obstinadamente me recusando a olhar para ele ou para o artigo do jornal.

Arthur descansa a mão no meu ombro em vez disso.

Eu não sei se ele já me tocou antes. Sua mão é pesada, calejada e quente. Está no meu ombro como uma bênção.

— Estou orgulhoso de você, Mara, — diz ele.

Eu olho para seu rosto enrugado, para seus olhos castanhos desbotados por trás de suas lentes grossas e borradas.

Eu quero dizer algo de volta para ele, mas minha garganta está muito apertada.

Arthur murmura: — Você está realmente fazendo isso, Mara. E veja, quer você queira namorar esse cara ou não, aceite a ajuda

dele. Pegue o máximo que puder. Não seja orgulhosa — seja bem-sucedida. Você merece isso.

Eu coloco minha mão sobre a dele no meu ombro, segurando-a no lugar para que ele não possa soltar.

Meus olhos queimam, seu rosto enrugado nadando diante da minha visão.

— Por que eu sinto que você está me demitindo?

— Você sempre terá uma casa aqui, — diz ele. — Mas eu não quero te segurar. Nem mesmo para um sábado de manhã. Você não precisa mais deste lugar.

Trabalho na Sweet Maple há seis anos. Outros empregos eu desisti ou perdi, mas este sempre estive aqui. Arthur sempre estive aqui.

— Volte para tomar café da manhã com todo mundo que é rico e famoso e não precisa carregar uma bandeja.

— As melhores pessoas carregam bandejas, — eu digo ferozmente. — Você carrega uma bandeja.

— Eu vou se você vier comer, — diz ele, apertando meu ombro mais uma vez antes de me soltar.

Saio rapidamente para que Arthur não me veja chorar. Lágrimas escorrem pelo meu rosto, quentes e fluidas, como se elas não tivessem fim.

Cole me persegue, ainda enfiando o laptop de volta na bolsa.

— Mara! — ele chora. — O que há de errado?

Eu me viro para ele, furiosa.

— O que você disse a ele? *O que você disse para Artur?*

Cole me agarra pelos ombros, me forçando a parar. Eu estava fugindo dele pela rua arborizada, e ainda estou dividida entre o impulso de gritar com ele ou fugir.

Minha vida está se precipitando por esse novo caminho, e não sei se quero. Parece um sonho, mas está misturado com um pesadelo.

Cole está olhando para mim com seu lindo rosto em uma expressão de preocupação, mas eu sei o que ele é, eu sei o que ele fez. Eu sou louca por pensar que ele se importa comigo?

Artur faz. Mas agora Arthur está me afastando porque não há lugar para minha nova vida na minha antiga. Não posso ser a Mara que sempre fui, pobre e desesperada, e essa nova Mara, cheia de dinheiro e sucesso.

Cole me força a olhar para ele. Para aqueles olhos escuros que sempre foram a verdadeira janela dentro dele.

— Por que você odeia quando eu falo com Arthur? Por que você está preocupado com o que eu vou dizer a ele? Ou ele para mim?

Meu rosto se contorce. Eu a cubro com as mãos, envergonhada.

— Eu não sei, — eu soluço. — Não estou acostumado com pessoas dizendo coisas boas sobre mim.

Cole envolve seus braços em volta de mim, me puxando para perto de seu peito. Ele é quente e forte, seu coração é um metrônomo que nunca falha.

Ele inclina meu queixo para cima para que eu olhe para ele. Então eu saberei que ele está dizendo a verdade.

— Mara, eu nunca vou te rebaixar para outras pessoas. Eu nunca vou degradar você aos olhos deles. Eu quero construir você, você entende isso?

Eu nunca soube até este momento que eu acreditava que todas as conversas sobre mim tinham que ser negativas. Tinha que ser uma exposição de todos os meus erros, todas as minhas falhas. Sobre o que mais eles poderiam falar?

— Eu pensei que você disse a ele para me demitir, — eu admito.

— Porque eu faria isso? Fizemos um acordo. Você pode trabalhar aqui o quanto quiser, se não se importar que eu acampe no canto. Admito que não é apenas para te proteger. Eu tenho que estar perto de você. Estou viciado em você. Você me abastece, você me ilumina por dentro. Só de saber que você está na casa me anima. Não posso voltar ao que era antes. Tenho medo disso.

Eu nunca ouvi Cole falar dessa maneira antes. Eu nunca vi seu rosto tão nu, tão exposto. Não vazio e sem emoção – cru e confuso. Olho em seus olhos e vejo que ele está me dizendo a verdade: tem medo de me perder.

Ninguém nunca teve medo de me perder.

Ninguém me queria em primeiro lugar.

Eu viro meu rosto de volta para o peito de Cole, deixando seus braços me envolverem. Deixando-o me abraçar forte.

— Eu também não quero voltar, — eu digo.



Naquela noite, Cole me leva à festa de Betsy em sua galeria na Jackson Street.

Eu me contorço nervosamente no banco do passageiro do carro. Estou preocupado que vamos ver Shaw esta noite.

— Talvez ele não venha, — Cole diz. — Aquele policial ainda está bisbilhotando. Ele veio ao estúdio esta manhã, eu te disse isso?

Eu balanço minha cabeça.

— Janice não o deixou subir, mas ele fez tanto incômodo que Sonia teve que vir falar com ele. Ele está insistindo em se encontrar comigo ainda esta semana.

— Encontro com *você*? — Eu franzir a testa. — Pelo que?

— Ele fingiu que estava tudo certo. Mas tenho certeza de que ele está conduzindo sua própria investigação, separada do que o SFPD pensa que está fazendo.

Eu sei que Cole tem mantido o controle sobre tudo através de um conhecido casual no departamento de vice.

Lembro-me do oficial Hawks. Lembro-me de seus sapatos perfeitamente engraxados, seu corte de cabelo perfeito e seus óculos de armação preta. Este é um homem que marca caixas. Mas também um homem que percebe pequenos detalhes e não deixa um trabalho pela metade.

— Ele é perceptivo, — digo a Cole. — Não como aquele primeiro idiota que me entrevistou. Não o subestime.

— Eu não subestimo ninguém, — diz Cole. — Eu não sou tão arrogante quanto você pensa.

— Mas você não acha que Shaw estará aqui esta noite.

Cole dá de ombros. — Se ele é esperto, está se escondendo. E, além disso, ele matou quatro garotas, uma a mais que o normal. Ele deve estar saciado.

Eu não gosto de Erin sendo agrupada como uma das quatro, como se ela fosse apenas mais uma uva no caule enfiada na boca de Shaw. Erin tinha talento — ela fazia aquarelas tão bonitas que dava para chorar. Ela era engraçada e direta. Ela adorava provocar a mim e ao Frank, mas nunca ao ponto de realmente ferir nossos sentimentos.

Ela amava sua vida, e Shaw não tinha o direito de tirar isso dela.

Tenho certeza de que todas aquelas outras garotas eram tão únicas, tão maravilhosas, se eu tivesse a chance de conhecê-las.

— Eu quero que aquele policial o pegue, — eu digo. — Quero que ele apodreça em uma cela por cem anos.

Cole não se preocupa em responder. Ambos conhecemos a opinião dele sobre o assunto.

Estamos chegando à galeria. A fila se estende por toda a rua. As pessoas se inclinam em direção às janelas, várias garotas tentando tirar fotos através do vidro.

— Por que está tão cheio? — Eu pergunto a Cole. Era para ser um coquetel, nada fora do comum.

Cole marcha até as portas. Ele provavelmente nunca esperou em uma fila em sua vida.

Betsy Voss acena para nós entrarmos. Ela está pulando de excitação, seu corpo tão flutuante quanto seu cabelo laqueado.

— Entra, entra! — ela vibra. — Você tem que ver isso, Cole. Você vai adorar!

Venom – Little Simz

A razão de sua excitação, e de todos os outros, imediatamente se torna aparente.

Todo o espaço da galeria é preenchido de cima a baixo, de parede a parede, com uma brilhante teia de aranha tecnicolor. Os fios grossos são tecidos para cima e para baixo, ao redor, com espaços grandes o suficiente para que os convidados possam caminhar, subindo e descendo a instalação. Você é forçado a interagir com ele, a agarrar e tocar as cordas grossas. A lã fofa e solta consegue parecer pegajosa e pingando, mas também macia e

atraente. Os tons marcantes de magenta, limão e verde azulado são tão vívidos e úmidos que os fios podem ter sido pintados com spray por meio de algum tipo de canhão de pressão.

A cor agressiva envolve você, fazendo seus olhos arderem e sua cabeça girar. Você está preso dentro de um prisma de arco-íris que parece continuar para sempre, desorientando e intoxicando.

Cole olha para a instalação, sem tocar em nada.

Ambos conhecemos o arquiteto desta peça. As cores de assinatura entregam isso. Mas não é nada que eu poderia ter imaginado dele.

— Acho que ele não está se escondendo, — murmuro para Cole.

Cole está estranhamente silencioso. Acho que sei o motivo.

O desdém de Cole por Shaw tem sido aparente para mim desde antes de eu conhecer qualquer um deles. Ele nunca falou do trabalho de Shaw com qualquer nível de respeito.

Mas pela primeira vez, Shaw criou algo realmente impressionante. Algo que nem mesmo Cole pode negar.

Está nos dando um tapa na cara.

Marcus York vem correndo até Cole, seu cabelo alaranjado crespo esvoaçando em ambos os lados como uma peruca de palhaço, uma impressão não ajudada pelas pernas curtas de York e colete muito apertado esticado em sua barriga grande.

— Oh ho, Cole, alguém está te alertando!

— O que? — Cole estala irritado.

— Esta é a oferta de Shaw para a escultura em Corona Heights Park! Se escolhido, ele fará uma versão maior disso. E ainda nem recebi seu projeto. O prazo é esta semana...

— Eu sei o prazo, — Cole sibila.

— Bem, melhor se apressar, — diz York, seus olhos brilhando maliciosamente. — Você vai ter que inventar algo bom para vencer isso...

York se apressa novamente, provavelmente estimulado pelo olhar assassino no rosto de Cole.

Meus próprios sentimentos de repulsa são tão fortes que acho difícil falar. Eu me sinto exatamente como Shaw pretendia: envolto nessa teia, preso por ela, gritado por todos os lados.

Cole diz: — Ele nunca teria confiança para fazer algo assim antes.

— O que você quer dizer? — Eu pergunto, virando-me para olhar para o olhar negro de Cole.

— Tudo que Shaw já fez é comercial. — Cole gesticula para as cordas brilhantes e pingando. — Você não pode vender isso. É uma experiência.

Eu aceno lentamente. — Ele está subindo de nível.

Como se convocado por essas palavras, o próprio Alastor Shaw se materializa, caminhando em nossa direção.

Ele navega na web com confiança, facilmente manobrando seu corpo pelos fios fluorescentes.

Shaw brilha com saúde e felicidade. Seu cabelo dourado, bronzeado rico e dentes brancos e brilhantes brilham para nós. Seus ombros parecem ter um quilômetro e meio de largura enquanto ele abre os braços, nos cumprimentando com sua voz retumbante.

— Mara! Cole! Tão feliz em ver vocês!

Ele é tão barulhento que uma dúzia de pessoas se vira para observar nosso encontro. Os flashes das câmeras piscam para nós. Todo mundo adora um *tête-à-tête* entre seus dois rivais favoritos.

Estamos congelados no lugar. Preso em sua teia. Observando a aproximação da aranha, sorrindo para nós dois.

— Cole. — Shaw dá um tapa nos dois ombros de Cole, com um som tão alto que parece uma detonação entre nós. — Meu amigo mais antigo. Olhe para você. Sabe o que eu amo em você? Você é imutável. Seus princípios inabaláveis. Deve ser isso que Mara adora em você também.

Embora eu ainda não saiba tudo sobre a dinâmica entre esses dois, entendo muito bem a farpa.

Shaw me sequestrou como uma provocação. Para tentar fazer Cole quebrar suas próprias regras.

E funcionou. Deus, como funcionava. Melhor do que Shaw jamais poderia ter sonhado.

Cole está quebrando todas as regras para mim, e eu para ele.

Nós enredamos um ao outro, mais profundamente do que Shaw jamais poderia ter sonhado.

Cole *está* mudando. E Shaw está zombando das pretensões de disciplina e estabilidade de Cole. Eu vejo como suas palavras cavam sob a pele de Cole.

Ainda assim, Cole fica em silêncio – é verdade demais para refutar.

Agora Shaw se vira para mim. É a minha vez de uma explosão de seu sarcasmo presunçoso.

— Mara, — diz ele, seu rosto contorcido em uma expressão de tristeza simulada. — Eu ouvi sobre sua amiga. Erin, não foi? Você sabe que ela e eu tivemos um caso uma vez. Ela era uma gata selvagem. — Ele pisca para mim. — Você sabe o que eu quero dizer.

Seu beicinho fingido se transformou em um sorriso lascivo.

Estou fervendo de raiva. Agitando com isso.

Como ele se atreve a falar sobre Erin para mim. Como ele ousa ficar aqui, corado de felicidade e triunfo. Exultante na minha cara, na frente de todos.

Eu olho para Cole, esperando que ele diga alguma coisa. Esperando que ele reduzisse Shaw ao tamanho com alguma réplica devastadora.

Ele está em silêncio, as cores berrantes da teia de Shaw refletindo em seu rosto pálido, em seus olhos escuros.

Pela primeira vez, Cole não tem resposta. Porque, pela primeira vez, Shaw realmente tem vantagem.

Elevando a voz um pouco mais alto para que todos pudessem ouvir, Shaw me diz: — E não se preocupe, Mara. Eu te perdoô por apontar o dedo para mim. Você deve ter estado em um estado mental terrível, depois de como brutalmente sua amiga morreu, em agonia. O que você deve ter sentido, encontrando-a ali na sua cama... Sem ressentimentos de minha parte, é tudo água debaixo da ponte.

Todos os seus tiros disparados, e todos acertando no alvo, Shaw nos dá um último agressivo, — Bom ver vocês dois, — e se afasta.

Sua partida parece um torno em volta do meu crânio finalmente se soltando. Eu posso respirar novamente, mas estou tremendo mais do que nunca.

Eu estou enjoada. Furiosa. Engasgando com tudo que eu queria gritar para Shaw que eu tinha que enfiar lá dentro.

Tudo nele me enfurece, desde suas provocações até seu sorriso exultante. Mesmo agora, posso ouvir o murmúrio animado dos convidados interagindo com a vasta e triunfante instalação de Shaw.

Por que Shaw deveria experimentar uma noite como essa quando ele tirou tantas vidas e causou tanta dor para todos os outros? Ele não merece isso.

Cole olha para mim. — Você já está pronta para matá-lo?

Meus dedos coçam com impulsos violentos. Minha mente corre solta, muito longe e muito rápido para que eu possa controlá-la.

Eu murmuro, — Eu tenho certeza de que estou chegando mais perto. Agora, eu poderia estar com raiva o suficiente para fazê-lo. Mas você me disse o que isso faz com uma pessoa. Isso muda você. Afasta você da humanidade.

— Bom, — Cole sibila, balançando a cabeça em direção à multidão de pessoas bajulando ao redor de Shaw. — Por que você quer ser como eles? Uma maldita ovelha cega?

Não consigo tirar os olhos de Shaw, que está cercado por admiradores, banhado em seu próprio brilho dourado particular.

Esse filho da puta matou minha amiga, e não se esqueça, ele me sequestrou também, cortou meus pulsos, perfurou meus mamilos. Ele está vivendo de forma flagrante, alegre, esfregando isso bem na nossa cara. Ele pode matar quem quiser, fazer o que quiser.

— Eu quero vingança, — murmuro. — Mas não quero aceitar. Eu não quero ceder a isso. Eu disse que sempre me superaria, eu jurei.

Por muito tempo depois que saí da casa de minha mãe, fui atormentada pela raiva. Eu tinha fugido dela e de Randall, mas as memórias de tudo que eles já disseram para mim, fizeram comigo, vieram comigo, encravadas na minha cabeça. Eu não conseguia tirá-los.

Quanto mais tempo eu estava longe dela, mais eu percebia como tudo estava errado. Quão monumentalmente fodido.

Eu queria que eles pagassem.

Minha mãe sempre se safou de tudo. A CPS veio até nossa casa, convocada por professores que relataram os hematomas no

meu corpo, a falta de comida no meu almoço. Minha mãe limpou a casa e comprou mantimentos por uma semana até que eles fossem embora novamente. Ela foi detida várias vezes por dirigir embriagada, ela conseguiu reduzir as multas ou as acusações por questões técnicas, em processos superlotados, implorando e implorando e implantando suas melhores histórias tristes.

Ela trouxe homens para a minha vida e eu para a deles. Não apenas Randall — uma sucessão de babacas de todos os gostos: traficantes de drogas, ex-presidiários, até mesmo um maldito neonazista que empurrou cópias impressas à mão de *American Renaissance* e *The Daily Stormer* em minhas mãos.

Embora Randall não tenha sido o primeiro a colocar as mãos em minha mãe (ou em mim), e alguns deles chegaram ao ponto de enfiar uma arma na cara dela ou empurrá-la escada abaixo, a devastação que ela causou suas vidas sempre foi maior do que qualquer coisa que eles fizeram com ela.

Ela navegou pela vida impune, impenitente.

As piores pessoas são livres para mutilar e difamar como quiserem. Não há justiça. Não há justiça.

Cole e eu tínhamos a intenção de ficar na festa por várias horas, para interagir com as dezenas de conhecidos de Cole ao nosso redor, mas nenhum de nós pode suportar a alegria malévola de Shaw, ou a discussão onipresente de seu trabalho. Para não falar da teia de aranha tecnicolor que nos envolve.

Sáimos alguns minutos depois.

Nós dois estamos em silêncio no caminho de volta para casa, Cole segurando o volante com uma expressão rígida, e eu repetindo cada provocação que Shaw jogou em mim.

Você sabe que tivemos um caso uma vez...

Não se preocupe, Mara, eu te perdoo...

Você deve ter estado em um estado mental terrível...

No momento em que entramos, no interior escuro e frio da casa, a tensão entre nós se rompe. Cole pula em mim e eu nele.

Black Out Days ⁵– ***Phantogram***

Ele arranca o vestido cor de ameixa que eu estava usando, rasgando as alças para que as contas caras se espalhem pelo chão de madeira.

Eu o ataco de volta com a mesma força, abrindo sua camisa, rasgando o material, perdendo os botões.

Estamos nos beijando com mais do que paixão. Estamos exorcizando nossa raiva, nosso ressentimento, nosso medo e nossa raiva.

Não é dirigido a Cole e não é dirigido a mim. É uma energia escura e rodopiante entre nós. Uma amargura que tem que queimar antes de consumir nós dois.

Cole ainda nem tirou meu vestido quando me joga por cima do braço do sofá e me pega por trás. Ele envolve sua mão ao longo do

⁵ Dias de Apagão.

meu cabelo, puxando minha cabeça para trás, usando-o como rédeas enquanto ele monta em mim e me monta com força.

Ele está me fodendo implacavelmente, rudemente, o tapa de seus quadris contra minha bunda pontuado por tapas reais de sua mão.

— Mais, — eu gemo. — Mais forte.

Eu mereço isso.

Minha culpa por Erin só pode ser aplacada por punição. Eu quero ser espancada mais forte, mais rápido, mais malvado. Eu preciso do sádico em Cole. Eu preciso do psicopata.

E Cole obriga.

Ele me força a ficar de joelhos, a parte de trás da minha cabeça contra o braço do sofá. Ele enfia seu pau na minha boca, minha cabeça presa, sem chance de escapar.

Ele segura minha cabeça entre as duas mãos, fodendo minha boca. Seu pau é duro como ferro e implacável, penetrando na minha garganta. Estou engasgando com isso, babando ao redor dele, tentando roubar fôlego antes que ele me perfure novamente.

Há algo tão satisfatório nisso. Algo que eu preciso profundamente, que eu nunca fui capaz de pedir antes.

Quanto mais eu confio em Cole, acredito que ele não vai realmente me machucar, mais eu quero que ele ultrapasse a linha.

Esta é a parte quebrada e fodida de mim mesma. A parte que fica furiosa toda vez que eu fui ferido ou usado, mas ainda anseia

pela liberdade de procurar aspereza e até violência quando eu quiser, nos meus termos.

Sou uma árvore que cresceu no vento cruel, retorcida e dobrada por ele. Sexo e violência, paixão e intensidade, estão inextricavelmente entrelaçados para mim. Não posso ter um sem o outro. Certo ou errado não entro nisso. Eu sou o jeito que a vida me fez.

Só isso satisfaz: morder, arranhar, arranhar, lutar. Cole e eu transamos no sofá, no chão. Ele me joga contra a parede, me levantando do chão.

Eu preciso experimentar sua força, seu poder, sua crueldade, porque é isso que eu preciso em um homem. É a única maneira de me sentir seguro. Ele tem que me aterrorizar, então eu sei que ele vai aterrorizar todo mundo. Eu nunca conheci um herói de verdade, acho que eles não existem. Só um monstro pode me proteger.

Estamos fodendo no escuro para que possamos liberar os demônios dentro de nós.

Sons angustiados saem de mim: às vezes soluçando, às vezes implorando por mais.

Nossas roupas se foram agora, rasgadas em tiras no chão. As costas de Cole são uma massa de arranhões como se ele tivesse sido chicoteado, sua pele sob minhas unhas. Suas marcas de dentes estampam meus ombros e meus seios.

Ainda gemo em seu ouvido, — Não pare. Eu preciso de mais ...

— Sua maldita lunática, eu vou te matar, — Cole rosna. — Você não sabe o que eu tenho em mim...

— Mostre-me. Você prometeu me mostrar.

Ele me joga no chão, com tanta força que todo o ar sai de mim e vejo estrelas em seu teto.

Ele sobe em cima de mim, nossos corpos escorregadios de suor. Está escorrendo das pontas escuras de seu cabelo, dos planos afiados de sua mandíbula. Ele espirra no meu rosto e meus seios. Abro a boca para sentir o gosto do sal na minha língua, lambo sua garganta. Eu quero seu suor e seu esperma em cima de mim. Eu quero ser imunda.

Ele enfia seu pau dentro de mim. Quanto mais ele me fode, mais duro ele fica. Seu pau está em chamas, eu o sinto queimando todo o caminho dentro de mim. Minha umidade pode ser boceta ou sangue. Eu não me importo mais.

Eu olho para seu rosto e vejo o Cole nu, aquela criatura real, verdadeira. O próprio diabo. Olhos negros como poços, sempre ardendo. Rosto tão bonito quanto o pecado. Boca sempre faminta, me engolindo inteiro.

Este é o Cole desencadeado. Cheio de fúria, paixão e fome. Seu controle sempre foi uma ilusão. O verdadeiro Cole pega o que quer.

Ele está me levando aqui e agora. Batendo-me neste chão. Fodendo-me sem piedade.

E ainda quer mais. Eu posso ver isso naqueles olhos. Ele quer algo de mim que eu ainda não dei.

Suas mãos se fecham ao redor da minha garganta.

No começo eu acho que ele só vai apertar por um momento, do jeito que ele fez antes: cortando o fluxo sanguíneo para que minha cabeça gire e minha boceta pulse. Transformando sexo em delírio.

Desta vez ele não para. Ele só aperta mais forte.

— Pare, — eu suspiro. Então, mais frenético, — *Pare!*

A palavra sai em um coaxar. Minha garganta está muito apertada para falar. Nenhum ar, nenhum sangue pode passar.

Mesmo assim ele me sufoca.

Ele está olhando para o meu rosto, seus olhos escuros e impiedosos.

Eu tento empurrar seus braços para longe, mas eles podem muito bem ser barras de ferro soldadas no lugar. Suas mãos se fecham implacavelmente, pressão real agora, peso real.

As mariposas negras surgem à vista: primeiro uma, depois duas, depois dezenas. Bloqueando minha visão.

Estou batendo em seus braços, arranhando-os, arranhando. Tentando arrancar seus dedos da minha garganta.

Eu sou muito fraca e ele é muito forte. Estou indefesa em seu alcance, flutuando, batendo de volta no meu corpo, flutuando novamente.

Agora Cole fala e não consigo ver seus lábios se movendo, mas ouço aquela voz baixa e insistente enterrando-se em meu cérebro:

— Esta é a sensação se você esperar que Shaw termine o trabalho. Esta é a sensação quando ele estiver em cima de você. Esta é a sensação de morrer como vítima.

— *Pare! Pare de brincar!*

As palavras são um sussurro, um sussurro.

Não importa se ele as ouve ou não: Cole não está brincando. Ele nunca foi tão sério.

Ele me sufoca mais forte. Me fode mais forte. Me segura lá enquanto ele bate a lição em mim.

— Este é o seu jeito, não é? Esperando por misericórdia? Nunca revidando? Tentando fazer a coisa certa? Você quer ser uma boa pessoa... pessoas boas morrem todos os dias, Mara. A bondade nunca os salvou.

Estou arranhando seus braços, desesperada e morrendo. Mariposas negras me levam embora...

Ele está olhando para o meu rosto, tão cruel quanto Shaw enquanto me provoca. — Você quer ser uma vítima, ou você quer ser uma lutadora? Achei que você fosse uma lutadora, Mara?

Estou lutando, estou batendo nele com todas as minhas forças, mas não é suficiente, sou apenas uma garota, uma garota magrinha, nunca será suficiente contra um homem...

Eu odeio que sou pequena. Odeio que eu sou fraca.

A raiva, a mágoa, a maldita injustiça, brotam dentro de mim. Eu sou o vulcão agora, eu sou a porra da lava.

Tudo explode de mim em um uivo tão cru, tão animalesco que eu nem percebo que Cole soltou minha garganta. Eu estou gritando bem na cara dele:

— EU O ODEIO! EU O ODEIO! EU ODEIO TODOS ELES! QUERO TODOS ELES MORTOS!!!!

Estou sentada agora, não sei quando isso aconteceu.

Minha garganta está em carne viva, meus gritos ainda ecoam pela casa.

Eu finalmente bati.

Cole me observa, calmo e satisfeito.

Ele conseguiu o que queria.

Espero que a culpa e a vergonha tomem conta de mim, mas não sinto nada. Apenas o latejar quente da minha garganta com cada batimento cardíaco frenético.

Cole coloca a mão na minha cabeça, acariciando suavemente meu cabelo.

— Está tudo bem, Mara, — diz ele. — É sempre melhor dizer a verdade. Minta para o mundo, mas não para si mesma.

8

COLE

Eu finalmente consegui que Mara rachasse e admitisse o que eu sabia o tempo todo.

Depois disso, eu recuo por um tempo.

Nós não falamos sobre o que ela disse ou o que vamos fazer sobre isso. Não quero arriscar que ela volte para a familiaridade, volte para o que parece seguro para ela.

O que *parece* seguro e o que realmente o manterá a salvo de danos são bem diferentes um do outro.

Não é difícil nos distrairmos do problema de Shaw.

Tanto Mara quanto eu somos continuamente puxados para o nosso trabalho tão profundamente que o resto do mundo desaparece ao nosso redor.

Mara está pintando uma nova série para o show privado que farei em dezembro.

Estou finalizando meu projeto para o Corona Heights Park.

Eu esboço primeiro e depois construo um modelo em escala que vou entregar a Marcus York.

Eu visito Mara em seu estúdio para ver como está indo sua última pintura.

Ela está com o cabelo preso na cabeça com vários pincéis enfiados no coque para mantê-lo fixo no lugar. Seu rosto e seus braços são generosamente raiados de cor, seu macacão tão surrado e manchado que eu não posso dizer se eles eram originalmente pretos ou jeans escuros. Ela tem as pernas enroladas no meio da canela, pés descalços embaixo, pintura nos dedos dos pés também.

Ela cheira a linho e óleo de linhaça, com uma ponta afiada de terebintina. Para esta série e a última, Mara está usando tintas a óleo, não acrílicas. A tinta seca lentamente ao longo de vários dias, então o pigmento é maleável. Ela pode empilhar camadas transparentes, uma sobre a outra, para criar sombras profundas ou a impressão de luz brilhando de dentro. Ela pode misturar tons para transições perfeitas.

Sua técnica melhora a cada dia.

Sua série anterior era principalmente foto realista. Esta nova série combina figuras de alto detalhe com salas e cenários que em alguns lugares parecem sólidos e ultra-reais, enquanto outras áreas derretem e desaparecem como as bordas de uma memória. Dá um efeito suave e apodrecido, como se toda a pintura estivesse assolada pela decadência que encharca a tela.

Esta peça em particular mostra uma jovem em uma camisola andando por uma rua tranquila do subúrbio. As rosas nas sebes já estão desabrochando, marrons nas bordas. Um ursinho de pelúcia carbonizado sai de uma mão. Atrás dela, meia dúzia de pássaros caíram mortos do céu. Sob seus pés calçados com chinelos, a grama murcha.

— Como você vai chamar este?

— Não tenho certeza, — diz Mara, esfregando as costas da mão na bochecha. Isso deixa uma mancha fresca de rosa pálido ao longo de sua mandíbula — o rosa das rosas, que Mara está retocando no canto inferior direito da tela.

— E quanto... *O Enterro*?

Mara assente lentamente. — Eu gosto disso.

Estou olhando para um dos pássaros caídos, lamentavelmente deitado de costas com as asas abertas.

— O que? — diz Mara.

— Eu não gosto dessa laranja no peito do tordo. É muito brilhante. Confronta com as rosas.

Mara aperta os olhos para o tordo, depois para as rosas, olhando de um lado para o outro, comparando as sombras.

— Você pode estar certo, — ela admite de má vontade. — Aqui, abaixe o tom. Deixe-o um pouco mais empoeirado.

Ela estende um pincel para mim.

— Você vai me deixar tocar no seu tordo? Você quase arrancou minha cabeça da última vez que cheguei perto de sua pintura.

— Bem, você escolheu meu design favorito para Corona Heights.

Foi o meu favorito também. Mara inspirou o design, de certa forma. Ouvir o entusiasmo dela me estimulou a construir o modelo

para que eu pudesse trazê-lo para York esta tarde, pouco antes do prazo.

Eu estava debatendo se eu ainda queria entrar. Ainda não gosto da ideia de ter que terceirizar a construção.

Eu adiciono um pouco de marrom ao peito do tordo, embaçando a laranja até quase coincidir com as bordas das pétalas de rosa.

Mara examina meu trabalho.

— Assim está melhor, — ela concorda.

Nossas cabeças estão juntas, examinando a tela.

Inconscientemente, a mão de Mara desliza na minha. Eu viro minha boca para o lado de seu pescoço, beijando-a na junção de seu ombro. Seu cheiro, misturado com terebintina, faz minha cabeça girar.

— Você quer vir ver o modelo? — Eu pergunto a ela.

— É claro!

Ela joga seus pincéis em um pote de solvente para encharcar, limpando as mãos em um pano. Minha própria mão está manchada de tinta onde ela me tocou. Em vez de lavá-lo, deixei a mancha rosa empoeirada secar na minha pele.

Mara me segue pelo corredor até o estúdio que estou usando neste mesmo andar. Não gosto tanto do meu espaço privado, mas às vezes é bom fazer uma mudança. Há algo de energizante na agitação constante de pessoas neste prédio – o apito da chaleira de Sonia, a risada bufante de Janice e o baque da música de Mara

vazando por debaixo de sua porta. A conversa de outros artistas reunidos nas escadas.

— O oficial Hawks não vem falar com você hoje? — Mara pergunta.

— Ah, porra, eu esqueci disso.

Estou debatendo se devo dizer a Sonia para cancelar. Não quero perder nem dez minutos conversando com ele. Por outro lado, seria estúpido perder a oportunidade de observar o detetive enquanto ele me interroga.

Abro a porta do meu próprio estúdio, que ocupa metade do andar na extremidade oposta do prédio para Mara.

Nossos estúdios são igualmente claros e ensolarados, mas na verdade, Mara tem a melhor vista. A dela tem vista para o parque, enquanto eu estou de frente para o movimentado cruzamento das ruas Clay e Steiner. Não importa, estou aqui para ver a vista do corredor.

Mara vai direto para a maquete, sem esperar que eu feche a porta atrás de nós.

— Vai ser incrível, — ela respira.

Ela olha para o labirinto de vidro preto. As paredes lisas e transparentes serão brilhantes e reflexivas. O labirinto inclui uma dúzia de rotas, mas apenas uma que o levará até o fim. O caminho correto está escondido dentro das paredes. As aberturas só podem ser encontradas ficando no ângulo certo ou passando as mãos ao longo do vidro escuro para sentir onde ele quebra.

— Espero que eles escolham o seu design, — diz ela. — Quero ver isso construído.

— Eu também, — admito.

Mara olha para o meu rosto, seus olhos brilhando de excitação.

— Elas vão. Eles vão escolher você.

Eu provavelmente poderia forçar York a fazer isso, mas não vou. Minha arte é a única área onde eu não manipulo. Meu trabalho viverá ou morrerá por seu próprio mérito.

Meu telefone vibra no bolso com uma mensagem de Sonia:

O policial está aqui.

Ele está adiantado – ainda mais irritante do que estar atrasado.

Enfio o telefone de volta no bolso.

— Eu tenho que ir falar com Hawks, — eu digo.

— Devo vir? — Mara pergunta, sua expressão tensa.

— Não precisa, eu cuido disso. Continue trabalhando.

O oficial Hawks espera no andar de baixo, ao lado da mesa de Janice. Ele não é o detetive principal do caso, é um oficial mais velho chamado Potts. Mas de acordo com minhas fontes, o SFPD tem ovos no rosto de todos os corpos femininos jovens empilhados em suas praias. Há uma boa chance de Potts ser demitido e Hawks ser promovido. Um fato do qual ele provavelmente está bem ciente.

É por isso que ele está aqui no meu estúdio, investigando todas as pistas possíveis.

Faço uma pausa na base da escada, examinando-o antes de aparecer.

Quando entrevistou Mara, ele usava o uniforme padrão da marinha com seu distintivo dourado preso no peito.

Hoje ele está vestido à paisana - camisa de botão, calça e um casaco esporte. Isso pode significar que ele está de folga. Ou apenas tentando me deixar à vontade, tentando me fazer pensar que esta reunião é uma formalidade, não uma entrevista.

Com a jaqueta marrom simples e os óculos Buddy Holly, ele parece um pouco com um professor. Apenas o corte de cabelo o denuncia – muito fresco, muito curto e muito presidencial. Nosso garoto Hawks é ambicioso. Esse é o corte de cabelo de alguém que quer muito sua promoção.

Ele foi educado com Mara quando a entrevistou. O que significa que não tenho que caçá-lo fora do expediente. Pelo menos, ainda não.

Eu saio para o saguão, caminhando em direção a ele.

— Oficial Hawks.

— Senhor. Blackwell.

Ele estende a mão para apertar.

Às vezes eu não aperto as mãos, às vezes eu faço. Depende de qual resposta eu quero provocar.

Neste caso, eu tomo a mão oferecida. A sacudida de Hawk é firme, bem no limite da agressividade. Ele me dá um olhar penetrante através das lentes claras de seus óculos.

Eu mantenho minha expressão calma e relaxada. Já mostrei meus dentes a Hawks quando ele prendeu Mara em uma sala de interrogatório. Hoje, sou toda polidez.

— Nós podemos falar aqui, — eu digo, levando-o para uma sala de conferências no andar térreo. Não tenho intenção de permitir que Hawks penetre mais fundo no prédio.

— Mara está aqui também? — Hawks pergunta agradavelmente.

— Ela tem um estúdio no quarto andar.

Isso não é exatamente uma resposta, algo que Hawks observa também, seus olhos piscando levemente em direção ao teto antes de pousar no meu rosto novamente.

— Ouvi dizer que ela está morando com você agora.

— Isso mesmo.

— Há quanto tempo vocês dois estão namorando?

— É difícil definir um prazo para essas coisas. Você sabe como um relacionamento pode ser intangível. O mundo da arte é pequeno. Estamos no mesmo círculo há algum tempo, orbitando um ao outro.

Sou evasivo de propósito. Não digo nada que possa ser contrariado ou refutado. Hawks vai notar isso também, mas eu

não me importo. Eu quero irritá-lo. Eu quero empurrá-lo para derrubar suas cartas.

Faço um gesto para a mesa da sala de conferências, com sua variedade de cadeiras modernas de meados do século, deliberadamente incompatíveis. Hawks se senta bem na minha frente.

Ele não está tomando notas, mas não tenho dúvidas de que ele se lembrará de tudo o que eu disser e provavelmente escreverá depois.

— Você já encontrou Erin Whalstrom? — Hawks pergunta.

— Uma vez ou duas. Como eu disse, é uma indústria insular. Tenho certeza de que participamos das mesmas festas e eventos.

— Você já viu Erin com Alastor Shaw?

— Sim. Eu os vi conversando na noite do Oasis.

— Shaw disse que ele e Erin fizeram sexo na escada.

Eu dou de ombros. — Eu não estava presente para isso.

— Você os viu sair do show juntos?

— Não.

— Você viu Shaw sair?

— Não.

— Qual foi a última vez que você o viu?

— Eu não faço ideia. Há mais vinho do que arte nessas coisas.

— Você viu Mara lá?

Hesito por uma fração de segundo, distraída pela imagem vívida da primeira vez que pus os olhos nela. Vejo o vinho respingando em seu vestido, encharcando o algodão, escuro como sangue.

— Bem? — Hawks me pede, inclinando-se para frente, olhos azuis penetrantes atrás de seus óculos.

— Sim, eu a vi. Só por um momento, no início da noite.

— Mas você não a viu sair.

— Não.

Hawks deixa o silêncio se estender entre nós. Esta é uma técnica antiga, para me encorajar a acrescentar à minha declaração. Para me fazer balbuciar.

Eu mantenho minha boca firmemente fechada. Sorrindo para Hawks. Esperando com igual paciência.

Hawks muda de tática.

— Há quanto tempo você conhece Alastor Shaw?

— Nós fomos para a escola de arte juntos.

— Sério?

Ele não sabia disso. *Desleixado, desleixado, oficial.*

Eu posso dizer que ele está irritado com a omissão – a cor sobe da gola de sua camisa.

— A *Siren* chamou vocês de rivais, — diz Hawks.

— A *Siren* gosta de provocar drama.

— Vocês não são rivais?

— Não acredito em rivalidade – estou apenas competindo comigo mesmo.

— Vocês se chamariam de amigos?

— Não particularmente.

— Apenas mais um conhecido.

— Isso mesmo.

Hawks está cansado dessas respostas sem graça. Ele suga um pouco de ar por entre os dentes.

— Estou surpreso que você concordou em se encontrar comigo sem a presença de seu advogado. Você foi inflexível para que qualquer comunicação com Mara passasse por seu advogado.

— Eu ainda estou. Ela foi tratada desrespeitosamente pela polícia depois que foi atacada.

— Aquele não era meu departamento.

— Eu não me importo com quem foi. Não vai acontecer de novo.

— Mas *you* não está preocupado em ser... desrespeitado.

— Tenho certeza de que você sabe melhor do que isso. — Sorrio para o oficial Hawks. Ele não sorri de volta.

— Onde você estava na noite de 2 de novembro? — ele pergunta abruptamente.

— Eu não faço ideia. Você se lembra onde você estava em noites aleatórias semanas passadas?

— Você mantém um calendário?

— Não.

— Sua secretária sabe?

— Não.

Isso é verdade. Não permito que Janice mantenha nenhum registro dos meus compromissos. Sonia memoriza minha agenda, mas ela certamente não a recitaria para Hawks.

— Você conhece uma mulher chamada Maddie Walker?

— Não.

Hawks tira uma foto do bolso interno do paletó esporte. Ele desliza sobre a mesa em minha direção.

Olho para a foto sem tocá-la. Mostra uma garota de cabelos escuros deitada em uma mesa de aço, olhos fechados, claramente morta. Sua pele cinza-azulada, manchada de hematomas ao redor da mandíbula. Shaw foi áspero quando ele abriu a boca dela e enfiou uma cobra nela.

Eu a reconheço do último andar dos cortiços, onde Shaw a pendurou em sua teia de aranha.

Eu quero rasgar a porra da garganta dele, lembrando como ele me atraiu até lá e me prendeu, chamando uma frota de policiais para me pegar com o corpo.

Foi um erro estúpido, que ainda me humilha. Mas eu não posso deixar nenhum sinal dessa emoção aparecer no meu rosto.

Hawks observa atentamente para uma reação. É por isso que ele me deu uma foto do cadáver e não uma foto da garota tirada quando ela ainda estava viva. Ele está procurando pistas no meu rosto.

Eu a reconheço? Estou chocado com a imagem?

Ou, o mais contundente de tudo:

Eu sou um homem examinando meu próprio trabalho?

Estou satisfeito?

Estou excitado...

Sem graça, digo a Hawks: — Nunca a conheci.

— Ela foi morta no Mission District. A polícia viu um homem fugindo do local. Ele era alto e moreno.

— Isso só se aplica a metade dos homens em San Francisco.

— Isso se aplica a você.

— E milhares de outros.

Hawks pega a fotografia de volta, enfiando-a no bolso mais uma vez, bem contra o coração.

Ele leva isso para o lado pessoal. Não é só ambição para ele.

E ele *está* perdendo a paciência com o meu bloqueio. Lenta e seguramente.

— Você se machucou ultimamente? — ele exige.

Eu nunca visitei um médico quando torci meu tornozelo pulando daquele telhado. É possível que alguém tenha me visto mancando na semana seguinte, quando envolvi meu tornozelo em uma atadura Tensor e engoli punhados de analgésicos até o inchaço diminuir.

— Nada vem à mente, — eu digo vagamente.

— Não tem muita memória, não é? — Hawks zomba.

— Gosto de manter minha mente ocupada com coisas mais interessantes do que as minúcias da minha agenda e a hora em que as pessoas saem das festas.

— O que é interessante para você? — Hawks pergunta, sua mandíbula rígida, sua mão ainda apoiada no bolso do paletó.

— Estou curioso por que você está falando comigo, e não com Shaw.

— Você acha que ele atacou Mara? E matou a colega de quarto dela?

— Isso é o que Mara diz.

— Você acredita nela.

— Ela é muito perceptiva.

Esse policial também. Ela estava certa sobre isso.

Hawks sabe que algo está fodido aqui. Ele pode sentir as ligações entre nosso estranho trio, mas não pode conceituar o que elas significam.

Ele não tem provas – não deixei nem uma impressão digital nos cortiços. Tenho certeza de que Shaw foi ainda mais cuidadoso.

Que irritante, ter que trabalhar dentro dos limites da lei. Suas mãos sempre atadas por regras e regulamentos. Apenas um lado jogando limpo.

Eu vejo a tensão no rosto de Hawks. Sua raiva impotente.

Ele já esteve perto de criminosos o suficiente para saber que eu não sou uma cidadã cumpridora da lei. Mas isso é verdade para a maioria da elite rica nesta cidade. Todos nós desrespeitamos as regras para nosso benefício. Ele não pode decidir se eu sou apenas mais um idiota rico, ou o assassino que ele procura.

Já me convenci de que Hawks não tem nada. Nenhuma evidência contra mim, nada além de suspeita.

Hawks respira fundo, firmando-se. Preparando-se para um último empurrão.

Ele se inclina para frente, sua voz baixa e firme.

— Erin era perceptiva? Ela teria avisado Mara sobre você?

Eu bufo. — Ninguém precisa ser avisado sobre mim. É bem sabido que eu sou um idiota.

— Você fez inimigos.

— Somente pessoas chatas são universalmente amadas.

— Tome Carl Danvers, por exemplo.

Agora um calafrio cai entre nós, que eu tenho que fingir ignorar com cada fibra do meu ser.

— Quem? — Eu digo.

— Ele era um crítico do *Siren*.

— Ah, certo, — eu digo com desdém.

— Ele desapareceu há treze semanas. Todos os seus pertences ainda estão em seu apartamento. Nenhuma mensagem para ninguém.

— Seu ponto?

— Ele não era seu fã. Escreveu um artigo contundente sobre você na semana em que ele desapareceu.

— As pessoas escrevem sobre mim todos os dias.

— Você falou com ele no Oasis?

Este é um truque. Danvers já estava morto na noite do show. Seus ossos residiam dentro da minha escultura, em exibição para todos verem.

Hawks está testando para ver se eu vou corrigi-lo, para julgar o quão de perto eu acompanhei o desaparecimento, e quão bem eu conheço minha própria linha do tempo.

— Jesus, quem sabe. Provavelmente conversei com cinquenta pessoas naquela noite.

— Mas você não se *lembra*, — Hawks zomba, sua expressão desdenhosa mostrando exatamente o que ele pensa sobre isso.

Chega de ofuscação. É hora de Hawks dar um soco em troca.

— Isso é patético, — eu zombo. — Se isso é tudo que você tem... críticos de arte ausentes, conversas que ninguém ouviu e cronogramas que ninguém pode definir... o SFPD está se agarrando às palhas. Mara ficará desapontada. Parece que você não tem a menor ideia do que aconteceu com a colega de quarto dela.

Hawks responde: — Nosso perfil diz que a pessoa que organizou aquele corpo se considera um artista e um gênio. Soa familiar?

— Ah, uau. — Eu reviro os olhos. — Eles também adivinharam que era um homem branco? Espero que o Capitão Óbvio não receba um bônus de Natal.

— Você acha isso engraçado? — Hawks assobia.

— Bem, você com certeza não pode estar falando sério, — eu digo, empurrando minha cadeira para trás e me levantando da mesa. — Porque esta entrevista foi uma piada.

Passando pela porta da sala de conferências, abro-a e chamo Janice: — Veja o oficial Hawks, sim, Janice? Parece que ele tem muito trabalho a fazer.

Com isso, deixo Hawks fervendo em meu desdém.

Eu sou um ator bom o suficiente e acho que não demonstrei nenhum nervosismo.

Mas, na verdade, me irritou que ele ligasse os pontos a Danvers.

Maldito Shaw por nos enfiar no microscópio. Isso é tudo culpa dele. Eu nunca tive um policial olhando para mim antes disso. Agora eles têm uma porra de uma descrição de mim. Eles observarão tudo o que eu fizer.

Normalmente, eu voltava para o meu escritório para refletir sobre isso sozinho. Estou com raiva o suficiente para arrancar a cabeça de qualquer um que olhe para mim.

Mas não quero ficar sozinho – quero Mara. Quero contar a ela tudo o que aconteceu. Eu quero ouvir o que ela pensa.

Estou apenas na metade da escada quando colidir com ela descendo correndo.

— Sinto muito, — ela suspira. — Eu não podia esperar mais. Eu não podia ficar sem saber o que estava acontecendo.

— Está tudo bem, — eu digo. — Os falcões foram embora.

— O que ele disse?

Eu pego a mão dela. — Vamos. Vamos pegar uma bebida, e eu vou te dizer.

Saímos do prédio, depois de uma rápida olhada na calçada para ter certeza de que Hawks ainda não está à espreita.

Levo Mara a um barzinho sujo que serve cidra caseira, sua favorita.

Sentamo-nos um de frente para o outro em um canto escuro e silencioso, o tampo de carvalho já pegajoso muito antes de Mara derramar um pouco de cidra nele.

Resumidamente, recapitulo a conversa entre mim e o detetive. Conto tudo a ela, até a parte sobre Danvers.

— Hawks está certo? — Mara sussurra.

— Sim, — eu admito. — Eu o matei.

A respiração de Mara fica presa na inspiração, então relaxa em uma oscilação trêmula.

— Ele pode provar isso?

— Provavelmente não.

A única evidência está encerrada dentro *do Ego Frágil*. Foi uma loucura para eu vendê-lo. Naquele momento, meu próprio ego inchou além de toda razão.

Ninguém sabe sobre os ossos, exceto Shaw.

Mais uma razão pela qual ele precisa morrer.

— O policial é um cruzado, — digo a Mara. — Ele não vai largar.

Mara olha para mim por baixo do leque de seus cílios escuros.

— Você vai matá-lo também? — ela pergunta baixinho.

— Prefiro não.

Hawks está fazendo seu trabalho, e ele não é tão ruim nisso. Ninguém mais notou Danvers.

Quando diabos eu fiz essa regra para mim, não matar pessoas que eu respeito? É inconveniente.

— Por favor, não, — diz Mara, aliviada.

— Entenda isso, no entanto, — eu digo a ela, minha voz baixa e fria. — Vou fazer o que tenho que fazer. Ninguém vai tirar você de mim... e ninguém vai me tirar de você.

Agora ela se mexe na cadeira.

Ela não me quer na cadeia, mas também não quer participar do massacre de um humano decente.

— Provavelmente não chegará a isso.

Mara toma um gole de sua bebida, sua garganta apertando convulsivamente.

Ela sabe melhor do que me pedir para prometer.

9

MARA

Depois de nossa bebida juntos, Cole e eu nos separamos brevemente para que ele possa entregar sua apresentação ao comitê de escultura.

Este é um dos nossos primeiros momentos separados desde que fui morar com ele. Eu sei que ele só está permitindo porque estou trancada em segurança no estúdio, com Janice de guarda no andar de baixo e câmeras de segurança em todos os lugares.

Eu nunca posso dizer quanto de sua possessividade é por causa de Shaw e quanto é sua própria obsessão.

Seja qual for o motivo, não é uma via de mão única.

Também estou ficando insalubre com Cole.

Quando ele está por perto, me sinto invencível. Posso recorrer a ele para obter ajuda ou conselhos. Estou completamente seguro pela primeira vez na minha vida. Ninguém ousaria foder comigo, ou mesmo atirar um olhar sujo em minha direção, sob o olhar aterrorizante de Cole.

Apesar de sermos tão diferentes um do outro, estou profundamente confortável em sua companhia. Sua ausência

parece um pedaço de mim arrancado. Quero que seja reconectado o mais rápido possível.

Os minutos passam lentamente.

Trabalho na minha pintura por um tempo, mas me sinto aborrecida e apática. Continuo olhando para o peito do tordo, agora no tom certo de laranja empoeirado.

Eu gosto que Cole tenha colocado sua marca no meu trabalho de uma forma pequena e sutil.

Isso me faz amar ainda mais essa pintura.

Meu trabalho nunca foi autorreferencial. Eu mantive minhas memórias enfiadas dentro de mim. Eu não os extraí para o material – eu não conseguia olhar para eles.

Foi Cole quem abriu a fechadura, finalmente me forçando a abri-la.

Como a caixa de Pandora, toda a maldade e a feiura vieram à tona.

Achei que ia me matar.

Em vez disso, puxei uma lasca do meu peito e uma maldita estaca inteira saiu. Estou sangrando, mas talvez agora finalmente me cure.

Pintar essas cenas não me deprime. Parece catarse, como terapia. Uma vez que a coloco na tela, a memória vive fora de mim. Onde posso vê-la quando quiser, mas não apodrece mais, me envenenando por dentro.

As pinturas são muito melhores do que qualquer coisa que eu fiz antes. Eles são sombrios e atraentes. Eles o puxam. Você olha e olha, um caleidoscópio de emoções girando diante de seus olhos. Cada ângulo uma nova imagem.

Estou orgulhosa deles.

Estou orgulhosa de mim mesma.

Eu nunca teria chegado aqui sem Cole. Não ao estúdio, aos shows, ou mesmo ao ponto de colocar pincel na tela com essa fonte de inspiração surgindo em mim.

Cole diz que eu o ilumino, que o encho de energia.

Bem, o mesmo é verdade para mim.

Seu poder sombrio surge em mim: forte, persuasivo, convincente. Você não pode negar a Cole o que ele quer. E você também não pode me negar. Não mais.

Meu telefone vibra no bolso do meu macacão.

Eu o puxo para fora, sentindo um salto de excitação ao ver o nome de Cole, mesmo que ele tenha saído há apenas uma hora.

— O que eles disseram? — Eu choro, como forma de saudação.

— Marcus York parecia gostar, — responde Cole.

— Quando você vai ter o retorno?

— Em breve. York está empurrando isso o mais rápido possível. Ele tem algum dedo na torta, não sei exatamente o que, provavelmente uma propina na construção.

— Você quer ganhar? — Eu pergunto a ele, imaginando o quão desapontado ele ficará se Shaw aceitar.

— Sempre quero ganhar.

— E se você não fizer isso?

Cole ri. — Não sei como vou me sentir, nunca perdi antes.

Eu gosto do som de sua voz ao telefone, como se ele estivesse murmurando bem no meu ouvido. Isso faz com que os pelos dos meus braços se arrepiem. Eu não quero desligar.

— Você vai voltar agora? — Pergunto-lhe.

— Já estou quase chegando. Estou dirigindo como se fosse o Grande Prêmio. Venha ficar na janela para que eu possa ver você enquanto estaciono.

Impulsivamente, eu desamarro as alças do meu macacão e saio dele. Tiro minha camisa e minha calcinha também.

Então subo no batente da janela, completamente nua, olhando para a rua abaixo.

Eu vejo o Tesla preto de Cole se aproximar do meio-fio, parando com um puxão. Ele sai, alto e magro, seu longo cabelo escuro jogado para trás pelo vento.

Ele olha para mim.

Pressiono minha palma contra o vidro, telefone no meu ouvido.

— Puta merda, — Cole respira. — Você é uma deusa.



Voltamos para a casa de Cole, que está começando a parecer minha casa. Não porque eu o possuo, mas porque eu o amo muito. Adoro o rosto severo e ameaçador, a confusão de águas-furtadas pontiagudas e empenas escuras. A madeira ornamentada e a pedra negra.

Acima de tudo, adoro este poleiro no alto das falésias, com o ciclo interminável de ondas quebrando abaixo.

O vento sopra da baía, selvagem e frio. É o novembro mais frio já registrado. As pessoas continuam fazendo piadas estúpidas sobre como poderíamos realmente usar esse aquecimento global agora. Janice me disse isso esta manhã.

Enquanto Cole abre a porta para mim, acho que talvez eu goste mais do cheiro de sua casa.

Ele mora aqui sozinho há mais de uma década. O cheiro é todo dele: couro e barro, o tempero de sua colônia, sal do mar, rocha molhada depois da chuva. E correndo por ele como uma veia, meu próprio cheiro também. Uma combinação tão perfeita quanto qualquer outra que eu criei com comida. Mais delicioso que banana e bacon, ou abacate e geleia.

As texturas e cores de sua casa me acalmam. Tudo é silencioso e escuro, mas tão adorável. Cole nunca suportava nada espalhafatoso ou barulhento.

As tábuas de chocolate profundas rangem sob meus pés. As cortinas diáfanas se afastam das janelas abertas com um som como um suspiro, deixando a brisa do mar entrar na casa.

Cole vai até seu quarto para trocar de roupa. Ele é exigente e não gosta de usar os mesmos sapatos e calças que faziam contato com o mundo exterior. Ele vai descer em um minuto, provavelmente vestindo uma jaqueta antiquada e um par de chinelos de veludo.

Vou ter que trocar de roupa também, pois ainda estou coberto de tinta.

No momento, minha atenção é atraída pelo meu laptop, ainda aberto sobre a mesa onde Cole o deixou.

Eu não me importo que ele estava lendo meus e-mails. Eu ficaria furioso se alguém tivesse feito isso algumas semanas atrás, mas já passamos disso.

Vou até o laptop, com a intenção de fechar a tela.

Assim que meus dedos fazem contato, ouço o toque suave de outro e-mail chegando.

Normalmente, os e-mails da minha mãe são desviados para uma pasta onde não preciso vê-los. Como essa pasta já está aberta, vejo o nome dela e o título: *Cartão do Dia das Mães*.

Eu encaro, confusa, forçada a analisar essa frase.

Obviamente, eu mesma não recebo cartões de Dia das Mães, e certamente não enviei nenhum para ela.

Meu dedo indicador se move sem meu consentimento, flutuando até o trackpad e clicando uma vez.

O e-mail salta diante dos meus olhos.

Pela primeira vez, não há diatribe divagante.

Apenas uma imagem, que parece ser um cartão aberto, digitalizado e copiado.

Reconheço a caligrafia infantil:

Feliz Dia das Mães, mamãe

Eu te amo tanto, tanto, tanto, tanto. Eu fiz você cinnimin tost.

Me desculpe, eu faço tantos erros. Você é a melhor mãe. Não sou muito boa. Eu vou tentar tanto. estarei melhor.

Eu te amo. Espero que você nunca vá embora. Por favor, não saia, mesmo que eu seja ruim. Eu não vou ser ruim.

Você é tão nobre. Eu quero ser elegante como você.

Eu te amo mamãe. Eu te amo.

Mara

Cada palavra é um tapa na minha bochecha. Posso ouvir minha própria voz, meus próprios pensamentos, imaturos e desesperados, gritando em meu ouvido:

Eu te amo, mamãe, eu te amo.

Eu sinto muito.

Por favor, não vá embora.

Eu não vou ser ruim.

Até meu nome assinado na parte inferior faz meu estômago apertar, a bile subindo na minha garganta.

Pequena Mara. Desesperada, patética, implorando.

Cada palavra dela é verdadeira — eu a escrevi. Eu senti isso, na época.

Meu medo mais profundo era que ela fosse embora como meu pai fez. Ela costumava me ameaçar com isso quando eu fazia merda. Quando esquecia alguma coisa ou quebrava algo dela.

Mais tarde, fui eu que quis ir embora. Quem sonhou em fazê-lo.

Ela está jogando na minha cara, a conexão intensa que eu tinha com ela. O amor ao qual me apeguei, não importa o que ela me dissesse, não importa o que ela fizesse. Demorou anos para esse amor murchar e morrer. Mesmo agora, algum resquício perverso perdura, alojado profundamente em minhas entranhas.

Ainda penso nela. Eu ainda anseio pelo que eu queria que ela fosse.

Eu odeio isso em mim.

Eu odeio minha fraqueza.

Eu odeio que ela use isso contra mim como uma arma. Envergonhando-me porque eu a amava. Culpando-me porque quero parar.

Cole entra na cozinha, vestido como eu esperava com uma jaqueta de brocado escuro.

— O que há? — ele exige, vendo o olhar no meu rosto.

Sem esperar por uma resposta, ele pega o laptop e vira a tela em sua direção.

Ele lê o e-mail em um piscar de olhos. O olhar que cai sobre seu rosto faria um homem adulto cambalear.

— Quando ela enviou isso? — ele late.

— Agora mesmo.

Estou tremendo. Eu sinto que ela entrou na sala e cuspiu na minha cara.

Ela ainda tem muito poder sobre mim.

Eu nunca estarei livre dela. Ela nunca vai permitir isso.

Cole fecha as janelas e tira sua jaqueta, envolvendo-a em meus ombros.

— Estou coberta de tinta, — digo a ele.

— Eu não dou a mínima.

Eu o sinto tremendo também, de raiva.

— Onde ela consegue a porra da coragem, — ele sibila.

— Ela não tem vergonha.

— O fato de ela pensar que isso prova qualquer coisa, exceto o quão fodidamente você sofreu uma lavagem cerebral... — ele se interrompe, vendo que falar sobre isso só está me deixando mais chateada. — Deixa para lá. Vamos, eu tenho uma ideia.

Entorpecida, eu o sigo.

Achei que Cole me levaria para o quarto no andar de cima, ou talvez para a sala principal.

Em vez disso, ele me leva para o nível inferior, para uma sala que nunca visitamos antes.

Como todos os quartos, suas portas estão abertas. Só vi um quarto trancado nesta casa: o que leva ao porão.

Como em grande parte da casa de Cole, o propósito original deste espaço foi alterado para atender às suas preferências excêntricas. Enquanto a parede do fundo é uma grande lareira de pedra, e os sofás e chaises usuais estão presentes, a maior parte da sala é entregue a uma roda de oleiro.

Cole acende uma fogueira na lareira. Os troncos pálidos de macieira exalam um aroma doce que lembra a fruta. As chamas saltam, dando vida às figuras nas muitas pinturas nas paredes.

— Relaxe um minuto, — diz Cole, me empurrando suavemente para baixo no sofá mais próximo do fogo.

Eu afundo contra as almofadas, absorvendo o calor. Ainda estou tremendo, mas não tanto.

Por que diabos ela ainda tem esse efeito em mim?

Eu a bloqueei em todas as plataformas, não vejo o rosto dela há anos.

Ela tem 1,55 e cinquenta anos. Por que tenho medo dela?

Como ela ainda tem a capacidade de me reduzir a uma criança chorando em um instante?

Eu sou tão patética.

Cole volta para a sala, carregando seus suprimentos. Ele faz uma pausa para colocar um vinil em um toca-discos antigo.

Eu tenho um amor profundo por vinil. Não é apenas algo que os hipsters pretensiosos dizem – realmente soa diferente. O leve arranhado, o ritmo do prato girando... dá o sabor perfeito às músicas da velha guarda.

Cole sabe disso. A música que sai dos alto-falantes é antiquada e romântica. Nada do que eu esperava dele.

I Don't Want To Set The World On fire⁶ - The Ink Spots

A roda do oleiro gira no sentido horário porque ele é canhoto. Umedecendo o centro do morcego com uma esponja, ele coloca um novo pedaço de argila no lugar. Ele achata as bordas com a palma grande, selando com o dedo indicador.

⁶ Eu não quero incendiar o mundo.

Uma vez que a argila está firme no lugar, ele aumenta a velocidade da roda e molha as mãos até que brilhem à luz do fogo.

Eu assisto tudo, hipnotizado.

As mãos de Cole são lindamente moldadas e maravilhosamente fortes. Eu poderia vê-los trabalhar por horas.

A maneira como ele acaricia e manipula o barro me lembra de como suas mãos se movem sobre minha carne. Sinto minha pele queimando, e não pelo calor do fogo.

— Você quer tentar? — pergunta Cole.

— Eu nunca fiz nada em uma roda de oleiro.

— Venha aqui. Eu vou te mostrar.

Ele se ajeita no banco para dar espaço para mim. Tirando sua jaqueta para não sujar as mangas, eu me sento entre suas coxas, seus braços em volta de mim.

Cole molha minhas mãos também, até que estejam frias e escorregadias, seus dedos deslizando facilmente sobre os meus. Seu peito quente pressiona contra minhas costas, seu queixo no meu ombro.

— Use a mão direita para empurrar o barro para cima, — diz ele. — Isso é o contrário do normal, mas não importa para você porque você nunca fez isso de qualquer maneira. Sua mão esquerda é o suporte. Isso mesmo – esprema o barro para dentro e deixe-o subir entre suas mãos. Isso é chamado de 'coning up'.

Sob sua instrução, o barro amolecido realmente se ergue entre minhas mãos como o cone de um vulcão.

As mãos de Cole cobrem as minhas, me guiando. Mantendo meus movimentos suaves e fortes. Acariciando minha pele.

O cheiro terroso do barro se mistura com o doce da maçã e a fumaça do fogo. O crepitar do toca-discos e o estalo das toras provocam uma agradável fricção na minha espinha.

— Eu gosto de como se sente, — murmuro para Cole. — É tão legal comparado ao fogo.

— É tão sedosa quanto a sua pele, — diz Cole, correndo os dedos pelo meu antebraço nu.

A argila molhada risca minha carne.

Eu entrelacei meus dedos nos de Cole, sentindo o barro espremer entre nossas mãos.

O cone desmorona, mas nenhum de nós se importa.

Cole o esfrega entre as palmas das mãos, depois passa as duas mãos pelos meus braços, cobrindo minha pele. Pintando-me com o barro.

Eu me viro para encará-lo, montando em seu colo, puxando minha camisa sobre minha cabeça. Jogando-o no chão.

Cole esfrega meus seios nus com a argila. É escorregadio e fresco em minha carne queimando, minha pele brilhando rosada à luz do fogo.

Deixei que ele me pintasse inteira. Eu o deixei cobrir meu rosto como uma máscara de lama, deixando apenas meus olhos e lábios nus. Ele cobre meu pescoço, meu peito, minhas costas e minha barriga.

Os antigos egípcios pensavam que os humanos eram formados de barro. Seu deus com cabeça de carneiro os colocou em uma roda de oleiro com lama das margens do Nilo.

Cole está me moldando sob o barro. Massageando minha carne, reformando meu corpo.

Eu me entrego a ele. Eu o deixo trabalhar.

Fecho os olhos, banhada no calor e na luz do fogo. Estou deitada no tapete agora, as mãos de Cole vagando sobre mim. Ele tirou minhas roupas. Estou nu como no dia em que nasci.

Eu costumava ser Mara a vítima. Mara a danificada. Mara a descartável.

No dia em que conheci Cole, eu estava morrendo.

Talvez eu tenha morrido.

Através de Cole, eu renasci.

Agora sou Mara, a artista. Mara a estrela. Mara, a inquebrável.

Só Cole poderia tornar isso possível.

Ele quer ser o centro do meu universo.

Eu quero isso também.

Quero adorá-lo como os egípcios adoravam seus deuses. Quero orar a ele por ajuda e proteção.

Eu quero dar a ele minha mente, corpo e alma.

Cole tira suas roupas e sobe em cima de mim. Ele desliza seu pau dentro de mim, braços apoiados em ambos os lados, olhando para o meu rosto.

Ele fez meu corpo tão quente e relaxado que cada golpe de seu pênis é puro prazer derretido. Ele desliza para dentro e para fora de mim, observando meus olhos revirarem em êxtase.

— Cole... — Eu gemo. — Eu... eu... eu...

— Eu sei, — diz ele.

Ele não consegue segurar o sorriso. Ele sabe exatamente que tipo de efeito está tendo em mim.

Eu olho para ele.

— Eu te amo, — eu digo.

Se eu tivesse pensado primeiro, teria medo de dizer.

Cole olha para mim, seus olhos negros e bruxuleantes, cheios de chamas refletidas.

— Qual é a sensação?

— Parece que farei qualquer coisa por você. Pulo de uma ponte por você, me viro do avesso por você. Parece loucura, e eu nunca quero que isso acabe.

Cole considera isso, seus olhos escuros percorrendo meu rosto.

— Então eu devo estar apaixonado, — diz ele. — Porque é isso que eu sinto também.



Uma semana depois, enquanto Cole e eu passeamos pelo Golden Gate Park, seu telefone toca em seu bolso.

Ele pega e atende a chamada.

Ainda é um pouco perturbador ouvir Cole falar com seu nível habitual de animação, enquanto seu rosto permanece plano e suave. Ele não se preocupa em fazer expressões quando está ao telefone e a outra pessoa não pode ver.

— Bom saber, — diz ele. E então, depois de uma pausa, — Sim, eu concordo.

Ele termina a ligação, colocando o telefone de volta no bolso de seu casaco.

Eu tenho meu braço dobrado no dele, então eu tenho que esticar meu pescoço para olhar em seu rosto. Estou tentando adivinhar quem foi e o que eles disseram – um exercício muito mais difícil com Cole do que com qualquer outra pessoa, porque ele não me dá nenhuma dica, apenas me olhando com aquele sorriso enigmático brincando nos cantos dos lábios.

Eu não posso dizer se ele está satisfeito com a ligação, ou apenas porque eu estou olhando para ele com tanta curiosidade. Ele adora quando minha atenção está fixa nele.

— Nós iremos? — Digo quando não aguento mais.

— Isso foi York, — responde Cole.

Ele ainda não está me dando nenhuma pista pelo seu tom ou expressão.

Estou pulando na ponta dos pés, borbulhando com antecipação e fúria crescente que ele não vai quebrar o suspense.

— E? E? — eu grito.

— E eu consegui, — Cole diz simplesmente.

É o meu grito de excitação, minha corrida ao redor dele em círculos que o faz sorrir. Ele não registra o triunfo do momento até que eu pulo em seus braços, minhas pernas em volta de sua cintura, meus pulsos travados em seu pescoço, fazendo-o me beijar de novo e de novo.

— Você conseguiu! — eu grito. — VOCÊ CONSEGUIU!!!

— Eu sempre pensei que faria, — diz Cole, jogando seu cabelo escuro.

Ele não me engana. Eu sei que ele realmente não esperava a vitória. O mundo da arte tem tudo a ver com impulso. Enquanto Cole está distraído, Shaw está lançando peça após peça, cada uma mais impressionante que a anterior. Ele está trabalhando quase inteiramente em escultura agora, deliberadamente pisando nos calos de Cole. Gritando sua oferta pelo Corona Heights Park de todas as maneiras possíveis.

Acho que nós dois sabemos o quão estreita foi a vitória, a supremacia de longa data de Cole neste espaço mal superando a estrela em ascensão de Shaw.

— Eles provavelmente não queriam ter que lidar com ele, — diz Cole. — Eu posso ser um idiota, mas Shaw é detestável pra caralho.

Pode haver verdade nisso. O impulso implacável de Shaw para a autopromoção ofuscaria a escultura e todos os outros envolvidos no projeto. Além disso, ele não tem experiência. Ele não pode fazer algo desse tamanho de lâ.

— Qual é o objetivo deste projeto, afinal? — Eu pergunto. — Tipo, o que é suposto representar?

— Eu não sei, união e paz ou alguma besteira. — Cole dá de ombros. — Só estou fazendo o que quero.

Sinto uma emoção profunda ao saber que dei a ideia a Cole. Ou, devo dizer, David Bowie fez.

O labirinto de Cole é tão sombrio e enigmático quanto ele. Um caminho verdadeiro até o centro e uma dúzia de trilhas falsas que só voltam para si mesmas.

— Estou surpreso que eles estão dispostos a fazer isso, — eu digo a Cole. — Eles não estão preocupados com as pessoas se perderem?

Cole ri perversamente. — Eu disse a eles que era como um labirinto de milho. Eles acham que as pessoas vão adorar.

— Você é um sádico.

Ele me beija, mordendo meu lábio com força suficiente para tirar sangue.

— Você já sabe disso, porra.

10

COLE

Novembro flui para dezembro, cada dia passando mais rápido que o anterior.

Já estou arrependido de ter ganho a licitação para a escultura.

York está exigindo que eu o construa o mais rápido possível, antes do próximo turno das eleições na primavera.

E assim como eu esperava, estou odiando.

Eu tenho que comandar uma equipe inteira de trabalhadores da construção civil, nenhum dos quais sabe nada sobre trabalhar com esse tipo de material.

Estou no topo plano e gelado do Corona Heights Park, no dezembro mais frio desde 1932, gritando com soldados que já quebraram uma dúzia de placas de vidro fumê que compõem as paredes do labirinto.

Isso poderia ser tolerável se Mara estivesse comigo, mas ela não está. Ela está de volta ao estúdio, terminando sua série a tempo para o show que vou lançar na próxima semana.

Sempre que quero quebrar o pescoço de um dos vidraceiros incompetentes, pego meu telefone e verifico a câmera em seu

estúdio. Dá-me uma sensação de paz vê-la enxugar a tela, sua música explodindo, seus pincéis sobressalentes torcidos em seu cabelo.

Ela está muito absorta em seu trabalho para pensar em mim.

Uma vez, ela pareceu sentir que eu estava observando. Ela se virou e encarou a câmera, sorrindo e me dando um aceno atrevido. Então ela puxou sua camisa, mostrando seus seios para mim, antes de voltar para seu trabalho.

Ela só poderia estar adivinhando, mas meu pau ainda estava furioso contra a minha roupa, exigindo que eu abandonasse esse projeto idiota e voltasse rapidamente para o estúdio para que eu pudesse me enterrar dentro dela.

Quando Mara está trabalhando, é melhor eu não existir.

Ela está completamente absorvida pelo projeto, esquecendo-se de comer, beber ou dormir.

Isso me deixa louco de ciúmes. Eu odeio quando qualquer coisa puxa sua atenção para longe de mim.

Não é assim que minha mente funciona.

Posso pensar em muitas coisas ao mesmo tempo, e uma dessas coisas é sempre Mara.

Como um computador que pode executar vários programas simultaneamente, mantenho o controle de Shaw e do oficial Hawks, supervisiono a construção da escultura e penso em todas as maneiras possíveis de enrolar outra corda em volta da minha doce Mara e puxá-la com força.

Quando posso abandonar a escultura no final do expediente, vou até o estúdio para chamar a atenção de Mara de volta para onde ela pertence: para mim.

Eu costumava odiar as férias. Pareciam patéticos e fabricados, projetados para dar alguma aparência de estrutura ao ano. Assim, as pessoas podiam fingir que estavam comemorando, quando na verdade preferiam não ver a família e só usavam a desculpa de beber o máximo possível antes de desmaiar na frente da árvore.

Estou aprendendo como o mundo parece diferente quando tudo que você faz é para outra pessoa.

Agora, em vez de árvores de Natal e enfeites me parecerem cafonas, quero encontrar as mais bonitas possíveis, para surpreender Mara quando ela passar pela porta e encontrar a casa enfeitada com luzes suaves e prateadas. Quero vê-los refletidos em sua pele e cabelo, ecoando a cor esfumada de seus olhos.

É fácil reduzir Mara a uma maravilha infantil. Para dar a ela o que ela nunca teve antes.

Eu empilho os presentes debaixo da árvore, dezenas deles, todos com o nome dela nas etiquetas. Ela não se importa com o que está dentro - o fato de ter presentes esperando por ela a reduz às lágrimas, e ela tem que se esconder em um canto distante da casa, com fones de ouvido, enrolada em um cobertor, até que esteja pronta para vir olhe para eles novamente.

Cada coisa estúpida que as pessoas fazem, que eu costumava vê-las fazer, agora estou no centro disso.

Eu a levo para patinar na pista de gelo de férias no Embarcadero Center. Neste estranho clima de inverno, os franciscanos ficam tontos com a alegria de realmente vestir lenços

e chapéus de pom-pom, correr sob as palmeiras queimadas pelo gelo, beber seu chocolate quente.

A cidade está carregada com o dobro de luzes cintilantes, como se tentasse afastar a neblina congelante que sopra da baía, cada dia mais fria que o anterior.

Os outros patinadores flutuam dentro e fora de vista como espectros fantasmagóricos.

Mara é um anjo na luz suavemente brilhante.

Comprei para ela uma parka branca como a neve com pelo em todo o rosto. Ela usa um par de luvas fofas e um par de patins novinhos em folha, recém-afiados ao fio de uma navalha. Apenas o melhor para Mara, sem aluguel de merda.

Eu nunca soube o quão boa generosidade pode ser. Minha capacidade de tornar a vida dela confortável e mágica me dá uma sensação de poder divino. Não é mais um deus irado, mas um que transborda bondade e luz.

Eu não sei se eu tenho alguma bondade real dentro de mim.

Mas Mara acredita que sim. Ela acreditava que eu não iria machucá-la, quando eu tinha toda a intenção de matá-la. Agora ela acredita que eu tenho a capacidade de amar.

O que é amar alguém?

De todas as aparências, sou muito um homem apaixonado. Eu a cubro com presentes, elogios, atenção.

Mas tenho plena consciência de que tudo que faço por Mara me beneficia. Eu me alimento de sua alegria como um vampiro. O

chocolate quente tem um gosto mais doce quando eu lambo seus lábios. As luzes são mais bonitas refletidas em seus olhos. O ar em meus pulmões é fresco e doce quando voamos juntos pelo gelo, de mãos dadas.

Por enquanto, todos os nossos interesses se alinham. O que é bom para Mara é bom para mim.

Não requer nenhum sacrifício real. Eu só estou fazendo o que eu quero.

Mas talvez, eu esteja mudando na menor das maneiras.

Porque pela primeira vez, eu me pergunto se ela merece mais do que isso.

Mara acha que vê quem eu sou e me ama mesmo assim.

Só eu sei o quão frio eu realmente sou no coração.

Eu disse a mim mesmo que sempre fui honesto com ela. Deixando-a acreditar no que ela quer acreditar: que eu sempre tive uma boa razão... que eu poderia ser justificado.

É hora de dizer a verdade a ela. Para mostrar a ela, a única maneira que eu sei.



Levo Mara até o nível mais baixo da casa. Para a porta trancada que ela nunca viu além.

Vejo seu medo crescente enquanto descemos as escadas. Mara é uma gatinha curiosa..., mas ela tem uma compreensão instintiva do perigo potencial. Ela se afasta sem nunca reconhecer o limite.

Agora coloco a chave na fechadura. E abro a porta.

Mara se encolhe, como se esperasse um tapa.

Em vez disso, seus olhos se arregalam com admiração. Ela entra no espaço cavernoso.

— Que diabos... — ela respira, seus pés descalços afundando em um tapete grosso de musgo.

How Villains Are Made⁷ – Madalen Duke

O ar é rico em oxigênio, o espaço semelhante a uma caverna repleto de vegetação. As samambaias agarram-se às rochas gotejantes. É um jardim subterrâneo, uma profusão de vida e cor, trancado no coração da terra.

— Era da minha mãe, — digo a ela. — Ela estava tentando criar um verdadeiro terrário – autossustentável, autoperpetuante. Funciona com muito pouca manutenção.

Mara fica sem palavras, entrando no espaço surpreendentemente vasto. Ela não tinha ideia do que estava escondido debaixo da casa. Ninguém sabe além de mim.

⁷ Como são feitos os vilões.

— Meu Deus, — ela sussurra. — É tão bonito ...

— Ela passou o tempo todo aqui embaixo. Principalmente no final.

Mara se vira lentamente, uma sombra caindo sobre seus olhos.

Ela entende que eu a trouxe aqui por um motivo. Não apenas para lhe mostrar o jardim.

— Foi aqui que a encontrei, — digo a Mara. — Pendurada naquela árvore.

Eu aceno com a cabeça em direção a uma árvore de azevinho, seu galho retorcido forte o suficiente para suportar o peso da minha mãe quando ela chutou o banco debaixo de seus pés. Corri até ela e me agarrei a seus pés frios. Nem perto de forte o suficiente para levantá-la para baixo.

Os olhos de Mara já estão cheios de lágrimas, mas preciso explicar isso para ela, antes que ela tenha a ideia errada novamente. Antes de construir a narrativa que ela quer acreditar.

— Eu tinha quatro anos, — digo a ela. — Ela já sabia que algo estava errado comigo. Ela foi enganada por meu pai quando eles se conheceram, mas desde então ela aprendeu a conhecê-lo. Para ver o vazio em seu rosto. Sua crueldade casual. Sua falta de calor humano normal. E, claro, em seu irmão Ruben, ela viu a iteração mais completa do que somos. A maldição da família.

Eu dou uma risada oca.

Mara balança a cabeça, querendo objetar, mas eu falo rápido demais, determinada a contar tudo a ela antes que ela possa interromper.

— Ela esperava que eu não fosse como eles. Ela esperava que eu fosse gentil, como ela. Mas eu já era frio e arrogante, e jovem demais para saber melhor do que dizer a verdade. Eu disse a ela como eu via pouco valor nas pessoas que esfregavam nossos banheiros, limpavam nossa casa. Eu disse a ela como nosso jardineiro me enojava porque ele era estúpido e mal sabia ler, enquanto eu já estava terminando romances inteiros. Eu podia ver que eu era mais inteligente que as outras pessoas, mais rico, mais bonito. Aos quatro anos, eu já era um monstrinho.

— Você era uma criança, — diz Mara.

— Isso é o que ela pensou, também. Ela me comprou um coelho. Um grande cinza. Ela o chamou de Shadow, porque eu não queria dar um nome a ele. Eu odiava aquele coelho. Eu não tinha aprendido a usar minhas mãos e minha voz ainda. Eu era desajeitado com ele, e ele me mordeu e me arranhou. Eu não conseguia acalmá-lo como minha mãe fazia, e eu não queria. Eu odiava o tempo que tinha que passar alimentando-o e limpando sua gaiola nojenta.

Mara abre a boca para falar novamente. Eu caio sobre ela, meus pulmões cheios de todo esse ar fresco e verde, mas as palavras saem mortas e distorcidas, caindo entre nós.

— Eu cuidei daquele coelho por três meses. Eu odiava cada minuto disso. Eu o negligenciei quando pude, e só o alimentei e reguei quando ela me lembrou. A forma como a amava e a forma como me odiava me deixou furioso. Fiquei ainda mais irritado quando vi a decepção em seus olhos. Eu queria agradá-la. Mas eu não podia mudar como me sentia.

Agora tenho que fazer uma pausa porque meu rosto está quente e não consigo mais olhar para Mara. Não quero contar a ela o que aconteceu em seguida, mas estou compelido. Ela precisa entender isso.

— Certa manhã, descemos à coelheira e o pescoço do coelho estava quebrado. Ele estava deitado ali, morto e retorcido, moscas já pousando em seus olhos. Minha mãe podia ver que tinha sido morto. Ela não me castigou... não havia mais sentido. Olhando nos meus olhos, ela não viu nada além de escuridão. Ela se enforcou naquela tarde. Anos depois, li a última anotação em seu diário: *não posso mudá-lo. Ele é como eles.*

Agora olho para Mara, já sabendo o que vou ver em seu rosto, porque já vi isso antes, na única outra pessoa que já amei. É o olhar de uma mulher olhando para um monstro.

Lágrimas caem silenciosamente pelo rosto de Mara, caindo no musgo verde macio.

— Você não matou o coelho, — diz ela.

— Mas eu queria. É isso que você tem que entender. Eu queria matar aquele maldito coelho toda vez que o segurava em minhas mãos. Eu só não fiz por causa dela.

Ainda estou esperando o nojo, a repulsa. A compreensão de que o que minha mãe acreditava era verdade: aos quatro anos, eu já era um assassino. Sem coração e cruel. Retido pela minha afeição por ela, mas quem sabe por quanto tempo.

— Mas você não fez isso, — Mara diz, sua mandíbula apertada, olhos fixos nos meus. — Você era uma criança – você poderia ter sido qualquer coisa. Ela desistiu de você.

Mara está com raiva, mas não comigo.

Ela está com raiva de outra mãe que falhou em seus olhos. Uma mãe que olhava para o próprio filho e só via feiura.

— Ela estava certa em desistir de mim, — digo a Mara. — Eu não matei o coelho, mas matei muitos outros.

— Eu não dou a mínima para o que você fez! — Mara chora. — Eu só me importo com o que você faz agora que alguém te ama!

Ela voa para mim, e eu acho que ela vai me bater. Em vez disso, ela agarra meu rosto entre as mãos e me beija, tão ferozmente, tão apaixonadamente como sempre fez.

— Eu te amo! — ela chora. — Eu te amo pra caralho. Sua vida começa aqui, hoje, agora que eu lhe disse.

Olho para o rosto furioso de Mara.

Eu toco as lágrimas escorrendo dos dois lados. Eu a beijo novamente, sentindo o gosto do sal em seus lábios.

Naquele momento, eu finalmente percebi o que Mara sabia o tempo todo:

Ela não vai morrer como aquele coelho. *EU VOU* mantê-la segura.

Agora entendo por que Cole sempre ficou nesta casa.

Ele destruiu o escritório de seu pai, mas não o jardim. Ele manteve o jardim vivo e crescendo para sua mãe, muito depois que ela se foi.

Eu me pergunto se aquele ato manteve uma centelha de humanidade queimando dentro dele, em todos os anos que se seguiram.

Cole parece estranhamente leve desde que me contou este último pedaço de sua história. Ele está aliviado – finalmente entendendo que eu *vejo* quem ele é, sem julgamento.

Não posso julgar ninguém. Eu fui uma bagunça do caralho durante a maior parte da minha vida. Uma pessoa literalmente louca às vezes.

Todo mundo é uma mistura de bom e ruim. O bem pode anular o mal? Não sei. Eu não tenho certeza se me importo. Se não houver uma medida objetiva, tudo o que importa é como me sinto. Cole é um tom de cinza que posso aceitar.

Ele combina comigo como ninguém nunca fez.

Ele me entende.

Como posso rejeitar a única pessoa com quem me senti conectado?

Fomos atraídos desde o primeiro momento em que nos vimos, quando nenhum de nós queria. Como reconhecido como. Nós nos ligamos no lugar, como átomos de mercúrio.

Se Cole está errado, então eu também estou.

Quando ele me empurra para mudar, a mudança é boa.

É como suas correções em minhas pinturas – uma vez que ele aponta a melhoria, posso ver seu mérito com a mesma clareza.

Ele tem me incentivado a me promover mais abertamente nas mídias sociais. Eu sempre hesitei em postar algo muito pessoal, muito específico. Ainda atormentado por aquele velho medo de me expor como estranho, quebrado, nojento.

— Você acha que a pintura é o produto, mas não é, — Cole me diz. — *Você é o produto*: Mara Eldritch, a artista. Se *you* é interessante, então o trabalho é interessante. Eles têm que estar curiosos sobre você. Eles têm que querer ouvir o que você tem a dizer.

— Eu sou o produto? — Eu o provoco. — Você sabe com quem você soa...

— Há uma diferença entre criar uma versão falsa de si mesmo para o mercado, — diz Cole, severamente, — e simplesmente entender como mostrar às pessoas quem você realmente é.

Cole me encoraja a desenterrar meu velho Pentacon e tirar fotos de minhas pinturas em andamento, antes de serem aperfeiçoadas, antes mesmo de tomarem forma. Eu me fotografo no trabalho, nos momentos de frustração, até desmoronando na frente da tela, deitada no chão.

Eu me fotografo em frente às escuras janelas de vidro laminado, densas de neblina, traçando meu dedo através do vapor.

Eu me fotografo almoçando, comida espalhada entre as tintas, mãos sujas no meu sanduíche.

Quando preciso de uma pausa na pintura, poso nua e manchada de tinta. Vestindo uma coroa de pincéis de raios de sol, enrolada em um lençol de lona como a Madona.

As imagens são sombrias e granuladas. Às vezes melancólica, às vezes carregada de beleza etérea.

Não me preocupo com minha privacidade ou se posso parecer desequilibrada. Posto as fotos e conto a verdade sobre meu estado mental, para melhor ou para pior, conforme atualizo meu progresso na nova série.

No começo, estou fazendo isso principalmente para mim, um diário digital.

Tenho poucos seguidores, e a maior parte da interação vem de amigos e antigos colegas de quarto.

Lentamente, porém, começo a conseguir mais amigos. No começo, são as pessoas que eu mesma comecei a seguir: uma garota que costura remendos desenhados à mão em camisas vintage. Um cara com técnicas fenomenais de pintura em spray.

Uma mulher documentando seu divórcio doloroso com uma série de autorretratos.

Eu comento nos posts deles, eles comentam nos meus. Meu feed se torna mais inspirador do que antes. Paro de perseguir velhos conhecidos do ensino médio e começo o processo do que Cole chama de *rede de verdade* – fazer amigos intencionalmente entre pessoas que respeito e admiro, pessoas que me inspiram com sua criatividade.

Eu não teria a confiança de enviar mensagens para qualquer uma dessas pessoas antes; eles são artistas de trabalho legítimos. Mas eu também estou agora. Não sou mais cosplay. Sou apaixonada pela minha série atual, acredito nela. Não tenho vergonha de falar sobre isso. Muito pelo contrário - quero discutir traumas de infância e impulsos autodestrutivos. Minha mente está cheia de ideias.

Quanto mais me abro, mais percebo quantas outras pessoas compartilham essas experiências. Meu passado era feio, mas não tão único que ninguém mais pudesse entendê-lo. Em vez de julgamento, encontro aceitação.

Alguns dos meus posts se tornam virais; a maioria não. Eu não presto atenção nisso. Eu me preocupo mais com a crescente conversa entre nosso grupo de artistas que pensam da mesma forma.

Abrindo-me para Cole, vendo sua calma aceitação até mesmo de minhas declarações mais estranhas, está me ajudando a confiar em outras pessoas. Acreditar que eles poderiam conhecer a verdadeira Mara e realmente gostar dela, com defeitos e tudo.

Alguns dos meus novos amigos moram em San Francisco. Nos encontramos pessoalmente em shows. Alguns já são conhecidos por Cole.

Cole é diferente quando está me apresentando. Ele usa todo o seu charme, que não é tão barulhento e barulhento quanto o de Shaw, mas é extraordinariamente eficaz por causa de sua sagacidade e seu foco intenso na pessoa com quem estamos falando.

Em um jantar na casa de Betsy Voss, Cole põe a mesa inteira aos gritos com uma anedota da escola de arte.

Depois eu digo a ele: — Eu nunca vi você assim. Você tinha a sala inteira comendo na sua mão.

Cole olha para mim, empurrando para trás sua queda de cabelo escuro com uma mão.

— Eu só contei essa história para você.

— O que você quer dizer?

— Você parecia entediada. Algo dentro de mim sussurrou: *'Diga algo engraçado. Faça ela rir.'*

Isso me toca da maneira mais estranha.

Cole e eu tínhamos acabado de passar o dia inteiro juntos e fomos no carro a caminho da festa. O fato de ele ainda se sentir compelido a me entreter é ridiculamente lisonjeiro.

Siren imprime uma foto nossa saindo do carro de Cole, Cole segurando a porta aberta para mim, moreno e mal-humorado com seu longo casaco preto puxado para trás pelo vento, e eu com meu

cabelo em um redemoinho, meu minivestido brilhante brilhando como uma bola de discoteca, minha cabeça jogada para trás em uma risada enquanto a rajada tenta me levar embora.

A legenda diz: *O príncipe herdeiro e a princesa do mundo da arte.*

Abaixo disso, um breve artigo falando sobre a escultura semiconstruída de Cole em Corona Heights Park, e meu próximo show. A fotografia mostra uma de minhas pinturas, não o trabalho de Cole.

É Cole quem me mostra a revista, nossa imagem brilhante parecendo glamourosa demais para ser alguém que eu conheço.

Olho para o rosto dele, me perguntando se o incomoda que eles tenham falado mais sobre o meu show do que sobre sua escultura.

— Tenho certeza de que eles vão escrever sobre você novamente quando o labirinto estiver pronto, — eu digo.

Cole bufa. — Eu não dou a mínima para isso.

Acho isso difícil de acreditar. Cole é competitivo, com um senso bem desenvolvido de seu próprio mérito. Não consigo imaginar que ele goste de ser ofuscado.

Ele pega meu olhar.

— Dê-me um pouco de crédito, — ele zomba. — O que quer que eu seja, nunca fui um homem que teve que derrubar uma mulher para brilhar ao lado dela. Se você não é tão bom quanto eu, então você não é bom para nada. E quando eu te vi, Mara... eu pensei, *essa garota é muito boa pra caralho*. Eu não quero te

segurar, te derrubar, te diminuir de forma alguma. Já sei que encontrei algo especial. Agora é hora de todos verem.

Shaw matou novamente.

Ele pode ter feito isso por raiva de perder sua oferta por Corona Heights. Mas o corpo não foi encontrado em estado de fúria mutilada. Ela foi posada como *Flaming June*, algo que foi abafado nos jornais, mas o *TruCrime* conseguiu espalhar em seu site em fotografias coloridas.

O cálculo frio do assassinato me perturba muito mais do que a raiva luxuriosa usual de Shaw.

A garota é morena, magra, bonita. As fotografias em close mostram uma mão pálida com unhas roídas. Dois desses dedos totalmente ausentes.

É a única marca de brutalidade em um corpo intocado. Nem uma única lágrima em seu vestido laranja esvoaçante. Seu rosto lindo e sem marcas, olhos fechados com uma gentileza que poderia ser sono.

Ainda mais inquietante, Hawks não liga depois de sua morte. Em vez disso, vejo seu carro sem identificação seguindo o meu quando dirijo do estúdio para Corona Heights. Vejo sua figura alta e ereta na Clay Street.

Ele sabe que eu o vejo. Ele quer que eu saiba.

Ele não está seguindo Shaw.

Shaw tem permissão para andar livre com uma linda loira diferente em seu braço todas as noites da semana, essas garotas nunca suspeitando que estão montando o pau da Besta da Baía, beijando a boca que arrancou pedaços de carne das garotas muito como eles mesmos.

Nunca adivinhando que a verdadeira preferência de Shaw é, e sempre foi, exclusivamente morenas.

Erin era a única ruiva, algo que o perfilador de Hawks com morte cerebral não parecia ter notado.

Às vezes acho que poderia fazer qualquer trabalho melhor do que as pessoas empregadas para fazê-lo. O resto do mundo é um pântano de incompetência, todos se disfarçando em seus empregos. Existem adultos reais? Ou apenas crianças que cresceram?

Mara não pode escapar da notícia do último assassinato, que é sussurrado em todos os lugares. Eu gostaria de esconder isso dela, mas não posso.

Janice abre o *TruCrime* em seu computador e uma dúzia de artistas se reúnem.

Eu assisto do outro lado da sala. Mara permanece na beira do bando, querendo desesperadamente se virar, mas forçada a olhar para as imagens. Testemunhando o que Shaw fez.

Quando ela se vira para mim, vejo o horror em seus olhos.

Ela se sente responsável.

Shaw continua sem controle por nossa causa. Por causa dela.

Enquanto ela admitiu sua raiva, ela ainda tem que agir sobre isso.

Talvez ela espere que eu faça isso em segredo, sem que ela tenha que levantar um dedo. Ela vai acordar uma manhã e Shaw estará simplesmente morto.

Isso não está acontecendo.

Não haverá conveniência agradável para Mara.

Ela vai aprender a diferença entre pensamentos e ações.

Todo mundo sabe que alguém que eles gostariam que morresse. Muito poucos vão fazer isso acontecer.

Eu estou em um lado de um abismo. Mara tem que se juntar a mim.

É a única maneira de estarmos verdadeiramente juntos.

13

MARA

À noite, deitado na cama na escuridão, posso dizer que Cole ainda não está dormindo. Sem respirações lentas e pesadas, apenas a quietude que me diz que ele está pensando em algo com todo o seu foco.

Eu também estou pensando muito.

Provavelmente no mesmo tópico.

Nós dois vimos essas fotos esta manhã. E nós dois sabemos o que isso significa.

Shaw está iniciando outro ciclo de matança, com quase nenhuma interrupção desde o último. Isso significa mais duas garotas sacrificadas para sua fome. Talvez mais.

Quantos serão necessários para o oficial Hawks obter as provas de que precisa?

Cole diz que Hawks nem está seguindo Shaw. Ele está nos seguindo em vez disso.

Estou com medo de Shaw atrapalhar meu show. Ele não foi convidado, mas tenho certeza de que adoraria aparecer para se regozijar na nossa cara novamente.

Eu o odeio. Eu odeio que ele esteja perambulando sem controle, mais cruel e violento a cada dia.

Eu poderia ter salvado essa garota. Ela tinha vinte e quatro anos, um ano mais nova que eu. Um estudante de medicina, aparentemente.

Se eu tivesse concordado com Cole imediatamente, Shaw poderia já estar morto. Ele nunca poderia tê-la arrebatado de qualquer calçada ou beco que a encontrou.

Minha recusa à violência era um pilar em meu próprio senso de identidade. A evidência de que eu era uma boa pessoa.

Agora me pergunto se sou apenas um covarde.

A ideia de enfrentar Shaw, de tomar medidas reais contra ele, me apavora. Eu nunca parei de ter pesadelos da noite em que ele me agarrou. Eu nunca senti mais medo do que quando seu corpo de touro foi arremessado em minha direção, rápido demais para correr ou até mesmo gritar antes que ele me batesse com tanta força que parecia que minha cabeça explodiu.

Desta vez, Cole estará comigo.

Mas mesmo Cole não está ansioso para a batalha com Shaw. Ele conhece melhor do que eu o nível de brutalidade e astúcia de Shaw. Não será fácil pegá-lo desprevenido.

Se eu não fizer nada, tão certo quanto o sol nasce, verei outro artigo sobre uma garota assassinada.

— Cole, — eu digo, quebrando o silêncio ainda.

Imediatamente ele responde: — Sim?

— Nós temos que matar Shaw.

Ele solta uma pequena lufada de ar que pode ser divertida.

— Eu sei que. Eu sei disso o tempo todo. Você finalmente está se recuperando.

— Bem, estou aqui agora. Como fazemos isso?

— Você ainda não está pronto.

Isso é tão enfurecedor que eu me viro bufando, me apoiando no cotovelo, tentando distinguir sua expressão no escuro.

— O que você está falando?

— Se você está concordando que precisamos fazer isso, então você vai me ajudar. Temos a melhor chance de sucesso trabalhando juntos. Mas você não está pronto.

Isso é ultrajante. Eu finalmente concordei em fazer o que ele quer, e agora ele está fodendo comigo.

— Você acha que vai me treinar? Como a porra do Miyagi?

— Vou preparar você.

Não sei o que isso quer dizer. E não tenho certeza se quero descobrir.

— Não temos tempo para isso! Shaw vai matar outra garota. Ou eu! — Eu digo, esperando que isso o estimule.

Cole solta um suspiro.

— Você está pensando em termos de pessoa normal. Não é assim que Shaw ou eu pensamos. Nosso horizonte de tempo é infinito. Agora que o elemento surpresa se foi, ele não se importa se levar uma semana, um mês ou vinte anos para me destruir. Na verdade, ele preferiria prolongá-lo. Ele gosta do jogo, esse é o ponto...

Dá-me um calafrio perceber que enquanto Cole e eu estamos nos entendendo, ainda é Shaw com quem ele compartilha a maior semelhança de espírito.

— Eu não quero ver os corpos empilhados, — digo a Cole. — Nós temos que fazer alguma coisa.

— Nós vamos, — Cole me assegura. — Muito em breve.



Meu show acontece duas semanas antes do Natal.

É a primeira vez que minha arte será exibida sozinha, incapaz de se esconder entre outras pinturas.

Sinto a mais doentia sensação de pavor enquanto Cole e eu dirigimos para a galeria em Laurel Heights, imaginando o que acontecerá se ninguém comparecer.

Certa vez, vi um autor sentado sozinho em uma mesa em Costco com uma pilha enorme de livros, e nenhuma pessoa interessada em ter um autografado. Seu olhar de expectativa esperançosa quando me aproximei, seguido por uma decepção

esmagadora quando passei, ainda é uma das coisas mais tristes que já vi.

Eu não quero ser esse autor.

— Não se preocupe, — diz Cole, apertando minha coxa enquanto gira o volante com a outra mão. — Essas coisas estão sempre embaladas. Especialmente quando contrato fornecedores ainda melhores do que Betsy, com champanhe suficiente para afogar um cavalo.

— Isso realmente me conforta, — eu rio. — Se as pinturas forem uma merda, pelo menos a comida será boa.

— Eu nunca te decepcionaria com comida, — Cole promete solenemente. — Eu sei que é sua prioridade.

— É melhor eu parar de fazer disso minha prioridade. Acho que engordei oito quilos desde que me mudei para sua casa.

— Eu gosto disso, — diz Cole. — Está deixando seus seios maiores.

Eu bato em seu ombro. — Cala a boca!

Cole pega um punhado do peito em questão, deslizando a mão pela frente do meu top mais rápido do que eu posso afastá-lo.

— Eu vou te alimentar com tanta porra de queijo, — ele me provoca.

Eu não consigo parar de rir.

— Por favor não. Estarei com cento e oitenta quilos.

— Eu quero me afogar em seus seios. Que maneira de morrer.

Paramos no meio-fio, cedo demais para eu passar mais tempo me preocupando.

Estou aliviada ao ver que a galeria já está lotada de pessoas, incluindo Sonia cuidando da porta em um lindo vestido de coquetel cintilante, e Frank e Heinrich à espreita logo atrás dela.

Heinrich aparece para me puxar para um abraço. Frank faz o mesmo, depois de dar a Cole um olhar que é meio admiração, meio nervosismo persistente.

— Obrigada por vir! — Eu choro, abraçando os dois com força.

— Joss e Brinley também estão aqui, — Frank me diz.

Suponho que isso significa que Joanna não é. Eu não esperava nada diferente, mas ainda dói.

A galeria pulsa com a playlist que passei a semana inteira escolhendo.

Cole me encorajou a escolher a música eu mesmo, embora eu não tivesse certeza de que mais alguém iria gostar.

— Quem dá a mínima, — diz ele. — É o que você estava tocando quando pintou as peças, então as músicas vão combinar com o trabalho. Eles já vão juntos, quer você queira ou não.

Ele tem razão.

Heart Shaped Box⁸ – Neovaii

⁸ Caixa em forma de coração.

Enquanto um cover de *Heart-Shaped Box* sai dos alto-falantes, a trilha sonora assustadora da caixa de música combina perfeitamente com minha pintura enorme de um ursinho de pelúcia carbonizado, olhos de vidro derretidos, pele ainda fumegando em alguns lugares.

Eu não tinha percebido até este momento como o título da pintura ecoa a letra da música:

Orquídeas carnívoras não perdoam ninguém ainda

Me cortei no cabelo de anjo e na respiração do bebê

Este me doeu mais para pintar. É apenas uma porra de um urso, mas eu estava sobrecarregada de culpa por algo que eu amava ter encontrado um fim tão amargo. Quase não terminei, deixando a pintura de lado, depois mudando de ideia, virando-a novamente e colocando-a de volta no cavalete. Eu inclinei, *eu lembro e eu não esqueço*.

Esta série inclui oito pinturas ao todo, cada uma maior que a anterior. Quero que o espectador se sinta diminuído pelas telas, oprimido por elas. Como se eles próprios tivessem reduzido ao tamanho de uma criança.

Pinte a uma velocidade que nunca poderia ter imaginado quando tive que espremer minha arte entre intermináveis turnos de trabalho, já exausta no momento em que levava o pincel para a tela.

Algumas das pinturas são realistas, outras incluem elementos surreais.

Um deles se chama *The Two Maras*, uma referência ao famoso retrato de Frida Kahlo.

Na minha, a primeira versão de Mara está diante de um grande espelho. A “verdadeira” Mara está ferida e machucada, com uma expressão de medo de olhos arregalados. Seu reflexo no espelho parece dez anos mais velho: cabelos brilhantes e vestidos com um vestido preto diáfano, seus olhos escuros e ferozes, sua aura inteira crepitando com o terrível poder de uma feiticeira.

Chamei a pintura da garota de camisola de *O Enterro*, como Cole sugeriu.

A próxima é a mesma garota com a mesma camisola, sentada descalça em um ônibus, com os pés imundos e arranhados, a cabeça apoiada exausta contra a janela.

Todos os adultos olham cegamente em sua direção, seus rostos vazios nada além de uma mancha de tinta. *Cuide do seu negócio*, diz o cartão de título.

Ver todas as minhas pinturas juntas, devidamente penduradas e iluminadas, é a coisa mais emocionante que já experimentei.

Estou olhando para a janela do meu próprio futuro – um sonho que eu esperava desesperadamente, mas apenas meio acreditado.

Aqui está agora na minha frente, e eu ainda não consigo acreditar.

— Como você está se sentindo? — Cole me pergunta.

— Bêbada – e eu não bebi um gole de champanhe.

Desta vez, enquanto Cole e eu fazemos as rondas, estou começando a me lembrar dos nomes e rostos das pessoas, e elas estão começando a se lembrar de mim. Quase me sinto confortável conversando com Jack Brisk, que esqueceu que já jogou uma bebida no meu vestido e está perguntando se eu estaria interessada em mostrar em sua exposição coletiva na primavera.

— É um show só de mulheres, — diz Brisk pomposamente. — Apoiar as vozes das mulheres. Ninguém ama as mulheres mais do que eu.

— Obviamente, — diz Cole. — É por isso que você se casou quatro vezes.

— Cinco, na verdade, — diz Brisk, rindo. — Eu poderia financiar a ONU com todos os pagamentos de pensão alimentícia que fiz.

A linda jovem no braço de Brisk, ostentando um anel de noivado que parece bem novo, não parece tão divertido com essa conversa. Quando ela se afasta e Jack Brisk a persegue, Sonia se aproxima de mim e diz: — Ela está brava porque é a primeira que ele está fazendo assinar um acordo pré-nupcial.

Enquanto Cole é puxado para uma conversa com Betsy Voss, Sonia me diverte sussurrando outras fofocas sobre todos os outros que passam.

— Aquele é Joshua Gross ali – ele tentou fazer um show pop-up neste verão. Exibindo pinturas em casas elegantes por toda a cidade. Misturar arte com pornografia arquitetônica.

— Não é uma má ideia, — eu digo.

— Foi um maldito desastre. Julho estava muito quente, e todo mundo com dinheiro tinha ido para Malibu ou Aspen ou os Hamptons. Aqueles de nós estúpidos o suficiente para comparecer ficaram presos no trânsito por seis horas tentando dirigir entre as casas. Acontece que ele nunca conseguiu as licenças certas para vender pinturas de casas. A cidade o esbofeteou com tantas multas que duvido que ele tenha ganhado um dólar com o show.

O pobre Joshua ainda parece exausto, com a barba por fazer e um olhar assombrado no rosto enquanto bebe uma taça de champanhe, uma segunda taça na outra mão.

— E ela ali... — Sonia dá um aceno sutil para uma menina asiática magra com uma longa queda de cabelo escuro brilhante. — Essa é Gemma Zhang. Ela é a mais nova escritora do *Siren*. Agora isso eu não sei ao certo, mas tenho minhas suspeitas...

Eu me inclino para que ninguém além de Sonia e eu possamos ouvir.

— A maior revista de arte de Los Angeles é a *Artillery* – eles publicaram uma coluna de fofocas escrita por um cara chamado Mitchell Mulholland. Mulholland era apenas um pseudônimo, ninguém sabia quem ele realmente era. Tudo o que sabiam era que na manhã de segunda-feira, esse Mulholland parecia estar em todos os lugares e visto tudo. Ele estava escrevendo sobre merda como se estivesse escondido dentro de nossas casas, contando os segredos de todo mundo, provocando todo tipo de drama. Todo mundo estava pirando. Ele causou tantos problemas que a *Artilharia* teve que parar de executar a coluna. Mulholland desapareceu. Agora Gemma está escrevendo para *Siren*... e tudo o que posso dizer é que alguns de seus artigos me parecem muito familiares... Essa voz cortante me lembra um certo alguém.

— Você acha que Mulholland era realmente Gemma? — Eu pergunto.

Sonia dá de ombros. — Tudo o que estou dizendo é que tome cuidado com ela... ela é uma porra de um tubarão.

Observando Gemma tomar um gole de sua bebida, seus olhos escuros esvoaçando em todos os lugares ao mesmo tempo, inteligentes e brilhantes, acho que Sonia pode estar certa.

Cole escapa de Betsy Voss, que estava bêbada o suficiente para precisar de apoio de seu braço, batendo seus cílios postiços para ele até que um caiu e pousou no pulso de Cole. Ele a afastou como uma aranha, estremecendo.

— Você me deve por isso, — Cole murmura em meu ouvido. — Betsy tem um comprador para *The Burial*. Mas eu tive que deixá-la passar as mãos por todo o meu peito por toda aquela conversa. Sou praticamente seu gigolô hoje em dia.

— Sim, você quer uma comissão? — Eu o provoco. — Ou você só quer passar as mãos no peito de alguém...

Cole deixa seus olhos vagarem pela frente da minha jaqueta, deslizando o braço em volta da minha cintura e me puxando para perto.

— Isso pode ser suficiente... — ele rosna.

Estou vestindo um terninho de veludo em ameixa escura. Eu me sinto uma estrela do rock.

Cole me despe com os olhos como se o veludo pudesse ser retirado com um olhar. Ele está carregado, talvez ainda mais

animado do que eu. Ele olha ao redor da galeria lotada, sem se preocupar em esconder seu sorriso de triunfo.

Cole não estava mentindo.

Ele realmente ama me ver ter sucesso.

— Olha quem está aqui, — diz Sonia.

Shaw entra pelas portas duplas, uma loira deslumbrante em seu braço. A garota parece satisfeita e animada, agarrada ao bíceps de Shaw.

Shaw não tem nenhum sorriso, mal-humorado e abrupto enquanto as pessoas tentam cumprimentá-lo.

Ele trava os olhos comigo do outro lado da sala.

Eu sinto Cole endurecer, me puxando ainda mais perto dele.

— Ele parece chateado, — murmuro para Cole.

— Eu te disse, ele é salgado sobre Corona Heights.

Shaw me encara, ignorando a garota ao seu lado. A cada segundo que passa, posso sentir Cole ficando mais agitado, como se quisesse correr pela sala e arrancar os olhos de Shaw.

Quando Shaw finalmente se afasta, distraído por Betsy Voss, Cole diz: — Se ele chegar a três metros de você, vou arrancar sua garganta.

— Ele não vai fazer nada aqui. Você mesmo disse isso.

— Eu não o quero aqui de jeito nenhum, — Cole sibila. — Eu nem quero que ele olhe para você.

Ainda posso sentir um par de olhos fixos em mim. Não de Shaw — é Gemma Zhang, olhando entre Shaw, Cole e eu. Ela assistiu toda a troca. Por mais breve e sem intercorrências que tenha sido, ela parece ter encontrado interesse nisso, já que agora está sorrindo levemente.

— Eu tenho que fazer xixi, — digo a Cole.

Volto para os banheiros, onde ouço o cheiro característico de alguém tomando uma bebida na cabine ao lado, e o crepitar de uma embalagem de absorvente do outro lado.

Eu tomo meu tempo, saboreando a solidão da barraca após o burburinho da festa. É inebriante ser o centro das atenções, mas também cansativo.

Quando terminei e lavei as mãos, quase colidi com Gemma Zhang. Suspeito que ela estava esperando do lado de fora do banheiro para orquestrar exatamente esse tipo de reunião.

— Mara Eldritch, — diz ela, estendendo a mão recém-manicurada. — A mulher do momento.

— Gemma, certo? — Eu digo, pegando a mão e apertando-a.

— Sonia te avisou sobre mim? — ela sorri maliciosamente. — Ela é um cão de guarda para Cole Blackwell. Não posso dar um passo na direção dele com Sonia latindo para você.

— Ela é boa em seu trabalho.

Estou tentando decidir como me sinto sobre Gemma. Ela é muito linda, elegantemente vestida em seu macacão de seda, mas há um tom perverso em seu sorriso que não me deixa à vontade.

— Você deve ver muito Sonia, — Gemma reflete. — Enquanto você está vendo muito Cole. Já morando juntos, não é?

Não adianta negar o que todo mundo já sabe.

— Isso mesmo.

— Isso foi rápido. Amor à primeira vista?

— Não exatamente.

— Não sei se alguma vez vi Cole apaixonado. Isso tudo faz parte da rivalidade?

— O que você quer dizer?

— Minhas fontes me dizem que foi Alastor Shaw quem se interessou por você primeiro.

— Suas fontes estão erradas. Mal falei com Shaw.

— Mas ele namorou sua colega de quarto...

— Eu não quero falar sobre Erin, — eu estalo.

— Claro, — Gemma oferece uma expressão de simpatia que eu não acredito muito. — Que coisa horrível. Tenho certeza de que você ouviu falar da garota que encontraram em Black Point... as pessoas estão dizendo que ela posou como uma pintura.

— Isso é o que eu ouvi, — eu digo rigidamente.

— Você pode imaginar se um artista estivesse fazendo tudo isso? — Gemma finge olhar ao nosso redor. — Eles podem estar aqui agora.

— Você está escrevendo sobre os assassinatos?

— Na verdade... — Gemma sorri brilhantemente. — Estou escrevendo sobre você. A mais nova estrela em ascensão de San Francisco!

— Eu não sei sobre isso.

— Ah, é certo. Olha essas pinturas! Simplesmente deslumbrante. Tirado da experiência pessoal, suponho?

— Sim.

— Por que tantas referências à infância?

— A infância molda a todos nós – os eventos de que nos lembramos e até os que não lembramos.

— Isso moldou você como artista?

Eu dou de ombros. — Remedios Varo aprendeu a desenhar copiando plantas de construção que seu pai trazia para casa do trabalho. Andy Warhol era uma criança doente que passava os dias desenhando na cama, cercado por pôsteres de celebridades e revistas. Nossa história sempre influencia nossa estética.

— Estas não parecem memórias felizes.

— Esse pode ser, — eu aceno para a pintura mais próxima de nós, que retrata uma menina e um gato enrolados dormindo em uma cama de tulipas.

Quando eu era muito jovem, talvez três anos, acordei de um cochilo em um apartamento vazio. Pode ter sido o silêncio que me acordou. Tirei meu pequeno colchão e perambulei pelo

apartamento, que não nos pertencia, mas onde eu estava morando com minha mãe há várias semanas. Eu naveguei pelas garrafas vazias e lixo espalhado por toda parte, com medo de gritar e quebrar o silêncio assustador.

Encontrei a porta da frente, que estava parcialmente aberta.

Saí para o corredor e depois desci as escadas, sem nunca ver outra pessoa.

Quando saí para a calçada, um grande gato malhado estava esperando nos degraus, olhando para mim sem piscar. Com três anos, eu tinha certeza de que o gato esperava por mim. Ele pulou do degrau e começou a dar a volta na esquina. Eu o segui.

Eventualmente, ele se estabeleceu no canteiro de tulipas do jardim dos fundos, estendendo-se ao sol. Subi na terra quente e me deitei com o gato, minha cabeça contra seu corpo. Nós dois adormecemos com o zumbido suave das abelhas ao nosso redor.

Mais tarde, uma velha me encontrou. Ela me levou até o apartamento dela e me deu bolo de coco. Eu nunca tinha comido coco antes.

Essa era uma memória à qual eu voltava em tempos de estresse ou dor. Eu acreditava que o gato estava ali para cuidar de mim. Eu acreditei por anos.

Mas eu não digo nada disso para Gemma.

— Mesmo esse é solitário, — diz Gemma, inclinando a cabeça para o lado enquanto examina o *Cochilo*. — A paleta de cores escuras... a pequenez da criança ao lado do gato...

É verdade. O gato é enorme, um tigre de chita, maior do que a própria menina, que quase desaparece entre os caules de tulipas emaranhados.

— A garota está sempre sozinha, — Gemma persiste. — Onde estão os pais dela?

— Eu não tenho ideia, — eu digo antes que eu possa pensar melhor. — Com licença, tenho outras pessoas com quem preciso falar.

Meu coração se contrai desconfortavelmente contra minhas costelas.

Eu não gosto dos olhos brilhantes de Gemma treinados em mim, ou sua linha de questionamento.

O resto do show passa agradavelmente. Shaw fica apenas vinte minutos, batendo em algumas costas e apertando algumas mãos, mas mantendo distância de Cole e de mim. Fico arrepiada quando ele fica diante de cada uma das minhas pinturas, examinando-as de perto antes de passar para a próxima.

Eu não gosto que ele está olhando dentro da minha cabeça.

Essa é a natureza da arte. Você se abre para todo mundo ver, para julgar. Você não pode fazer arte a menos que esteja disposto a se expor e arriscar o que se segue.

A acompanhante de Shaw permanece no bufê, deslocando seu peso em seus saltos altos, entediada e provavelmente um pouco solitária.

Eu quero me aproximar e sussurrar em seu ouvido para correr muito, muito longe.

— Você não precisa se preocupar com ela, — diz Cole.

— Por que não?

— Ele não vai matar alguém com quem namorou publicamente.

— Ele matou Erin.

— Só por impulso. Ele estava lá para você.

Imagino a mão pesada de Shaw apertando minha boca enquanto eu dormia profundamente no meu velho colchão.

Ir à casa de Cole naquela noite salvou minha vida.

Vai perder a dele.



Três dias depois, Gemma Zhang publica seu artigo sobre mim.

Ela é elogiosa ao meu trabalho e ao show em geral.

Mas o parágrafo final faz meu estômago revirar:

Entrei em contato com a mãe de Mara, Tori Eldritch, para obter seu comentário sobre o programa autobiográfico que faz referência a temas de negligência e abuso.

Tori disse:

— É tudo mentira. Mara teve uma infância perfeita, qualquer coisa que ela pudesse desejar. Ela foi mimada. Estragada, mesmo. Ela fará qualquer coisa por atenção, ela sempre foi assim. Eu a levei a tantos psiquiatras, mas eles nunca conseguiram curá-la. Eu não chamo isso de arte. Fantasia, mais como. Uma fantasia suja e enganosa para caluniar as pessoas que cuidavam dela. Meu advogado diz que eu deveria processá-la por difamação.

Isso dá um toque diferente à coleção de imagens ostensivamente pessoais.

Ao falar com Mara Eldritch, ela me disse: — A infância molda todos nós – os eventos de que nos lembramos e até os que não lembramos.

Talvez Mara esteja se apoiando muito naqueles eventos que — não lembramos. —

Eu empurro o laptop para longe de mim, o rosto queimando.

— Aquela porra de BRUACA! — eu grito.

— Gemma, ou sua mãe? Cole pergunta.

— Ambas!

— Ninguém vai acreditar na sua mãe, — Cole diz com desdém.
— Ela não é ninguém. Você é o único com o microfone.

Ainda estou fervendo, a sala girando ao meu redor.

— Ela não pode me deixar ter nada. Ela não suporta o que significaria se eu tivesse sucesso sem ela, apesar dela.

— Você já está tendo sucesso, — diz Cole serenamente. — E ela não pode fazer nada sobre isso.

A mãe da Mara está dando entrevistas.

Se Gemma Zhang pode encontrá-la, eu também posso.

Já faz muito tempo desde que eu coloquei minhas habilidades de perseguição online para usar. Passo uma tarde no meu escritório no estúdio, caçando Tori Eldritch e Randall Pratt.

Isso é algo que eu tenho a intenção de fazer já há algum tempo. Eu quero saber exatamente onde esses dois estão morando e o que eles estão fazendo.

Randall é surpreendentemente difícil de localizar.

Presumo que alguém além de mim esteja interessado em quebrar suas rótulas, porque seu suposto endereço era apenas um escritório alugado, sem nenhum carro registrado em seu nome.

Ainda consigo encontrar um número de telefone que tenho certeza de que é um celular que funciona.

Ele atende na segunda vez que ligo.

— O quê?

Áspero como um saco de pedras rolando na traseira de um caminhão, exatamente como Mara disse.

A voz que pretendo usar é clara e amigável, com um leve sotaque do meio-oeste. O tipo de voz projetada para desarmar Randall sem imitá-lo.

— Ei, Sr. Pratt. Meu nome é Kyle Warner. Escrevo para o *Chronicle* e estou fazendo uma história sobre uma artista chamada Mara Eldritch. Eu queria saber se eu poderia te fazer algumas perguntas?

Uma longa pausa.

— Não estou interessado, — Randall resmunga, farfalhando o telefone como se estivesse prestes a desligar.

— Bem, espere! — Eu digo. — Você poderia pelo menos confirmar uma citação que recebi de sua mãe, Tori Eldritch?

Outra pausa, ainda mais longa.

Eu ouço sua respiração pesada do outro lado da linha.

— Você falou com Tori?

— Isso mesmo.

— Pessoalmente ou por telefone?

— Eu voei para falar com ela.

— Voou para onde?

Agora é minha vez de deixar um breve silêncio cair entre nós. Mantendo meu tom alegre, eu digo: — Bem, podemos discutir isso

pessoalmente. Eu preciso de outra fonte para este artigo. Pago quinhentos dólares, e não vai levar muito do seu tempo.

Respiração. Respiração. Respiração pesada. Quente e molhado no meu ouvido.

— Tudo bem, — Randall resmunga. — Estou em La Crescenta. Você pode me encontrar em um pub chamado The Black Dog.

Um sorriso se espalha pelo meu rosto onde Randall não pode vê-lo.

— Perfeito.



Mara e eu dirigimos juntos para Burbank. Ela vai ser entrevistada para o programa matinal da DBS.

— Não sei se quero estar na TV, — ela me diz, levando a mão à boca, depois rapidamente a colocando de volta no colo, torcendo os dedos em angústia.

Ela tem uma manicure e não quer estragar tudo.

— Você vai ser ótima, — digo a ela. — Eu estarei lá com você, assistindo o tempo todo.

— O que você acha que eles vão me perguntar?

— Nada desafiador – é um programa matinal, pelo amor de Deus. Se eles não estivessem falando com você, provavelmente estariam entrevistando a senhora que fez o maior donut do mundo.

— Eles *deveriam* entrevistá-la, — ri Mara. — Que realização.

— Você sabe que temos que estar no estúdio às 4h15 para cabelo e maquiagem.

— Você está falando sério!? — ela chora. Mara não é madrugadora.

— É por isso que eles chamam de programa matinal – porque é no maldito raiar do dia.

— Estou tão nervosa. Eu não vou dormir uma piscadela.

— Você quer um Ambien? Trouxe dois comigo.

Ela considera, batendo uma unha bem polida contra os dentes inferiores. — E se eu não conseguir acordar a tempo?

— Você vai ficar bem. Vou colocar um alarme.

— Tudo bem, — ela concorda, suspirando de alívio. — Caso contrário, ficarei exausta.

Nós nos instalamos no Chateau Marmont, onde reservei uma suíte com vista para Sunset Boulevard. Achei que Mara gostaria de sua arquitetura e da história da Velha Hollywood.

— Howard Hughes morou aqui, — digo a ela. — Desi Arnaz vinha ficar sempre que lutava com Lucille Ball. Bette Davis quase o incendiou duas vezes. E Sharon Tate saiu do hotel seis meses antes de ser morta. John Belushi e Helmut Newton morreram aqui.

Eu pesquisei tudo isso de antemão, sabendo que iria interessá-la. Mara gosta de qualquer coisa histórica, trágica ou glamorosa.

— O hotel está em muitos filmes também, — continuo. — *La La Land... Nasce uma Estrela...*

— Sério? — Mara suspira. — *La La Land* é um dos meus favoritos.

— Eu sei, — eu rio. — Você toca aquela música dele o tempo todo.

— Isso mesmo, — diz Mara, satisfeita por eu me lembrar.

Nosso quarto não é tão luxuoso quanto alguns dos lugares em que fiquei, mas Mara nunca é exigente. Ela corre pela sala, admirando os móveis antiquados e o papel de parede listrado.

Ela está empolgada com a entrevista, em partes iguais tonta e aterrorizada.

— Sempre acho que quero atenção até conseguir... espero não dizer algo estranho que se transforme em meme. Como quando Brett Kavanaugh disse a todo mundo que ele era virgem na escola, e por 'muitos anos depois'.

Mara estremece, imaginando seu rosto espalhado por todos os modelos.

— Toda publicidade é boa publicidade.

— Você não acredita nisso.

— É quando você está tão quente, — eu digo, agarrando-a e jogando-a na cama, que range e geme embaixo dela.

— Espere, — ela diz. — Dê-me o Ambien primeiro.

— Tem certeza disso? Essas coisas são fortes.

— Sim. Eu gosto dessa sensação flutuante no sexo. Como se eu estivesse metade no meu corpo e metade fora. Como se você pudesse fazer qualquer coisa comigo...

Minha frequência cardíaca aumenta quando um galão de adrenalina despeja na minha corrente sanguínea. Eu tenho que morder com força o interior da minha bochecha para manter o controle de mim mesmo.

— Sua fodida maluca.

Entrego-lhe as pequenas pílulas cor-de-rosa e uma garrafa de água carimbada com o logotipo do hotel. Mara joga as pílulas, bebendo metade da água também.

— Perfeito. — Ela sorri.

Ela está cheia de energia barulhenta, cheia de nervos e excitação. Ela me empurra de volta na cama, dizendo: — Sente-se aí.

Eu me inclino contra os travesseiros, esperando para ver o que essa coisinha selvagem tem em mente.

Mara é a única pessoa neste planeta de quem ocasionalmente recebo ordens, puramente por curiosidade. Não importa quanto tempo eu passe com ela, ainda não consigo prever exatamente o que ela fará a seguir. É por isso que ela é infinitamente fascinante

para mim. Ela não cai na rotina. Ela não escolhe a escolha óbvia. E ela com certeza não se comporta.

Mara tira meu alto-falante Bluetooth de sua mala, o que geralmente fica no banheiro. Ela o coloca na cômoda, transmitindo música de seu telefone.

The Devil is a Gentleman⁹ - Merci raines

A batida flui para a sala, misteriosa e sensual, com uma pitada de brincadeira. Assim que ela ouve, ela fecha os olhos e começa a balançar, ombros primeiro, depois quadris. Ela sabe se mexer. Na verdade, ela *tem* que se mover. Ela não pode ouvir música sem que ela tome conta de seu corpo.

Eu gostava bastante de música, mas nunca entendi seu poder total até conhecer Mara. Ela seleciona infalivelmente músicas com uma batida irresistível e um clima avassalador. Ela encontra as músicas que fazem cócegas em seu cérebro, que acionam os neurônios até você quase poder ver as notas faiscando no ar ao seu redor.

Mara abre as cortinas pesadas que cobrem as janelas, deixando entrar o último sol da tarde, revelando a vista de Hollywood Hills.

Ela fica bem na frente da janela, emoldurada pelo vidro, seu corpo uma silhueta sombreada, dourado nas bordas. Ela ainda está dançando, passando as mãos pelo cabelo e pelas curvas.

⁹ O diabo é um cavalheiro.

Lentamente, ela abre o zíper da frente de seu moletom. Ela desliza para fora dele, deslizando languidamente as mangas pelos braços, em seguida, arremessando-o para longe dela para que ele atravessasse o quarto e caia em cima do abajur. Por baixo, ela usa apenas uma camiseta fina, através da qual posso ver claramente o contorno de seus mamilos, o formato dos anéis de prata e o recuo de seu umbigo.

Em seguida, seu jeans: ela abre o zíper da frente, seus dedos leves e provocantes, sem pressa. Afastando-se de mim, ela desliza o jeans para baixo sobre os globos redondos de sua bunda, dividida ao meio por sua tanga.

Quero abrir o zíper das minhas próprias calças porque meu pau está furioso contra a braguilha, mas espero, os olhos fixos em Mara, as bochechas latejando de tanto que as estou mordendo. Ela está alimentando meu fogo. O impulso de pular desta cama e agarrá-la é torturante. É preciso tudo o que tenho para ficar parado.

Ela pula no parapeito da janela, levantando as pernas e descansando os pés descalços no lado oposto da moldura para que ela possa tirar o jeans. Ela joga as calças de lado, ficando de joelhos agora, depois de pé, de pé no quadro de costas para mim.

Descansando as mãos na parte superior do corpo, ela faz círculos lentos com os quadris, balançando aquela bundinha de pêssego, me provocando, me tentando...

Em silhueta contra o sol poente, sua figura brilha como uma cariátide, como se ela estivesse sustentando todo o edifício.

Eu nunca poderia esculpir algo tão perfeito.

Ela tira a camiseta e a joga atrás dela. Ele cai no meu colo. Pego o algodão amassado, ainda quente de seu corpo e o pressiono no meu rosto, inalando seu perfume inebriante.

A ideia de que outra pessoa possa estar de pé abaixo daquela janela, que eles possam olhar para cima e ver a vista que eu ainda não vi, me deixa louco de ciúmes.

Eu gosto desse sentimento. Estou sempre competindo por Mara, por sua atenção e por seu corpo.

Eu gosto de competir.

Gosto ainda mais de ganhar.

Mara não dá a mínima para o fato de estarmos sete andares acima, com apenas um fino painel de vidro entre ela e uma queda de trinta metros. Ela ainda está dançando, seu corpo tão ágil e sinuoso como uma cobra, rolando e balançando, me hipnotizando.

Agora ela se vira e pula para baixo, dando passos lentos e sensuais em minha direção, as mãos cobrindo os seios. Ela acaricia aqueles seios, aperta-os, depois me revela sua perfeição, como abrir as portas do céu.

Estou salivando.

Meu pau pulsa com cada batida do meu coração.

O refrão da música começa a tocar:

Oh você não sabe, você não sabe

Sobre o diabo... ele é um cavalheiro

Mara me dá um olhar malicioso, deixando-me saber que ela escolheu essa música de propósito.

Eu já estava bem ciente de que ela modelou sua pintura do diabo depois de mim. Depois de Shaw também – quando ela pintou, ela não tinha certeza de qual de nós a havia sequestrado na rua.

Ela acha que estou tentando-a no caminho do mal.

Discordo.

Eu quero ajudá-la a encontrar seu verdadeiro eu, assim como ela está me ajudando a encontrar o meu.

Não sei se estou me tornando um homem melhor. Tudo o que sei com certeza é que estou descobrindo novas habilidades dentro de mim. Poderes que eu não podia usar até que Mara me mostrasse o caminho.

Virando o corpo para o lado, Mara finge deslizar a calcinha pelo quadril, depois a puxa de volta para cima.

Eu soltei um gemido.

Sorrindo maliciosamente, ela se vira para o outro lado e repete sua provocação do outro lado.

— Venha aqui antes que eu te rasgue em pedaços, — eu rosno.

Mara solta uma gargalhada deliciada e abaixa a calcinha, chutando-a para longe.

A forma de sua boceta macia me faz morrer para esfregar meus dedos sobre ela, para prová-la com a minha língua. Eu quero

empurrar meu rosto para ele como eu fiz com sua camisa. Eu quero comê-la viva.

Começando ao pé da cama, ela rasteja até mim de quatro, seus olhos fixos nos meus, seu corpo se movendo com graça sinuosa.

Ela alcança a fivela do meu cinto e para, seus dedos finos trabalhando habilmente para me libertar das minhas roupas.

Ela desabotoa o cinto e minhas calças, puxando-as para baixo, a calcinha também. Meu pau está furioso, tão congestionado com sangue que as veias incham e a carne pálida fica vermelha com uma cor raivosa.

Quando Mara fecha a boca em torno dele, eu gemo como um animal, como uma fera faminta.

— Não desse jeito, — eu rosno. — Vire-se e me alimente com essa boceta.

Mara se vira para que sua boca ainda esteja cercando meu pau, mas sua bunda está na minha cara. A forma de concha de sua boceta e o pequeno botão apertado acima são tão fodidamente eróticos que por um momento eu só posso olhar, mãos apertando a carne de sua bunda firme e redonda.

Ela está molhada em todos os lugares, brilhando com isso.

Dançar para mim a excitava tanto quanto me excitava.

Eu mergulho, lambendo e chupando e enfiando minha língua dentro de cada lugar que posso alcançar. Estou faminto, com água na boca, morrendo de fome por ela. Desejando o gosto dela, lambendo-o com a minha língua.

Enquanto isso, sua boca quente e molhada desliza para cima e para baixo no meu pau.

Quanto mais fundo eu empurro minha língua dentro dela, mais fundo ela pega meu pau. Quando eu lambo seu clitóris com a minha língua, ela chupa a cabeça, mantendo o ritmo comigo, me fazendo sentir o que estou fazendo ela sentir, juntos ao mesmo tempo.

Eu posso sentir sua boca ficando mais quente e úmida, seus lábios inchados, sua garganta relaxando ao redor do meu pau. O Ambien está entrando em ação.

Lambo todo o caminho até sua fenda, e então pressiono minha língua contra o botão apertado de sua bunda.

Mara grita e tenta se esquivar, mas eu a tenho travada no lugar, as mãos segurando seus quadris.

Eu sei que isso a envergonha, que ela não quer me deixar fazer isso. Isso é exatamente o que o torna tão quente. Estou agarrando-a, puxando-a para mim, forçando-a a tomá-la.

Lambo sua bunda em movimentos firmes até que ela relaxe, e então eu empurro minha língua dentro dela novamente.

A área fica quente e inchada, corada de sangue.

Encharcada de sua boceta, sua bunda tem um gosto tão bom.

Quanto mais eu a lambo, mais ela relaxa, e mais fundo eu posso empurrar minha língua dentro dela. Ela não pode evitar os sons que saem dela: gemidos no início, e então suspiros impotentes de prazer, seguidos por suspiros e gemidos.

Existem mil terminações nervosas aqui, assim como o clitóris. Lamber a bunda dela dá vida ao tecido erógeno. Desperta uma fonte inteiramente nova de prazer.

Porque é novo e não testado, ela é impotente diante disso. Ela está presa no lugar, tanto pelo prazer quanto pelas minhas mãos trancadas ao redor dela.

Eu como sua bunda como uma refeição de dez pratos.

Este é um ato que eu nunca pensei em fazer antes. Teria me enojado.

Mas nada em Mara me enoja. Quanto mais sujo nosso sexo, mais me excita.

Com Mara, eu vejo, quero, desejo.

Cedo aos meus impulsos. Eu me perco no frenesi.

Sou um animal selvagem, totalmente desequilibrado.

Este é o mais próximo que chego da sensação de matar, apenas mil vezes melhor, porque não estou sozinho nisso. Mara está bem aqui comigo, igualmente selvagem, igualmente selvagem. Ela está se engasgando com meu pau, tentando engoli-lo inteiro, enquanto eu fodo sua boceta e bunda com a minha língua, um após o outro, para frente e para trás.

Ela cede a mim completamente, e essa é a maior pressa de todas, aquele momento de submissão, quando eu sei que ela está perdida no prazer, ela não pode mais pensar ou lutar. Ela só pode gemer e implorar por mais.

Volto para seu clitóris, seus quadris presos entre minhas mãos, usando toda a minha força para forçá-la a cavalgar na minha língua.

Ela começa a gozar, gemendo ao redor do meu pau, e então gritando quando o orgasmo a rasga, o mais forte que já a vi ter apenas por via oral. Seu corpo inteiro treme, e seus dentes raspam meu pau, tão afiado que estou preocupado que ela possa mordê-lo.

Então ela fica mole, rolando na cama, as mãos caindo sobre a cabeça, os mamilos apontando para o teto.

— Puta merda, — ela geme.

— Eu disse para você não me provocar.

Eu a pego em meus braços, reorganizando-a nos travesseiros para que sua cabeça fique no topo da cama, seus pés para baixo.

Seus membros estão quentes e pesados, suas pupilas dilatadas até que mal posso ver o fino anel de prata ao redor do preto.

— Você já está sentindo isso? — Eu pergunto a ela.

— Sim, estou sentindo isso, — diz ela, sua voz suave e sonhadora. — Coma minha boceta, papai... mande-me para o espaço sideral...

Ela nunca me chamou assim antes. Não sei se é porque ela está chapada, ou se é algo que ela queria dizer há algum tempo.

Desço entre suas coxas, lambendo suavemente sua boceta com a língua. Lento e lânguido, com prazer suave e derretido.

Olhando para ela, eu digo: — Por que eu sou seu pai?

Ela suspira, sua cabeça virando lentamente de um lado para o outro como se a cama fosse um barco balançando-a pela água.

— Porque... — ela diz suavemente. — Porque você cuida de mim. Você me protege. Você faz tudo por mim...

— Sim eu faço.

— Você sempre sabe o que fazer... você sempre sabe o que é melhor.

Eu chupo suavemente em seu clitóris, sorrindo para mim mesma.

— Lembre-se disso, — eu digo.

Mara não responde. Ela já está se afastando.



No quarto escuro do hotel, faço meus preparativos para a noite seguinte.

O Ambien era para mim, não para ela. Eu preciso saber que ela está trancada com segurança nesta sala para que eu possa me concentrar na tarefa em mãos.

Fecho as cortinas e penduro a placa de *Não perturbe* na maçaneta, levando a única chave comigo quando saio.

Saindo pelo saguão, chamo um táxi para o aeroporto.

O taxista me deixa na ponte. Em vez de caminhar até os balcões de check-in, viro para o outro lado, indo em direção ao estacionamento de longo prazo. Este é o melhor lugar para roubar um carro. A menos que eu tenha muito azar, ninguém notará que seu Camry 2018 está tendo uma pequena aventura esta noite.

Levo apenas um minuto para entrar no carro e mais três para dar vida ao motor.

Eu pago o atendente com dinheiro na saída do estacionamento. Ele nem olha para cima, murmurando, — Tenha uma boa noite, — enquanto dirijo.

Eu poderia ter levado meu Tesla, mas a Califórnia tem muitas estradas com pedágio com câmeras.

Eu dirijo para La Crescenta, para a periferia da cidade que faz fronteira com as montanhas.

O pub Black Dog está situado no bairro mais pobre por onde passei em minha jornada, com pequenas casas de caixa de sal situadas em trechos de grama careca entre cercas de arame. Tenho certeza de que esses barracos ainda vendem na casa dos seis dígitos, porque esta é a Califórnia, onde um banheiro de uma cama pode facilmente custar um milhão de dólares. Apesar deste inverno, ainda é o clima mais temperado do globo. As pessoas vão suportar qualquer nível de tráfego ou tributação para viver aqui.

Espero no estacionamento Randall chegar. Estou uma hora adiantada, querendo estar lá primeiro para ver qual carro ele dirige e para garantir que ele esteja sozinho.

Randall deve ter tido a mesma ideia. Ele mesmo chega meia hora mais cedo, dirigindo uma caminhonete Ford surrada com a pintura tão gasta que parece sarna.

Mara me disse que sua mãe e Randall acabaram se divorciando, em parte porque suas brigas se tornaram tão violentas que os vizinhos chamavam a polícia todo fim de semana, com Randall passando a noite na cadeia pelo menos duas vezes. Ele estava ficando sem dinheiro, o que significava que Tori Eldritch não estava mais interessada.

Parece que ele ainda está para fazer sua fortuna novamente. Encontrei-o através de declarações fiscais da construtora para a qual trabalha atualmente. O endereço registrado era o espaço de escritório vazio. Ainda não sei onde Randall mora.

Agora que ele está aqui, entro e pego uma cerveja no bar. Selecionando um estande no canto mais escuro e distante do pub, mando uma mensagem para Randall:

Estou aqui sempre que você estiver.

Então eu espero, esperando que ele não vá desistir.

Dez minutos depois, Randall entra no pub. Ele já passou dos sessenta, mas você pode dizer que ele já foi um homem com ombros para rivalizar com Shaw. Agora esses ombros caem e uma barriga dura e redonda faz com que seu jeans caia. Suas mãos cheias de cicatrizes testemunham anos de trabalho. Os vasos sanguíneos quebrados em seu nariz bulboso e o tom amarelo em seus olhos contam outra história.

Randall caminha até o bar para pegar sua própria cerveja. Observo sua interação com o barman, verificando se eles se conhecem, se são amigos. A interação é breve e impessoal. O

barman mantém seu foco no jogo de futebol que passa na TV pendurada no canto oposto do bar. Duvido que ele vá olhar para nós.

Por via das dúvidas, estou usando um boné de beisebol, óculos e o tipo de camisa xadrez que Randall deveria perceber como uma versão um pouco mais estilosa de sua própria camisa de búfalo.

Eu pedi uma Budweiser, a mesma garrafa que Randall coloca na mesa.

Ele afunda pesadamente na cabine, derrubando o tampo da mesa com a barriga.

— Eles tornam essas coisas tão apertadas, — ele lamenta.

— Nada é feito para homens altos, — eu concordo.

É o volume de Randall, não sua altura, causando o problema. Mas a comiseração é o primeiro passo para a amizade.

— Nem sabia se eu viria hoje à noite, — Randall resmunga. — Não vejo essa cadela há anos.

— Mara?

— Tori.

Eu sabia que Tori Eldritch seria o gancho. Uma vez que uma mulher tem suas garras em um homem, ele nunca consegue se livrar delas. Randall se divorciou dela e se mudou para o outro lado do estado, mas se Tori aparecesse em sua porta com um vestido justo, ele cometeria os mesmos erros novamente.

— Quando foi a última vez que você a viu?

— Nove anos atrás.

— Mara teria dezesseis anos?

— Quinze.

— Ela era sua enteada?

Randall faz um som desdenhoso, bufando. — Eu acho.

Ela morou na casa dele por quase uma década, mas ele está se comportando como se mal a conhecesse.

— O que fez vocês se separarem?

— Ela é uma maluca. E a maçã não cai longe da árvore.

— Tive dificuldade em rastrear fontes. Eu tenho que entrevistar três membros da família, e não parece que Mara tenha muitos.

— Nós não somos uma família. Nós nunca fomos.

— Tudo bem. — Eu dou de ombros. — Mas eles estão pagando quinhentos dólares. Então, se você sabe alguma coisa, não é preciso muito para ser pago.

Randall se mexe em seu assento, considerando.

— E você vai me dar o endereço de Tori? — ele diz.

— Claro. Quando terminarmos de conversar.

Randall grunhiu seu consentimento. — O que você quer saber?

— Como era Mara quando você a conheceu?

— Fodidamente irritante. Eu nunca quis outra criança em casa. Meus meninos eram ruins o suficiente. Ingratidão também, ela está comendo minha comida, vestindo as roupas que eu coloquei em suas costas, e ela tem a porra da ousadia de se esgueirar pela casa olhando para mim. Além disso, ela e sua mãe estavam nisso o tempo todo como gatos, fodendo e fazendo barulho.

— Você viu alguma evidência precoce de seu talento?

Randall zomba. — Desenhando fotos deveria ser um trabalho agora? Não me faça rir. Maldita preguiçosa, assim como a mãe dela.

Eu não espero nenhum insight real deste homem. Há apenas uma informação que me interessa, e vou jogar essa charada até conseguir. O resto é tudo apenas combustível no fogo. Embora eu não possa deixá-lo ver qualquer indício da fúria alimentando dentro de mim com cada palavra que sai de sua boca nojenta manchada de nicotina.

— Você disse que o relacionamento dela com a mãe era ruim?

— Fodidamente odiavam um ao outro. Tori desejou que ela nunca a tivesse. Disse isso o tempo todo. Eu disse que ela deveria despachá-la para algum parente, mas não havia ninguém para levá-la. Além disso, Tori tinha alguma coisa estranha sobre ela.

— O que você quer dizer?

— Ela falou merda sem parar. Mas ela estava obcecada em ler seus diários, suas mensagens de texto. Ela usaria as roupas de Mara e seu perfume. Principalmente perto de mim.

Minha mandíbula aperta.

— Ela pensou que isso iria atrair você?

— Foda-se se eu sei. Ela estava com ciúmes como o inferno. Sempre gritando comigo se ela achava que eu olhava para Mara.

Esta é a parte delicada, onde tenho que colocar a isca sem assustar os peixes.

Eu dou uma risada baixa, do tipo que diz a um homem que a conversa de vestiário está na mesa.

— Bem... Tori não estava ficando mais jovem.

Randall bufa. — Isso é malditamente certo.

— E Mara é bonita o suficiente...

Randall toma um longo gole de sua cerveja, limpando a boca com as costas da mão e arrotando baixinho. Então ele se inclina para frente, me fixando com seu olhar injetado de sangue.

— Aquela mulher teria me deixado fazer qualquer coisa com sua filha. Ela a ofereceu quando percebeu que eu realmente ia deixá-la. Sem rodeio, me disse que eu poderia tê-la.

Eu mantenho o sorriso amigável fixo no meu rosto, lançando minha voz baixa e divertida.

— Por que você não aceitou isso? Ou talvez você tenha...

— Não valia a pena até então. Essa boceta ia me jogar na cadeia. E a filha está toda fodida. Uma maldita spaz. Tem algo errado com ela. Ela é uma espécie de retardada...

Ele para, os olhos se movem rapidamente para o meu lábio superior, que está se curvando em um rosnado que não consigo controlar. Eu tenho que transformá-lo em uma risada que sai áspera e zurrando.

— Você não diz.

— Sim. — Randall toma outro gole de cerveja, o rosto se fechando, recostando-se na cadeira novamente.

Eu o avisei. Não consegui me segurar. Estou fodidamente desleixado.

Onde está o velho Cole quando você precisa dele?

Eu tomo uma respiração longa e constante. Diminuindo deliberadamente minha frequência cardíaca. Arquivando todos os pensamentos de Mara dormindo pacificamente no hotel. Esmagando minha fúria e a sensação doentia de nojo que ameaça me dominar toda vez que olho para o rosto presunçoso de Randall.

Limpo minha mente de tudo, menos do objetivo.

Quando o faço, o velho Cole está bem ali esperando por mim.

Olá, velho amigo.

A sala se aguça. O balbucio ao meu redor se separa em conversas distintas. Sinto o cheiro de lúpulo na cerveja de Randall e noto uma mancha de seiva de pinheiro em sua manga esquerda – evidência de que ele esteve na floresta recentemente.

Eu praticamente posso ouvir seu coração batendo.

Eu me inclino para frente novamente, tirando meu boné e passando a mão pelo meu cabelo.

— Você pode estar certo, — eu digo em um tom conspiratório.
— Eu sei uma coisa fodida sobre ela. Meu chefe não me deixa imprimir, o que é uma pena.

Randall não pode resistir a isso. Ele se inclina para a frente de joelhos também, olhos de porquinho brilhando.

Todo mundo adora um segredo.

— O que é isso?

Olho em volta como se tivesse certeza de que ninguém pode nos ouvir. Eu já me certifiquei de que esta cabine no canto estava fora de vista, mas dá o efeito certo.

— Acho que Mara precisava de algum dinheiro há algum tempo. Ela filmou um pornô.

— Ela fez?

Randall está tentando ficar tranquilo, mas ouço sua respiração travar. Eu vejo a forma como sua mão grossa aperta sua garrafa de cerveja.

— Sim. Alguma merda nojenta e suja. Ela comprou de volta do estúdio, não quer que ninguém coloque as mãos nele, mas você sabe que a internet nunca esquece.

— Você achou?

Eu sorrio, os molares rangendo nas costas. — Você está muito certo que eu fiz.

Agora eu me sento, triunfante, tomando minha própria bebida. Esperar pelo que eu sei é certo que se seguirá.

Outro longo silêncio de Randall. Então o murmúrio baixo e urgente: — Você acha que poderia enviar isso para mim?

— Eu o tenho em um pendrive no hotel. — Eu tomo outro gole da minha cerveja, deixando-o se contorcer. Observando o rubor subir por seu pescoço. Então eu lancei a verdadeira isca: aquela que ele não pode resistir. — Alguma merda maluca em algum tipo de roupa de colegial...

Ele precisa disso agora. Ele tem que ter.

— Você pode me enviar uma cópia, não pode?

— Parece que estamos negociando. — Eu dou a ele um sorriso com desprezo o suficiente para parecer genuíno. — Você tem algo para mim? E o pai de Mara, você sabe onde ele mora?

— Eu nem sei o nome dele, — Randall resmunga. — Tori nunca falou merda sobre ele.

Caramba.

— Bem, preciso de fotos para o artigo. Quaisquer fotografias antigas, anuários, cartas...

— Eu não guardei nada dessa merda, — Randal zomba.

— Que pena. — Eu finjo desistir da ideia.

Randall não pode renunciar ao prêmio. Ele está lambendo os lábios, apertando a cerveja como uma granada. Então ele pensa em algo.

— Eu tenho uma foto da mãe dela fodendo um nazista.

Eu sorrio. — Isso soa como um comércio. Traga-o para o meu quarto de hotel.

— Não. — Randall balança a cabeça. — Eu não posso dirigir tão longe. Tenho uma cabana a quinze minutos daqui. Você pode me seguir.

— Melhor ainda.

Cole me acorda bem cedo, já parecendo com os olhos brilhantes e acabado de tomar banho. Ele não parece nada cansado, mas revigorado.

— Levante-se, dorminhoca, — diz ele. — Hora da sua estreia na TV.

Ele já tem scones de mirtilo e um café com leite esperando por mim, ambos quentes e frescos.

— Que horas você acordou? — Eu digo, tropeçando para fora da cama.

Ainda estou um pouco grogue do Ambien, embora meu corpo esteja quente e relaxado.

— Eu não dormi nada, — Cole diz.

— O quê? Por que não?

— Não faz sentido quando tivemos que acordar tão cedo. Vou tirar uma soneca mais tarde, se tiver vontade.

Acho que isso faz sentido. Cole raramente vai dormir antes da meia-noite, então teria sido apenas algumas horas de descanso no máximo.

Eu não seria tão animada com sono zero, mas bom para ele.

Entro no chuveiro, deleitando-me com o jato quente e potente, que parece particularmente sensual depois da minha hibernação.

— O que você acha que eu deveria vestir? — Eu abro a porta de vidro para chamar Cole.

— O que você trouxe?

— O vestido azul e o macacão de veludo.

— Vista o macacão. É mais sexy.

— Mas eu quero ser sexy?

Estou lavando meu cabelo, olhos fechados, tentando imaginar as duas roupas. Eu amo o macacão, mas não quero dar a impressão errada. O mundo é muito mais difícil para as mulheres do que para os homens quando se trata de nossa aparência e nossas roupas. Especialmente quando você está competindo em um campo dominado por homens.

Cole entra no banheiro, encostado no batente da porta para que ele possa me observar.

— Qual deles você gosta de usar? Qual sente mais você mesmo?

Eu considero, parada sob o spray.

— O macacão.

— Aí está.

Não estou acostumada com alguém concordando comigo, apoiando minhas decisões. Não me sinto mal com Cole. E eu não agonizo tanto com as pequenas escolhas. Parece que realmente não importa o que eu visto – tudo vai dar certo.

— Estou meio que ansioso por isso, — eu admito enquanto saio do chuveiro, vigorosamente enxugando meu cabelo.

— Claro que você é. É emocionante.

Cole está com o humor mais energizado que eu já vi. Seus olhos escuros vagam por todos os lugares ao mesmo tempo, e ele não pode conter o sorriso enquanto empurra um bolinho na minha mão.

— Coma enquanto está quente – é delicioso pra caralho.

Eu ri. — Desde quando você come scones?

— Eu como tudo agora. — Ele pisca para mim. — Lembra-se da noite passada?

Tudo volta para mim em uma corrida. Eu grito com risos e indignação.

— Não fale sobre isso!

Ele ri, agarrando-me e me puxando para perto, não se importando que eu ainda não esteja completamente seca e meu corpo úmido mancha a frente de sua camisa. Ele me beija, sua boca agradavelmente quente do café.

— Você vai arrasar hoje, — diz ele. — Mal posso esperar para assistir.

Como sempre, Cole está certo.

Toda a experiência passa em flashes rápidos, como um instantâneo.

Somos empurrados pelo estúdio na velocidade da luz, com pouco tempo para eu olhar para os palcos bem iluminados e as mesas movimentadas cheias de pessoas, antes de eu voltar a pentear e maquiar, um babador de papel enfiado no decote de meu macacão de veludo para proteger minhas roupas da espessa camada de pó que cobria meu rosto.

— Não se preocupe, — o maquiador me diz. — Parece muito, mas sob os holofotes, você não vai ver nada.

Os anfitriões passam para se apresentar. Não assisto muita TV, mas já vi cliques de Roger Roberts e Gail Mason, que comandam o programa matinal da DBS há quase uma década. Como a maioria das celebridades, eles são muito mais baixos pessoalmente do que você esperaria. Roger é um pouco mais alto do que eu, e Gale é tão pequena que você poderia confundi-la com uma aluna da quinta série se você a visse por trás, e seu capacete de cabelo altamente provocado não a denunciasses.

Ambos estão usando ainda mais maquiagem do que eu, seus microfones já presos no lugar e uma pasta de instruções debaixo dos braços.

— Onde está sua boina? — Roger me provoca com sua voz de locutor.

Eu me perguntei se isso era algo que ele ligou para a câmera, mas parece que ele sempre fala no volume máximo com uma pronúncia cuidadosa.

— Ela não é uma mímica! — Gail ri. Então, dando um tapinha no meu braço, — Nós nos vemos lá fora em apenas um minuto!

O produtor me dá um breve resumo do show, incluindo o momento em que serei levado ao palco e algumas das perguntas que me farão.

— Mostraremos slides de suas pinturas na tela da TV atrás de você, — explica ela.

— Certo, sim, — eu aceno com a cabeça como se eu entendesse, enquanto luzes ofuscantes, cores brilhantes e dez conversas diferentes gritam para mim de todos os lados.

Cole permanece calmo e firme, sua figura alta e escura tão familiar para mim que eu olho para ele em busca de conforto toda vez que minha ansiedade ameaça explodir.

Eu assisto ao show de fora do palco, maravilhada com a habilidade dos apresentadores de conversar e brincar uns com os outros enquanto seu produtor grita continuamente ordens nos fones de ouvido aninhados em seus ouvidos.

— Vinte segundos até o próximo segmento, — ela os avisa.

Com a velocidade de um leiloeiro, Roger desabafa: — E é por isso que eu não preparo mais jantares de peru! A seguir, temos um pouco de cultura para você – um artista em ascensão de San Francisco! Ela acabou de fazer sua primeira exposição individual na Frankle Gallery e está aqui para nos explicar a pintura! Vamos dar as boas-vindas a Mara Eldritch!

O produtor me empurra para frente. Eu me sinto caminhando pelo palco, meu corpo se movendo como uma marionete nas cordas de outra pessoa.

Mesmo que eu tenha sido avisado, as luzes do teto me pressionam como lâmpadas de calor. Já posso sentir que estou começando a suar.

Esqueci onde o produtor me disse para me sentar. Eu tomo a cadeira mais próxima de Gail, esperando não ter cometido um erro.

— Prazer em conhecê-la, Mara! — Roger explode, como se não tivéssemos nos conhecido antes. Seus dentes cobertos e bronzeado com spray competem com o brilhante top vermelho de férias usado por Gail, e seu batom combinando.

— Agora, eu não posso desenhar uma figura de palito para salvar minha vida! — Gail trinados. — Como você começou na arte?

Ambos estão olhando para mim, olhos brilhantes, dentes brilhando.

Sob as luzes ofuscantes, com o movimento abafado dos cinegrafistas ao nosso redor – todo mundo tentando ficar quieto, mas fazendo pequenos ruídos e sons respiratórios que os humanos nunca conseguem conter inteiramente – sou empurrada de volta para a última vez que me sentei em um palco, esperado para executar, enquanto minha mente esvaziava como uma peneira.

Quase posso ouvir minha mãe estalando os dedos para mim, ordenando que eu começasse.

Eu não sei o que responder. Esqueci como falar.

O silêncio se arrasta por vários segundos agonizantes.

Descontroladamente, eu olho ao redor até que eles pousam em Cole.

Ele não parece nem um pouco nervoso. Ele está ao lado do produtor, com as mãos nos bolsos, sorrindo para mim com perfeita confiança. Ele murmura: — *Você conseguiu isso.*

Volto-me para Gail.

As palavras fluem da minha boca como se eu as tivesse ensaiado. — Eu sou principalmente autodidata. Nunca fui para a escola de arte. Mas assisti a muitos vídeos do YouTube e tirei livros da biblioteca.

— Vídeos do YouTube! — Rogério ri. — Se isso é tudo o que preciso, então por que ainda não sou um especialista em golfe?

Eu dou a ele um sorriso malicioso. — Bem, eu não sou três cervejas quando pinto.

Roger ruge de tanto rir e Gail balança um dedo para ele. — Ela tem o seu número.

— Verdade demais, — Roger ri. — Quanto mais eu bebo, mais eu bebo.

O resto da entrevista passa em um instante. As perguntas são fáceis. Eu sei exatamente o que dizer.

O intervalo comercial é minha chance de escapar. Roger e Gail me dão um breve aperto de mão, já se preparando para o próximo segmento. O produtor me empurra dizendo: — Bom trabalho! Você nunca imaginaria que era sua primeira vez.

— Ela está apenas sendo legal, — eu digo a Cole, enquanto passamos pela sala verde mais uma vez em nosso caminho para fora do estúdio. — Eu congelei no começo.

— Parecia que você estava pensando, — diz Cole.

— Eu não estava pensando. Eu estava perdida – até olhar para você.

Cole dá um pequeno sorriso. — Você deve ser a única pessoa no mundo que me acha uma presença calmante.

— Eu certamente não fiz no começo.

— O que você pensou quando olhou para mim?

— Eu pensei... mesmo se eu estragar tudo, você não ficará envergonhado por mim. Você ainda vai segurar minha mão no caminho para casa.

— Eu sabia que você não ia estragar tudo. Você sempre dá um jeito.

Enquanto Cole e eu pegamos nossas malas no hotel e voltamos para o aeroporto, penso comigo mesmo que os humanos não aprendem as coisas sozinhos. Alguém tem que nos ensinar. Pode ser necessário que alguém acredite em nós antes que possamos acreditar em nós mesmos.

As crianças não amadas são aleijadas porque ninguém lhes mostra o caminho.

Cole é muito mais do que um amante para mim. Ele é o professor que eu nunca tive. De certa forma, o pai que eu nunca tive.

Eu coro, lembrando do que eu o chamei ontem à noite quando eu estava meio adormecida. Eu nunca chamei ninguém dessa palavra antes.

Eu não quero ser outra garota fodida com problemas de papai.

Mas Deus, é bom ter um pai.



Voltar a Seacliff é como voltar para casa. Corro na frente de Cole para dentro da casa, praticamente pulando os degraus. Abrindo as portas e inalando aquele cheiro familiar, cada vez mais misturado com meu próprio xampu, meu perfume e os livros antigos que Cole me deixou colocar em uma prateleira na sala de estar, mesmo que as brochuras surradas colidam com suas capas duras e livros encadernados em couro.

Preparo o jantar para nós dois, deliciando-me em usar as panelas de cobre e colheres de pau de Cole. Quase nada nesta casa é feito de plástico. Mesmo os itens que Cole nunca usa são da melhor qualidade, tanto para decoração quanto para a chance antes improvável de alguém fazer uso real da cozinha.

Cole só cozinha as refeições mais simples para si mesmo. Ainda assim, ele é um estudante perspicaz e observa cuidadosamente enquanto eu misturo quatro gemas de ovo, queijo parmesão ralado na hora e ervas italianas em uma tigela pequena.

— É muito bacon, — comenta.

— Se não é meio bacon e ervilhas, então não é carbonara, — eu rio.

— Acho que os italianos podem discordar.

— Vou te contar um segredo que vai te chocar... nem sempre gosto da comida mais autêntica.

— O que você quer dizer?

— Sei que é um sacrilégio, mas às vezes gosto mais da versão americana. Nós pegamos todos esses alimentos de todo o mundo, aumentamos, colocamos esteroides. San Francisco tem a melhor comida de qualquer lugar, estou convencida disso.

— Como você sabe, — Cole ri. — Você nunca esteve na Itália.

— Isso é verdade, — eu admito.

Devo parecer desamparada, porque Cole rapidamente acrescenta: — Vou levar você.

— Eu gostaria, — eu digo, tentando rir disso.

— Quero dizer isso mesmo.

Eu hesito, minha garganta apertando. Tenho um desejo desesperado de visitar a Europa e ver a arte e a arquitetura mais impressionantes da criação humana.

Mas balanço minha cabeça.

— Você já fez demais por mim.

— Eu fiz exatamente o que eu quero, — diz Cole, sua expressão severa. — Não tente me impedir de fazer mais do que eu quero. Você já deve saber que é impossível.

Eu nunca sei como lidar com Cole. Ele realmente é implacável.

Mudo de assunto, dizendo: — Olhe para isso – você pode usar a água quente do macarrão para descongelar as ervilhas congeladas.

— Gênio, — diz Cole, com um pequeno sorriso.

Depois de misturar o molho no macarrão quente e dividir as duas porções em nossos pratos, Cole gira a carbonara no garfo e dá uma mordida experimental.

— Bem? — Eu digo, pulando no meu assento.

— Retiro o que disse. Isso é muito bom *pra* caralho.

— Melhor que a Itália?

— Você me diz depois de experimentar a coisa real. Você é a única com o melhor paladar.

Eu ruborizo de prazer, atacando meu próprio prato de comida.

Nunca gostei tanto de elogios como os de Cole. Os homens sempre me disseram que eu era bonita, mas essa é a mais branda das homenagens. Não diz nada sobre mim como pessoa.

Cole elogia meu gosto, minhas opiniões e meus talentos. Ele percebe coisas que ninguém nunca se preocupou em notar em mim antes, como o fato de que eu posso saborear e cheirar mais

agudamente do que a maioria das pessoas, o que realmente me torna uma cozinheira melhor.

É o lado bom dos meus problemas sensoriais. Embora muitas vezes esteja distraído ou estressado com a luz, o som, o cheiro e o toque, também sinto profundo prazer com música e comida, cores e texturas ricas e o tipo certo de toque na minha pele. É uma bênção e uma maldição. Quando tudo está errado, é pura tortura. Mas quando tudo vai bem, é um presente que eu nunca desistiria.

Cole é mais atencioso com meus problemas sensoriais do que qualquer um que eu já conheci. Enquanto ele ocasionalmente os usa para me manipular, ele nunca me atormentou como Randall costumava fazer. Em vez disso, ele me chama de seu gatinho do prazer e me coloca em um estado de felicidade tão confortável que sinto que faria qualquer coisa para ser seu animal de estimação e viver nesta casa para sempre.

Quando terminamos de comer e Cole lavou e enxugou os pratos meticulosamente, e eu os coloquei de volta exatamente onde deveriam, ele diz:

— Eu tenho algo para te mostrar.

— O que é?

— Venha comigo.

Ele me leva para a sala de jantar, onde nunca comemos, preferindo me sentar na bancada alta da cozinha.

Meu laptop ainda fica no mesmo lugar. Acho que fiz deste meu escritório, não que eu passe muito tempo no meu computador.

Cole abre o laptop, passando pelas janelas tão rapidamente que mal consigo acompanhar o que ele está fazendo.

Assistir a Cole navegar na tecnologia é assustador, seu cérebro e dedos operando mais rapidamente do que a própria máquina.

— Sente-se, — diz Cole, apontando para a cadeira ao lado dele.

Eu deslizo para ele, sentindo-me desconfortável.

Quando Cole tem um objetivo em mente, ele se torna altamente focado ao ponto de não piscar e quase não respirar. Seu rosto é suave e sério, seus olhos escuros fixos no meu rosto.

Ele segura um pequeno cilindro preto em sua mão de formato elegante.

— Eu tenho algo para você assistir, — diz ele.

Silenciosamente, pego o pen drive, nossos dedos se encontram brevemente com uma faísca elétrica, estática passando entre nós.

— O que é isso? — Eu pergunto.

Ele não responde, empurrando o laptop para mim. Aguardando enquanto insiro o pendrive em seu slot.

A unidade contém apenas um arquivo: um vídeo, com vinte e oito minutos de duração.

Minha boca ficou seca. Quando tento lambe meus lábios, minha língua os esfrega como papelão.

Meu dedo indicador paira sobre o cursor. Estou com medo e não quero ver o que quer que Cole esteja tentando me mostrar. Eu sei que não vai ser bom.

Ele se levanta da cadeira, dando a volta por trás da minha. Observando por cima do meu ombro.

Não há como sair disso.

Eu clico no vídeo para fazê-lo jogar.

A imagem que pisca na tela é pouco iluminada e granulada. Parece ser o interior de algum tipo de casa pequena — pisos e paredes de madeira, apenas um cômodo que inclui a cozinha, cama de solteiro e a porta para o lado de fora. Pode ser uma cabana ou um barraco.

Um homem se ajoelha bem na frente da porta, sem camisa, vestindo apenas uma cueca boxer, as pernas dobradas embaixo dele e os pés grandes e disformes estendidos abaixo. Seu cabelo grisalho está desalinhado e suas costas peludas e caídas.

Eu o reconheço imediatamente. Jamais esquecerei o formato daquela cabeça em bloco, com seu rolo de gordura onde o crânio quase encontra os ombros.

A onda de repulsa que toma conta de mim é física, tão forte que tenho que tapar a boca com a mão para evitar que a carbonara faça outra aparição. Eu quero pular da minha cadeira, mas minhas pernas são de borracha, dobradas debaixo da mesa.

Achei que o vídeo estava mudo, mas agora ouço Randall soltar um gemido baixo.

Seu nariz está pressionado contra a porta. Ele parece estar ajoelhado em alguma coisa – possivelmente bolinhas de gude. Ele se contorce de desconforto, mas não ousa tirar o nariz da porta.

— Eu não posso... — ele geme. — Eu não posso mais fazer isso... você vai quebrar a porra das minhas rótulas.

— Você falou, — a voz fria de Cole corta o vídeo, clara e sem emoção. — Isso significa mais uma hora.

Randall solta um som estrangulado que é parte soluço, parte rosnado de raiva.

Estou hipnotizada, olhando para a tela. Ver este homem sofrer o mesmo castigo que ele me infligiu aos sete anos de idade. Eu sei como suas rótulas se sentem. Não havia bolas de gude no meu caso, mas o piso de madeira tornou-se agonizante por conta própria com o passar das horas.

Uma vez, depois de três horas de castigo, desmaiei e bati a cabeça no chão. Randall me fez terminar meu tempo no dia seguinte.

Olho para suas costas velhas e desagradáveis enquanto suas mãos começam a tremer, amarradas nos pulsos com braçadeiras.

Um turbilhão de emoções passa por mim: culpa, medo, nojo, ansiedade... e também uma maldade terrível que sussurra, *Bem-feito, seu filho da puta.*

Achei que tinha superado isso.

Agora estou descobrindo que a raiva sempre esteve lá, bem no fundo de mim.

O que eu disse a Cole era verdade: eu odeio Randall. Odeio ele.

Ele se deleitava em me atormentar.

Quando minha mãe o frustrava, ele descontava em mim.

Ele me detestava, mas não podia me deixar em paz.

E sempre, aquela ponta de arrepiar a sua atenção – seus olhos vagando pelo meu corpo. Suas ordens para colocar a saia xadrez para que ele pudesse me chicotear.

Mesmo aos sete, eu sabia. Ele era meu padrasto, mas seu interesse era tudo menos paternal.

Randall não pode mais manter a posição. Suas pernas caem debaixo dele, e ele rola de lado.

Cole aparece no quadro da câmera, caminhando para frente, vestido com uma roupa diferente de tudo que eu o vi usar antes – uma camisa xadrez e jeans, com um boné de beisebol. Em sua mão, um par de alicates.

A punição é rápida. Ele corta o polegar de Randall.

Randall berra e uiva, gritos animais de dor que zumbem com distorção nos alto-falantes de merda do meu laptop.

Eu pulo no meu assento, instantaneamente começando a suar, meu coração disparado.

— *Jesus! Porra!* — Eu choro.

Não sei o que esperava ver, mas nunca testemunhei algo tão gráfico. Cada célula do meu corpo grita para que eu me afaste, mas meus olhos estão travados na tela com uma intensidade doentia, minhas mãos apertando minha boca.

Frio e impiedoso, Cole ordena: — Ajoelhe-se sobre essas bolas de gude. Seu tempo não acabou.

Olho para Cole, o verdadeiro Cole, de pé ao meu lado.

Ele está olhando para a tela exatamente com a mesma expressão de antes, as mãos entrelaçadas frouxamente na frente dele.

Eu não posso acreditar que essas são as mesmas mãos que empunharam aqueles alicates apenas... há quanto tempo, exatamente?

— Quando você fez isso? — Eu sussurro.

— Noite passada. Enquanto você estava dormindo, — ele responde.

Minha boca se abre. Agora entendo por que ele reservou aquele programa matinal para mim – parecia vir do nada, mas tenho certeza de que ele puxou as cordas nos bastidores.

— Randall estava em Burbank?

— Perto. — Cole assente.

Sou puxada de volta para a tela por uma nova rodada de xingamentos e gritos de Randall. Ele só foi capaz de mancar de volta à posição por um momento antes de cair novamente. Desta vez, ele perde o polegar esquerdo.

— Foda-se, — eu choro, cobrindo meu rosto com as mãos. — Quanto tempo isso dura?

Cole verifica o tempo no vídeo.

— Parece mais vinte e dois minutos.

— Oh meu Deus.

Acho que não consigo assistir isso.

— Você o matou? — Eu pergunto a Cole.

— Claro que sim.

Meu coração dispara, as axilas da minha camisa encharcadas de suor frio. Não acredito que estou assistindo isso. Não acredito que estou participando.

Eu tinha chegado a um acordo com a ideia de que Shaw tinha que morrer, mas isso é algo completamente diferente. Randall não era uma ameaça para mim. Isso não é nada além de vingança.

Mais gritos. Outro dedo se foi.

— Por que você fez isso? — Eu pergunto a Cole.

— Eu te disse, — diz Cole, seus olhos negros fixos nos meus. — Eu preciso te preparar. Você acha que sabe o que significa se colocar contra outra pessoa. Para atraí-los, caçá-los, dominá-los e tirar sua vida. Mas você não sabe. Você não sabe como eles vão implorar e implorar. Como eles vão fazer qualquer coisa para sobreviver. Como vão enfiar uma faca no seu olho no momento em que você perde o foco, no momento em que você pensa em oferecer misericórdia.

Randall está implorando e implorando. Ele alterna entre xingar Cole, debatendo-se, tentando escapar de suas amarras, depois soluçando e choramingando, oferecendo dinheiro, segredos, tudo e qualquer coisa que ele possa pensar para se salvar.

— O que você quer? — ele uiva. — *O que você quer?*

O Cole na tela olha para Randall: um anjo vingador, sombrio e impiedoso.

— Quero que você devolva a infância de Mara.

— FODA-se Mara! — Randall rosna. — Foda-se aquela putinha e foda-se a mãe dela e foda-se VOCÊ! Ela mereceu tudo o que conseguiu. Espero que ela apodreça no inferno!

— Resposta errada, — diz o Cole na tela.

O que se segue é um banho de sangue.

Eu assisto e encaro, tudo parecendo drenar do meu corpo. Toda emoção também. Fico estranhamente calma, minha cabeça flutuando sobre meus ombros, meu corpo um bloco de gelo abaixo.

Eu assisto Cole assassinar Randall lentamente, brutalmente, com prazer óbvio.

Vejo minha vingança se desenrolar na minha frente.

Quando termina, Randall não passa de carne no chão. Essas mãos pesadas não podem mais machucar ninguém.

Sinto-me vazia por dentro, toda a raiva, toda a dor, todo o ressentimento arrancado de mim.

Acabou agora. Verdadeiramente acabou.

Fecho a tela do laptop e me viro para Cole. Eu não posso dizer se ele é um monstro ou meu salvador. Ele parece o mesmo de sempre: austero, bonito, sereno.

— Foi bom fazer isso? — Pergunto-lhe.

— Sim. Foi profundamente satisfatório.

— Por quê? Eu já ganhei. Eu estou feliz agora. Eu segui em frente.

Cole levanta uma sobrancelha negra. — Não há como seguir em frente. Aprendi isso com meu pai. Se Randall morresse de velhice, a raiva não morreria com ele. Você tem que matá-lo. Eu matei por você.

Não sei como me sinto.

Ou talvez eu sinta tudo de uma vez.

Está errado, tão incrivelmente errado.

E, no entanto... também parece justa.

Eu queria Randall morto. Agora ele está. Ele me fez sofrer. E ele sofreu em troca.

Cole pega o pendrive do laptop e o estende para mim mais uma vez.

— Você colocou sua vida em minhas mãos uma vez, na noite em que veio ao meu estúdio. Agora eu aposto a minha. Aqui está a fita. Você não vai entregá-la. Você sabe que isso estava certo.

Ele empurra o pendrive em minhas mãos, forçando-me a fechar os dedos ao redor dele.

Eu poderia sair de casa e levar isso diretamente para o oficial Hawks.

Mas assim como eu sabia que Cole não iria me machucar, ele sabe exatamente o que eu vou fazer.

Eu entro na cozinha e coloco a unidade no triturador de lixo.



Na manhã seguinte, acordo sozinha na cama.

Cole está me dando espaço para processar o que aconteceu.

Eu entendo agora que tudo isso foi planejado por ele, provavelmente começando semanas atrás. Durante todo o jantar, ele sabia o que estava prestes a me mostrar. Ele provavelmente sabia como eu reagiria. Até o que eu diria.

Ele me disse uma vez que há muito poucas surpresas para ele. Em situações sociais, ele sempre tem uma resposta rápida pronta, porque ele joga toda a conversa em uma fração de segundo, já sabendo o que vai dizer e o que a outra pessoa vai responder, vai e volta uma dúzia de vezes, antes qualquer um deles abre a boca.

Tudo é xadrez para ele, oito lances à frente.

Quando seu oponente joga de acordo com as regras, ele quase nunca perde.

Eu jogo uma faísca de caos no jogo.

Talvez, Shaw também.

Ou Shaw se torna menos previsível quando estou no meio, distraindo Cole, forçando-o a tomar decisões contra seus melhores interesses.

Estamos entrando no final do jogo agora. Sou um bem valioso – uma rainha para seu rei? Ou apenas um peão que Cole não suporta sacrificar?

Eu continuo esperando que a culpa me oprimia.

As pessoas que Cole matou antes eram avatares sem rosto para mim. Eu nunca conheci nenhum deles. A maioria parecia merecer o que tinha.

Randall é diferente.

Eu o conhecia. Sentamo-nos na mesma mesa. Comemos a mesma comida. Eu conhecia seus times favoritos, os nomes de seus filhos. Que filmes ele gostava, e até mesmo o que ele soava como grunhindo e bufando enquanto ele fodia minha mãe.

Eu odiava a intimidade entre nós, mas estava lá. Eu o conhecia como humano, como homem.

E eu o vi morrer.

Devo ter pena dele?

Senti alguma pena ontem à noite, no momento. Vendo seu cabelo grisalho e sua mendicância miserável.

Mas porque conheço Randall, estou bem ciente de quão pouca bondade vivia dentro dele. Não me lembro de um único exemplo de bondade para comigo. Nenhum, nem mesmo quando eu era muito

pequeno. Tudo o que ele deu, ele deu de má vontade. Com raiva. Sempre esfregando na minha cara depois, mandando em mim.

Ele era um pequeno tirano.

Alguém se importa quando a cabeça do tirano é colocada em uma estaca nos portões da cidade?

Alguém derramou uma lágrima?

Eu certamente não estou chorando.

Na verdade, quando me levanto da cama, me sinto limpo e inteiro. Um pouco mais leve, como se tivesse me livrado de um peso que nem sabia que estava carregando.

Eu flutuo para fora da sala e desço as escadas, procurando por Cole.

Eu o encontro na cozinha, preparando seu café da manhã habitual.

É bom começar o dia com a mesma refeição todas as manhãs. Sabendo que você tem controle sobre o dia seguinte.

Ele me passa meu café com leite, fresco e perfeitamente preparado. Cole nunca colocaria leite e café em uma xícara. O que vale a pena fazer, vale a pena fazer bem. Ele aperfeiçoa sua arte, mesmo quando essa arte é apenas um café com leite.

Eu tomo minha bebida, nua sob meu roupão de seda. Sentindo o tecido contra a minha pele, e a luz clara da manhã entrando pelas janelas.

Cole está atrás do balcão, mangas enroladas em seus antebraços, ondas úmidas de cabelo penteado para trás.

Ele parece um homem pronto para trabalhar.

Eu digo: — Se realmente vamos fazer isso, então você está certo, eu tenho que estar preparado. Conte-me tudo. Diga-me como você conheceu Shaw.

Eu sabia que tinha que explicar tudo isso para Mara, mas eu estava com medo.

Não costumo me arrepender. Na verdade, uma das poucas vezes que senti isso foi na noite em que estraguei tudo com Mara e ela saiu da festa com outra pessoa.

Eu não costumava me arrepender de nada sobre Shaw.

Agora... eu gostaria de ter feito as coisas de forma diferente.

Olho pela janela da cozinha para as águas brilhantes e cintilantes da baía, não vendo os barcos passando, mas visualizando os gramados verdes e planos e os prédios baixos e modernos do Instituto de Artes da Califórnia.

Então eu digo a Mara: — Foi meu primeiro ano na escola de arte. Minha mãe estava morta. Meu pai estava morto. Meu tio estava morto. Eu era um órfão, sozinho no mundo.

— Não me pareceu estranho, porque sempre estive sozinho. As pessoas se aglomeravam ao meu redor, atraídas pela aparência e pelo dinheiro, e pelo charme que eu podia desligar e ligar à vontade. Mas para mim, todas aquelas pessoas pareciam iguais, e não como eu. Eu era um lobo em um mundo que parecia composto

quase inteiramente de veados. Especialmente depois que Ruben se foi.

— Você provavelmente sabe que a CalArts é uma escola pequena, com apenas mil alunos. Alguns deles esperavam uma carreira no cinema. Tim Burton era um ex-aluno famoso, como nos lembravam praticamente todos os dias.

— Eu duvidava que ele fosse popular quando ele realmente compareceu. A escola de arte não era diferente de qualquer outro lugar que eu tinha estado. As pessoas não se tornaram subitamente arrogantes simplesmente porque estávamos estudando arte. As mesmas regras aplicadas lá como em qualquer outro lugar: dinheiro, conexões e estratégia importavam tanto quanto o próprio trabalho.

— Todas as regras de subterfúgio também se aplicavam. Colegas de classe como Valerie Whittaker sempre receberiam as instruções mais diretas do professor Oswald, porque ele adorava se curvar sobre sua tela quando ela usava um de seus suéteres decotados e justos.

— Isso irritou alguns dos alunos do sexo masculino da classe. Achei que era apenas natural. Valerie estava usando todas as armas de seu arsenal. Ela era talentosa, uma das melhores da classe, e achei engraçado como ela tinha o professor enrolado em seu dedo mindinho.

— Todos os professores da escola eram artistas que trabalhavam. Eles falavam com reverência dos Damien Hirsts e Kara Walkers do mundo, mas não conseguiam esconder a ponta de inveja por terem falhado em se tornar um dos grandes, em vez de ganhar a vida ensinando os filhos mimados de famílias ricas o suficiente para pagar a mensalidade.

— Se você fosse realmente pobre, poderia entrar na CalArts com uma bolsa de estudos. Esse foi o caso de Alastor Shaw.

Apesar de estar esperando por sua apresentação, Mara faz uma pequena careta ao ouvir o nome dele, inconscientemente tocando a cicatriz levantada em seu pulso esquerdo.

— Eu não gostei dele imediatamente. Não porque era pobre, mas porque insistia que não era.

— É impossível fingir ser mais rico do que você é. Você também pode se jogar no centro do Quênia e tentar convencer os Maasai de que você é um deles.

— Alastor era um mentiroso terrível. Sua incompetência me irritava mais do que as próprias mentiras. Depois das férias de Natal, ele voltou para a escola usando um Rolex que obviamente era falso. Ele continuou piscando para todo mundo, sem perceber que a Rolex é o McDonald's dos relógios de luxo. Mesmo um real não teria impressionado em nossa escola.

— Ele ainda não tinha aprendido a agradar as pessoas. Ninguém particularmente gostava dele. Ele não era como você o conhece agora. Naquela época, Alastor era gordinho, com cara de lua, desajeitado. Sempre tentando agradar os estudantes populares, especialmente eu.

— Ele estava mesmo? — Mara diz com espanto.

— Oh sim. Ele se livrou dos óculos depois do primeiro semestre, mas ainda tinha a pele horrível, o corte de cabelo de um incel, e usava camisetas do tamanho de uma barraca com estampas horríveis e brilhantes por toda parte...

Faça uma pausa, rindo para mim mesma.

— Na verdade, essas camisetas podem ter sido a inspiração para toda a estética dele, agora que penso nisso.

Mara franze a testa, o poço muito mais profundo de simpatia que ela possui distraíndo-a do inevitável fim desta história.

— Quase me faz sentir pena dele, — diz ela.

— Não. Não sinta pena de nenhum de nós. Pelo menos não até que você tenha ouvido tudo.

— Alastor se fixou em mim desde o início. Ele tentaria colocar seu cavalete ao lado do meu. Converse comigo entre as aulas. Sente-se perto de mim no almoço.

— Foram necessários alguns cortes, eu o humilhando na frente de outros alunos, antes que ele recuasse. Mesmo assim, ele estava sempre me observando. Sempre por perto.

— Você provavelmente entenderá que Alastor reconheceu algo familiar em mim. Aqueles que não sentem a gama normal de emoções são melhores em perceber quando um sorriso chega um segundo tarde demais, ou quando não consome todo o rosto. Aprendemos a imitar simpatia, interesse, humor..., mas como o Rolex de Alastor, algumas falsificações são melhores que outras.

— Ele tentou insinuar que éramos parecidos um com o outro. Que possamos ter interesses em comum. Eu o fechei com força. Eu não queria pensar que eu era como ninguém. Especialmente não ele.

— Alastor ainda não tinha desenvolvido seu próprio estilo. Ele imitou os professores e outros alunos. A hierarquia de talentos em nossas turmas rapidamente se tornou aparente: eu estava no topo, junto com Valerie Whittaker e alguns outros. Alastor saltava entre

o meio e o fundo, dependendo de quem ele estava pegando em qualquer semana.

— Fui consumido pela escola de arte. Foi a primeira vez que senti um sentido de vocação. Eu mal podia esperar para dar o fora do campus e começar a trabalhar em tempo integral. Só fiquei porque sabia o quanto era importante desenvolver conexões com professores e palestrantes visitantes. Pessoas do mundo da arte que poderiam me ajudar quando eu tivesse peças para mostrar.

— O professor Oswald gostava de mim quase tanto quanto Valerie. Ele nos convidou para shows privados e nos apresentou a todos. Semelhante ao que eu fiz quando você e eu nos conhecemos.

Mara acena com a cabeça, entendendo perfeitamente que ela acabou de experimentar a mesma orientação.

— Oswald não era nenhum gênio. Ele era competente, mas fazia as mesmas esculturas do tipo manequim quebrado há décadas, e Robert Gober já estava fazendo isso melhor. Estava claro que ele estava esgotado, frustrado, mal conseguindo sobreviver com seu Buick de merda e casacos esportivos com buracos nos cotovelos.

— Ainda assim, eu gostava dele, ou pelo menos o achava útil e interessante para conversar. Ele sabia muito sobre seu assunto, e suas sugestões para o meu trabalho foram úteis. Trouxe para ele uma pasta inteira de esboços que eu havia feito para esculturas em potencial. Alguns eram complexos e precisariam de equipamentos personalizados antes de serem construídos. Ele passou por cada esboço, parecendo particularmente impressionado com um desenho que eu fiz para uma figura enorme que pareceria masculina de um ângulo e feminina de outro.

Mara se inclina para a frente sobre os cotovelos, o queixo apoiado nas palmas das mãos, fascinada por essa história. Eu sabia que ela iria gostar de dar uma olhada na versão mais jovem de mim mesma, mais próxima em idade e estágio de onde ela está agora.

Não estou gostando tanto. Eu não olho para trás naquela época com a mesma arrogância que eu costumava.

Eu sigo em frente, querendo acabar com tudo o mais rápido possível.

— O professor Oswald foi a primeira pessoa que se interessou pela minha arte. Significava algo para mim. Então, quando ele participou de um show logo após o Natal, eu quis participar. Mesmo que ele não tivesse mencionado isso para mim e eu não tivesse sido tecnicamente convidada.

— Foi Marcus York que me colocou na lista de convidados. Ele é um velho amigo do meu pai, eu já te disse isso?

Mara assente.

— Foi a primeira vez que falei com ele desde que meu pai morreu. Ele ficou feliz em me fazer um favor — afinal, fui eu quem herdou o dinheiro e o negócio, embora não tivesse interesse em administrá-lo sozinho.

— Fui ao espetáculo. Assim que cheguei lá pude ver todo mundo zumbindo em volta da escultura de Oswald. Eu não ouvi uma palavra do que eles disseram. Eu só fiquei lá, olhando.

Os olhos de Mara se arregalam enquanto ela antecipa o que estou prestes a dizer.

— Era uma réplica exata do esboço que mostrei a ele. Quase todos os detalhes iguais. A principal diferença era que era menor do que eu pretendia, provavelmente porque ele não tinha os meios para torná-lo maior.

Mesmo sabendo o que estava por vir, Mara solta um gemido de indignação. Ela entende como é violador ter uma ideia roubada antes mesmo de você ter a chance de dar vida a ela.

— O que você fez? — ela chora.

— Eu andei até ele, quase em transe. Eu não sabia o que pretendia dizer a ele, o que era incomum para mim. Eu vi sua surpresa por eu estar lá e seu olhar de desconforto se contorcendo. Mas então ele afastou isso e me cumprimentou com a mesma simpatia de sempre. Batendo palmas no meu ombro, dizendo como ele estava feliz por eu ter vindo.

— Você o confrontou? Mara se mexe na cadeira, incapaz de suportar o suspense.

— Não, então. Teria feito uma cena, e lembre-se, quase ninguém me conhecia ainda. Oswald era quem tinha as conexões e o mandato. Este foi o show dele.

— Fiquei depois da aula na segunda-feira. Eu estava muito chateado para ser estratégico. Eu apenas soltei como um idiota: 'Você copiou meu esboço!'

— O que ele disse? — Mara murmura com as mãos pressionadas contra a boca. Ela está se contorcendo de agitação, como se ela tivesse roubado a ideia.

— Ele zombou da minha cara. 'Não seja ridículo', disse ele, 'Primeiro de tudo, não há quase nenhuma semelhança entre seu

esboço preliminar de um conceito e minha peça real. E segundo, venho falando sobre o conceito de percepção de gênero nas minhas aulas há meses. Na verdade, seu esboço provavelmente foi inspirado pelas palestras que dei enquanto esculpia a peça.

— Filho da puta! — Mara grita, pulando da cadeira e andando pela ilha da cozinha.

Não há melhor público para uma história do que Mara. Sua empatia é tão aguda que ela sente tudo como se estivesse acontecendo com ela.

Leva vários momentos para ela se acalmar o suficiente para se sentar novamente.

— Tudo bem, — diz ela. — O que você disse de volta para ele?

— Eu apenas o encarei. Verdadeiramente impressionado com a magnitude absoluta de sua besteira. Ele estava mentindo tão intensamente que ele realmente acreditava nisso. Ele estava contando contos de fadas para si mesmo tarde da noite enquanto trabalhava na escultura. Fingindo que representava isso e aquilo, enquanto raspava os pedaços de sua memória que lembravam as dimensões e proporções exatas do meu esboço.

— Você o tirou de sua pasta? Enfiar na cara dele?

Eu balanço minha cabeça.

— Você nunca vai convencer alguém que já se convenceu. E você com certeza não pode argumentar com eles. Saí de seu escritório, me perguntando o que eu esperava conseguir com aquele encontro. Eu realmente achava que ele admitiria publicamente que o roubou? Que ele me creditaria pelo trabalho? Eu esqueci como os humanos operam? Nunca haveria resolução,

ou qualquer tipo de justiça. Suponho que queria ver reconhecimento em seus olhos – vergonha, desculpas. Mas ele me roubou até isso. Ele estava tão iludido que lutaria contra minhas alegações com todo o fervor indignado de um homem que realmente foi injustiçado.

Mara solta um suspiro de frustração, entendendo muito bem como é estar do lado errado de uma dinâmica de poder.

— Ele era apenas um professor, mas era muito mais poderoso do que eu naquele espaço em particular. Eu era uma criança no mundo da arte. Ele poderia me esmagar sob sua bota se eu ousasse fazer uma acusação. Escurecer meu nome antes mesmo de começar.

— Fiquei furioso comigo mesmo. Eu não consegui ver Oswald pelo que ele era. Não conseguiu ver suas reais intenções para mim. Eu estava cego pelo meu desejo de ser nutrido e cuidado neste esforço que era pessoal e emocional para mim. Senti-me humilhado, não apenas pelo roubo, mas porque não esperava.

— Eu saí de sua sala de aula, quase esbarrando em Shaw. Ele estava escutando com o ouvido praticamente pressionado contra a porta. Eu poderia ter alegremente arrancado sua cabeça de seus ombros, mas simplesmente passei por ele e continuei andando.

— Eu disse a mim mesma que deixaria para lá. Rasguei o esboço – não havia mais como construí-lo sem ser chamado de plagiador – e dediquei meus esforços a novos projetos.

— Eu estava tendo sucesso na escola. Obtendo os elogios que eu desejava de professores e colegas. Talvez eu realmente pudesse ter superado isso. Especialmente se Oswald se esforçasse para me compensar.

— Em vez disso, ele fez o oposto. E, novamente, este era eu ainda não entendendo completamente a psicologia humana. Nós dois sabíamos que havia uma dívida entre nós. Eu queria que fosse reembolsado. Mas se Oswald reconhecesse a dívida, teria de reconhecer o que fez. E ele não podia suportar isso.

— A escultura que ele roubou foi a mais aclamada de todas que ele já havia feito. Isso provocou um renascimento para ele, renovando o interesse em todos os seus trabalhos anteriores. Levando-o a novos patamares em sua carreira.

— Quanto mais sucesso ele obteve com isso, mais ele investiu em acreditar que era tudo dele. No início, isso se manifestou como ele me evitando na aula, interagindo menos com o meu trabalho. Mas logo isso não foi suficiente - ele teve que reforçar sua narrativa de que eu não tinha talento, que ele era o verdadeiro artista. Ele começou a me marcar mais baixo, e até me criticar para outros professores. Dizendo a eles que eu era preguiçoso, que minhas ideias não eram originais. Protegendo a si mesmo, no caso de eu decidir falar. Ele não sabia que eu já tinha rasgado o esboço.

Mara descansa a mão na minha coxa, entendendo duas coisas ao mesmo tempo: primeiro, a dor de ser caluniado para as pessoas que você mais quer impressionar. E segundo, a porra da raiva quando essa calúnia é baseada em uma mentira, a exata inversão da verdade.

— Isso me consumia, dia após dia. Este homem roubou de mim, e ele nem mesmo reconheceu isso. Ele estava me punindo por isso.

— Comecei a notar todas as outras coisas no professor Oswald que eram repugnantes. À medida que seu ego crescia, ele se tornava cada vez mais arrogante nas aulas. Mais impróprio para

Valerie. Mais descuidado de quais dias ele deveria palestrar. Mais jactancioso sobre seu próprio trabalho.

— Comecei a sentir que havia apenas uma maneira de acertar a balança. Eu mal conseguia dormir ou comer. A coceira para removê-lo da existência tornou-se física. Isso fazia meu coração disparar toda vez que estávamos em aula juntos.

Mara solta um suspiro suave, entendendo o que estou prestes a dizer a ela: o verdadeiro cruzamento da linha.

— Eu tinha matado duas vezes antes. Quando matei Ruben, pensei que seria a única vez. Eu sabia o que ele era, e eu sabia que mesmo se eu entregasse a ele cada dólar da propriedade do meu pai, ele ainda cortaria minha garganta durante a noite porque uma vez eu o aborreci. Eu tinha que fazer isso - era ele ou eu.

— O assaltante em Paris aconteceu instantaneamente, em uma explosão de raiva que deixou o cérebro do homem esmagado na parede antes mesmo que eu percebesse que os outros dois tinham fugido. Ele me assustou, esse era o problema. Meu medo superou meu autocontrole e agi sem planejar.

— Agora eu estava contemplando algo muito diferente: um assassinato que eu planejaria com antecedência e executaria sem necessidade real. O estrago já havia sido feito, ou a maior parte, pelo menos. Oswald estava me caluniando, ainda atrapalhando minha carreira. Mas isso era tanto sobre vingança quanto para proteger meus interesses futuros.

Faço uma pausa, realmente refletindo sobre meu estado de espírito na época.

— Eu acreditava que estava ganhando cada vez mais controle sobre minhas emoções a cada dia. Eu achava que isso me tornava

poderoso e melhor do que as outras pessoas. Eu tinha minhas emoções trancadas tão profundamente que quase não sentia mais nada. Minha raiva por Oswald foi um dos primeiros encontros que me provocaram em muito tempo. E eu *estava* com raiva. Eu *estava* emocionado. Muito mais do que eu teria admitido.

Mara aperta minha coxa. Ela ainda sente por mim. Não importa o que eu fiz. Se foi justificado ou não.

— Eu dei a ele uma última chance. Pedi-lhe uma carta de recomendação para um estudo no exterior em Veneza. Era um programa competitivo – apenas dois alunos seriam selecionados de nossa escola.

— Oswald me fitou com um olhar de fingida simpatia e disse com o que tenho certeza de que ele pensou ser completa sinceridade: 'Eu gostaria de poder, Cole, mas eu realmente não acho que nada que você tenha feito neste semestre justifique esse tipo de coisa. Recomendação. Talvez no ano que vem, se você realmente se sair bem.

— Eu tinha acabado de fazer uma escultura que deixou toda a sala de aula cheia de inveja, todos os alunos daquela sala desejando ter pensado nisso primeiro, e várias das meninas tirando fotos em seus telefones. Oswald deu um B+. Eu poderia tê-lo matado só por isso.

— A partir desse momento, comecei a fazer planos. Foi quando criei meu método, que me serviu perfeitamente desde então. Encontrei um poço de mina abandonado, que não está em nenhum mapa, longe das trilhas de caminhada. Você saberá onde é, porque foi onde você e eu nos conhecemos.

A boca de Mara se abre quando ela finalmente percebe o que eu estava fazendo naquela noite. Eu não estava na floresta para encontrá-la, estava lá para perder outra pessoa.

— Passei quatro semanas pesquisando evidências forenses e mais quatro planejando o evento. Tudo saiu exatamente como eu planejei. Entrei em sua casa através de uma janela destrancada que eu tinha observado antes. Eu usava um traje de contenção completo. Ajoelhou-se sobre seu peito antes mesmo de acordar, já o estrangulando, prendendo-o com meu peso. Ele olhou nos meus olhos e eu vi a compreensão em seu rosto. Ele sabia por que eu o estava matando. Eu queria que ele soubesse. Eu finalmente recebi o reconhecimento do que ele tinha feito. Passou silenciosamente entre nós enquanto ele morria.

— Eu joguei o corpo dele no poço em duas lixeiras industriais que comprei em dinheiro de uma loja de ferragens sem câmeras. Mergulhei seus restos em alvejante de oxigênio e não deixei nada na casa – nem um único fio de cabelo da minha cabeça, nenhum sangue dele. Apenas um pouco de urina na cama de onde sua bexiga deixou ir.

— A chave para se safar é esta: sem corpo, sem assassinato. Deixei o carro dele na garagem, mas peguei sua carteira. Ele não tinha esposa, nem filhos. Nossos professores dificilmente eram a imagem de confiabilidade. Eu sabia que poderia levar semanas até que ele fosse devidamente relatado como desaparecido. Até então, eu duvidava que um cão policial pudesse cheirar qualquer coisa em sua casa.

— Eu não tinha medo de ser pego. Na verdade, depois disso, me senti profundamente em paz. Nenhuma coceira me atormentando mais. Eu tinha endireitado a balança.

Mara dá um aceno lento de cabeça, entendendo que não foi o fim. Nem mesmo perto.

— Shaw sabia, — ela murmura.

— Isso é exatamente certo. Alastor viu tudo acontecer, desde o momento em que o professor Oswald se virou contra mim. Os outros alunos sabiam que eu tinha caído em desuso, mas apenas Alastor sabia por quê.

— Uma vez que a notícia do desaparecimento do professor se espalhou pela escola, Alastor me interceptou no caminho para a biblioteca. A essa altura, eu já lhe dera tantos tapas verbais que ele sabia que não devia falar comigo, mas ele o fez de qualquer maneira, se esgueirando e dizendo em seu jeito excessivamente familiar: — Acho que você está feliz por ver que Oswald se foi. '

— Eu joguei fora. Eu disse: 'Os professores perdem mais aulas do que os alunos. Ele estará de volta quando se lembrar de que precisa de seu salário. Shaw lambeu os lábios, me dando esse sorriso como se nós dois soubéssemos melhor. 'Acho que não', disse ele.

— Ele estava ameaçando contar a alguém? — Mara pergunta.

— Não, não, não. O jogo com Shaw nunca foi sobre expor um ao outro. Ele quer estar no segredo juntos. Ele nunca teve a intenção de ser rival: ele quer colaborar.

O rosto de Mara empalidece. — Ela foi outra das tentativas de Shaw de colaboração. Ele começou o processo de matá-la, esperando que eu o completasse.

Eu respiro. Esta é a parte que eu não queria dizer a ela. A parte que eu tentei não pensar desde então. A única outra coisa que já me fez sentir culpado.

— Naquele momento, até onde eu sei, Shaw nunca havia matado ninguém. Tenho certeza de que ele havia pensado nisso. Fantasiado. Assistia a filmes, lia livros, via pornografia que coçava um certo tipo de coceira por ele. Mas era tudo teórico. Tudo imaginação.

— Eu tinha levado a fantasia para o mundo real. E para Shaw, eu era um herói. Um ícone. Tudo o que ele queria ser, mas não era. Qualquer menino da nossa escola com talento ou arrogância queria ser meu amigo. Todas as garotas queriam namorar comigo. Nada mais do que Valéria.

— Eu gostava dela, mas não estava interessada em namorar ninguém. Tudo o que me importava era a trajetória da minha carreira. Agora que Oswald estava fora do caminho, todas as portas estavam escancaradas.

— Shaw era obcecado por Valerie. Ela tinha um visual específico que você provavelmente já viu replicado em todas as garotas que ele matou: magra, bonita, com longos cabelos escuros e pelo menos uma tatuagem.

— Todo mundo, exceto Erin, — Mara murmura.

— Isso mesmo. Todos, exceto Erin.

— Até eu.

— Sim, — eu admito. — Embora para mim, isso não tenha nada a ver com Valerie. Eu notei você por causa do que você fez

com aquele vestido. Mas tenho certeza de que Shaw adorou que nossos gostos finalmente estivessem se alinhando.

— Ele queria Valerie porque achava que *você* a queria.

— Sim. Ele nunca conseguiu entender a diferença entre respeito e desejo.

Mara suspira. — Não sei se são tão diferentes. Não foi sua aparência que me atraiu no início, eu admirava você. Tanto que superou todo o resto.

— Você não me queria pela minha aparência? — Eu digo, fingindo estar magoada.

Mara ri, apesar de tudo.

— Não naquela época, — ela diz, — Mas não se preocupe, eu me tornei muito mais superficial. Agora eu os noto a cada minuto do dia.

— Obrigada, — eu digo, jogando meu cabelo e alisando-o para trás com as duas mãos.

Mara classifica e me dá um soco de brincadeira no braço. Mas então ela se lembra do que estávamos discutindo e seu sorriso desaparece.

— Acho que há uma razão pela qual nunca ouvi falar de Valerie Whittaker, — diz ela.

— Sim. — Eu também não estou mais sorrindo. — Há uma razão. Eles encontraram o corpo dela no colo da escultura de Lincoln no gramado do campus. Sua carne nua coberta de

hematomas e marcas de mordidas. A primeira aparição da Besta da Baía, embora eu nunca tenha visto a polícia fazer a conexão.

Mesmo sabendo que estava chegando, o rosto de Mara se transforma em linhas de profunda tristeza. Ela sente por cada uma dessas garotas como se as conhecesse.

Neste caso, eu conhecia Valerie. Mara está certa em lamentar sua perda.

— Shaw a deixou lá para mim, como um gato trazendo um pássaro morto à sua porta. Eu não tive que ver seu sorriso presunçoso na manhã seguinte na aula para saber quem tinha feito isso.

Eu engulo o desgosto subindo na minha garganta.

— Ele achou que eu ficaria impressionado. Orgulhoso dele, até. Eu o fechei com força. Afastado se ele sequer tentou falar comigo. Esse foi o verdadeiro começo de nossa inimizade. Ele tinha se livrado de meus desprezos antes. Mas deixar de reconhecer sua primeira morte... isso ele não poderia perdoar.

— Você considerou contar à polícia? — Mara pergunta.

— Não. Shaw iria me expor por sua vez. Não havia nenhuma evidência do que eu tinha feito com o professor Oswald – Shaw ainda não tinha encontrado minha lixeira. Mas ele poderia chamar a atenção onde eu não queria.

— Eu senti pena de Valerie, até certo ponto. Mas você tem que entender Mara, eu não tinha nenhum apego real a ela, nem a ninguém. Não até eu te conhecer.

Para Mara, que se relaciona com todos que conhece, isso deve parecer incompreensível. Ainda assim, ela acena com a cabeça, me entendendo até mesmo em nosso ponto de maior diferença.

— A morte de Valerie chamou muito mais atenção do que o desaparecimento do professor. A chegada das câmeras de TV foi emocionante para Shaw. Foi aí que ele realmente começou a se transformar: chegou à escola com o cabelo recém-cortado e penteado, com uma roupa quase estilosa. Ele falou com confiança para as câmeras, dizendo-lhes o quão próximo ele era de Valerie, quão maravilhosa ela era, que perda seu talento seria para o mundo da arte e como ele esperava que quem tivesse feito isso fosse pego rapidamente.

— A morte dela o energizou. Ele fez sua primeira pintura que obteve a nota máxima da classe – um grande resumo em cores brilhantes.

Mara faz uma careta, finalmente entendendo o que cada uma daquelas telas vibrantes e espalhafatosas significa para Shaw. Seus arco-íris coloridos são a energia que ele sente quando brutaliza uma garota, arrancando sua alma de seu corpo em um abandono selvagem e erótico.

— É assim que a cabeça dele se parece, — digo a Mara. — E é por isso que você tem que ter muito cuidado com ele. Já matei de raiva, ou porque me senti justificado. Shaw se delicia com isso. Não há nada mais erótico para ele do que causar dor. Ouvir os gritos de uma mulher enquanto ele a despedaça. Se ele tiver a chance, ele vai matá-lo sem hesitação. Ele *quer* te matar. Mais que qualquer coisa. Mais do que ele quer me matar. Ele me quer vivo para ver o que ele fez com você.

Mara balança em sua cadeira, sua pele opaca como giz.

Eu pego suas mãos frias nas minhas, olhando-a nos olhos.

— Mas isso não está acontecendo, — eu asseguro a ela. — Faremos nosso plano, e ele nunca chegará mais perto de você do que o comprimento de um quarto. Você não vai lutar com ele. Você nem vai tocá-lo. Farei o que precisa ser feito. Só preciso da sua ajuda para criar a ilusão. Ele é maior do que eu, preciso de um momento de surpresa. Apenas um único momento.

Mara engole em seco.

— Eu posso fazer isso, — diz ela. — Eu quero fazer isso. Por Erin, por Valerie, por todos que ele matou e todos os outros que ele feriu.

Ela coloca a palma da mão direita sobre a cicatriz no pulso esquerdo e a palma da mão esquerda sobre a cicatriz do lado direito, apertando as mãos como uma aliança, como um juramento.

— E eu quero fazer isso por mim. Ele tentou me matar também. Eu só estou vivo por causa de mim mesmo. Porque eu descii aquela maldita montanha.

— Sim, você fez, — eu digo, sentindo outro raio de culpa. Eu poderia tê-la carregado para baixo. Mas eu ainda não estava acordado. Mara não tinha me dado vida.

Eu explico a ela: — Shaw tem que morrer para protegê-la. Mas também, porque eu sou responsável. Eu não pensava assim na época. Achei que o que ele fazia era problema dele, e não tinha nada a ver comigo. Eu vejo diferente agora. Posso não ser o Doutor Frankenstein, mas ajudei a ligar o interruptor daquele monstro em particular.

— Somos os únicos que podem detê-lo, — diz Mara.

— Nós somos os únicos que vão.

Cole e eu fizemos nosso plano.

Passamos por cima dele de novo e de novo na segurança de sua sala de estar.

Cole disse que me prepararia para nosso confronto com Shaw. Na época, eu estupidamente pensei que isso significava que ele iria me treinar, como uma montagem de luta em um filme.

Agora percebo como fui tola.

Não tenho esperança em uma luta real com Shaw. Eu poderia tentar lutar com um urso pardo. Nenhum treinamento que Cole poderia me dar em meses ou mesmo anos poderia compensar o desequilíbrio biológico em alcance e massa.

Cole não tem intenção de que eu toque em Shaw. Mas ele está intensamente ciente do perigo que eu estarei na mesma. Ele sabe o que um assassino pode fazer. Ele conhece a violência de Shaw porque conhece a sua.

Então ele me perfura de novo e de novo e de novo, mesmo que meu único papel seja ser o rato fugindo do gato.

Cole precisa daquele único momento de distração para colocar uma faca na lateral do pescoço de Shaw.

Vou atrair Shaw.

Eu serei a isca.

A verdadeira preparação foi assistir a fita.

Cole me fez assistir Randall morrer, porque eu nunca tinha visto alguém morto antes. Especialmente não alguém que eu conhecia pessoalmente.

Cole sabia que eu teria que me dessensibilizar ao sangue, aos gritos, aos impulsos de piedade que poderiam me fazer desviar do plano. Cole conhece o terror da violência, o efeito físico que tem sobre uma pessoa. Ele sabe como isso quebra sua mente, fazendo com que você aja por instinto de todas as maneiras erradas.

Ele me treina repetidamente, de modo que no calor da batalha com Shaw, eu vou cumprir nosso acordo.

— Se o pior acontecer, — diz Cole, fixando-me com seu olhar sombrio. — Se as coisas estão dando errado... você corre, Mara. Você não tenta me ajudar. Você não tenta ficar. Você porra corre. Porque ele estará logo atrás de você – e se eu for, não restará ninguém para salvá-lo.

— Isso não vai acontecer. Ele estará morto antes mesmo de saber o que está acontecendo.

— Esse é o plano, — Cole concorda.

Isso me confortaria, exceto que me lembro da velha citação: — Nenhum plano sobrevive ao contato com o inimigo.

Outra complicação é a vigilância contínua do oficial Hawks.

Cole reclamou com o SFPD. Ele tem conexões suficientes no governo da cidade que Hawks foi instruído a recuar. Hawks ignorou essa ordem, ainda seguindo Cole em suas próprias horas de folga, aparecendo em todos os eventos em que o deixam entrar e visitando Clay Street mais do que os artistas que mantêm espaço de estúdio no prédio de Cole.

Hawks aproveita a oportunidade para me interceptar quando Cole está no Corona Heights Park, supervisionando os estágios finais da construção de sua escultura monumental. Provavelmente congelando a bunda, porque um vento gelado está soprando da baía.

O oficial Hawks entra na minha frente antes que eu possa tocar as pesadas portas de vidro do edifício Alta Plaza.

O vento chicoteia nossos cabelos em nossos rostos, tanto dele quanto meu, porque Hawks não o corta há algum tempo. Na verdade, toda a sua pessoa parece mal cuidada. Todas essas vigias depois do expediente estão cobrando seu preço. Ele está com a barba por fazer, olhos injetados.

— Isso não te incomoda? — ele exige, — Dormindo com o homem que matou sua colega de quarto?

Eu me viro para ele, igualmente indignada.

— Eu te disse quem matou Erin, — eu assobio. — Eu tenho que vê-lo em cada fodida festa que eu participo. Shaw é a Besta, não Cole. Por que você não faz a porra do seu trabalho e o prende?

Hawks solta uma risada amarga.

— Ele realmente te enganou, não é?

— Cole não está tentando me enganar, e eu não estou tentando enganá-lo. Nós vimos as cicatrizes um do outro. Você acha que é um bom homem? Aposto que há algo de que você se envergonha. Algo que você nunca contou a ninguém. Cole me contou tudo. Tudo isso. Não estou dizendo que ele é um santo. Mas ele é honesto.

— Um assassino honesto? — Hawks zomba.

— Você nunca atirou em ninguém? — Eu zombo de volta para ele.

— Eu sou um policial. É meu trabalho pegar criminosos.

— Sim? Aposto que você só atirou neles quando precisava, certo? Aposto que toda vez que você saca sua arma, você absolutamente tem que fazer isso, não havia outro jeito. Nenhuma parte de você fez um julgamento sobre essa pessoa. Nenhuma parte de você pensou que eles mereciam morrer.

Hawks me encara através das lentes borradas de seus óculos.

Meu tempo com Cole me ensinou a procurar sinais: os movimentos no rosto que a mente não pode controlar.

Para Hawks, é uma contração de sua pálpebra direita, piscando sobre sua íris como o obturador de uma câmera.

Ele nem sabe que está fazendo isso.

Mas ele não pode escapar da confirmação na minha cara. Ambos sabemos que ele vê um assassino em Cole porque vê algo

familiar: um homem que cruza a linha quando sente que é necessário. Quando ele acha que está justificado.

— Vou colocá-lo na prisão por cem anos, — sibila Hawks, seu nariz a centímetros do meu. — Ajude-me a fazê-lo, ou juro por Deus, eu vou prendê-la como cúmplice. Vou me certificar de que você veja o tempo de prisão junto com ele. Você será espalhada em todos os malditos jornais: o Karla Homolka ao seu Paul Bernardo.

Hawks não tem ideia de quão preciso isso pode se tornar em breve. Mas não do jeito que ele pensa.

Enquanto tento passar por ele, Hawks agarra meu braço. Eu não o afasto, nem mesmo quando seus dedos cravam em minha carne.

— Você mora na casa dele agora. Você poderia me deixar entrar. Deixe-me procurar o lugar. Farei isso quando ele não estiver em casa. Ele nem precisa saber.

Hawks não sabe que Cole tem câmeras por toda a casa. Independentemente disso, não há evidências a serem encontradas. Cole não é tão estúpido.

Ele só deixou evidências em aberto uma vez: dentro do *Fragile Ego*. Implorei a Cole para comprar a escultura de volta e destruí-la, mas ele não quer. Ele diz que é lindo demais.

Este é o único ponto em que ele é totalmente irracional. Cole ama sua arte. Ele não iria destruí-lo mais cedo do que ele me destruiria.

Eu quase quero deixar Hawks vasculhar a casa só para mostrar a ele o quão estúpido ele está sendo.

Por outro lado, ele não está completamente errado. Cole é um assassino, mas não é quem ele está procurando.

A única maneira de lidar com Hawks é mantê-lo afastado até que possamos entregar Shaw embrulhados para presente. Bem a tempo do Natal.

Calmamente, eu removo os dedos de Hawks do meu braço, agarrando seu dedo mindinho e dobrando-o para trás até que ele me solte.

— Você está errado, — eu digo a ele, categoricamente. — Você verá por si mesmo em breve.

— O que isso deveria significar?

— A Besta da Baía mata três vezes. Você notou isso?

Hawks fica parado, os olhos brilhando atrás dos óculos. — A última vez foi quatro.

Meu estômago embrulha.

Não posso pensar nisso. Imaginar Erin afogada na minha cama não a ajuda.

— A questão é que ele começou um novo ciclo. Por que você não tenta seguir Shaw nas suas horas de folga? Ou você o pegará em flagrante... ou salvará uma garota de se tornar sua próxima vítima.

Para seu crédito, Hawks realmente considera essa ideia. Mas então seus olhos se estreitam e ele sussurra: — Parece que você quer abrir caminho para as atividades noturnas do seu namorado.

Estou perdendo a paciência.

— Se é isso que você pensa, então não faz sentido continuar essa conversa. Eu NUNCA ajudaria um homem a machucar outra mulher. Eu sou uma dama e sempre serei.

Sacudindo Hawks, entro no prédio.

Sonia já está correndo, tendo visto tudo pela janela. Ela parece pronta para rasgar Hawks um novo idiota se ele não tivesse me soltado.

Sonia também é uma dama.

Quando ela vê que eu estou fumegando, ela coloca o braço em volta dos meus ombros

— Você quer que eu ligue para o chefe dele? — ela diz. — Ou melhor ainda – vou ligar para Cole.

— Não há necessidade. Eu mesmo disse a ele.

— Aposto que sim, — Sonia sorri com aprovação. — Você está se transformando em um pequeno gato infernal.

Soltei uma risada, pensando que Cole me chama de gatinha do prazer e Sonia de gata infernal. Eu realmente não me importo com nenhum desses descritores. Na verdade, eles me atendem perfeitamente.

— Eu não quero arrancar seus olhos. Mas eu vou se for preciso.

Sonia bufa. — Agora você soa como Cole. Deve ser um perigo trabalhar aqui. Todos nós nos tornamos um pouco mais... utilitários.

Sonia e eu nos separamos na escada, ela cuidando do trabalho monumental de administrar o império de Cole, e eu subindo as escadas para trabalhar na minha mais nova série.

Sonia está certa. Cole está me contagiando, e ela também. Sempre nos tornamos como as pessoas que nos cercam. Nenhum humano é uma ilha. Somos mais como pedras em um copo, batendo nas arestas uns dos outros, polindo e refinando uns aos outros à medida que passamos.

Hoje em dia, não tenho nenhum problema com a empresa que mantenho.

Shaw morre na véspera de Natal.

Esse é o plano.

Já discuti isso com Mara mil vezes, mas ainda odeio ter que envolvê-la. Ela é a isca, e a isca nunca está totalmente a salvo de ser engolida inteira.

Estamos participando da festa de Natal dos Artistas de East Bay. No mundo da arte, esta é a maior festa do ano – maior que o Halloween ou o Ano Novo. Segurá-lo na véspera de Natal provavelmente significa algo – que os artistas não têm os laços familiares tradicionais que normalmente consumiriam nesta noite do ano. Isso costumava ser verdade para mim.

Esta noite eu gostaria de estar em casa com Mara, longe de qualquer outra pessoa.

Pelo menos ela parece fodidamente deslumbrante. Adoro exibi-la. Queria não ter que estragar tudo em poucas horas.

Mara usa um vestido brilhante, a parte superior cortada quase até o umbigo, a saia longa esconde o fato de que ela está usando suas botas favoritas por baixo. Nada de salto alto esta noite – isso seria muito estúpido.

Sua maquiagem também está cheia de brilhos, seu cabelo caindo pelas costas em ondas escuras, com pequenas estrelas de diamante e luas presas por toda parte. Ela parece que o céu noturno ganhou vida.

Seus braços estão nus, as longas cicatrizes em ambos os pulsos ainda escuras e levantadas. Eles provavelmente nunca vão desaparecer.

Esta noite, eles são um convite para Shaw: venha terminar o que você começou.

Eu sei que ele estará aqui, embora eu ainda não o tenha visto. Ele não perderia o maior evento do ano.

A festa é no Teatro Castro na Rua do Mercado. O antigo teatro barroco está sendo reformado, então todos os assentos foram removidos, deixando muito espaço para socializar e dançar. A tela do cinema permanece, passando um loop de imagens psicodélicas: vídeo em time-lapse de flores desabrochando, murchando, morrendo. Pingos de chuva caindo para cima em sentido inverso. Mandalas em espiral que se partem e se reformam como contas em um caleidoscópio.

A música que sai dos alto-falantes é sombria e insistente, perfeita para o meu humor atual.

De joelhos – RÜFÜS DU SOL

Logo antes de sairmos de casa, enfiei uma faca no bolso do longo casaco preto de Mara.

— Eu não vou precisar disso, — disse ela.

— Eu não me importo, — eu rebati. — Você está tomando de qualquer maneira.

A faca está recém-afiada, a lâmina mais fina que o fio de uma navalha. Eu tenho seu gêmeo no bolso do meu smoking.

Shaw não vai usar uma arma, nem eu. Uma faca é muito mais pessoal. E muito mais eficaz, uma vez que estamos próximos um do outro.

Cumprirei minha promessa a Shaw: da próxima vez que estivermos sozinhos, apenas um de nós sairá vivo.

Circulamos pela multidão, Mara permanecendo ao meu lado enquanto procuramos Shaw. É fácil para mim conversar com qualquer pessoa por quem passamos, porque estou acostumado a tramar e conversar ao mesmo tempo. É mais difícil para Mara. Seu sorriso é tenso, seus olhos percorrem a festa.

Eu mantenho minha mão na parte inferior de suas costas para acalmá-la.

Ela faz um som agudo, inspirando.

— Você o vê? — eu murmuro.

— Não Shaw - Hawks está aqui.

Porra.

Eu me viro para olhar, encontrando-o perto do bar aberto. Ele está vestido com um smoking alugado para tentar se misturar,

mas seu melhor disfarce é o rosto desalinhado e o cabelo despenteado. Isso é o que realmente o faz parecer um de nós.

Hawks foi rebaixado novamente. Ele estava encarregado da investigação da Besta da Baía por duas semanas curtas, então Alastor fez outra morte, e Hawks foi chutado de volta para baixo da escada.

Mara ficou arrasada quando ouviu a notícia de outro corpo na praia. Ela disse que esperamos demais para atacar Shaw.

— A festa de Natal é nossa melhor chance, — eu disse a ela. — Se não jogarmos com perfeição, se dermos uma dica para ele de alguma forma, não funcionará. Ele vai fugir e estaremos de volta onde começamos.

De certa forma, isso nos beneficia. Essa foi a segunda menina no ciclo. Shaw estará ansioso para completar a tríade.

E Mara é o prêmio perfeito.

Se sei de alguma coisa, sei que Shaw está salivando para tirá-la de mim. Ele quer mais do que quer dinheiro ou sucesso. Matar Mara seria o ato final de dominação sobre mim. Shaw ascendendo à sua forma final.

Pena que vou colocá-lo no chão em vez disso.

Eu quero acabar com isso. Onde diabos ele está?

— Não podemos fazer nada se Hawks estiver aqui, — Mara se preocupa.

— Não se preocupe com isso - ele não está na lista de convidados, e de jeito nenhum alguém o trouxe como acompanhante.

Faço um pequeno desvio para sussurrar no ouvido de Sonia. Dez minutos depois, Hawks é empurrado para fora da festa, discutindo com a segurança até a porta.

A sanidade é uma coisa frágil – alguns golpes com um martelo e toda a psique pode rachar. Acho que Hawks teve mais do que alguns toques.

Quando Hawks sai, Shaw chega. Ele está vestido com um smoking azul meia-noite, uma ruiva deslumbrante em seu braço. A garota se parece muito com Erin Whalstrom. Duvido que seja uma coincidência — sabíamos que Shaw viria, e ele sabia que estaríamos aqui também. Ele não consegue resistir a virar a faca uma última vez em Mara.

Ela observa Shaw girar a ruiva pela pista de dança, os ombros rígidos de raiva.

— Só mais algumas horas, — eu prometo a ela. — Então ele vai pagar.

— Sangre cada gota dele, — ela responde, sem tirar os olhos de Shaw.

Esperamos que ele se acomode. Esperamos que a noite progrida. Esta é uma parte importante da caça: a falsa sensação de segurança. Deixe a presa entrar na clareira. Deixe-os aproximar-se da água. E deixá-los abaixar a cabeça para beber. Só então o crocodilo salta para fora da água.

Shaw bebe seu champanhe. Ele flerta com a ruiva e com qualquer outra pessoa que passe em seu campo de visão. Ocasionalmente ele lança olhares na minha direção ou na de Mara. Eu o ignoro como fiz em outros eventos onde fomos forçados a dividir espaço. Nunca sou eu que me aproximo de Shaw, sempre o contrário.

Mara e eu dançamos juntos.

Ela já está começando sua parte da farsa. Ela finge beber muito champanhe, apoiando-se pesadamente no meu braço. E eu finjo ficar irritado com ela, brigando com ela uma ou duas vezes, antes que ela derrame sua bebida na minha calça e eu me afasto, irritado, abandonando-a na pista de dança.

Esta é a fase um.

Mara vai ao banheiro feminino para se recompor. Ela vai jogar água no rosto, fingir tentar ficar sóbria.

Enquanto isso, procuro por Sonia.

Eu a encontro absorta em uma conversa com um corretor chamado Allen Wren, lançando-o sobre a mais nova série de Mara.

— Ela está em alta demanda nos dias de hoje. Cada pintura é vendida por mais do que a anterior. Se você tem compradores em potencial, é melhor colocar as rodas em movimento – mesmo algumas semanas podem custar milhares a eles.

— Você não vai me enganar, Sonia, — diz Wren, balançando o dedo em seu rosto. — Já fui queimado nessas chamadas estrelas em ascensão antes.

— Esta não, — promete Sonia, tomando um gole de sua bebida. — Você a viu trabalhar pessoalmente? Fotografias não fazem justiça. As pinturas brilham, Allen. Eles brilham, porra!

— Vou dar uma olhada esta semana, — diz Wren, terminando sua própria bebida em um gole e se inclinando para passar a ponta dos dedos na parte de trás do braço de Sonia. — Mas por que você nunca vem visitar minha galeria, Sonia? Faz meses desde que eu tive você sozinho em um dos meus quartos dos fundos...

Sonia arqueia uma sobrancelha para ele, sem sacudir sua mão.

— Considero... gostei do que vi da última vez...

Ambos se levantam quando me veem de pé a apenas alguns centímetros de distância. Sonia cora e dá uma risada envergonhada, enquanto Wren nem tenta esconder o que ele estava fazendo.

— Seu *fidus Achates* é muito persuasivo, Cole. Acho que faria qualquer coisa que ela pedisse...

— Venha dançar comigo, — eu digo para Sonia, ignorando Wren.

Este é um pedido tão estranho que Sonia me acompanha sem questionar, seguindo-me até a pista de dança e deslizando para uma posição formal mais adequada para uma valsa do que a música que está tocando.

Ela olha para mim intrigada. — Para onde Mara foi?

— Banheiro.

Esta é a parte do plano que nem Mara nem eu gostamos particularmente. Ela queria explicar tudo para Sonia, mas eu disse a ela que seria um erro. A maioria das pessoas são atores terríveis. Se Sonia souber que está desempenhando um papel, Alastor verá. Preciso do desconforto dela para vender a história.

Alastor deve ver tudo exatamente como organizei e exatamente como segue:

Mara volta do banheiro.

Sonia tenta ceder sua posição na pista de dança, mas eu não deixo. Sou rude com Mara, deliberadamente desdenhoso. Mara responde bruscamente, carregando uma taça de champanhe fresca que cai no chão enquanto ela gesticula com raiva.

Sonia se afasta de mim, tentando se desculpar com Mara, mas já estamos ignorando Sonia, trancados em uma discussão que aumenta e aumenta porque eu pretendo. Sou cruel e cortante até que lágrimas de verdade brilhem nos olhos de Mara, até ela ficar com o rosto vermelho e gritar comigo.

Estamos chamando a atenção de nossos companheiros de festa, mas não cometo o erro de olhar para ver se Shaw também está assistindo. Finjo estar totalmente absorto na discussão, tentando acalmar Mara, agarrando-a pelo pulso.

Mara puxa a mão e, quando não a solto, ela me dá um tapa no rosto. O tapa é forte, cortando a música.

Eu libero seu pulso, dizendo: — Foda-se então, sua fodida exuberante.

Eu não gosto de dizer essas coisas. Na verdade, eu odeio isso. Mas tem o efeito desejado. Mara sai correndo de mim, indo em direção ao armário para pegar sua bolsa e seu casaco.

Eu não a vejo sair. Em vez disso, pego uma taça de champanhe da bandeja mais próxima, a jogo e convido Betsy Voss para dançar.

Betsy fica feliz em aceitar a oferta, deslizando sua mão na minha e dizendo com curiosidade mal disfarçada: — Problemas no paraíso? Não a deixe escapar, Cole, vocês são um casal tão lindo.

— Ela é mais problema do que vale a pena, — murmuro.

Eu não menti em um tempo. Estou sem prática. As palavras parecem desajeitadas em meus lábios.

— Você não quer dizer isso, — diz Betsy.

Eu não me incomodo em responder. Tudo o que é necessário agora é que eu continue dançando, parecendo tão miserável quanto me sinto.

Esta é a parte mais complicada. Shaw morderá a isca?

Ele tem que sair da festa sem que eu veja – ou, pelo menos, comigo fingindo não notar.

Ele pode não sair de jeito nenhum.

Os segundos passam. Eu posso vê-lo na minha periferia, ainda dançando com a ruiva. Girando-a, rindo alto, fingindo ter o melhor momento de sua vida, seu sorriso tão falso quanto minha briga com Mara.

Mara pega a bolsa e o casaco e sai da festa.

Mesmo assim, Shaw permanece. Começo a acreditar que ele não vai me seguir.

Então, no limite da minha audição, através de uma pausa na música, eu pego sua voz retumbante dizendo: — Deixe-me pegar outra bebida para você.

Shaw se separa da ruiva, primeiro indo em direção ao bar, mas depois alterando o curso para escorregar pela esquina dos pilares de gesso ornamentados que levam ao teatro.

Peguei você, filho da puta.

A truta está perseguindo a isca, de boca aberta. Mal posso esperar para que ele engula a isca antes de eu escorregar no anzol.

Shaw segue Mara pelas portas duplas.

Eu saio pelo caminho oposto, indo em direção à tela de cinema brilhante, então abro caminho pela saída de emergência para o beco atrás do cinema.

Não preciso seguir Mara porque já sei para onde ela está indo.

Estou tão determinado a correr na frente dela, que não percebo que não estou sozinho no beco. Ouço o clique de uma trava de segurança saindo. Então a voz do oficial Hawks ordenando: — Não se mexa.

Eu me viro lentamente, já sabendo que vou encarar o cano de uma arma.

Hawks ainda está vestido com seu smoking alugado, embora tenha perdido a gravata borboleta e desabotoado os dois primeiros botões. Seus óculos estão ligeiramente tortos, os olhos atrás deles

injetados com a falta de sono e pelo menos uma ou duas taças de champanhe EBA.

— O que você pensa que está fazendo? — Eu digo, tentando o tédio em meu tom. Incapaz de esconder a borda da tensão que corre por baixo. Não tenho tempo para isso, não tenho tempo para nenhum atraso.

Hawks não dá a mínima para meus planos.

Ele está aqui para arruiná-los.

— Vire-se e coloque as mãos atrás das costas, — ele late. — Estou prendendo você

Porra, porra, porra!

— Você não pode me prender, — eu zombo. — Você não tem mandado e nenhuma causa provável.

— Vire-se, — Hawks sibila entre os dentes, — Ou eu vou colocar uma bala entre seus olhos.

PORRA!

Eu me viro lentamente, tentando ganhar tempo enquanto minha mente corre.

Minhas opções são poucas.

— Mara acabou de sair da festa, — digo a ele. — Shaw está seguindo-a. Ele vai matá-la.

— Cala a boca, — Hawks late, vindo atrás de mim. Ouço o tilintar de metal quando ele puxa as algemas.

A vontade de arrancar minhas mãos, de lutar com ele, é esmagadora. Mas ele está fechando a algema em volta do meu pulso com uma mão enquanto mantém sua arma empurrada contra o meu lado.

Ele me revista rudemente, encontrando a faca no meu bolso.

— O que é isso? — ele canta. — Parece uma causa provável para mim. Mal posso esperar para analisar isso.

Eu quero bater a coroa da minha cabeça contra a ponte de seu nariz. Estou morrendo de vontade de fazer isso.

Ele realmente acha que sou estúpido o suficiente para carregar uma arma do crime no bolso?

Quero dizer... uma que eu já usei.

— Temos que chegar a Mara! — Eu estalo. — Eu posso te mostrar para onde eles estão indo.

— Cala a boca, — Hawks sibila, enfiando o cano entre minhas costelas. — Eu quero atirar em você. Estou louco para fazer isso. Só me dê uma razão.

Mantenho minha boca fechada enquanto ele me empurra para o final do beco, para a viatura estacionada a um quarteirão da rua.

Deus, PORRA! Eu esperava que ele trouxesse seu próprio carro.

Ele me empurra na parte de trás, onde as portas não têm maçanetas internas e estou preso atrás da malha de metal grossa que separa o motorista do banco de trás.

Hawks joga minha faca em uma bolsa de provas e a guarda no porta-malas, antes de subir na frente.

— Isso é inútil, — eu digo a ele. — Terei uma equipe de advogados na delegacia em uma hora. Vou levar isso até o fim da cadeia — você estará escrevendo multas de estacionamento no Excelsior quando eu terminar com você.

— Sim? — Hawks zomba. — Bem, pelo menos vou arruinar sua noite primeiro.

Ele está certo sobre isso. Com a velocidade que o SFPD se move, não vou receber meu telefonema em uma hora. A essa altura, Mara já terá ido embora há muito tempo.

Hawks vira à direita na 18th Street, afastando-se do Corona Heights Park.

No momento em que sua cabeça está voltada para o tráfego cruzado, deslizo meus pulsos amarrados sob minhas pernas, trazendo-os para a minha frente. Hawks olha para o espelho retrovisor. Sento-me quieto, fingindo que não me movi.

Eu espero, os segundos passando, o carro viajando vários quarteirões agonizantes na direção errada.

Então Hawks vira para Sanchez e acelera. Ele está distraído, mudando de faixa para entrar no trânsito.

Inclinando-me contra o assento, levanto meus pés e coloco os dois calcanhares na malha de metal o mais forte que posso. Eu chuto uma vez, duas vezes, enquanto Hawks grita e desvia o volante, procurando sua arma. Meus calcanhares romperam no terceiro chute, acertando Hawks na mandíbula e no ombro, fazendo o carro virar na direção oposta.

Hawks puxa sua arma, mas agora não há malha entre nós. Deixo cair meus pulsos sobre sua cabeça e puxo a corrente de volta contra sua garganta, puxando-a com tanta força que ele tem que soltar o volante completamente, e a arma também, ambas as mãos agarrando a corrente enquanto ele estrangula.

A viatura bate nos carros alinhados ao longo da rua, atingindo a caçamba de um Tacoma e capotando. Hawks e eu estamos sem cinto. Somos arremessados para fora de nossos assentos, ainda nos agarrando e girando no ar, aterrissando em uma pilha amassada no teto interno do carro.

Eu continuo estrangulando-o com toda a minha força enquanto ele arranha e soca para trás. Ele me bate no olho e na orelha, mas eu me agarro obstinadamente, sufocando-o até senti-lo perder as forças. Seus golpes enfraquecem. Finalmente ele cai para a frente, nós dois cobertos de cacos de vidro, sangrando por uma dúzia de cortes.

Eu alivio a pressão de sua garganta.

Não há como encobrir isso – acabei de agredir um policial. Estou na merda. Não preciso de Hawks morto além de tudo. Eu roubo as chaves de seu cinto, destranco as algemas, então o deixo lá com uma marca de corrente lívida em sua garganta e seu pulso ainda batendo.

Rastejo para fora do pára-brisa quebrado do cruzador.

Meia dúzia de pessoas já se reuniram em volta, pegando seus telefones, chamando a polícia e uma ambulância.

Eles me encaram enquanto eu deslizo para fora do carro da polícia, cortado em tiras pelo vidro, sangue escorrendo no cimento do lado do meu rosto, meus joelhos e minhas mãos.

— Você está bem? — uma garota me pergunta.

Um homem careca de óculos dá um passo para trás, entendendo o que significa que eu estava na parte de trás do carro da polícia quando ele bateu.

— É melhor você esperar aqui pela ambulância... — ele diz, hesitante.

Eu não estou esperando por merda nenhuma.

Ignorando os espectadores, eu me viro e começo a correr de volta na direção do parque.

Não estou voltando exatamente por onde viemos — estou cortando ruas transversais, correndo pelas calçadas e becos, tomando o caminho mais direto para Mara.

Estou correndo mais rápido e mais forte do que já corri na minha vida. Meus sapatos batem na calçada, meu peito arde como uma fornalha cheia de carvão. Minha cabeça lateja onde bateu contra a porta do carro quando a viatura capotou. Não consigo prestar atenção em nada disso – tudo o que posso fazer é correr e correr até sentir o gosto de sangue na garganta.

Demorei muito.

Mara pode já estar morta.

O vento me atinge como uma bofetada enquanto desço correndo os degraus do teatro.

Pela primeira vez, realmente parece véspera de Natal.

O ar está tão frio que minha respiração sai em plumas prateadas, e meu suor congela na minha pele em um instante. Nuvens espessas cobrem o céu noturno, bloqueando todas as estrelas.

Estou correndo pela Castro Street, tentando encontrar o ritmo certo para ficar à frente de Shaw sem perdê-lo.

Eu tenho que parecer perturbada, o que não é difícil de fazer. Brigar com Cole foi horrível. Eu sei que nós dois estávamos desempenhando um papel, mas me fez sentir uma merda ouvi-lo falar comigo daquele jeito, ver o olhar feio em seu rosto. Odiei colocar Sonia no meio. Vou ter que me desculpar com ela por isso, supondo que eu ainda esteja viva pela manhã.

Sozinha no escuro, esse plano parece uma loucura.

Eu sei que Cole está logo atrás de mim. Na verdade, ele deve estar correndo na frente agora, pegando a rota direta para que ele possa me vencer no parque. Eu luto contra a vontade de olhar para

trás por cima do ombro, para verificar se Shaw está me seguindo também.

Viro à esquerda na 16^a, diminuindo um pouco o ritmo. Comportando-me como se eu tivesse saído com raiva, mas estou esfriando agora.

É quase meia-noite. Nunca vi as ruas tão vazias. Passo por várias casas com festas a todo vapor: luzes de Natal penduradas nas janelas, música batendo forte e pessoas rindo. O som da alegria à distância sempre me faz sentir solitário.

Ninguém está na calçada comigo. Quase nenhum carro passa. Todos já chegaram para onde estão indo.

Quase cheguei ao Corona Heights Park.

Ao atravessar a Flint Street, sinto a inconfundível sensação de olhos nas minhas costas. Cada som se torna dolorosamente agudo: o chocalhar de folhas secas voando pela rua e o raspar de minhas botas subindo no meio-fio.

Shaw está atrás de mim. Eu sei disso.

Eu sei porque eu sinto.

Minha carne se arrepia, o vestido brilhante raspando em minha pele. O ar fica parado, a pressão caindo.

Cheguei à entrada do parque.

Faço uma pausa por um momento, no início do caminho sinuoso que leva às árvores.

Se Shaw está me observando, quero que ele pense que passei por aqui por acaso. E que acabei de pensar na escultura de Cole no topo do parque, quase pronta.

Eu hesito, mudando meu peso para frente e para trás em meus pés. Como se eu soubesse que deveria continuar meu caminho, mas sou atraída pela curiosidade. Querendo ver a escultura ao luar.

Dou um passo pela calçada, depois me viro abruptamente, indo para o parque. Caminhando com propósito.

O caminho é estreito, margeado em ambos os lados por ciprestes e eucaliptos. Ao virar a primeira curva, tenho certeza de que ouço o som de passos pesados seguindo atrás de mim. Eu paro, no meio do caminho. O som também para. Quando volto a andar, ouço-o seguir novamente.

Minha frequência cardíaca dobra.

Isto é o que eu queria. Eu queria que ele seguisse. Mas agora que sei que ele está bem atrás de mim, mal consigo respirar. Quero chegar à escultura o mais rápido possível, porque é onde Cole estará esperando.

Apresso-me pelo caminho longo e sinuoso até o topo plano.

Duas vezes paro e olho para trás. Na segunda vez, vejo a borda de uma figura escura recuando para trás de uma árvore, apenas uma dúzia de metros atrás de mim.

— Cole? — Eu chamo, como se eu achasse que poderia ser ele.

Só o silêncio responde.

Posso imaginar Shaw parado atrás daquele carvalho, sorrindo para si mesmo, seus dentes brancos brilhando no escuro como um gato de Cheshire.

Ele está esperando. Me assistindo. Certificando-se de que estamos realmente sozinhos.

Eu continuo subindo o caminho, adrenalina correndo em minhas veias.

Cada ranger de um galho, cada farfalhar nos arbustos me dá vontade de gritar. Não importa se Shaw pode ver a tensão em meu corpo, se ele pode ver meus passos acelerando. Ele sabe que estou com medo e tudo bem — isso só vai excitá-lo.

Ele vai pensar que eu vim aqui estupidamente, no calor da luta, só agora percebendo que alguém pode ter seguido.

O ar parece espesso e expectante, como se até o vento estivesse prendendo a respiração para ver o que acontecerá a seguir.

Eu saio das árvores, finalmente chegando na vista alta e plana onde Cole construiu sua escultura.

Ela se eleva sobre mim, as paredes pretas brilhantes do labirinto com mais de seis metros de altura.

A entrada boceja como uma boca escura. Conheço o caminho, porque Cole me mostrou seu diagrama dezenas de vezes. Mas também estou ciente de como será desorientador lá dentro, sem luzes adequadas e vários caminhos falsos projetados para me enganar.

Saio para a clareira, aproximando-me lentamente da entrada. Minhas botas rangem sobre a grama seca e gelada, a cauda brilhante do meu vestido sussurrando atrás de mim.

Algo macio toca minha bochecha.

Eu olho para cima.

Flocos de neve inchados caem do banco espesso de nuvens.

Olho com espanto: nunca vi neve em San Francisco em toda a minha vida. Parece surreal, como se isso estivesse acontecendo apenas comigo. Como se eu realmente tivesse entrado em outro mundo.

Eu me viro para olhar para trás por onde vim, para o túnel emaranhado de galhos e o caminho escuro abaixo.

Uma figura aparece. Alto, largo, vestido com um smoking azul meia-noite. Punhos cerrados em seus lados. Queixo abaixado como um touro enquanto ele me encara.

Nós dois ficamos fixos no lugar. Congelados como esculturas de gelo. Esperando que o outro se mova.

Os lábios de Shaw se abriram em um sorriso.

Ele abaixa a cabeça e volta.

Sobrevivente – 2WEI

Ele corre em minha direção, os braços bombeando, as pernas se agitando, a cabeça baixa como um jogador de futebol americano, cruzando o espaço entre nós com uma velocidade horripilante.

Eu não tenho tempo para pensar ou mesmo para gritar.

Eu me viro e corro para o labirinto.

O vidro preto me envolve, cortando o mundo exterior. As paredes parecem elegantes e inexpressivas, mas eu sei que há portas escondidas no vidro, impossíveis de encontrar a menos que você fique no ângulo certo, ou passe os dedos pelo comprimento até encontrar as aberturas.

Eu não tenho que fazer isso, porque eu já sei o caminho.

Desço o beco escuro, virando à direita, depois à esquerda. Vou para o próximo cruzamento e corro pelo galho do meio, esperando perder Shaw com todas essas curvas.

Cole já deve estar dentro do labirinto, escondendo-se à frente.

Meu peito queima, minhas pernas tremendo embaixo de mim. Eu subestimei o quanto eu ficaria assustada e o quanto isso me afetaria: minhas pernas são de borracha, meus pés são pedras dentro das botas.

Estou começando a me preocupar que me lembrei mal das curvas, e deveria ter ido para a direita em vez de para a esquerda nesta última curva. O vidro reflexivo me desorienta. Versões fantasmagóricas de mim mesma perseguem meu lado esquerdo e direito, dividindo-se em ângulos vertiginosos toda vez que me viro. Esses pedaços de movimento no meu periférico me fazem pular e girar, pensando que Shaw está bem atrás de mim. Agora nem

tenho certeza se estou indo no caminho certo. Eu poderia ter virado todo o caminho.

Se eu seguisse a rota, deveria encontrar Cole em breve. Ele deveria estar esperando no centro do labirinto.

Corro para o próximo cruzamento, esperando vê-lo. Esperando que ele me dê o aceno que significa, *continue correndo, vá para a saída, eu vou pegar Shaw quando ele passar.*

Chego no meio do labirinto, que é um círculo perfeito, com oito caminhos saindo como os raios de uma roda. Um obelisco de vidro preto marca o ponto central exato, projetando-se para o céu nublado.

A neve engrossa, girando para baixo em uma espiral.

Vejo o obelisco, vejo a neve, mas não vejo Cole.

Ele não está aqui. Eu estou sozinha.

Onde diabos ele está?

Eu giro em um círculo, procurando por ele.

Nós concordamos que ele estaria aqui.

Combinamos que ele me daria o sinal de que era seguro atravessar.

Cole escorregaria para a parede à frente. Eu esperaria por Shaw, para ter certeza de que ele me seguiria. No momento em que eu o visse, eu corria pelo corredor. Enquanto Shaw me perseguia, Cole saltava e enterrava sua faca no pescoço de Shaw.

Esse era o plano.

Shaw estará aqui a qualquer segundo.

O que eu faço? O que eu faço?

Os passos pesados de Shaw batem em mim.

Sem esperar que ele chegue ao meio, corro por um dos raios. Este não é o caminho que eu deveria ir, mas isso não importa. Se Cole não estiver aqui, só tenho duas opções: sair correndo e fugir do labirinto, ou tentar me esconder nas paredes.

Shaw está me perseguindo rápido demais. Ele provavelmente visitou o labirinto, tarde da noite enquanto estava sendo construído. Ele conhece o caminho. Ele é mais rápido que eu. Se eu correr, ele vai me pegar.

Se eu me esconder, pode dar a Cole tempo suficiente para nos encontrar.

Onde ele está?

Achei que ele estaria aqui. Eu tinha tanta certeza disso. Nem por um segundo acreditei que ele me decepcionaria.

Ele não vai me decepcionar.

Ele estará aqui.

Eu só tenho que ficar viva um pouco mais.

Eu corro para uma pequena alcova escondida na parede preta brilhante. Há uma dúzia desses nichos espalhados pelo labirinto. Tento me fazer tão pequena quanto um rato, sufocando minha respiração ofegante, cobrindo minha boca com ambas as mãos

enquanto suspiros vazam em uma névoa gelada, áspera e irregular.

Posso ouvir a respiração de Shaw, ainda mais pesada. Ele está bufando como um búfalo, sem fôlego de me perseguir.

Odeio esse som. Eu realmente odeio isso.

Seus passos ruidosos param quando ele chega ao centro do labirinto. Posso ouvi-lo se virando para um lado e para o outro, parando enquanto ele olha para cada raio, procurando por mim.

Sua voz corta a noite quieta:

— Eu sei que você está aqui.

Eu pressiono as duas palmas sobre minha boca.

Seu tom é baixo e monótono, desprovido de emoção. Assim como na noite em que nos conhecemos.

Eu sei que você está acordada.

Ele me cortou. Deixou-me sangrar no chão.

Vamos ver quem sangra esta noite.

Deslizando minha mão no bolso do meu casaco, encontro a faca de Cole e fecho meus dedos ao redor do cabo.

Cole disse para manter o plano, não importa o quê.

Bem, o plano está fodido.

Eu sou a única escondido nas paredes. Eu sou a única com a faca.

Lentamente, com cuidado, eu abro.

A lâmina se encaixa no lugar com um *clique de minuto*.

Posso sentir Shaw enrijecendo, sua cabeça se erguendo, seus ouvidos se esforçando para encontrar a direção do som.

— Não adianta se esconder, Mara. Saia e vamos conversar. Cara a cara. Mulher para homem...

Ele dá uma risada desagradável.

Ele está se aproximando, seus passos pesados lentos e medidos. Ele sabe que estou me escondendo por perto.

— Você está com medo de que eu vou te machucar? Não se preocupe... eu só quero um gostinho...

Acho que ele virou no caminho ao lado do meu. Eu ouço sua voz se movendo em um ângulo. Mas com a mesma rapidez, ele se vira e volta novamente.

— Você pode até gostar. Algumas garotas sim... pelo menos para começar... Sua colega de quarto Erin certamente se divertiu...

Ele está andando pelo meu corredor agora, tenho certeza disso. Aproximando-se cada vez mais...

— A primeira vez que transamos, ela estava quicando e gritando tão alto que ecoou pela escada... Metade do grupo deve ter ouvido. Na segunda vez... bem, na segunda vez eu não fui tão legal...

Ele está passando direto por mim. A abertura na parede fica em um ângulo. Eu me enfiei no canto mais distante da alcova, fora de vista.

Vejo uma fatia das costas largas de Shaw quando ele passa. Vejo as ondas cuidadosamente penteadas de seu cabelo cor de areia e a gola alta de sua jaqueta de smoking. No meio, a nuca... grossa e musculosa, mas desprotegida...

Eu me agarro à faca, saindo do meu esconderijo. Pisando atrás dele, suave e silencioso como sua própria sombra...

— Eu mordi o mamilo dela e engoli inteiro, — Shaw ri.

Agarrando o cabo da faca com a mão, eu apunhalo a lâmina em direção à base de seu pescoço, planejando enterrá-la em sua coluna.

Talvez seja o movimento que me entrega, ou algum som sussurrante.

Shaw se vira. A faca se encaixa na parte de trás de seu ombro, arrancando-a da minha mão. O braço de urso de Shaw gira, acertando-me na lateral da cabeça, mandando-me voando para a parede de vidro à nossa frente.

— Sua PUTA de merda! — ele uiva, colocando a mão sobre o ombro. Ele está tentando chegar atrás dele, tentando segurar a faca. Seus braços são muito grossos – as pontas dos dedos roçam a alça, mas ele não consegue puxá-la.

Ele se vira para mim, o rosto corado de fúria. Genuinamente indignado que eu ousei lutar de volta.

Já estou pulando de pé novamente, correndo para longe dele, de volta ao centro do labirinto.

Meus pés escorregam na neve recém-caída, e eu quase como merda virando a esquina. Posso ouvir Shaw correndo atrás de mim, grunhindo por entre os dentes, totalmente enfurecido.

Estou correndo em um pânico louco, toda a memória do labirinto apagada da minha mente. Estou de volta ao centro, mas não me lembro de onde entrei, então não sei a saída.

Pego um raio ao acaso e corro por ele, fazendo curva após curva, rezando para não correr por um beco sem saída.

Encontro outra alcova e pulo nela, planejando me esconder novamente, mas quando olho para trás por onde vim, percebo algo terrível: estou deixando pegadas na neve. Posso ver exatamente de que lado vim, e Shaw também. Ele pode me seguir tão facilmente como se eu deixasse um rastro de migalhas de pão para ele.

Saio do nicho e corro mais uma vez, o peito queimando, as pernas queimando, os olhos lacrimejando tanto que mal consigo ver à minha frente. Flocos de neve giram em meu rosto, grudando em meus cílios, me cegando. As paredes de vidro preto parecem continuar em todas as direções. Uma dúzia de Maras fantasmagóricos me encaram em cada direção que eu me viro, rostos pálidos, olhos buracos negros de terror.

Cruzo minhas próprias pegadas e posso ver as de Shaw bem em cima delas, com o dobro do tamanho, seu peso agitando a terra. Eu não posso ouvi-lo, mas sei que ele está perto. Seguindo minhas impressões. Me caçando.

Pegando a saia do meu vestido para não arrastar, corro de costas pelo próximo corredor. Espero que isso possa confundi-lo.

Então, quando chego ao próximo cruzamento, corro para a frente novamente. Então para trás mais uma vez.

Ainda não consigo ouvi-lo. Onde diabos ele foi?

Ele está escondido nas paredes agora?

Ele está prestes a pular em mim?

Estou olhando para todos os lados, com olhos arregalados, lutando contra as ondas de pânico que ameaçam me dominar.

Onde ele está? Onde estou? Como eu saio?

Atordoadada e distraída, vejo meu próprio reflexo correndo em minha direção.

Eu bato no vidro preto liso, caindo para trás na minha bunda. Subindo novamente, ouço uma risada baixa.

Shaw está do outro lado do corredor.

Estou presa.

Não há para onde correr.

Ele me encurralou no beco sem saída.

Shaw não está mais correndo. Ele se aproxima calmamente, casualmente. Sorrindo como ele fez enquanto caminhava pela teia de aranha tecnicolor: sabendo que ele tem todas as vantagens, e eu não tenho nenhuma.

Ele só faz uma pausa para alcançar atrás do ombro mais uma vez, finalmente pegando o cabo da faca e arrancando-a de suas

costas com uma careta. Ele examina seu próprio sangue na lâmina, tão escuro e brilhante quanto as paredes do labirinto.

— Me pegou bem, não é, sua putinha, — ele resmunga.

Ele segura a faca na vertical, a ponta tão perversamente afiada quanto a ponta de uma presa.

— Eu deveria descascar a porra da sua cara com isso, — diz ele. — Veja como Cole acha você bonita então.

Ele abre os dedos, deixando a faca cair no chão, o impacto causando um respingo de sangue na neve recém-caída.

— Eu não uso uma faca, — diz ele, dando-me aquele sorriso branco ofuscante, entre colchetes em ambos os lados por covinhas de menino. — Por que eu precisaria de uma, quando tenho unhas e dentes? Eu vou rasgar você com minhas próprias mãos. É disso que eu gosto, Mara, gosto do gosto de sua garganta rasgando em minha língua. Eu gosto da sensação de seus globos oculares cedendo sob meus polegares. Eu quero sentir você quebrando, rachando, rasgando. Eu quero seu sangue quente bombeando pelos meus braços.

Estou com tanto medo de ter passado direto para o outro lado.

Uma clareza mortal se instala sobre mim.

É isso. Este é o fim.

Aconteça o que acontecer, não vou desistir. Se ele me matar, vou levar alguns pedaços de Shaw comigo.

Eu tiro meu casaco pesado, deixando-o cair atrás de mim. Permitindo que os flocos macios de neve assentassem no meu

cabelo e nos meus ombros nus. Sentindo seu beijo frio uma última vez.

— Você tentou me matar antes, — digo a Shaw. — Como assassino e artista... você é medíocre.

O lábio superior de Shaw torce de um sorriso em um rosnado. Seus dentes cerram com tanta força que quase posso ouvi-los estalando, e seus punhos tremem. Com um uivo, ele avança pelo beco.

Ele está correndo direto para mim, ficando cada vez maior, até que seus ombros quase tocam as duas paredes.

Ele é uma bola de demolição balançando direto para mim. Não há para onde correr.

Fora de uma passagem no vidro escuro, Cole se choca contra Shaw, mergulhando em suas pernas, enviando os dois rolando de ponta a ponta, até que batem na parede oposta.

Não há estratégia. Não há plano.

Cole já está ofegante, suando e sangrando por toda parte antes mesmo de a luta começar. Ele luta com Shaw, nenhum elemento de surpresa do seu lado. A partir do segundo em que fazem contato, é uma confusão de loucura: desesperada, sangrenta e brutal.

Os homens lutam e arranham, mordendo, socando e chutando, rolando na neve. O chão se torna um pântano de lama revolvida e lama sangrenta.

Isso é como nenhuma luta que eu já vi, descontroladamente agitada, cruelmente brutal. Eu mal posso distinguir um homem do

outro enquanto eles socam a garganta um do outro e atingem os olhos um do outro. É assim que os predadores lutam: não para vencer, mas para matar.

Shaw é maior, mais forte. Cole é mais rápido, mas isso é de uso limitado agora que eles já estão no chão. Cole desistiu de toda a vantagem quando atacou Shaw, derrubando-o antes que ele pudesse bater em mim.

Cole se vira, olhos arregalados, boca sangrando.

— Mara, CORRA! — Ele grita.

Nunca o vi assustado. Ele acha que vai perder. Ele acha que nós dois vamos morrer.

Fiquei presa no beco sem saída, pressionado contra o vidro frio, incapaz de me mover porque a luta é muito selvagem, não sei ajudar.

Mas agora eu sei o que fazer.

Eu corro para a frente, saltando sobre as pernas agitadas dos homens, fugindo deles pela passagem estreita.

Shaw dá um grito estrangulado de alcance, pensando que estou fugindo. Cole está em silêncio, focado apenas em Shaw, mantendo-o exatamente onde está.

Caiu tanta neve que por um momento não consigo encontrá-la. Então vejo o brilho do aço e mergulho meus dedos congelados no gelo, fechando minha mão ao redor da alça. Eu puxo a faca, já manchada com o sangue de Shaw.

Meus dedos estão tão frios que mal posso senti-los, mas, mesmo assim agarro-a com força.

— COLE! — eu grito.

Ele me dá uma olhada rápida e, naquele momento, o computador aterrorizante em sua cabeça executa mil cálculos.

Ele rola de costas, deixando Shaw tomar a vantagem de escarranchá-lo, estrangulando-o. Cole se coloca na posição vulnerável, as mãos de Shaw ao redor de sua garganta.

Com as próprias mãos, Cole agarra um punhado do cabelo de Shaw e o puxa para trás, enquanto empurra a palma da mão contra a mandíbula de Shaw, torcendo a cabeça para o lado, expondo sua garganta.

Nossos olhos se encontram. Tudo o que precisa ser dito passa entre nós.

Estou segurando a faca, afiada como uma presa, escura na ponta como veneno.

Shaw é a aranha, mas eu sou a cobra.

Eu nunca vi uma aranha matar uma cobra.

Correndo para frente, eu levanto a faca.

Corto na garganta de Shaw em um arco perfeito.

O sangue mancha a neve, uma parábola carmesim na tela branca em branco.

Shaw cai de joelhos, os lábios se abrindo em surpresa atordoada.

Ele não consegue nem levantar a mão para conter o fluxo.

O sangue bombeia de sua garganta, um jorro fresco a cada batida do coração, cada um mais vívido que o anterior.

Nunca vi nada tão bonito.

Eu o vejo morrer, a neve caindo, seu último suspiro pairando como fumaça no ar antes de se dissolver no nada.

Ele tomba e cai. Seu corpo atinge o chão, pesado e maçante. Não é mais um homem, ou mesmo um monstro, apenas um saco de carne.

Cole se levanta do chão.

Ele está coberto pelo sangue de Shaw e pelo seu próprio, sua pele brilhando molhada ao luar.

Olho para minhas próprias mãos, encharcadas de sangue. Gotas caem sobre a neve intocada.

Então eu olho para Cole novamente, e seu rosto se abre em um sorriso de alívio.

Sempre para sempre – Cultos

Corremos um para o outro, Cole me varrendo em seus braços. Ele me gira, neve em espiral ao nosso redor. Ele me beija, sua boca quente e úmida na frieza, doce e salgada, com o gosto de cobre na língua.

Nossa respiração se mistura prateada entre nós. Suas mãos molhadas deslizam sobre minha pele, deixando listras vermelhas vívidas como tinta.

Ele me beija e me beija, nós dois quentes e vivos, Shaw esfriando no chão.

Distante, ouço o som de sirenes.

Não me importa quem seja, ou quanto tempo até que nos encontrem. Eu não me importo com o que acontece quando eles fazem.

Tudo o que me importa é Cole, e seus braços em volta de mim.

Ele me salvou, e eu o salvei. Não apenas de Shaw, mas de tudo neste mundo que quer nos destruir – os demônios de fora e os de dentro.

Eu não preciso de mais ninguém.

Eu só preciso de uma pessoa para me fazer o centro de seu universo. Eu quero ser duas estrelas trancadas em órbita, brilhando na escuridão do espaço.

A neve reflete nas paredes pretas brilhantes, milhares de flocos girando ao nosso redor.

Cole me gira ao redor e ao redor, sua boca travada na minha.

Ele me pressiona contra uma parede preta fria, levantando a saia longa e brilhante do meu vestido até a minha cintura. Estou puxando o cós de sua calça, arrancando o botão, abrindo-o.

Ele empurra dentro de mim, seu pau em chamas quente, nossos suspiros soprando no ar, vapor subindo de nossa pele. O frio não pode me tocar. Eu sou fogo puro, queimando e ardendo, mas nunca consumido.

Estou flutuando fora do meu próprio corpo, observando-nos à distância. Eu nos vejo entrelaçados, minhas pernas em volta de sua cintura, braços em volta de seu pescoço, sua língua em minha boca e suas mãos me agarrando com força.

Estamos embrulhados juntos, torcidos. Não uma cobra, mas duas, a preta e a branca.

Nós somos os mesmos.

E eu gosto do que somos.

20

COLE

Eu fodo Mara na neve, no frio, como se ela fosse o único calor do universo, e eu tenho que ficar dentro dela para me aquecer.

O cheiro de sua pele enche meus pulmões, rico e vivo.

O prazer que sinto é muito mais do que físico.

Eu finalmente percebo como é a felicidade.

Não há malícia nisso. Sem ganância. Não é algo que você procura para si mesmo.

Ele flui entre duas pessoas, ao redor e ao redor, para frente e para trás, dado e recebido na mesma respiração.

A felicidade dela me deixa feliz.

E mesmo que não, eu quero isso para ela de qualquer maneira.

Isso é o que amá-la significa – eu a quero segura, protegida, florescente, quer isso me beneficie ou não.

Isso me atinge com tanta força que eu soltei um gemido. Mara toca meu rosto, inclinando-o para que eu a veja bem nos olhos.

— Eu te amo, — eu digo a ela.

— Eu sei, — ela diz.

Isso é o que me faz gozar. Não o ato físico de foder – a emoção disso. Finalmente sendo conhecido. Finalmente sendo compreendido.

Eu explodo nela. Ele rasga através de mim, doloroso e prazeroso, do jeito que eu preciso, a única coisa que satisfaz.

Ela se agarra a mim, mordendo com força meu ombro. Provando meu sangue em sua boca.

Quando a coloco no chão, as sirenes estão mais próximas.

— Ouça, — eu digo, segurando firme em sua mão. — Eu preciso que você faça algo por mim. Você pode fazer isso rapidamente, antes que seja tarde demais?

— Sim, — Mara diz imediatamente.

— Bom.

Pego seu casaco e o enrolo em seus ombros, explicando exatamente o que preciso.

Quando termino, Mara acena com a cabeça e me beija mais uma vez.

Então ela foge pelo labirinto, deixando-me sozinho com o corpo de Shaw para esperar os policiais.

3 meses depois

Leva vários meses, uma equipe de advogados e algumas – doações pesadas para as pessoas certas antes que Cole esteja totalmente livre.

No final, o chefe de polícia coloca uma medalha no peito do oficial Hawk por fechar o caso da Besta da Baía.

Hawks fica carrancudo durante toda a coletiva de imprensa, nada satisfeito com o acordo que Cole fez com o SFPD.

Hawks recebe o crédito, e Cole recebe cinquenta horas de serviço comunitário por derrubar uma viatura policial no meio da Sanchez Street. Ele está cumprindo pena no Bay Area Youth Center, ensinando delinquentes a desenhar.

Ele volta para casa de suas sessões com um humor surpreendentemente bom.

— Algumas dessas crianças mostram talento real, — diz ele.

— Que tipo de talento? — Eu o provoco.

Cole sorri. — Todos os tipos. É por isso que eu gosto deles.

Os advogados de Cole argumentaram que ele foi preso injustamente e que não teve escolha a não ser fugir depois de testemunhar Shaw me sequestrando na rua e me arrastando para o labirinto.

Eu apoiei essa história, incluindo a parte em que foi Cole quem cortou a garganta de Shaw, enquanto eu fugia de volta para a mansão de Cole. Fingi estar desorientada e em estado de choque, recém-banhada e me escondendo na cama de pijama quando a polícia finalmente me encontrou.

Eles não podiam me questionar muito, já que eu estava dizendo a eles o tempo todo que Shaw era a Besta. Eu era a garota que teve que escapar dele DUAS VEZES porque eles não me ouviram.

Ajudou que os policiais descobriram uma montanha de evidências no apartamento de Shaw.

O mais contundente era a colagem de carteiras de motorista roubadas de Shaw. Ele os havia pintado com spray dourado, escondendo-os dentro de uma de suas pinturas em technicolor. Quando os policiais raspavam a tinta, encontraram as identidades de Maddie Walker e vinte outras vítimas, entre elas a licença *perdida* de Erin.

Eles também encontraram as carteiras de dois homens desaparecidos: o crítico de arte Carl Danvers e o professor Oswald. Os jornais notaram que Danvers participou de uma festa com Shaw pouco antes de seu desaparecimento, e que Shaw era um dos alunos do professor na CalArts quando também desapareceu. A carteira do professor finalmente permitiu que a morte de Valerie Whittaker fosse ligada à Besta.

Cole ficou extremamente satisfeito por eu ter conseguido invadir o apartamento de Shaw antes que os policiais aparecessem.

— E você não deixou uma única impressão! — disse ele, admirado.

— Eu aprendi com o melhor, — eu sorri de volta para ele.

Percorri um longo caminho em minha jornada, ao ponto em que plantar evidências é emocionante em vez de horripilante. Estou começando a entender como mesmo os atos mais imprudentes podem parecer um jogo, as apostas altas apenas aumentando a diversão.

Ainda assim, estou feliz que acabou.

Ou suponho que devo dizer, quase terminando.

Tenho um negócio inacabado para tratar.



Estou parada no degrau da frente de uma casa suja de um andar em Bakersfield. A grama não é regada nem cortada, os canteiros nada mais são do que terra nua.

Eu tenho que tocar a campainha várias vezes antes de ouvir os sons arrastados de alguém se movendo dentro da casa.

Por fim, a porta se abre e vejo um olho pressionado contra o espaço, espiando desconfiado.

Por um segundo, ela não me reconhece.

Em seguida, ela abre a porta, endireitando-se, piscando sob o brilho do sol da primavera.

Eu quase não a reconheceria também.

Ela cortou o cabelo na altura dos ombros, crespo e irregular. Fios de cinza passam, mal cobertos por um trabalho de tingimento caseiro. Ela ganhou peso, o suficiente para preencher o moletom folgado que uma vez me pertenceu. Por mais desbotado que esteja, ainda me lembro daquele logotipo retrô da Disney na frente. Na verdade, nunca fui à Disneylândia – comprei o moletom com capuz em um brechó, esperando que outras crianças pensassem que eu tinha ido.

A maquiagem da noite anterior gruda em seus olhos, fixando-se nas rugas abaixo. As linhas são profundas, gravadas no lugar de cada expressão feia que ela carrega, hora após hora, dia após dia, todos esses anos.

Seu rosto registra cada carranca, cada escárnio. Não há linhas de sorriso nos cantos de seus olhos – apenas trincheiras na testa, entre as sobrancelhas e em linhas de marionete que vão do nariz até as bordas da boca.

Ela se tornou uma bruxa de um conto de fadas. Transformado pela miséria. A escuridão interior finalmente refletiu em seu rosto.

Aqueles olhos azul-acinzentados ainda brilham com malícia. A mesma cor que a minha – fria como a neblina de San Francisco soprando da baía.

Uma parte dela sempre estará em mim.

Mas eu escolho qual parte.

— Olá mãe, — eu digo.

Posso ver sua luta.

Ela prefere ser aquela que aparece sem avisar na porta das pessoas. Ela odeia que eu esteja invadindo seu espaço, pegando-a desprevenida.

Por outro lado, ela está tentando me encontrar há anos. Ela não pode bater a porta na minha cara quando ela finalmente está conseguindo o que quer.

— O que você está fazendo aqui? — ela resmunga.

Devo tê-la acordado, embora sejam dez horas da manhã. O cheiro azedo de roupas sujas, vinho derramado e cigarros velhos sai da casa. Um cheiro velho, velho para mim. Um que lembra meus primeiros dias.

— Eu trouxe um presente para você, — eu digo, segurando uma garrafa de merlot, seu favorito.

Seus olhos vão para o rótulo e voltam para o meu rosto, estreitando. Eu nunca comprei álcool para ela em toda a minha vida.

— Uma oferta de paz, — eu digo. — Eu tenho algo para discutir com você.

Já sei que ela não vai resistir. O vinho é apenas metade tentador do que ela realmente quer: a chance de extrair informações de mim.

— Tudo bem, — ela resmunga, segurando a porta mais larga e recuando para dentro da casa para que eu possa segui-la.

Isso é tão bom quanto um convite.

Cruzo a soleira, fechando a porta atrás de mim.

Leva um momento para meus olhos se ajustarem à escuridão interior. Fico parado até que eles façam isso, para não tropeçar nas pilhas de caixas de pizza, latas de cerveja vazias, cinzeiros transbordando, roupas descartadas, sapatos espalhados, pilhas de revistas velhas, lixo eletrônico e pratos de papel apodrecidos ainda marcados com os restos mortais. de refeições há muito tempo.

— Sente-se em qualquer lugar, — minha mãe diz, se jogando em uma pilha de cobertores no sofá surrado – claramente o mesmo lugar onde ela estava dormindo momentos antes.

Eu tenho que tirar uma pilha de jornais velhos da cadeira mais próxima antes que eu possa me sentar da mesma forma. Reconheço o papel em cima: é o mesmo que Arthur me mostrou durante meu último turno na Sweet Maple. Aquele que contém uma foto minha na seção de artes.

Um pequeno sorriso brinca nos lábios da minha mãe enquanto coloco os papéis de lado.

Ela acende um cigarro, segurando-o como de costume, preso entre o polegar e o indicador como se fosse um baseado.

Conheço tão bem os hábitos dela. A familiaridade deles me repugna, como uma velha anotação de diário que faz você se encolher.

— Você tem um abridor de garrafas? — Eu pergunto.

Claro que ela tem um abridor de garrafas. Posso perguntar se ela tem papel higiênico. É provavelmente ainda mais uma necessidade aos olhos dela.

— Na cozinha, — diz ela, sem fazer nenhum movimento para se levantar e pegá-lo.

Este é um jogo de poder, fazendo-me buscar o saca-rolhas e os copos, esperando por ela como eu costumava fazer.

Eu antecipei isso, e isso me convém muito bem.

Levo o vinho para a cozinha, que é ainda mais suja do que a sala de estar. O fogão está empilhado com tanta bagunça que duvido que ela já tenha posto os olhos nos queimadores, muito menos os tenha usado para cozinhar. Quando acendo a luz do teto, várias baratas mergulham sob a pilha de pratos sujos na pia.

Os armários estão vazios. Encontro os copos na máquina de lavar louça, entre uma pilha de pratos manchados de mofo verde. Engolindo a bile e evitando as baratas o melhor que posso, lavo os copos na pia. Eu tenho que assoar um pouco de água na garrafa de Dawn para tirar os últimos restos de sabão dela.

Minha mãe não chama para ver o que está demorando tanto. Eu ouço o estalo fraco quando ela chupa o cigarro, seguido por uma exalação e uma tosse devastadora que chacoalha em seu peito.

Os copos estão molhados, sem papel toalha para secá-los. Eu os afasto, então procuro o abridor de garrafas. Sem surpresa, está a céu aberto no balcão da cozinha, ao lado das chaves da minha mãe, um tubo de batom aberto e um punhado de moedas. Ao lado, uma dúzia de frascos de remédios, alguns com o nome dela, outros comprados ou roubados. A maioria das garrafas já está vazia.

Trago os copos cheios até a borda e passo um para minha mãe.

Ela pega, dizendo: — Onde está a garrafa?

Pego-a na cozinha, coloco-a na mesa de centro entre nós, em cima de uma pilha de velhas *Vogues*. Não sou a primeira pessoa a fazer isso – o rosto de Anne Hathaway já está distorcido por vários anéis molhados.

***Girls With One eye*¹⁰ – Florence + The Machine**

Minha mãe toma três goles de vinho, como água fria depois de uma longa corrida. Suspirando de satisfação, ela se recosta nas almofadas puídas do sofá. Agora ela está sorrindo, a fumaça subindo de seu cigarro, pairando sobre sua cabeça como sua própria nuvem de tempestade pessoal.

— Voltou para se gabar? — ela diz.

— Não exatamente.

— O que, então? — ela estala. — O que você quer?

¹⁰ Meninas com um olho.

Ela não consegue imaginar que alguém a visite de propósito, pelo prazer de sua companhia.

Neste caso, ela está certa.

— Eu vi que você deu outra entrevista sobre mim, — eu digo.

Ela solta uma bufada de ar, a coisa mais próxima de uma risada.

— Não gosta que eu conte todos os seus segredos? — ela zomba.

Minha mãe ainda tem os maneirismos de uma bela mulher — ela arqueia a sobrancelha da mesma forma altiva, segurando o cigarro com um toque teatral. Os homens costumavam cair aos seus pés. Ela tinha essa confiança sombria que os sugou até perceberem que tudo sobre ela é uma encenação. Ela é alérgica à verdade, ela não vai contar mesmo quando isso a beneficiaria.

É por isso que será difícil conseguir o que quero dela.

— Eu não me importo com o que você diz aos repórteres, — digo a ela. — Não importa. Nada que você faça pode me derrubar agora.

— Porque você está fodendo algum artista? — ela zomba. — Eu sei como isso funciona. Você não é nada sem ele. Quando ele se cansar de você, ele a jogará de lado e você estará de volta onde começou.

Ela toma outro gole de vinho, o copo mais da metade perdido.

Ela realmente acredita no que está dizendo. O mundo é tão feio para ela. As motivações das pessoas são tão cruéis.

Eu quase podia sentir pena dela.

Quase.

— Você está contando a sua história, não a minha, — eu digo.

Ela abaixa o copo com força, um pouco de vinho espirrando na borda.

— Você acha que é melhor do que eu porque você entra aqui com suas roupas novas e elegantes, porque você tem seu nome no jornal? Eu sei quem você realmente é. Porra, eu te dei à luz. Você é fraca, você é estúpida, você é preguiçosa, e você não passa de uma putinha imunda. Você pode pintar um bilhão de pinturas e nenhuma delas mudará o que você é por dentro.

Triunfante, ela pega o copo novamente, engolindo o que resta dentro.

Eu a vejo engolir tudo, meu próprio vinho intocado ao meu lado.

— Bom, — eu digo, suavemente. — Agora que você terminou, podemos abordar o que eu realmente vim aqui para discutir.

Ela franze a testa, franzindo a testa.

— O que diabos isso quer dizer?

Enfio a mão no bolso da minha jaqueta de camurça, tirando um pequeno frasco de pseudoefedrina líquida.

— Coloquei essas gotas na sua bebida. Incolor, sem sabor. Você deve ter notado um pouco de amargura, mas obviamente não o impediu de beber.

— Você colocou na minha bebida?

A cor sobe pelo pescoço dela, da gola do meu moletom roubado.

— Envenenei, na verdade.

Ela faz um movimento para se levantar do sofá, mas ela já está instável. Seu cotovelo se dobra sob ela.

— Eu não faria isso se fosse você. Você estará morta antes que a ambulância chegue.

— *Sua putinha* sorrateira! Sua imunda nojenta

— Eu também não faria isso, — eu estalo.

Ela para de falar, sua boca fechando como uma armadilha. Seus olhos lacrimejam até as pupilas nadarem, e eu posso ver os engasgos rasos de seu peito. Parte disso é medo, mas o resto é o efeito da droga.

— Assim está melhor, — eu digo, enquanto ela afunda de volta.

— Que *porra* você quer? — ela sibila, ofegante rápido.

— Eu tenho o antídoto. Eu vou te dar. Só quero saber uma coisa.

— *O quê?*

Ela está se contorcendo contra as almofadas, a pseudoefedrina tomando conta.

Eu a encaro, o rosto imóvel como pedra, sem um pinga de simpatia.

— Quero saber o nome do meu pai.

Ela solta vários sons sibilantes irritados, contorcendo-se nas almofadas. Seu rosto está profundamente corado agora, sua pele suando. Sua respiração fica cada vez mais superficial.

— *Foda-se*, — ela rosna.

— Faça como quiser, — eu digo, levantando-me da cadeira.

— Espere! — ela chora.

Lágrimas escorrem pelos dois lados de suas bochechas, misturando-se com o suor. Ela agarra a frente do moletom, puxando-o para longe de seu peito como se isso fosse aliviar a pressão.

— Diga-me o nome dele, — eu digo, calmamente, implacavelmente.

Ela está gemendo e se contorcendo, puxando a camisa.

— Diga-me. Você não tem muito tempo.

— *Argghhh!* — ela geme, rolando de lado e depois de costas novamente, debatendo-se nos cobertores, tentando aliviar a pressão de qualquer maneira que puder.

Estou mais fria que gelo. Não sinto nada além do desejo implacável de arrancar esse segredo dela. A única coisa de valor que ela poderia me dizer, mas ela sempre recusou.

— Diga-me, — eu ordeno, meus olhos fixos em seu rosto enquanto ela se contorce em um rito de agonia.

Ela faz um som resmungando, babando um pouco nas bordas tensas de sua boca.

— Diga-me!

Ela balança a cabeça como uma criança prendendo a respiração, olhos semicerrados, odiosamente obstinada até o fim.

— DIGA-ME! — Eu ordeno, e dou um tapa forte no rosto dela.

A dor a sacode. O medo substitui a teimosia quando ela finalmente percebe que não estou brincando.

— EU NÃO SEI! — ela uiva, sua voz estrangulada em sua garganta. — EU NUNCA SOUBE! Você está feliz, sua puta de merda? Eu nunca soube quem ele era! Eu nem me lembro de ter acontecido.

Ela rola para fora do sofá, empurrando a mesa de centro com o quadril enquanto ela cai, derrubando a garrafa de vinho para que ela caia de lado e despeje a bebida no chão com um constante *glu, glu, glu*.

Não faço nenhum movimento para endireitar a garrafa.

Eu também não toco na minha mãe.

Eu a vejo se contorcer e se contorcer, seu rosto da cor de tijolo, suas mãos se torcendo em garras enquanto ela agarra seu peito.

Sua boca se move silenciosamente, seus lábios tentando formar a palavra *antídoto*.

Eu olho para ela, impiedosa.

— Não há antídoto, — eu digo. — Nunca houve. Nada pode salvá-la. Assim como nada pode mudar você. Você é o que você é... morta para mim.

Eu a deixo deitada lá, contorcendo-se e resmungando em seus últimos suspiros. Não vou nem dar a ela o conforto da minha companhia. Ela pode morrer sozinha, como sempre ia.

Em vez disso, levo os dois copos de vinho de volta para a cozinha e os jogo na pia. Lavo os copos e os coloco na máquina de lavar louça, limpando minhas impressões digitais de todas as superfícies que toquei: a garrafa de Dawn, a torneira, a alça da máquina de lavar louça, a maçaneta interna da porta da frente... Cada lugar que toquei dentro da casa.

Quando termino, minha mãe parou de se mexer.

Não me incomodo em limpar o vinho, mas removo minhas impressões digitais da garrafa, colocando-a de lado.

Coloquei as gotas diretamente em seu copo. Não haverá qualquer vestígio na garrafa.

Duvido que façam autópsias no corpo dela. Os efeitos da pseudoefedrina são semelhantes a um ataque cardíaco. Mesmo se eles fizerem um exame de sangue completo, a cornucópia de drogas na casa vai turvar as águas. Ela estava tentando se matar muito antes que eu a ajudasse.

Sair de casa é muito melhor do que entrar.

O sol quente banha meu rosto, a brisa fresca revigorando meus pulmões após a fumaça rançosa da casa.

Um punhado de flores de cerejeira flutua pelo gramado, soprado das árvores no quintal do vizinho. Uma única pétala pousa na palma da minha mão, antes de voar para longe novamente.

Sinto-me leve como aquelas pétalas, vivas no ar.



Encontro Cole em Yerba Buena, onde a festa já está a todo vapor.

INDUSTRY BABY¹¹ – Lil Nas X e Jack Harlow

Estou mostrando minha nova série, *The Other Gender*. Essa não é tirada do meu passado. É um exame do empoderamento feminino através da iconografia dos tempos. Eu pintei versões trocadas de gênero de Átila, o Huno, Alexandre, o Grande, Suleiman, o Magnífico. Estou mostrando a história do mundo se as mulheres fossem a única espécie. Marilyn Monroe canta feliz aniversário em seu vestido transparente, dançando no colo de uma mulher JFK que fuma seu charuto com a mesma luxúria em seus olhos, mas uma sensação de brincadeira também, prazer mútuo.

¹¹ BEBÊ DA INDÚSTRIA.

A música que sai dos alto-falantes não é nada parecida com o meu último show: é ruidosa, confiante, triunfante.

Porque é assim que me sinto.

Estou no topo da porra do mundo agora. Eu não preciso esperar para ouvir o que todos pensam do meu show. Eu amo *pra caralho* essas pinturas. Eu amei cada minuto de fazê-las. Eu as expus com orgulho transbordante, com a confiança de que todos que os vissem sentiriam algo: eles sentiriam o que eu senti pintando-os.

Toda mulher que anda pelas galerias está rindo e apontando suas imagens favoritas para seus amigos.

Convidei deliberadamente todas as mulheres desta cidade que admiro. Quero todas aqui, celebrando quem somos e o que podemos realizar.

Não se trata de desejar que fôssemos JFK. Trata-se de planejar como seremos, em um futuro não muito distante. A próxima pessoa que estiver atrás do púlpito presidencial e fizer um discurso que animará o coração da nação não será um velho branco.

Coloquei Sonia no comando de tudo, desde a lista de convidados até a iluminação e materiais de marketing. Esta é a galeria da Sonia, um novo espaço que ela alugou por 12 meses, um imóvel primo no coração da zona leste. As galerias palacianas já estão se enchendo de suas artistas favoritas, algumas locais, outras internacionais.

Esta é a estreia dela tanto quanto a minha. Ela está arrasando, segurando a corte em um vestido preto deslumbrante, fechando negócios mais rápido do que sua assistente recém-treinada pode acompanhar.

Ergo minha taça para ela do outro lado da sala em um brinde silencioso ao seu sucesso futuro. Ela sorri de volta para mim, deixando Allen Wren acreditar que ele está fazendo algum tipo de acordo com o novo artista mais quente de Mumbai enquanto ele assina o contrato de compra.

Cole está tão ocupado, discutindo com Marcus York no volume máximo. Marcus está tentando amarrá-lo em outra escultura, desta vez para o Golden Gate Park.

— De jeito nenhum! O último quase me matou.

— O que, de um pouco de neve? Venha agora, vamos construir este no verão!

— Nós não vamos construir nada, porque eu não vou fazer isso.

— Você precisa de tempo para pensar.

— Eu preciso de tempo para beber, — diz Cole, pegando outra taça de champanhe de uma bandeja que passava. — Não sei se vou trabalhar este ano.

— Você não quer dizer isso, — eu digo, deslizando entre ele e Marcus York e roubando um beijo rápido. — Você adora trabalhar.

— Eu adorava trabalhar, — diz ele, agarrando um punhado da minha bunda, não dando a mínima se York ainda está assistindo. — Agora estou distraído com coisas mais interessantes...

— Bem, lamento ouvir você dizer isso, — eu finjo fazer beicinho. — Porque ouvi falar de uma oportunidade se abrindo em Veneza...

Eu tiro as passagens de avião da minha bolsa, abrindo-as dramaticamente na frente dele.

— Preciso de um jovem artista gostoso para me acompanhar... Posso escrever uma carta de recomendação se estiver interessado?

— O que deu em você? — Cole diz, puxando-me para a galeria adjacente para que ele possa me beijar mais e mais forte. — Seja o que for, eu gosto...

Eu inclino minha cabeça para cima, correndo minha língua ao longo do lado de seu pescoço, todo o caminho até sua orelha. Então murmuro: — Dei um pequeno passeio esta manhã. Parei em Bakersfield.

Cole fica parado, sua mão descansando na parte inferior das minhas costas.

— Oh, sério? — ele diz, nenhum sinal de brincadeira em sua voz agora. — Foi satisfatório?

Eu hesito, realmente considerando como me sinto.

— Parece certo, — eu digo, finalmente. — Isso é bom.

Eu posso senti-lo sorrindo, seu rosto pressionado perto do meu.

— Porque é, — ele rosna.

EPÍLOGO

COLE

Veneza

1 semana depois

Bust Your Knee Caps¹² – Pomplamoose

Mara e eu passeamos pela Salizada San Moise, no coração de Veneza. Estamos no meio do Carnevale, e todos ao nosso redor usam fantasias completas. Um sorridente Arlecchino em um terno colorido com estampa de diamantes dança na porta de uma vidraçaria, e um Pulcinella de jaleco branco nos faz uma serenata da sacada do Bauer Hotel. Até os gondoleiros que navegam nos famosos barcos do canal se vestiram como personagens da *Commedia dell'Arte*.

Mara usa uma jaqueta de veludo preto e calções, brocados em ouro. Uma magnífica pena de avestruz escarlate adorna seu chapéu tricórnio, e sua máscara branca pálida se detém acima dos brilhantes lábios escarlates.

¹² Rebentar seus tampões de joelho.

Ela parece uma rainha pirata. Eu nunca fui tão encantado por ela.

Carnevale é o ambiente perfeito para o meu gatinho de prazer. Ela está absorvendo a brisa selvagem do mar, o cheiro de moleche frito fresco, e a cor caótica e a música das feiras de rua irrompendo dos becos estreitos entre os prédios antigos e opulentos.

Se eu tivesse vindo aqui com meus vinte anos, como artista sozinho, nunca poderia ter apreciado a beleza deste lugar. Grandes cidades são coisas vivas, e as pessoas fazem parte de sua arquitetura tanto quanto os próprios edifícios. Se não estou aqui para rir, beber, dançar e foder na minha linda varanda com vista para os canais, então por que estou aqui?

Eu precisava sentir que eu era como uma pessoa para perceber que não sou tão diferente das outras.

Mara é minha outra metade. Não meu gêmeo, mas as partes de mim que estavam faltando.

Sempre pensei que a sensação de vazio que me atormentava era a realidade da condição humana. Nunca imaginei que o buraco dentro de mim pudesse ser preenchido por outra pessoa.

Em toda a minha arrogância, perdi uma verdade básica que outras pessoas já entendiam:

Tudo é melhor quando você compartilha com outra pessoa.

Nada parece intransponível quando você não está sozinho.

É tão otimista que eu teria vergonha de dizer isso em voz alta. E ainda assim é como me sinto. Estou vibrando com a alegria

disso, até que cada cor, cheiro e som ao meu redor pareça uma manifestação do que estou experimentando por dentro.

Nunca me senti tão parte de algo. Eu sou a felicidade do dia, e o dia existe para me animar.

Bem quando estou pensando nisso, algum idiota bêbado tropeça no meu caminho, despejando sua borrifada na frente da minha calça, encharcando meus mocassins de couro italianos novinhos em folha.

— *Scansarsi!*¹³ — Ele grita. — *Brutto figlio di puttano bastardo Americano!*¹⁴

Como falo italiano perfeitamente, capto cada palavra desse insulto.

Eu me viro para Mara, aquela velha raiva já queimando em meus olhos.

O bêbado tropeça sozinho em direção a um beco escuro. Eu poderia facilmente segui-lo. No caos, ninguém se lembraria de outro Rugantino de máscara preta.

Mara segue meu olhar, seus olhos percorrendo o beco, vibrantes e vivos sob a lisa porcelana branca de sua máscara.

Antes que eu possa me mover, ela corre na minha frente, agarrando o bêbado pelo ombro. Ela tira a pluma do chapéu e a passa pelo pescoço dele em um movimento brusco, as penas escarlates brilhando contra o pescoço dele. O bêbado – insensível às boas maneiras, mas totalmente vivo para brincadeiras – finge

¹³ Afaste-se!

¹⁴ Americano bastardo filho da puta!.

enrijecer e cair morto na sarjeta, apertando a garganta dramaticamente e emitindo sons gorgolejantes dramáticos.

— Pronto, — Mara diz, se juntando a mim, sua pena enfiada de volta em seu chapéu de pirata. — Eu o peguei para você.

— Obrigado, — eu digo. — Poupa-me o trabalho.

Fim...

